

CALIGRAFIA DOS SONHOS

Juan marsé

PRÊMIO de
**LITERATURA
JUAN RULFO**

PRÊMIO
**QUIXOTE
DE LAS LETRAS
ESPAÑOLAS**

PRÊMIO
CERVANTES

PREFÁCIO de
**António
Lobo Antunes**



D. QUIXOTE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

CALIGRAFIA DOS SONHOS

Juan marsé

PRÊMIO de
**LITERATURA
JUAN RULFO**

PRÊMIO
**QUIXOTE
DE LAS LETRAS
ESPAÑOLAS**

PRÊMIO
CERVANTES

PREFÁCIO de
*António
Lobo Antunes*



D. QUIXOTE

Ficha Técnica

Título: Caligrafia dos Sonhos
Título original: Caligrafía de los sueños

Autor: Juan Marsé

Tradução de J. Teixeira de Aguiar

Edição: Cecília Andrade

Revisão: Clara Joana Vitorino

Capa: Rui Garrido

ISBN: 9789722061667

Publicações Dom Quixote

uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Juan Marsé, 2011

© Publicações Dom Quixote, 2012

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.dquixote.leya.com

www.leya.pt

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

Juan Marsé

CALIGRAFIA DOS SONHOS

Romance

Tradução de
J. Teixeira de Aguiar

PREFÁCIO

Para ti, Juan, de tu admirador y amigo
Antônio

Juan Marsé, Prémio Cervantes, é um dos maiores escritores espanhóis vivos, e não digo o maior porque não os li a todos. Corrijo: é um dos maiores escritores vivos, ponto. E custa-me não ter os muitos leitores que merece, porque cada livro do Juan, aparentemente tão simples nos seus processos narrativos, leva-nos, como diz o poeta, à fronteira do ilimitado e do futuro. Escrevi aparentemente tão simples porque a prosa é trabalhada, calibrada, medida numa precisão de relojoeiro. E consegue, como qualquer grande artista, que o leitor não sinta o trabalho, sinta apenas a alegria da obra acabada, em que cada frase, cada palavra, cada sílaba, cada vírgula, é minuciosamente pesada de modo a fluir numa simplicidade de água buscando o seu caminho nas frinchas do soalho. *Caligrafia dos Sonhos* é um magnífico livro. Comecei a lê-lo cheio de medo, como sempre sucede com os escritores de quem gosto. Tenho sempre receio que, quando o romancista largue um trapézio, falhe o seguinte. Juan Marsé agarra-o com enorme segurança, mantém o edifício narrativo solidamente unido, constrói-o como Curro Romero

(desculpem a comparação tauromáquica)

quando realiza o milagre de uma faena perfeita. E este livro é uma faena perfeita. Não há concessões, não há facilidades, não há truques: há um homem sozinho a edificar o mundo diante de nós, sem nada escondido na manga, conduzindo a sua prosa, ao natural, com a mão a correr o corpo inteiro do texto. O humor, a vida, o sofrimento, a tristeza, a alegria tudo está aqui sabiamente doseado, sem alardes inúteis porque o talento do Juan, além do mais, é de uma discrição absoluta. Nada há que perturbe a eficácia do livro. E, na minha opinião, a maior qualidade de um escritor

(Tolstói pensava o mesmo)

é a sua eficácia. A árvore do texto foi sacudida, e todas as folhas inúteis limpas das páginas. *Caligrafia dos Sonhos* não tem um vocábulo supérfluo e, depois, há pormenores dados obliquamente, retenções de informação preciosas, insignificâncias importantíssimas incorporadas como por acaso, um certo aparente lixo essencial incluído, aqui e ali, numa leveza magnífica. E o resultado aí está: uma grande obra. Oxalá o leitor a compreenda para desfrutar, com infinito prazer, da produção de um mestre.

ANTÓNIO LOBO ANTUNES

CALIGRAFIA DOS SONHOS

É assim que imaginamos o anjo da história. Voltado para o passado. Onde vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma única catástrofe que mais não faz do que amontoar escombros diante dos seus pés. O anjo desejaria ficar, acordar os mortos e reconstituir aquilo que se desmoronou.

Walter Benjamin, 1940

A SENHORA MIR E A VIA MORTA

Torrente de las Flores. Sempre pensou que uma rua com este nome nunca poderia albergar tragédia alguma. A partir do cimo da Travesera de Dalt inicia-se um pronunciado declive que se vai atenuando até morrer na Travesera de Gracia. Tem quarenta e seis esquinas, uma largura de sete metros e meio, edifícios de escassa altura e três tabernas. De verão, durante os dias perfumados de festa maior, adormecida sob um teto ornamental de tiras de papel de seda e grinaldas multicores, a rua alberga um grato rumor de canavial agitado pela brisa e uma luz submarina e ondulante, como de outro mundo. Nas noites sufocantes, a seguir ao jantar, a rua é um prolongamento do lar.

Tudo isto sucedeu há muitos anos, quando a cidade era menos verosímil do que agora, mas mais real. Pouco antes das duas da tarde de um domingo do mês de julho, o sol esplendoroso e uma súbita chuvada fundem-se durante uns minutos, deixando suspensa no ar uma luz encrespada, uma transparência eriçada e enganosa ao longo da rua. Este verão está a ser muito quente e a pele negrusca da calçada aquece tanto a esta hora que a chuva miúda se evapora antes de chegar a tocá-la. Sobre o passeio do bar-tasca Rosales, quando o aguaceiro já passou, uma barra de gelo ali deixada pela camioneta de distribuição e mal envolvida numa serapilheira começa a fundir sob o sol inclemente. Não tarda a sair o gordo Agustín, o taberneiro, com um balde e um cinzel e, de cócoras, apressa-se a trociscar a barra.

Por volta das duas e meia, um pouco mais acima do bar e no passeio fronteiro, no trecho da rua mais propenso à miragem, a senhora Mir sai do portal 117 a correr visivelmente conturbada, como se escapasse de um incêndio ou de alguma alucinação, e posta-se no meio da calçada, de pantufas e com a sua bata branca de enfermeira mal abotoada, sem que lhe importe

mostrar aquilo que não deve. Durante uns segundos parece não saber onde está, girando sobre si mesma e tateando o ar com as mãos, até que, quieta e com a cabeça baixa, solta um grito longo e rouco, como que saído do ventre, que pouco a pouco se converte em suspiros e termina em miados de gatinho. Caminha um trecho rua acima dando tropeções e depois para, gira procurando em redor algum apoio, e ato contínuo, fechando os olhos e cruzando as mãos sobre o peito, agacha-se dobrando-se sobre si mesma lentamente, como se nisso encontrasse sossego ou alívio, até se reclinar de costas sobre os carris do elétrico incrustados no que resta do velho empedrado.

Moradores e alguns viandantes ocasionais, poucos e fatigados a esta hora e neste trecho da rua, não dão crédito ao que veem. O que deu de repente a esta mulher? Estirada sobre as linhas a todo o comprimento, que não é muito, com os joelhos rechonchudos e bronzeados na praia da Barceloneta a assomar pela bata entreaberta, com os olhos fechados e os pés tão juntinhos calçados com pantufas de cetim de borlas não muito limpas, que demónio pretende? Será de supor que quer pôr termo à vida debaixo das rodas de um elétrico?

– Victoria! – berra uma mulher, do passeio. – Que estás a fazer, desgraçada?

Não obtém resposta. Nem sequer um pestanejar. De repente forma-se em redor da jacente um grupinho de curiosos, a maioria receando ser vítima de uma brincadeira macabra. Um velhote tateia várias vezes com a bengala o generoso quadril, como se não conseguisse acreditar que esteja viva.

– Eh, você, que parvoíce é essa? – rezinga, fustigando-a. – Que diabo pretende?

Dar que falar, como sempre, pensará mais de uma vizinha; o que não faria esta marafona para chamar a atenção do seu homem. Quarentona loira de faiscantes olhos azuis, de seu natural expansiva e muito popular no bairro, a gorducha senhora Mir, que tinha sido Dama Enfermeira formada num Colégio da Falange e agora exercia a profissão de sanadora e cinesiologista, segundo diziam os seus cartões de visita, tinha dado e continuava a dar que falar por causa das suas atrevidas mãos a aplicar fricções corporais e a aplacar ardores diversos, ambíguas destrezas que propiciavam frequentes devaneios amorosos, sobretudo desde que o marido, ex-regedor do bairro muito mandão e fanfarrão, tinha sido internado no hospital de San Andrés em fins do ano anterior. No bar-tasca Rosales, as habilidades manuais da senhora Mir tinham sido sempre comentadas com galhofeiro regozijo, quando não com desapiedado sarcasmo, mas, no entanto, vê-la deitada de barriga para o ar no meio da rua parodiando um suicídio ou desejando-o de verdade, levada talvez por um transtorno mental, mas tão firme e decidida na sua postura, vê-la ali estendida na valeta com a sua carinha redonda de pele muito clara orlada de caracóis e com as beijas aturdidinhas, sempre carregadas de batom, ultrapassava qualquer expectativa. Parecia toda ela tão aplicada, tão convencida do seu fim iminente e horrível debaixo da roda que lhe ia cercear o pescoço, que custava a crer que tanta serenidade e tão laborioso afã assentasse numa descomunal

incongruência. Qualquer coisa terrível e ao mesmo tempo risível, com efeito, estava a fervilhar debaixo daqueles caracóis oxigenados, porque, embora a primeira impressão dos transeuntes, ao vê-la recostada em cima dos carris com as mãos cruzadas sobre o peito, tivesse sido um misto de estupor e de compaixão, a terrível cena, contemplada agora friamente, era para desatar a rir, pois ninguém no seu juízo perfeito teria imaginado um dislate semelhante, uma morte por atropelamento mais impossível. Anos atrás, aquela prostração teria suscitado muito mais alarme e até gritos de horror, e acarretado talvez consequências fatais – embora, pensando bem, a lentidão do elétrico que circulava naquele trecho o tornasse muito improvável –, mas é que hoje simplesmente nada disso podia acontecer de nenhuma das maneiras, dado que a senhora Mir parecia ter esquecido um pormenor importante: o carril sobre o qual a sua cabecinha anelava o sono da morte e o outro carril paralelo sobre o qual repousavam as suas generosas barrigas das pernas eram a única coisa que restava nesta calçada do antigo traçado da via, duas barras de aço laminado de um metro de comprido apenas cada uma, ferrugentas e quase enterradas entre um bloco de paralelepípedos. Havia muito tempo que a rua fora asfaltada na sua totalidade, mas, inexplicavelmente, respeitara-se aquele pequeno trecho empedrado de uns três metros de largura e com os dois pedaços de carris engastados. No último palmo da sua breve e truncada trajetória rua abaixo, os carris mortos iniciavam uma leve curva para a direita, aprestando-se a dobrar a esquina seguinte. Eram o testemunho mudo de uma rota abolida e esquecida. Ninguém no bairro saberia explicar porque não tinham sido arrancados na devida altura com o resto do traçado viário, que razão ou que despropósito deixara ali abandonados aqueles ferros para se irem oxidando e mergulhando cada dia um pouco mais juntamente com a sucinta amostra do desaparecido empedrado, mas agora a pergunta mais pertinente, aquela que algumas vizinhas fazem a si próprias, é: aquela pantomineira da Victoria Mir espera mesmo que um elétrico passe e a mate? Será que também ela, tal como o marido, perdeu o trambelho? Bastaria que abrisse os olhos para ver que por cima não há nenhum fio para engatar o trólei de nenhum elétrico.

– Jesus e Maria! Olhem para isto, pelo amor de Deus! – clama uma velhota parada na berma do passeio, de mantilha preta na cabeça e com um rosário entre os dedos. – Olhem para esta infeliz!

A presumível suicida permanece imóvel em cima das linhas e com as mãos cruzadas sobre o peito, o narizinho pimpão e a carnuda boca emborcadora a exalar quem sabe que fervor ou anelando que graça descida do céu azul, mas a tremenda expressividade das pálpebras fervorosamente fechadas e untuosas empresta ao rosto a gravidade de uma máscara mortuária. Um viandante endomingado inclina-se sobre ela com expressão compungida.

– Isso não está certo, minha senhora – diz ele. – Que ideia, pôr a vida em perigo.

– Mas o que é que te deu, Vicky! – exclama uma mulher de roupão e pantufas que se abeira, pressurosa. – Que estás tu a fazer estendida na rua? É

alguma brincadeira? Devias ter vergonha!

A senhora Mir não se digna responder, mas de súbito sobressalta-se e afita a orelha, como se lhe fosse dado escutar o chiar do elétrico a fazer a curva, e até o visse vir para cima dela com o seu estrépito de ferros, porque abre os olhos e as suas pupilas refletem repentinamente um espanto. Então, virando a cabeça para o outro lado e para cima, lança olhadelas furtivas à varanda da sua casa, na primeira fila de sacadas sobre a rua, e o seu olhar torna-se perscrutador e maligno, como que a querer retribuir uma ofensa a quem quer que pudesse assomar a ela para a ver no transe de ser atropelada pelo elétrico. Mas não há ninguém assomado à varanda, e ela volta a poisar a cabeça no carril, fechando os olhos. Alguém comenta que o homem com o qual atualmente anda metida era ou tinha sido guarda-freio de elétricos.

– Ideias tristes, é o que ela tem – grunhe ao seu lado a pequena Rufina, que diz conhecê-la bem. – Estás mal da cabeça, Vicky? Que queres tu demonstrar? Faz o favor de te levatares! Vamos lá, mulher! – Segura-a pelos sovacos, mas não consegue movê-la. – Olha o que te digo: se aquilo que procuras é que o elétrico te apanhe, podes esperar sentada, mas bem sentada, minha filha! – E, fechando os olhos com expressão lastimosa, sussurra ao ouvido da mulher que tem ao lado: – É por causa daquele aldrabão que se lhe enfiou em casa, aposto o que quiseses...

– Pois.

– Deixem-na aí, se é o que ela quer – propõe outra velhota muito enristecida. – Que diferença faz. A vida é para os jovens.

– A tua filha está em casa, Vicky? Alguém que a vá avisar...

– Não! – atalha ela de imediato. – Não está em casa... A Violeta foi à praia com a sua amiga Merche...

Um rapaz dos seus quinze anos, em mangas de camisa e com um livro na mão, para e vislumbra como não quer a coisa os seios da jazente que assomam pelo decote da bata, sem rasto de sutiã ou coisa parecida, uns seios de pele avermelhada e áspera que lhe recordam a cara feia e sardenta de Violeta. Um podengo magro e sujo aproxima-se e fareja as borlas das pantufas de cetim desbotado e as mãos cruzadas que cheiram a embrocação, e a seguir põe-se a dar voltas em torno do grupo, cujos comentários continuam a cair sobre a senhora Mir sem aparentemente a afetarem coisa nenhuma. Duas vizinhas, as senhoras Grau e Trías, trocam sorrisos melífluos enquanto fazem por levantá-la da valeta.

– Que tens tu, Victoria? – insinua-lhe a senhora Grau ao ouvido. – Não mo queres dizer? Mas ainda permites a entrada a um sujeito daqueles? Não dizias que o ias deixar?

– Tu não aprendes mesmo, mulher.

– Ai, Vicky, quando descerás tu das nuvens!

– O cabrão do marido é que havia de gostar de a ver assim, como está agora – comenta em tom de mofa o dono da mercearia, acobertado atrás da roda de mulheres. – Assim, à espera do elétrico de panga para o ar. Com

certeza que o palerma do regedor do bairro havia de gostar, se é que lhe resta um pouco de entendimento!

– Cale-se, homem – censuram-no –, não vê que a pobrezinha sofreu algum distúrbio cerebral?

– Vamos, levante-se, faça um esforço – diz o homem que acorreu primeiro. – Não vê onde está? – apontando com o dedo o carril sobre o qual a cabeça repousa e olhando-a com severidade. Parece decidido a impor a lógica, propor o que é sensato e necessário, dizer-lhe, por exemplo, ouça, estas linhas não servem para o que a senhora pretende, por aqui não passa nenhum elétrico desde há anos, mas apenas acrescenta: – Não tente a sorte, minha senhora. Não o faça, a sério.

– Atenção, que vem aí! – exclama o merceeiro, deixando escapar uma risadinha.

– Tirem-na daí, de que é que estão à espera – diz alguém.

– Estás a preparar a tua própria desgraça, Vicky – sussurra-lhe a senhora Grau. – Eu aviso-te. A quem é que passa pela cabeça uma coisa tão vergonhosa e tão horrível.

A velhota da mantilha abana a cabeça, compungida, e repreende-a:

– Com franqueza, mulher, não sabe que o suicídio é um pecado mortal, mesmo que seja numa linha como esta?

– Mas que espetáculo, senhora Mir! – exclama com ironia uma voz masculina. – Não tem vergonha?

– Cuidado, que agora é que vem mesmo o elétrico! – zomba um engraçadinho assomado a uma janela. O aviso é recebido com risadas e um ou outro aplauso, mas uma boa parte dos presentes que estão a pisar as linhas truncadas sobressalta-se.

– Levante-se, por favor, seja razoável – suplica uma mulher, e acrescenta em tom persuasivo: – Quer que lhe diga uma coisa? Não passa nenhum elétrico a não ser daqui a uma hora, pelo menos.

– Tem a certeza? – diz outra mulher ao seu lado. – E se mudaram o horário?

– Não estou informada.

– Porque é que esses aldrabões haviam de mudar o que quer que fosse? – intervém um senhor mal-humorado. – Desde quando é que a Câmara se preocupa com as necessidades do cidadão apeado?

– Bem pode dizê-lo. Este bairro esteve sempre ao abandono.

Agora o rapaz está suficientemente perto e poderia jurar que o ouviu. Um tanto perplexo, com o manuseado livro debaixo do braço e a camisa branca a cheirar suavemente a tomilho, por um instante julga ouvir até o tilintar metálico do elétrico ao virar na esquina, de maneira que, obedecendo a um impulso repentino, segurando bem o livro no sovaco e o ramo de tomilho atado com um cordel e pendurado ao ombro, aproxima-se um pouco mais do grupo e afita a orelha num estado quase hipnótico; dizem tais coisas para ir na onda da pobre chanfrada, fingindo, para conseguir que se levante, que o

perigo que corre é real e iminente caso persista na sua temerária atitude, ou será que também eles percebem já de algum modo esse perigo? Porque vem observando desde há um pedaço que algumas pessoas do grupo que rodeiam a insidiosa suicida e fingem sentir-se muito angustiadas e horrorizadas, afadigando-se na trapaça de afastá-la da linha quanto antes para salvá-la de uma morte estúpida, não podem reprimir elas próprias um certo receio, algumas olhadelas de soslaio à esquina, a tal ponto que, de repente, toda esta simulação e esta tramoia, o mais convencional e risível de uma bem-intencionada encenação, o que até agora tinha sido espectral e absurdo, dir-se-ia estar a revelar-se precisamente como o mais verdadeiro, natural e convincente: que a via morta começasse a comportar-se como se estivesse viva e em atividade, que o elétrico que nunca havia de chegar estivesse a ponto de assomar na esquina e atropelar todos, e que isto se manifestava tão terrível e inevitável não somente para a senhora Mir, como para muitos dos congregados em torno dela. Alguns, rendendo-se perante a sua teimosa recusa em levantar-se das linhas, preferiram abandonar a calçada e subir para o passeio e dali, apinhados, encostando-se uns aos outros, insistem ainda no tosco simulacro, sem poderem evitar furtivas olhadelas à esquina de vez em quando.

Avança, pobre louca, mete o pescoço debaixo da roda, faz com que o vejam, demonstra-lhes que pode acontecer, ouve-se murmurar de si para si num impulso repentino: será porventura esta a primeira vez que este rapaz intui, pelo menos de uma forma imprecisa e fugaz, que o inventado pode ter mais peso e credibilidade que o real, mais vida própria e mais sentido, e por conseguinte mais possibilidades de sobrevivência face ao esquecimento.

Sentando-se nos carris com grande esforço, a mulher parece ouvir uma só voz entre as muitas que a avassalam com censuras e perguntas. Um fulano garboso e bem vestido, de voz amável e elegância felina, inclina-se, oferecendo-lhe gentilmente o braço, coragem, minha senhora, sente-se bem?, e ela, enquanto se levanta apoiando-se nele, sorri agradecida e recorda umas fricções a este homem, ou alguma coisa mais que umas fricções, porque se ouve murmurar sem o menor escrúpulo, como estão as suas bonitas pernas com a sua loira penugem, senhor Reich? A circulação está melhor?, e desinteressa-se a qualquer outra ajuda. Instável mas de pé, ajusta a bata sobre o peito com dedos transidos e perfumados de essência de terebintina, e logo esses mesmos dedos tateiam os caracóis sobre a testa com um gesto característico de garridice que as suas amigas conhecem bem. Não obstante, os seus grandes olhos repentinamente aquosos e aflitos, muito afastados, de olhar um pouco estrábico e pálpebras parcimoniosas, não exprimem nada e olham em redor como se não conhecessem ninguém. Para ele olha uma só vez.

– Tu, rapaz – sussurra –, tu que sabes ler música, tu compreendes-me.

É um adolescente um tanto paspalhão e de olhar sombrio. Calça alpergatas de sola de pneu, traz um lápis pendurado na orelha e ostenta uma abundante

cabeleira encaracolada que lhe cai sobre a testa. Surpreendido pelas palavras da senhora Mir, dá um passo atrás e o livro escorrega-lhe do sovaco, mas apanha-o antes de cair ao chão. Acontece simplesmente que as bruxas sabem, e pronto, diz-se. Como costuma acontecer nos sonhos, percebe em tudo o que se está a passar aqui um misto de veracidade e de absurdo. Agora, ao observar a sanadora a tatear em redor com a mão trémula, experimentando um precário equilíbrio no meio das pessoas, esta mulher afigura-se-lhe de repente uma impostora, alguém que se apropriou do transtorno mental, do desespero e dos sonhos de outra pessoa. Minutos antes, a fervorosa entrega do seu corpo à fatalidade das linhas tinha-lhe parecido sincera, mas ao final de um pedaço já não sabe o que pensar. Aparentemente a boa senhora está passada e quis matar-se, mas ele está a aprender a não se fiar nas aparências. Pensando nos carris truncados e no desvario ou na negaça que a mulher acaba de encenar para aquela gente que agora se afasta para o passeio um tanto compungida e amedrontada, sente que outra realidade está a escorrer-lhe por entre os dedos. Poderia algum dia reter essa outra realidade, oferecer-se-lhe-ia tal qual e sem arranjos, nua, sem miragens nem engodos? Como se formulasse com isso uma promessa, apertada com força o maltratado volume debaixo do braço para senti-lo vivo, convocando secretamente próximo do coração o esqueleto seco e gelado do leopardo que jaz sobre a neve.

Alheia aos comentários e aos conselhos das vizinhas – não devias andar por aí sozinha, vai para a tua casinha agora mesmo e deixa-te de brincadeiras, Victoria, imagina que um elétrico te cortava as pernas, que horror, vá-se confessar a Las Ánimas e sentir-se-á melhor, que avisem a tua filha e enquanto ela não chega bebe um chá de tília –, indiferente aos seus cuidados, a senhora Mir olha de soslaio o empedrado cinzento e as linhas cortadas como quem fita um sinal indecifrável. Também ele espreita as linhas. Mutiladas, curvando em direção a nenhures, paralelas até ao fim e a apodrecerem semienterradas, recebendo passivamente os raios de um sol de castigo que brilha no alto do céu azul, qual pode ser o chamariz de uns ferros imprestáveis e esquecidos, e o que significa o equívoco ou a impostura que suscitaram? O hálito da morte atingiu realmente esta mulher durante os poucos minutos que permaneceu recostada sobre tal falácia?

Uma mão generosa roça-lhe o cotovelo e por um instante a senhora Mir julga-se sustida no ar. Não parece ouvir nenhuma voz e tão-pouco parece sentir-se desvalida. Olha insistentemente os carris e o seu truncado destino, o seu estranho chamariz incrustado na valeta, e finalmente afasta os olhos, repele uma vizinha que queria acompanhá-la e encaminha-se sozinha, devagar e cabisbaixa, para sua casa. Mas passa de largo e atravessa a rua, tomando o passeio contrário, que a leva ao bar-tasca Rosales. O podengo vagabundo que lhe tinha farejado as pantufas segue-a a uma certa distância, até que para e fica a olhar para ela sentado sobre os quartos traseiros e a coçar a orelha com a pata, enquanto o acomete uma súbita ereção. Da porta do bar, pisando sem dar por isso a pocinha de água que a barra de gelo deixou, a frustrada suicida vira-

se para olhar por sua vez o cão, pondo a cabeça de lado como ele, e depois entra.

Não é preciso ser adivinho para saber que a senhora Mir pedirá ao balcão um cálice de conhaque e um copinho de água de sifão, do qual apenas provará um gole.

UMA PRAGA DE RATOS AZUIS

Este país dos diabos!

O pai, de cuecas, acende e apaga a lanterna elétrica pela terceira vez, verificando o seu mau funcionamento, e pela terceira vez amaldiçoa a sua sorte. Dir-se-ia que o contacto anómalo de uma pilha desajustada na velha lanterna atua no seu estado de espírito como uma afrontosa metáfora do malfadado país que tanto abomina. Também se poderia pensar que lança sinais cifrados para alguém oculto na sombra, não fosse estar sozinho no quarto de dormir e com as portadas fechadas. E é que até visto assim, desgrehado e sonolento, sentado na borda da cama, de cuecas e com ligas e peúgas nas pernas peludas, persiste nele a imagem do homem de ação que renega a rotina quotidiana e não se resigna à derrota. O seu perfil alerta parece farejar a adversidade e, pronto uma vez mais a enfrentá-la, ergue-se subitamente e resfolega, guarda a lanterna na maleta aberta ao seu lado e começa a vestir-se.

Aquela maleta deve conter o revólver, o veneno e o isco, pensa o filho olhando pela frincha da porta entreaberta. O garoto espera um minuto, indeciso, e por fim entra no quarto com os punhos nos bolsos e armando-se em duro.

– Quero ir contigo, pai. Ajudo-te a matá-los.

– Nem pensar.

Deixa passar uns segundos e insiste com voz lastimosa:

– Por favor. Gostava imenso.

– Não. Não gostavas. Não tens idade para um trabalho como este.

– Podia vigiar a porta. Há sempre um ou outro rato espevitado que tenta escapar. E não me metem medo, sabes?

– Não, não, filho. Aliás, já estão mortos. É só preciso recolhê-los.

– Todos mortos, de certeza? Há sempre um ou outro que escapa...

– Será que falo chinês? Já te disse que não.

É um sábado à tarde e o rapaz não tem escola. Tem aula de solfejo e piano, mas, embora ler partituras e dedilhar escalas seja aquilo de que mais gosta no mundo, por uma vez estaria disposto a perder a lição.

– Porque é que não queres que eu vá? – choraminga.

– Desmaiavas assim que entrasses.

– Qual quê! Podia agarrar na lanterna, enquanto tu acabas com eles...

O pai voltou a sentar-se na cama com a camisa meio vestida e coça a palma da mão com as unhas compridas e escuras. Enquanto o faz, pendura no vazio um olhar tão repentinamente alheio e pasmado que de súbito não parece a mesma pessoa.

– Passa-se alguma coisa contigo, pai?

Reage de imediato e endireita-se.

– Passa-se que estou farto de muitas coisas até à ponta dos cabelos. Já te disse que não, e é não. – Consulta o relógio e balbucia entre dentes: – Deixei-me dormir, caraças.

– Tinhas prometido. Disseste que me ensinavas a caçar ratos azuis.

O pai é chefe de uma brigada dos Serviços Municipais de Higiene, Desinfecção e Desratização de estabelecimentos públicos. Cinemas, teatros, restaurantes, mercados, armazéns. Quando o miúdo soube, no mesmo dia em que fazia oito anos, a mãe preveniu-o para que não o dissesse aos amigos da escola e da paróquia, porque podiam troçar dele por ter um pai mata-ratos. Na altura, imaginava o pai a trabalhar com uma máscara antigás na cara e um garrote na mão, a perseguir grandes ratos por entre as cadeiras de um cinema, e tinha alimentado esta ideia durante um par de anos, mas agora suspeita que, além dos iscos envenenados e dos pesticidas, o exterminador utiliza métodos mais contundentes e expeditos, sobretudo com os ratos azuis. Amiúde ouve-o amaldiçoar e blasfemar a respeito da terrível e asquerosa praga de roedores azuis que infesta a cidade, do porto e de Montjuich até ao Tibidabo, mas nunca teve oportunidade de se deparar cara a cara com um rato azul, nem vivo nem morto.

Volta a ver o pai diante do balcão da taberna Rosales virando-se para ele muito devagar, direito e alegrote, empunhando um copo de vinho sobre o peito como se receasse que lho fossem tirar e balbuciando ao vê-lo abrir a porta:

– Eis o meu filho muito querido – com um sorriso matreiro. – Gostas de Barcelona, não é verdade, garoto? Sentes-te muito seguro na grande cidade, ao pé da tua segunda mãe, que te salvou do orfanato e gosta muito de ti e te dá mimo. É, pois.

Ele passa por alto a parte do orfanato e da segunda mãe. Continua no umbral e mantém a porta do bar aberta, sem entrar.

– A mãe está à tua espera.

– Preferes viver aqui, não é verdade? Aqui, nesta bonita e abominada

capital da Catalunha. E tudo porque calhou eu ver passar aquele táxi debaixo da chuva...

– A mãe diz que venhas para casa, que a mesa está posta.

– Não me interrompas! Vivemos no cu do mundo, no último cagalhão do cavalo de Santiago, mas tu contente que nem um lírio. Esta é a cidade que te viu nascer quase por milagre, e aqui estás, vivinho e aos saltos, e ainda bem, filho, mas fica sabendo que quem apanhou aquele táxi fui eu... Sim, aqui tornar-te-ás um homem de proveito, um famoso pianista admirado por todos os cidadãos de bem, achas isso, não é verdade? Pois não é exatamente isso, sua cabeça de abóbora! A tua cidade não passa duma sarjeta malcheirosa cheia de ratos azuis! Convém que o saibas; vocês, os virtuosos do piano de cauda são demasiado sensíveis.

E vira novamente a cara para o balcão, estendendo o copo para que a senhora Paqueta lho encha, e quem sabe quantos vão. Eu não faço a conta, diz, quem faz a conta dos vinhos é a conspiração judaico-maçónica. Ora pronto, costuma soltar este tipo de palavreado, o temerário Mata-Ratos, e coisas ainda mais estranhas, enquanto a taberneira e os fregueses se riem e trocam piscadelas de olho de cumplicidade e o rapaz pergunta a si mesmo porque se riem da sua graça, por que razão lhe dão ouvidos.

– Nunca vi um rato azul, pai – diz agora. – Um dia, na sacristia de Las Ánimas, vi um rato gordo que se punha de pé e mordiscava uma sotaina pendurada num cabide. Mas era um rato cinzento, ou melhor, preto.

– Sim, ratos e sotainas, uma bela peste! – grunhe o pai enquanto enfia o fato-macaco de trabalho. – Mas não é a mesma coisa, filho. Alguma vez viste um rato gordo e luzidio a rebentar envenenado? Arrastam-se e chamam como condenados, a vomitar sangue pela boca e pelo rabo. Não conseguirias suportá-lo.

– Conseguia, pois.

– Não conseguias nada. Mijavas-te pelas calças abaixo, com certeza.

De algum tempo a esta parte, incomoda-o muito que o pai ainda o considere uma criança. Olha para a maleta em cima da cama pensando nos mistérios que encerra. O pai agita violentamente a cabeça, como que a libertar-se de um sonho mau. Os seus cabelos revoltos, esverdeados e como que enfurecidos, desprendem um forte aroma a café torrado, e esse é outro mistério. Um segredo, disseram-lhe, mais um. Houve ocasiões em que chegou a pensar que a pobreza e todos os males que afligem a família provêm de tantos segredos na vida do pai.

– Fica em casa e estuda a tua lição de solfejo – aconselha-o ele. – *Dó-ré-mi-fá-sol*, isso é que te compete. Não dizes sempre que quando cresceres queres ser músico? Pois toca a estudar. Além disso, a tua mãe não tarda a voltar da clínica.

– Oh, merda – lamenta-se ele em voz baixa, e estende o braço para acariciar a maleta com a ponta dos dedos, imaginando o seu conteúdo letal. – Posso levar-te a maleta dos venenos, pelo menos?

O pai calça as botas de água e resfolega, impaciente.

– Está bem, filhinho. Mas não te ponhas com fantasias, ficas à minha espera na rua.

– O tempo todo?

– O tempo todo. Não entras. De maneira que levas as tuas partituras e aproveitas o tempo.

– Posso pegar um bocadinho no teu revólver?

– Qual revólver, qual quê? Julgas que estamos num filme de tiros? Não querem lá ver o famoso pianista aclamado no mundo inteiro!

A sombra da nuvem trepando devagar pela fachada do cinema Selecto afigura-se-lhe um pano de boca a subir quando, já sozinho e resignado à espera, finca o joelho no passeio para apertar o atacador do sapato. Uma tarde de abril, soalheira e ventosa. O trânsito é escasso e as pessoas que sobem ou descem pela Rua Salmerón não parecem detetar o cheiro do veneno que sem dúvida, pensa ele, agora mesmo se filtra silencioso e verde como um gás mortífero por baixo da porta selada do cinema e por entre os intervalos da janela da cabina de projeção. Vê os homens da brigada mata-ratos entrarem um após outro por uma pequena porta lateral. Chega cada um por seu lado a intervalos de meio minuto; são três, dois com roupa de trabalho e um à paisana. Passam ao seu lado depressa e sem repararem nele, que conhece os dois primeiros. O que está à paisana chama-se Luis e costuma vir tomar o pequeno-almoço com o pai quando este passa temporadas em casa, o outro é Manuel e chega de bicicleta; quanto ao último, inclui-o na brigada porque ao caminhar tem o mesmo ar furtivo que os outros, de mãos nos bolsos do fato-macaco azul desbotado e a cabeça enterrada nos ombros, como se se envergonhasse publicamente das suas habilidades raticidas. Tempos atrás, quando era miúdo, tinha imaginado os homens mata-ratos a moverem-se tal como seres metálicos e atarracados, de olhos verdes e com dedos como facas.

Entretém a espera na rua cantando com voz nasal e molengona «Sou o rato primeiro, e eu o segundo, e eu o terceiro», parodiando a cantiguinha zarzueleira a que o seu professor de solfejo tem muito apego e costuma entoar ao sentar-se ao piano. Daí a pouco aborrece-se de morte, e então põe-se de forma obsessiva e pormenorizada a idealizar o que estará a passar-se dentro do cinema: imagina sentir no nariz as cócegas dos pesticidas a flutuar sobre a plateia, vê os ratos azuis a esticarem o pernil com a barriga inchada e vomitando espumaradas sanguinolentas, arrastando-se por baixo das cadeiras e ao fundo do ecrã e também nos bastidores, nos urinóis e nos camarins dos artistas; vê o pai com um exemplar agarrado pelo rabo, um rato grande com papo e uma mecha de pelos brancos como a neve sobre o olho sanguíneo, enraivecido pelo veneno; vê tudo da rua e vive-o intensamente sem que lhe escape um pormenor, tal como se escutasse uma história oral descabelada e macabra do gordo Cazorla.

Está a saltar a pé-coxinho diante do cinema, seguindo escrupulosamente o labirinto que os ladrilhos desenham no passeio, e no final do percurso espera-

o a tampa de um esgoto com a sua grafia em relevo desgastada e indistinta. Dá meia volta, sempre num pé só; repete a viagem uma e outra vez, e a cada nova volta espera ver o pai à porta do cinema a fazer-lhe sinais para que entre e veja de perto o extermínio dos ratos azuis. O pai não aparece, mas do cartaz multicolor que anuncia a atuação dos artistas de variedades, uma armação de pouco mais de dois metros de altura apoiada na própria fachada do cinema, uma esbelta e sorridente bailarina de meias-calças pretas justas ao corpo reclama imperiosamente a sua atenção.

Chen-Li, a Gata das Botas
Bailarina excêntrica e acrobata

A Gata ostenta umas belas pernas pintadas com purpurina dourada e exhibe-se de lado, como que sentada no ar, ou melhor, caindo de rabo mas sem ter chegado ainda ao solo, com as costas incrivelmente arqueadas para trás, uma perna esticada e em tensão e a outra encolhida debaixo das nádegas. Tem uma boina preta com máscara e orelhinhas, calça botas de meio cano envernizadas e o seu traseiro arrebitado mostra uma cauda também vermelha. O Selecto é um cinema de programa duplo com variedades estafadas, e acolhe cançonetistas, rapsodos e humoristas que em tempos gozaram de um certo renome nas populares e bem-sucedidas revistas musicais do Paralelo, mas cujos dias de glória já passaram. Não é permitida a entrada a menores, e ele sabe-o. Noutro painel, pregados com percevejos, há fotogramas ampliados dos dois filmes dessa semana, *O Sétimo Céu*, com Simone Simon e *O Gato e o Canário* com Paulette Goddard, duas estrelas felinas pelas quais está apaixonado e cujos encantos lhe provocaram não poucos entesoadamentos entre lençóis, mas agora só tem olhos para a Gata das Botas. Porque se lhe recolhe tão docemente o ventre entre as virilhas? A linha abaulada de coxas e nádegas parece-lhe estranhamente imaculada e comovedora, superior em beleza a tudo quanto viu até agora em cartazes de cinema ou nos programas de mão que coleciona. Com o dedo orla lentamente o contorno da coxa e depois roça a pele dourada e capta a pujança interior que anima o salto no ar. O reflexo do sol, refletido no vidro de uma janela do outro lado da rua, faísca um instante na purpurina, mas não esborrata nem atenua a veemente tensão da face interna da coxa, uma generosa delicadeza muscular que o conturba.

– Que estás a fazer, rapaz? Para onde é que estás olhar?

Volta-se. Um senhor baixinho, encurvado e de ombros abatidos, está parado sobre a tampa do esgoto, barrando-lhe o caminho. Um duplo pestanejar mágico, mas o homenzinho continua ali, olhando-o severamente.

– Eu?

– Sim, tu. Para onde é que estás a olhar, pode-se saber?

– Eu, para coisa nenhuma, senhor.

– Como assim, para coisa nenhuma? Estás é embevecido com os meneios desta chinesinha.

Ringo volta a olhar para o cartaz.

– Mas ela não se mexe...

– Ai não? Será que não topas? As bailarinas excêntricas nunca estão quietas, pequeno. E muito menos se forem chinesas do Paralelo.

Outro pestanejar e, com efeito, as coxas movem-se. O homenzinho é apenas um pouco mais alto do que ele. Entre os dedos da sua mão esquelética erguida à altura do queixo, com gesto delicado e displicente, como se sustivesse um cigarro, segura uma trela que está ligada a qualquer coisa que grunhe aos seus pés, um cãozinho esquelético, de focinho de rato e rabo escasso, ao qual falta uma pata traseira.

– Que é isso a aparecer do teu bolso?

– É o meu caderno de solfejo.

– Ena. És um rapaz sensível, já vejo – diz o desconhecido numa voz quase inaudível. – És um rapaz sensível, não és? Não és?

– Não sei.

– E no dia de amanhã serás um jovem bonito, atencioso e respeitador. Com certeza.

– Não, senhor. Vou ser pianista.

– Ah, isso é muito bom. Pianista. – O cão levanta a cabeça e fita o dono com os seus olhos amarelos e ramelosos. – E que estás aqui a fazer?

– Estou à espera do meu pai.

– A pensar em coisinhas feias, é o que estás a fazer. Vamos, não digas que não. – Debaixo da tampa do esgoto soam ruídos, como de lixa raspada ou de unhas a arranharem ferro. Alertado por qualquer coisa, o homenzinho volta-se repentinamente e o seu perfil de pássaro recorta-se sobre a solidão cinzenta da Praça Trilla, que se abre do outro lado da rua. – Note-se que não to censuro, malandro. Mas escuta o que te digo – aproximando-se mais do miúdo, e agora a voz sai-lhe arranhando o ar: – Ela faz com certeza coisinhas que tu nem sequer poderias imaginar, mesmo que estivesses aqui a olhar para ela durante mil anos.

– Não diga isso, senhor. Caraças! Mil anos! Fala a sério, senhor? – inquire, empostando a voz. – Poderia estar a olhar para ela durante mil anos? E ela poderia estar aqui a dançar durante mil anos, a dançar a dança dos sete véus como Salomé? Poderia mesmo?

É assim que alguns o veem: um garoto esperto e observador, sensível a certos desatinos, dotado de uma aguda perceção para as expectativas alheias mais extravagantes e imprevisíveis e disposto a colaborar em qualquer impostura ou tramoia que lhe amplie o mundo. Assim o recordarão, aplicado, formal, impregnado de futuro. Não cora nem gagueja nem se atrapalha com as palavras, sabe em todos os momentos o que diz e porquê, e até lhe agrada cruzar decididamente o umbral do improvável ou do impercetível. Fica muito quieto e muito atento diante do seu interlocutor, fita os olhos descarnados e sem pestanas num rosto comprido e chupado, fita a boca pequena e franzida, o colarinho enrugado da camisa e o fato preto com joelheiras lustrosas nas

calças demasiado largas e compridas, caídas sobre a triste mansidão de umas pantufas de trazer por casa, fita também o cãozinho manco, e dispõe a cara e a voz em consonância melodramática com o que vê:

– É a minha meia-irmã, sabe? – e fica a pensar, disposto a acrescentar que o verdadeiro nome desta artista é Diana Palmer, que foi a outra namorada fiel de Edmundo Dantés e depois namorada secreta de Winnetou e agora é namorada do malvado Rupert de Hentzau, e que podia ter sido sua própria irmã, mas de mãe chinesa, e que fugiu de casa para ser bailarina porque queria ver mundo e se envergonhava de ter um pai mata-ratos cujas manápuas cheiram sempre a creolina ou enxofre ou a coisas piores. Mas tudo isso somente o pensa. A única coisa que acrescenta é: – A minha pobre meia-irmã mais velha. Tenho mais cinco...

O homenzinho atalha-o com a mão levantada e olha-o com um brilho repentino nos olhos estragados.

– Com que então mentirozeco! – Contrariado, dá patadas na tampa do esgoto por três vezes, como se fizesse um sinal combinado aos ratos que vivem nas trevas malcheirosas do esgoto. Indicando o cartaz, o desconhecido acrescenta com voz melíflua: – Enfim, vamos ao que importa. Além de bailarina excêntrica, esta brasa é contorcionista. Sabes o que significa ser contorcionista?

– Claro.

– Que se sabe mover duma maneira especial.

– Claro.

– E é bonita, a chinesinha, não é? Tão bonita, que olhar para ela é um sofrimento, não é?

– Oiça, senhor, este cão, só com três patas, é para admirar como se aguenta bem. Como é que se chama?

– *Tula*. É uma cadelinha. E tu, como te chamas, miúdo?

– Ringo. Não lhe aperto a mão porque mexi em veneno para ratos, senhor. Ringo Kid, é esse o meu nome.

Agacha-se a fim de olhar para a cadelinha, simulando um repentino interesse. O animal tem os olhos rasgados e as orelhinhas arrebitadas, uma das quais exhibe uma carraça redonda e lúida como uma pérola, e tão gorda que seria preciso arrancá-la com uma tenaz, pensa.

– Mas que grande carr...

– Afasta-te de produtos tóxicos que não sejam comestíveis – corta o homenzinho. – É um conselho que te dou. E da chinesinha... – hesita um instante, com o olhar contrito e o dedo esquelético a apontar para a bailarina do cartaz –, da chinesinha afasta-te também. Deves saber que o programa desta semana não é próprio para menores. Quantos anos tens?

– Onze, quase doze, senhor.

– Além disso, fumigaram o local e agora está fechado e selado.

– Bem sei.

– Então o que fazes aqui sozinho?

- Acabei de lho dizer, estou à espera do meu pai.
- E onde está o teu pai?
- No cinema, a caçar ratos.
- Ah, isso não é bom. Os ratos trazem a peste negra.
- Esta peste de agora não é negra, senhor. É azul. Foi o meu pai que mo disse.

Neste preciso momento ele a sua brigada devem estar a inspecionar os iscos com veneno que colocaram dias atrás, diz ele, quando pulverizaram o local com pesticidas e o fecharam por ordem governamental. O meu pai conhece os trâmites oficiais, é uma autoridade, sabe como se luta contra os ratos. Não, agora já não se caçam com ratoeira e bocadinhos de queijo, já não servem o gato nem a vassourada, não, senhor, nem tão-pouco os pós Nogat, o terror dos ratos, isso está desatualizado; o meu pai tem um Colt 45. Quando for mais crescido, ele também se dedicará ao extermínio de todo o tipo de animais daninhos, ratos, percevejos, pulgas, baratas e o piolho-verde.

A cadelinha sustém-se paciente e um pouco escorada sobre o passeio, o dono perscruta o ambiente de soslaio e faz-se distraído enquanto escuta, e o rapaz observa a sua estabilidade também precária e a casposa aderência que lhe poisou nos ombros, como uma cinza. O homenzinho acena afirmativamente, está a par do que aconteceu no cinema. Durante a atuação do mágico Fu-Ching, diz, um par de roedores saído não se sabe de onde apareceu no palco como por artes mágicas e muitos espetadores pensaram que era um truque do ilusionista e aplaudiram, mas ele não, ele estava na primeira fila e percebeu logo, eram dois enormes e asquerosos ratos a sério, grandes como coelhos, que se postaram desafiantes defronte da ribalta a mostrar os dentes e acabaram por provocar um grande espanto e confusão na plateia.

– Já viste como as pessoas se tornaram cegas e estúpidas, rapaz? – balbucia, olhando em volta como se procurasse referências visuais. – Onde é que já se viu uma coisa assim? Imagina, o público a ver claramente que eram ratos, estavam ali mesmo, raivosos e peludos, e todos apostados em que era um truque do ilusionista! É que já ninguém se atreve a ver as coisas tal como são!

Tentando imaginar o grande alvoroço, o espanto e as correrias na plateia, Ringo fecha os olhos, mas debaixo das suas pálpebras brilham ainda as formosas coxas de ouro de Chen-Li, a Gata das Botas, e de momento não há lugar para mais nada.

– É que são ratos azuis, senhor. O meu pai explicou-me que os ratos azuis chupam o sangue à pessoa. E quando vão desta para melhor – acrescenta, franzindo o cenho –, vão montar guarda no sítio dos astros...

– O teu pai. Ora, ora.

– Isso é o senhor porque nunca os viu, mas há uma praga. E outra coisa. Quando o mágico Fu-Ching tira o coelho da cartola, é porque o coelho já lá estava, não é?

– Ah, quem sabe! Mas digo-te uma coisa. Esta linda Chen-Li tem tanto de

chinesa como eu de japonês. Palavra.

– Por favor, senhor, diga-me a verdade.

– A verdade, a verdade! Isso hoje em dia não vale nada.

Com a mão hirta sacode a caspa que floresce sobre o luto abatido dos ombros e fica pensativo a olhar para o nada que tem na frente e fazendo estranhas caretas com a boca aberta, como se fosse espirrar, após o que se baixa, acaricia o lombo da sua mirrada cadelinha de três patas, fica a pensar e finalmente perde o domínio de si mesmo e escapa-se-lhe um soluço. É uma efusão instantânea, dura apenas uma fração de segundo e poderia confundir-se com um espirro. Logo a seguir contém-se, endireita-se, dá um suave puxão à trela e sussurra qualquer coisa à cadela. Com um faiscar desmesurado e feroz, o sol faz reflexo noutra janela e volta, mais dócil e apagado, à purpurina que cobre a soberba coxa voadora da Gata das Botas.

Ele virou-se a fim de olhar para ela quando ouve, remota, resignada, a voz do homenzinho:

– Adeus, pequeno, porta-te bem. Para a semana que vem – acrescenta ao pôr-se em marcha – anunciam um programa de que havias de gostar, com certeza, se pudesses entrar. Se não houver ratos, vão exhibir *O Par Invisível* *Diverte-se* e *A Garra Escarlata*.

– Eu já vi *A Garra Escarlata*. O assassino é o carteiro da aldeia.

Nevoeiro e pântanos, o nariz adunco de Sherlock Holmes, uma garra metálica ensanguentada e cadáveres destroçados, com aspeto de terem sido mordiscados pelos ratos, lembra-se muito bem do sombrio filme enquanto observa o homenzinho a afastar-se pela rua abaixo coxeando levemente, associando-se ao descompasso da cadelinha e baixando a mão solícita para lhe acariciar a cabeça, escorados ambos e com passadas incertas que parecem evitar obstáculos invisíveis, e depois volta-se para admirar uma vez mais a Gata Chen-Li suspensa no ar. Tudo é fugaz e volátil naquele corpo que salta sentado, quase intangível, suspenso no instante de subir e aspirando a não cair, a fixar-se assim para sempre na memória e no desejo. Ringo perscruta a face interna da coxa, essa delicada zona em tensão que o comove profundamente, e que agora mostra qualquer coisa que antes não tinha visto. Parece um pequeno rasgão na pele, mas ao olhar mais de perto repara que se trata de um verme afocinhado na purpurina, a chupá-la. É peludo e tem o lombo esverdeado com pequenas pintas de cor violeta. Poderia ser um vermezinho enganosamente atraído pela purpurina dourada, que tomou por mel, pensa, mas é estranho vê-lo em semelhante cenário. Se trepasse um pouco mais, chegaria à virilha por baixo do calção de cetim e não tardaria nada a chegar à pélvis, e a seguir poderia meter-se mesmo dentro da passarinha da bailarina, pensa. Escura e húmida e doce. Mas o bicho está demasiado quieto. Cautelosamente, tateia-o e empurra-o com a unha, e o verme solta-se e cai ao chão, ressequido, morto.

O potente mata-ratos do chefe chegou até aqui, pensa.

Está sentado no elétrico com a maleta no regaço e o pai permanece de pé ao seu lado, a meio da coxia. O elétrico é um 24, vai à cunha e sobe por Salmerón na zona de Carolinas. Com desculpas e olhar submisso, um sacerdote abre caminho entre as aberturas da plataforma, porfiando com os ombros e suspendendo jaculatórias nos lábios gordos e rosados. Acede à coxia, mas não há nenhum assento livre, muitos passageiros viajam de pé. O padre é robusto e rubicundo e exhibe uma grande papada e uma airosa cabeça de níveis cabelos alvoroçados. O tipo de clérigo afável e desavergonhado que o meu pai come todos os dias ao pequeno-almoço, pensa, pressagiando o folhetim que se avizinha e a vergonha por que vai passar. Na sua mente fulguram ainda as coxas de mel da Gata das Botas, quando o vê aproximar-se muito decidido pela coxia. Um pestanejar mágico para o afugentar, mas o padre segue em frente e além disso agora com o olhar risonho fixo nele, como se desse por certo que este miúdo bem-comportado e educado se levantará imediatamente para lhe ceder o lugar.

O pai continua de pé ao lado e apoia a mão no seu ombro com uma leve mas persistente pressão, um gesto que ele interpreta como de posse e domínio e que o incomoda em público. Aquela mão é grande e nervosa, de pele gretada e esverdeada como de um lagarto, e o garoto viu sempre nela, mesmo estando amigavelmente poisada no seu ombro, ou a cingir o gargalo de uma garrafa de vinho, às vezes a sacudir umas migalhas sobre a toalha ou pendendo inerte na borda da mesa ou no braço de uma poltrona, inclusivamente ao vê-la muito quieta e apaziguada sobre o joelho submisso da mãe, uma fúria latente nos nós dos dedos, uma permanente crispação. Agora tem-na tão perto que capta o acre odor a mata-ratos enquistado entre as unhas dos dedos, a mesma suave pestilência com ressaibos de creolina que impregna as botas de água, o fato-macaco azul e uma ou outra ferramenta muito estranha que traz pendurada no cinto juntamente com a lanterna elétrica que deve servir para encandear e imobilizar os ratos antes de os matar, pensa, embora o mais estranho e incongruente seja o efeito que produz o casaco azul-marinho às riscas por cima do sujo fato-macaco de trabalho, um casaco perfeitamente talhado e em bom estado, como se da cintura para cima o pai viesse de uma festa requintada e da cintura para baixo saísse de algum malcheiroso esgoto cheio de ratos mortos. Sem saber porquê, vem-lhe à mente o homenzinho a bater reiteradamente com o pé na tampa do esgoto na companhia da sua cadela de três patas.

O padre tem um botão da sotaina desapertado à altura do peito, certamente por causa dos apertos na plataforma. As suas sobranceiras hirsutas, encaracoladas e com pelos espetados em todas as direções, competem em brancura com a sua vistosa cabeleira. Já está próximo e continua a olhar para ele, e o rapaz sensível já está a pensar em levantar-se para lhe ceder o lugar; na escola ensinaram-lhe que deve ter essa deferência para com as senhoras,

sobretudo para com as idosas e as grávidas, mas também para com as freiras e os sacerdotes. É o que se espera dos meninos bem-comportados e educados que andam na catequese. A calosa mão de sáurio retira-se do seu ombro e ele interpreta-o como um sinal de aprovação e levanta-se, mas mal descolou as nádegas do assento quando a mão se abate novamente sobre o seu ombro com tanta força que o obriga a permanecer sentado.

– Quietinho – ouve o pai dizer em voz alta e clara. – Nem é uma senhora nem está grávida.

O clérigo endereça ao rapaz um sorriso beatífico.

– Agradecido pelo gesto, filho – diz, semicerrando as pálpebras. E para o pai: – O rapaz é bem-educado.

– Procuramos que o seja, senhor padre.

– A intenção dele era boa.

– Ah, sim. Mas das boas intenções do rapaz trato eu.

– É natural, sim, senhor.

O sacerdote faz um aceno de cabeça afirmativo e pestaneja afavelmente. Recolhendo as mãos e afitando a orelha como um padre confessor, parece mergulhado numa reflexão compassiva, quando ouve dizer ao seu interlocutor:

– E também trato de lhe dar umas tarefas, se ele o merecer.

– Claro. Preocupa-se com o seu filho. Isso é bom.

– É que, repare, reverendo padre, as minhas tarefas contêm mais Deus, bastante mais Deus do que a hóstia que os senhores e o bispo Modrego distribuem.

Os passageiros mais próximos, testemunhas da cena, começam a olhar para outro lado. Não é exatamente que não queiram ouvir, é que desejariam estar longe dali. Há um breve silêncio, e o temerário Mata-Ratos volta à carga:

– O vinho que os senhores usam para consagrar não presta para nada. Já o provei.

– Ah, sim?

– Sim, é uma boa merda.

– Bem. De qualquer maneira – entoa o padre, com uma inesperada pachorra episcopal –, não vamos discutir por isso, não é? Embora o senhor me faça muita pena, palavra, muitíssima pena.

– Estou-me cagando para isso.

– Ignoro ao que quer o senhor chegar, mas tenho de lhe pedir que não dê maus exemplos ao seu filho. Peço-lho por favor.

– Maus exemplos? Eu, maus exemplos? Olhe, nos vossos colégios ensinam a disciplina de Formação do Espírito Nacional, uma borrada abençoada pela Igreja que pouco faltou para que me deixasse o miúdo idiota. Por isso não me fale de maus exemplos, padre.

Engole-me, terra, pensa ele. Tem o veneno raticida enquistado nas unhas, na voz, nos olhos e nas palavras, e além disso já não há quem o pare.

– Na minha paróquia também ensinamos outras coisas – anota o clérigo.
– É que eu também não acredito na paróquia como salvadora de almas e tudo isso.

– Pronto.

– A minha mulher, sim. Ela acredita.

– Ora bem. *Laus Deo*.

– Sim, é muita amiga dos sacerdotes. Mas com o bispo não quer nada. O nosso desprezo vai de cônegos e bispos para cima.

– Ora bem. Mas não se altere, homem de Deus.

– A minha mulher só vai à paróquia para rezar. Sabe como é, o *Kyrie Eleison* e tudo isso.

– Pelo que vejo, meu filho, muita sorte tem o senhor com a sua mulher...

– Eu não acredito – atalha-o o Mata-Ratos – que os senhores nos ajudem a ganhar o céu. A sério, não acredito. – E com voz nasal e canónica, descaradamente empostada, acrescenta: – Tannnta sotaina pelas ruas! Tannnta sotaina! Onde iremos parar com tannnta sotaina?

– Ai, Senhor, Senhor! – O sacerdote abana a cabeça fatigadamente com espírito conciliador e resfolega com o beijo a apontar para cima, agravando ainda mais com os seus assopros a desordem grisalha das bastas sobranceiras. Olha fixamente para o interlocutor e por um momento parece que vai largar uma sentença. Atafulha o peito de ar e de paciência e, deixando cair humildemente as pálpebras, acrescenta: – Mas olhe, eu juraria que, no fundo, o senhor é um bom cristão. O que acontece é que não o sabe.

O grande caçador de ratos lança a cabeça para trás, como que a esquivar-se do farisaico mau hálito do clérigo, enquanto observa as suas mãos pálidas e roliças sobre a avultada barriga. Agora está a rir-se por dentro, pensa ele.

– É possível, reverendo, é possível. Acredita se lhe disser que às vezes me vejo em sonhos caindo de joelhos aos pés do seu bispo a exclamar: Eminência Reverendíssima, estou perdido! Perdido sem remissão, Eminência! – Faz uma pausa e muda de tom. – Enfim, a minha submissa genuflexão, padre. A verdade é que não sei se sou um bom cristão. O que não sou, pode o senhor ter a certeza, é servo duma Igreja que passeia a sentinela do Ocidente debaixo do pálio.

Pronto, já deitou aquilo cá para fora, lamenta-se o miúdo fechando os olhos com força diante da gargalhada que se segue ao consabido desabafo anticlerical, a grande fanfarronice tolamente sacrílega, temerária e por de mais imprudente, segundo a reiterada censura que lhe dirige a mãe, que felizmente não está aqui para ver a cena.

– O senhor não andarà à procura de problemas, pois não? – ouve-se o padre sussurrar. Mas o incorrigível linguarudo já deitou cá para fora aquilo que queria e fica muito sossegado a rir-se por dentro, agora resta esperar que não insista, pensa, que tudo isto não acabe na esquadra, enquanto sente a mão enorme a rondar outra vez à volta dos seus ombros, de maneira que opta por se distrair lendo detidamente os pequenos anúncios nas janelas do elétrico,

Cerebrino Mandri se sofres de enxaquecas e nevralgias nunca prejudica e blá-blá-blá. Gabardinas Tobías Fabregat elegância e conforto a prestações e a pronto e blá-blá-blá. Ramos para Noivas Luis Grieria e blá-blá-blá. C. Borja forram-se botões na ocasião. É proibido praguejar e dizer palavras grosseiras. Juventude, beleza e louçania com Bella Aurora cada dia e blá-blá-blá, um anúncio que o faz sempre pensar numa amiga da mãe, a senhora Mir e a sua lustrosa e bronzeada cauda de peixe entre os seios.

Quando vira a cabeça topa com o olhar ladino e enviesado do padre, que leva um dedo aos lábios pedindo silêncio: Não façamos caso, filho, é o melhor. A grande cabeça do clérigo exhibe um ar grosseiro e asselvajado, como se um vento invisível embaraçasse os seus brancos cabelos e as suas sobranceiras, mas a expressão da sua cara não deixa entrever a menor contrariedade nem agravo, mas antes uma risonha e teimosa benevolência, uma pachorra que desperta uma certa simpatia no rapaz. Observa no extremo duma das suas sobranceiras um pelo alvo e compridíssimo que se espetou para cima, encaracolando-se, enquanto o elétrico guina, chiando, na Praça Lesseps e segue com muito matraquear os maltratados carris da Travesera de Dalt. Há um pedaço que os viajantes mais próximos se converteram em estátuas, oferecendo apenas costas e nuca.

O histriónico e temerário comportamento do pai perante o padre não é para ele nenhuma novidade, e tão-pouco o surpreende que decida apear-se uma paragem antes da que lhes compete. Recebe o sinal e levanta-se e segue-o com a maleta na mão até à plataforma traseira, de cujo estribo ambos se aprestam a saltar para o passeio aproveitando o facto de o elétrico afrouxar o andamento ao entrar numa curva. O rapaz solta-se primeiro e fá-lo lentamente, agarrando-se à pega com a mão esquerda e tateando o solo com o pé, fazendo figura de estilo, pelo que o pai, ao saltar atrás, se vê obrigado a corrigir bruscamente a sua trajetória para não o levar pela frente, e torce ligeiramente o tornozelo. Ressente-se imediatamente ao andar e solta uma blasfémia e uns quantos ai! de dor muito teatrais. Para chegar a casa têm de caminhar um bom trecho e ele vai com a maleta às costas e o pai a coxear, mas com passadas compridas, impetuosas, sem concessões e com uma certa mofa no desmedido bracejar ao compasso do glu-glu das botas de borracha.

– Sei o que estás a pensar – resfolega, mancando e contendo os gemidos. – Que o céu me castigou lixando-me o tornozelo. Aposto.

– Foi azar, pai.

– Uma ova! Foste tu, que saltaste a dormir. Mas pronto, não faz mal. – Sorri, alvoroça-lhe o cabelo com a mão. – Bem sabes. Ratos pretos como sotainas, sotainas pretas como ratos. Não te esqueças, filho.

– Sim, mas olha... – interrompe-se, quase sem voz, renitente, olhando com raiva para os grandes pés do manco a pisarem avassaladores. – É que, com tudo isso, a mãe acaba sempre por chorar... Porquê? Porque é que tens sempre de a fazer chorar?

– Bom, bem sabes como é a nossa Alberta flor da minha vida. A sofrer por

tudo e por todos. Sempre. Mas ela compreende-me... Que tens tu, homem?

– Nada.

– Ora vamos, Mingo, não te zangues comigo...

– Eu chamo-me Ringo!

– Está bem. Anda, vem cá.

A mão de unhas verde-escuras tateia-lhe o ombro procurando, como tantas vezes, não só apoio para o quebranto físico, como também camaradagem e cumplicidade; a mão grosseira e peçonhenta desliza do ombro até à face esquiva para lhe aplicar um beliscão amistoso. Porém ele esquiva-se ao contacto, estuga o passo e adianta-se vários metros, com a cabeça baixa e os olhos rasos de água. O que mais detesta é que o pai não comece de uma vez por todas a tratá-lo como um adulto. Caminha cada vez mais depressa, com a maleta a ressaltar às costas e o caderno de teoria e as partituras a assomarem enroladas do bolso das calças, e de repente não consegue conter as lágrimas e desata a correr. Corre segurando firmemente a maleta dos venenos e com a outra mão os papéis pautados, e não para de correr e chorar até chegar a casa.

– *Benedictus Domine*, filho – ouve ao longe a voz tabágica do pai. – Maldição.

*

– *O que é a Música?*

– *A arte dos sons.*

– *Como se escreve a música?*

– *Por meio de sinais, chamados principais, uns, e secundários, outros.*

– *Quais são os sinais principais?*

– *Quatro: as notas, as claves, as pausas e as alterações.*

– *Onde se escrevem?*

– *No pentagrama.*

APACHES GALOPANDO NAS PRAIAS DO ARIZONA

Chegas a galope e disparas sem te apeares do cavalo, com um revólver em cada mão e segurando as rédeas com os dentes. Tu és um cavaleiro da pradaria que vem de muito longe para vingar a honra da tua irmã. Estás a situar-te? A guerra terminou e o Sol não voltou a aparecer nem a primavera voltou a rir nem nada disso. E tu galopas pelo deserto do Arizona em busca de vingança, galopas, galopas, galopas... Estás a situar-te?

O narrador aponta agora com o dedo o mais novo dos Cazorla, e acrescenta:

– E tu és o copiloto de Bill a voar no seu avião e a olhar para baixo e o que vês? Vês um furioso e terrível tornado que avança sobre o deserto arrasando tudo, e, de repente, no meio do imponente remoinho de areia, um piano. Os índios da reserva roubaram o piano dalgum salão de Dodge City, ou duma caravana de pioneiros que passava por ali, ou duma orquestra da festa maior do bairro, por exemplo a orquestra de Gene Kim, quem sabe... O piano está completamente novo e reluzente, é um Steinway and Sons e dá vontade de o levar para casa, mas como fazê-lo. Há uma flecha cravada no teclado. Os sinais de fumo dos apaches sobem ao céu e as balas e as flechas assobiam, e então, de repente, abate-se uma chuva de fogo sobre o Vale da Morte, sobre as pradarias e os rios e os desfiladeiros e o mar e tudo o que há do outro lado das Colinas Negras.

O avião de Bill Barnes, o Aventureiro do Céu, plana sobre o deserto, acrescenta o garoto depois de uma pausa estratégica, e então o piano entrevê-se a intervalos no meio do nevão de areia como um brilhante escaravelho preto, ou melhor, como uma fulgurante estrela negra derrubada e acossada por rajadas de tempestade – embora este apontamento alternativo e esforçadamente lírico não seja de modo nenhum apreciado pelo auditório.

Alguém lhe pergunta onde fica o Arizona no mapa, mas a questão tão-pouco parece interessar a quem quer que seja. Estão sentados em círculo ao estilo índio na vertente sul da montanha Pelada, com os olhos à espreita e o ouvido atento, são o *Batata Morales*, Roger, os irmãos Cazorla, o Quique *Cola-Tudo*, Julito e ele próprio. Todos, à exceção de Julito Bayo, são muito mais pobres do que ele, usam cordas em vez de cintos, camisolas comidas pela traça, calções remendados e sandálias de borracha. Alguns exibem a cabeça rapada, a tez famélica e os joelhos imundos, e, no inverno, ardentes frieiras nos dedos e nas orelhas, e nos pés o sempiterno frio como uma febre gelada ou como a Bota Malaia a apertar. Não andam na escola, exceto Julito, e embora ainda não tenham atingido a idade legal, trabalham ocasionalmente como moços de recados, sacristães, marçanos ou empregados de taberna. Lançaram uns aos outros chapadas de água da fonte da Atzavara da Rua de las Camelias e mendigaram um copo de leite no local próximo do Auxílio Social, e esse foi o seu lanche; depois, no Camino de la Legua, deram uns chutos junto à parede do Centro San Estanislao de Kostka, e finalmente, subindo o bairro e a estrada do Carmelo a partir da Praça Sanllehy, cobertos de poeira e pontapeando uma descosida bola de trapos, fizeram escala na vertente meridional da colina nua, próximo da entrada norte do Parque Güell.

– Estás a situar-te? – Agora aponta para o Quique. – Galopas e galopas.

– E entretanto o que é que eu faço? – inquire Julito, impaciente. – Peço ajuda ao Winnetou, não faço mais nada senão isso? Ou vais deixar-me outra vez a ver navios?

Há um pedaço que está à espera de protagonizar alguma ação badalada que lhe permita exibir-se, mas o narrador parece tê-lo esquecido. A distribuição de papéis nem sempre agrada à assistência. Julito Bayo ostenta um penteado com onda e fixador e é o menos maltrapilho dos sete, traz peúgas aos quadrados e um escapulário debaixo da camisola, e aos domingos e feriados usa calças à golfe. A mãe tem uma tinturaria na Rua Rabassa, o pai faz mudanças com um camião que tem escrito dos lados em letras azuis «Mudanças Bayo Mais Veloz Que Um Raio», e é aluno do Palacio de la Cultura, um colégio finaço da Travesera de Dalt, com jardim e um eucalipto grande e desajeitado que se ergue como um sinal dissuasório por cima da vedação, cinco ramos que parecem cinco dedos de uma gigantesca mão aberta e erguida para barrar o caminho aos miúdos ramelosos do Carmelo e do Guinardó.

– O teu revólver ficou sem balas, tens de esperar auxílio – esclarece o narrador, e dirigindo-se ao Quique *Cola-Tudo*: – Onde é que íamos...? Ah, sim. Saímos da tempestade de areia. Os apaches cavalgam em pelo pela praia. Estás a situar-te? É preciso salvar a Violeta. O Wungo-Lowgha tem-na amarrada de pés e mãos ao poste no meio do acampamento. Pintam-lhe a cara e o peito com pinturas de guerra, depois acendem uma fogueira e vão queimá-la viva.

– Arrancaram-lhe a cabeleira?

– Não. Para fazer isso têm primeiro de a matar.

– E o vestido? – pergunta o *Cola-Tudo*. – Arrancaram-lhe o vestido?

– Não. Ainda não.

– Mas rasgaram-no bastante, não rasgaram? – insiste, com o seu sorriso torto e desdentado. – Um bocado, poça. E por isso veem-se-lhe as mamas, não veem?

– E o que é que eu faço? – pergunta Sito, o mais novo dos Cazorla. – Fico todo o tempo a vigiar o piano? De que nos serve um piano se não temos balas?

Um diminuto gafanhoto, de um verde delicado e translúcido, poisou no seu joelho sebento, e o narrador fecha os olhos para não o ver imediatamente espatifado por alguma mão não menos sebenta. Depois prossegue, das sombras, e apontando para o Quique, a confirmar o seu protagonismo:

– Galopas no sopé da falésia sem perder de vista a praia, galopas sem parar. Taca-tac, taca-tac, taca-tac. – Demora-se a imitar o som dos cascos para ganhar tempo e meditar na continuação. – Vais-te aproximando da miúda, já estás a chegar à fogueira... Estás a situar-te?

– Sim, mas ouve uma coisa – inquire o Quique *Cola-Tudo*. – A prisioneira está nua?

– Descalça. E tem uma ligadura no tornozelo.

– Sim, está bem, uma ligadura, mas a gaja já está nua, ou ainda não?

– Já te disse que não.

– Não? Como é que as mulheres índias não lhe arrancaram o vestido?

– Desta vez não.

– Mas, homem, elas fazem sempre isso! – insiste o Quique. – É para vingar a irmã morta do Winnetou.

– Não e não!

– Mas agora sim, esfarraparam-lho. A saia, pelo menos.

O *Batata* intervém para precisar que as índias da reserva apache não fazem isso à mulher branca, não são tão selvagens, quem faz isso são as índias comanches. O narrador não esclarece a questão, não parece interessar-lhe, mas avisa que Violeta, que continua amarrada ao poste, poderia ter uma flecha envenenada cravada no peito. Vocês ainda não sabem, acrescenta, porque tu e o Roger vão no avião do Bill Barnes, que voa muito alto, e não conseguem distinguir a flecha. Lá de cima só se vê o fumo preto da fogueira a cobrir o acampamento apache. Vocês dizem adeus ao Bill e atiram-se de cabeça ao mar através das nuvens e do fumo e vão nadando até à praia do Arizona, aí apanham os melhores cavalos e toca a galopar. Então, a meio do caminho, aparece Ringo com a sela de montar ao ombro e fazendo um molinete com a espingarda – quando Rafa Cazorla interrompe para inquirir sobre uma coisa em que está a refletir há bastante tempo:

– Se tem uma ligadura no tornozelo, é que a miúda está naqueles dias.

– Mentira, pá – diz Julito. – Uma miúda ter uma ligadura no tornozelo não tem nada que ver com aqueles dias. Burro.

– Bom – interpõe o Quique, arrastando animosamente o traseiro sobre a terra para ficar mais perto de Ringo. – Pois eu, a primeira coisa que faço ao chegar é arrancar-lhe a flecha envenenada e chupar o sangue, e claro, para chupar...

– Com um caneco, o que este pede! – corta o *Batata*.

– Puaff! – protesta Roger. – Outra vez a história da flecha envenenada e do Quique afocinhado na mama.

– E depois? Calha-me a mim fazê-lo porque sou o primeiro a chegar!

– Ouve, em quem é que tu pensas quando bates uma, Ringo? – pergunta o *Batata*.

– Eu pergunto uma coisa – diz Julito Bayo com a sua voz aguda. – Vamos lá a ver, pá. Que faz um piano no meio do deserto?

Ele já esperava aquela pergunta e responde de imediato.

– É como uma miragem. Nunca viste uma miragem?

– Oh, com franqueza, claro que sim. Mas é que tu, como agora te deu para aprender solfejo, em todas as aventuras metes o mal-fadado piano. E outra coisa. Porque é que a prisioneira há de ser a Violeta, sendo tão feia como é?

– Tu não regulas bem, puto. Os índios não sabem que é feia.

– Mete-la sempre nas tuas aventuras, porque as bates sempre a pensar nela, não digas que não. Mas é muito feia e maljeitosa. E ainda por cima surda.

– Nada disso – diz Roger. – Se reparares bem, a gaja tem o seu quê.

– É um bocadinho badalhoca – argumenta o *Batata*.

– E o que é isso?

– Porcalhona. Cheira mal dos sovacos.

– Lá um bocado surda, é – diz Roger –, mas já a vi dançar agarradinha, e caraças, pá! Deixa roçar!

– Porque é que os apaches não apanham a Virginia em vez da Violeta? – diz Julito. – Caraças! Já a viram com a camisola amarela?!

– E porque não a Jane Parker, a miúda do Tarzan? – sugere o *Batata*.

– Eu cá punha a Diana Palmer, a namorada do Fantasma – diz o Cazorla mais novo.

– Eu cá, a June Duprez – diz Rafa. – Ou a Esmeralda, a Cigana.

– Para mim a Violeta já me serve – diz o Quique *Cola-Tudo*, boca desdentada, crista de pássaro louco. – Começámos com ela, não foi? Além disso, quem conta é que manda.

O Quique sempre mostrou preferência pela filha da senhora Mir. Um domingo do verão anterior encontrou-se com ela na plataforma apinhada de um 39 que ia para a praia da Barceloneta e manobrou até conseguir encostar-se ao seu traseiro, e estando assim os dois, prensados no elétrico como sardinhas em lata e sem se poderem mexer, segundo contou depois, tinha-lhe enfiado a pila entre as nádegas e a rapariga deixara durante um bom pedaço. Embora a seguir na praia ela nem sequer tivesse olhado para ele, e desde esse dia começasse a chamar-lhe o *Cola-Tudo*.

Violeta continua amarrada ao poste com a flecha cravada não exatamente no peito, de acordo, não no mamilo, porque nessa altura o sangue envenenado poderia misturar-se com o leite e morreria de imediato. Tem-na cravada um pouco mais acima, quase no ombro. Estamos de bruços em cima do tejadilho da diligência e rodeados de apaches a cavalo, eu sou Ringo Kid e disparo a minha espingarda contra Wungo-Lowgha... Faz uma pausa e recapitula: Não sabemos se rasgaram o vestido à Violeta ao apressá-la, nem o que lhe vão fazer, logo se verá, diz, e não se descose sobre esse particular que tanto interessa a alguns. A única coisa certa é que os apaches de Jerónimo a raptaram e ninguém conseguiu impedi-lo, nem Winnetou nem Wild Bill Hickok, nem Destry, nem Ringo Kid, nem tu, diz ao *Batata*, nem vocês, adverte os resignados irmãos Cazorla, nem tão-pouco tu, Julito, acrescenta fitando com dureza o aluno do Palacio de la Cultura. E remata em tom misterioso:

– Brevemente acontecerá uma coisa extraordinária. Fim da primeira parte.

– Co’a breca! – exclama Julito, muito descontente. – Sabes o que te digo?

Que espeto um murro ao Winnetou e piro-me.

– Nada disso. O Winnetou é nosso amigo e aliado.

– Eu era capaz de ir até onde a miúda está e salvá-la! – oferece-se o *Cola-Tudo*.

– Não. O teu cavalo partiu uma pata.

– Mas eu salto depressa e desamarro-a do poste, e ela corre pela praia e despe-se e atira-se ao mar para tirar as pinturas de guerra, mas nessa altura vem uma onda gigante e eu salvo-a...

– Não, não, Quique – corta ele. – Não acontece nada disso. Tens de esperar.

Recapitula novamente: seguiram a pista com a ajuda de Bill e do seu avião e a seguir, depois de alcançarem a costa do Arizona a nado, todos juntos cavalgam em pelo cavalos brancos pela extensa praia da reserva índia, onde os apaches têm o acampamento, e de repente o Quique fica para trás. Nuvens amarelas descem pela Montanha de Ouro, diz, fixando a vista nos ramos de giesta. Estamos em maio, e a floração da giesta circunda a colina com anéis de ouro. Por baixo da neblina e ao longe, para lá do Cottolengo del Padre Alegre, Barcelona estende-se em direção ao mar como água da chuva empoçada e suja, e lá em cima, por sobre as suas cabeças, no céu esbranquiçado, um pesado papagaio com bolas amarelas baloiça e range ao vento com um riso de cristal, dando bruscas cabeçadas porque o fio é desajeitadamente manejado do cume da montanha Pelada por mãos inexperientes.

– Estás a situar-te? – inquire de novo o narrador. – Ao saltar da falésia para a praia, o teu cavalo parte uma pata. E é preciso matá-lo, bem sabes. E neessa altuuura...

– Isso não joga, Ringo – protesta o Quique. – Porque é que há de ser o meu cavalo? Porque não o teu, ou o do *Batata*?

– Carambolas, não é nada disso, nada! – protesta Julito Bayo meneando a

cabeca com a impecável risca ao lado. – Aqui há muitas mais coisas que não jogam, pá.

É a sua segunda objeção à maneira como decorre uma aventura na qual até agora ele mal interveio, não lhe foi atribuída nenhuma missão audaz, e portanto não lhe agrada. A verdade é que as aventuras do miúdo de Berta não são muito apreciadas na seita, não costumam ser como as que agradam à maioria: sempre repletas de perigos e de furiosos embates do destino ou do acaso, descomunais catástrofes, ciclones e tornados, gigantescas ondas e naufrágios no alto mar, traiçoeiras areias movediças ou refinadas torturas chinesas com os quais têm de se confrontar continuamente com valentia e risco da própria vida para salvar a rapariga no último minuto. Quase nunca, nas minuciosas invenções de Ringo, se veem fisicamente implicados em façanhas e desafios em grande, afrontando perigos à beira de despenhadeiros e falésias de vertigem, ou metidos em terremotos devastadores como o de São Francisco, pavorosos incêndios como o de Chicago ou furiosos furacões como o de Suez, que tantas vezes apreciaram no cinema. Há alguma coisa disso em todas elas, mas aparecem sempre pontualmente coisas estranhas, como um piano no meio da tempestade do deserto, um pássaro que fala, ratos azuis a saltar entre as pernas do pai, o senhor Sucre e o capitão Blay a beberem cafés com cheirinho no convés da Bounty ou no jardim paroquial de Las Ánimas, ou até ele próprio a fugir pelos corredores do luxuoso Hotel Ritz perseguido por ladrões de diamantes ao ir entregar joias muito valiosas a uma hóspede rica e formosa. Segretos nexos, insidiosos e perduráveis, lastram persistentemente todas as suas histórias com lances demasiado enquistados na realidade, sempre inoportunos e extravagantes, sem a menor lógica aventureira, façanhas eriçadas de pontas soltas e de personagens que finalmente se tornam fantasmais. Quanto mais reais e reconhecíveis, mais estranhas e espectrais.

– Nessa altura – prossegue, fitando o incrédulo Julito –, tu saltas do camião do teu pai, que leva uma carga de espingardas Winchester, e juntas-te ao Winnetou. E o Winnetou diz: Old Shatterhand e o seu cavalo de prata esperam-nos para o grande combate na Montanha de Ouro. Esta montanha é sagrada para os apaches...

– Já sabemos que é sagrada – atalha Julito.

– ... e Old Shatterhand, em língua índia, quer dizer punho forte...

– Já sabemos isso. – Julito, cada vez mais danado. – Continua. O que é que acontece comigo?

– Sais logo a disparar a tua Winchester e com o teu punhal à cintura.

– Entre os dentes, pá. Eu ando sempre com o punhal entre os dentes.

– Bom, entre os dentes. Mas tu não cavalgas pela praia para te juntares a nós.

– Ah não? E porquê?

– Porque tu cavalgas dia e noite até ao Forte Apache em busca de auxílio. E neessa altuuura – prossegue, fechando de novo os olhos, demorando-se ao

não ver saída –, neessa altuuura, um grande vento ciclone levanta...

– É ciclónico que se diz.

– Levanta a tampa do piano, e o piano toca sozinho. Não há ninguém a tocar mas ouve-se, toca o *Concerto de Varsóvia* e por cima do teclado passeia-se uma aranha negra. Nessa altura, o Winnetou empunha o machado Tomahawk, porque soou a hora do malvado Wungo-Lowgha. Winnetou! Demónios! – exclama Ringo, copiando de memória uma passagem do romance. – Só o grande chefe dos apaches é capaz de seguir o *Cola-Tudo* pela praia sem que este dê por isso!

Quique *Cola-Tudo* escuta com expressão receosa e, abraçado aos joelhos, avança um pouco mais, arrastando os fundilhos das calças pela terra cinzenta. Vai calhar-me o papel de traidor?, pergunta a si mesmo, alarmado, e sugere uma alteração:

– Ouve, Ringo, olha uma coisa, se eu cavalgar muito perto do mar, onde a areia molhada é mais dura, o meu cavalo já não partia a pata...

– Sim, está bem, boa ideia.

– Caraças, pá, que importância tem a pata partida! – protesta Julito. E, encarando o narrador com um sorriso trocista: – O que não funciona é outra coisa que eu cá sei.

– Qual coisa?

– Uma argolada das tuas.

– Argolada? Que argolada? – e, alertado, lança rapidamente a mão à anca.

– É que os apaches não podem acampar frente ao mar.

– Ah não? E porque é que não podem, espertinho?

– Porque o Arizona não tem mar nem praia. Eu vi num mapa.

Ele crava-lhe um olhar cintilante e fica uns segundos em silêncio. Sente-se repentinamente roubado, usurpado. Uma vez mais Julito Bayo, que sempre teve filáucias de cabecilha, quer desprestigiá-lo perante os outros. Que fazer? Escondido no barril de maçãs, Jim Hawkins assoma a cabeça e sorri-lhe: Não permitas que este pacóvio te estrague a aventura! Ringo tira do bolso um canivete e traça cinco misteriosos riscos paralelos na terra de ninguém, no meio da seita.

– E depois? – diz por fim. – Eu posso fazer com que haja uma praia onde quiser que haja uma praia.

– Não podes nada, pá.

– Ah isso é que posso.

– Não podes nada. – Julito olha-o fixamente. – Quantas patas tem um cavalo?

– Um cavalo? Porquê?

– Responde.

– Quatro.

– Exato. Tem quatro patas. E não podes fazer com que tenha cinco. Percebes?

– Bom, e depois?

– Como e depois? Poça, que escorregadela a tua, pá! Se não há mar, não temos praia, e então a reserva apache não pode ficar onde tu dizes, topas?, e também não podes ter a miúda amarrada a um poste cravado na areia, porque não há areia! Topas? E nessa altura também não há nenhuma falésia, nem nadamos no meio das ondas nem cavalgamos perto do mar nem nada disso, poça! – Julito faz uma pausa, sorrindo trocista e vitorioso. – Será que nunca viste um mapa, ou pensas que somos tão burros como tu, que nem sabes onde fica a América?

Ringo sente que a realidade irrompe no seu território como a onda de choque que se segue à explosão, mesmo que seja uma explosão muito longínqua e inaudível, e lhe arrebatava qualquer coisa das mãos. Guarda o canivete e observa os riscos no pó. Cinco. Ninguém da seita sabe que o pentagrama tem cinco linhas, ninguém mais senão ele. Cala-se e fecha os olhos. Mas não está a pensar num remendo urgente na paisagem da aventura, já não há tempo para isso; está a pensar neste marrão e ressabiado aluno do Palacio de la Cultura que tem na frente, neste miúdo de cabeça penteadinha e falar alambicado, e imagina-o embevecido diante de um mapa-mundo a cores pendurado na parede da sua aula. Sabe que o marrão se apresta agora mesmo a delimitar o território real vangloriando-se perante a seita, e resigna-se tranquilamente a isso.

– O Arizona confina a sul com o México, a norte com o Utah, a leste com o Novo México e a oeste com a Califórnia – entoa orgulhosamente Julito Bayo, e põe a cereja no topo do bolo: – E a capital é Phoenix. É verdade que há um deserto e muitos tornados e tempestades de areia, mas olha, agora quem vai continuar a tua aventura somos nós porque da maneira como a contas não se percebe, pá, nem sabes as calinadas que dás. – E para os outros, com o queixo espetado: – Vamos, não sejam parvos. O Ringo não sabe o que diz, valeu?

Encolhem os ombros. Querem lá saber se o Arizona tem ou não uma praia, no fim de contas o Oeste Selvagem é um território do cinema que eles fizeram seu e no qual podem fazer o que lhes der na veneta. Deixá-lo, dizem com o gesto, que importância tem a praia vir no mapa ou não vir no mapa? Suspeitam que Julito está a vingar-se por ter sido enviado ao Forte em busca de auxílio, e certamente também por recear que no final, depois de terem enfrentado os apaches e resgatado Violeta, o traidor venha a ser ele. Há sempre um traidor, mas a única coisa que verdadeiramente interessa é saber quem será o escolhido para libertar a prisioneira amarrada ao poste.

– Terás de levar a miúda para outro lado, aí não dá, não há nenhuma praia – acrescenta Julito.

– Mas não me apetece.

– Então esta merda de aventura acabou e começamos outra.

O Quique insta Ringo a continuar, mas ele já se levanta, sacudindo as calças, e a seita volta a fechar-se deixando-o de fora.

– Está bem, então fiquem para aí.

Com as mãos nos bolsos e uma fria altivez, o narrador aparta-se da seita e mete por um dos carreiros, subindo muito devagar a encosta, sem se afastar muito. Voltará, mas antes quer sentir-se excluído e repudiado durante um pedaço, quer saber-se vítima de um mal-entendido e ver-se desterrado, solitário, saboreando uma insubornável independência com o seu misto de raiva e melancolia enquanto, de cima, observa os seus amigos sem ser visto. Despreza o presumido herdeiro das «Mudanças Bayo Mais Veloz Que Um Raio», merecia uma lição e agora mesmo lhe daria porrada, mas sente pelos outros, por estes *charnegos*,¹ cândidos e analfabetos que não receiam alhear-se da geografia real, nem nas aventuras nem na vida, uma secreta fraternidade.

Situada entre as frondes do Parque Güell e os contrafortes deprimidos do monte Carmelo, esta colina a que chamam a montanha Pelada é um escuro promontório de escassa vegetação e desprovido de árvores, com um ou outro buraco ocasionalmente habitado por vagabundos. Da sua inóspita nudez emana um ar de marginalização e castigo, como se a colina não fosse outra coisa senão uma submissa terra de aluvião à beira das pretensiosas e celebradas formas do vizinho Parque Güell. Em maio florescem nas suas encostas a alfazema e a giesta e em junho uns poucos ramos de tomilho e rosmaninho, mas no resto do ano é um sequeiro do qual até os lagartos fogem. Agora já não o faz, mas no ano passado a seita ainda procurava búzios e conchas e moluscos incrustados em algumas rochas, porque Julito Bayo tinha jurado que o professor de História do seu colégio dizia que a montanha estava cheia de fósseis de mamíferos, carapaças de tartaruga e restos de mamute. Algumas grutas são pré-históricas de verdade, dizia Julito, fazendo alarde de estudos. Um vento suave e cálido transporta até aqui acima um acre cheiro a borracha queimada que provém, provavelmente, do fumo que plana sobre o enxame de barracas que se divisam não muito longe, debaixo da última curva apertada da estrada do Carmelo. Pensa em miúdos de cabeça rapada e olhos furiosos a queimar pneus de camião e colchões apodrecidos. Um pestanejar mágico, e o fumo expande-se ameaçador, negro como a fuligem, sobre o grupo do qual foi expulso.

Conforme continua a subir, pisa uma terra cada vez mais cinzenta e erma. Não se vê ninguém. A meia altura da colina, onde o terreno é mais abrupto, no dorso liso de uma rocha calcária semienterrada que se confunde com a terra, há três degraus talhados à mão.

– Olá, enigma – sussurra.

Junto ao último dos degraus brota um ramo de alfazema. Perfeitamente simétricos, de um pouco mais de dois palmos de largura e bastante desgastados pelas chuvas e pelos pés folgazões da seita, os três degraus surgem imprevisivelmente do nada e trepam pela colina, na direção do nada e para nada. Sempre que se depara com eles, estaca, sentindo-se no umbral de um labirinto cuja saída poderia ser uma sepultura. Houve qualquer coisa que se extinguiu não muito longe daqui, qualquer coisa cujo segredo jaz enterrado sob a sossegada simetria destes degraus e da sua rigidez de lápide. O pai dos

Cazorla, que é pedreiro e anos atrás tinha trabalhado nas pedreiras do sopé do Carmelo, contava, meio a sério, meio a brincar, que há muito tempo ouvira falar de um jovem camponês recém-chegado de uma aldeia andaluza para trabalhar na mesma pedreira, hoje abandonada, e que esse jornalista adolescente, levado por uma repentina casmurrice, tinha começado a lavrar com o cinzel uma escada que chegaria à casinha que pensava construir um dia para ele e para a família, mas tivera de deixar a obra a fim de ir para a guerra; e que um Natal que viera de licença da frente retomara o trabalho vestido de soldado, mas, precisamente quando tinha acabado o terceiro degrau, o inimigo chegara às portas da cidade e o jovem canteiro fora morto a tiro aqui mesmo, com o martelo na mão.

Uma tarde a seita toda andou à procura de cartuchos de bala e manchas de sangue nos degraus e nas rochas em redor, mas as manchas tinham-se apagado ou não souberam vê-las. Outro dia, ao arrancar um ramo de tomilho, o mais velho dos Cazorla desenterrou a sola de um sapato ou de uma bota apodrecida e um par de botões. Escavaram muito tempo, mas não tiraram mais nada. Tempos depois o Cazorla mais novo anunciou que tinha encontrado um martelo partido debaixo de umas pedras. Claro, poderia estar enterrado por aqui, arriscou Ringo, e Julito protestou: Quem é que vai acreditar nessa história, pá? E o Quique, expectante: Onde poderia estar o morto, Ringo? Aqui, debaixo dos meus pés? Debaixo dos teus pés, sim, aqui mesmo!

Agora passa de largo para se sentar um pouco mais acima abraçado aos joelhos e observar lá em baixo o grupinho de cabeças rapadas, exceto a acatitada e untuosa de Julito Bayo, que todos escutam em silêncio. Com certeza Julito iniciou a sua aventura com uma música de filme de terror, tolamente ameaçadora, tipo *Agarra-me Esse Fantasma*, pensa. Com certeza é de noite e há uma grande tempestade com trovões e relâmpagos, com certeza um sinistro *dakoi* a esgrimir um punhal enfia-se silenciosamente no quarto de Virginia French na sua torre da Rua de las Camelias, e o Quique esconde-se atrás de uma cortina, à espreita do *dakoi*. O próprio Julito escala a fachada no encalço do pérfido oriental, e os Cazorla também estão de atalaia. Com certeza toca o telefone e Virginia acorda na cama e a sombra do chinês maligno com o punhal paira sobre ela, que se ergue e solta um grito... E punha os tomates num cepo se o Quique não perguntar se a miúda veste uma camisa de noite transparente.

Contempla a cidade que se estende até ao mar sob uma levíssima neblina e aperta os dentes. Aqui em cima está em guerra com o mundo, não com os malignos *dakois* nem com os guerreiros apaches. Por um momento, reparando na esfumada linha do horizonte que cobre os edifícios, parece-lhe estar a contemplar uma cidade submersa debaixo do mar, mais remota e improvável que uma praia do Arizona. Por cima da sua cabeça, no céu azul, o papagaio vermelho com bolas amarelas está a perder altura e continua a dar guinadas, agitando a cauda com violência e ameaçando cair em voo picado. O comprido

fio, seguro pela invisível mão que não faz nada para o dominar, retesa-se ou arqueia-se consoante os embates do vento. Mãos de menina, pensa, e nesse momento, ao baixar a vista, descobre a senhora Mir a subir animosamente pelo carreiro, com a saia estampada muito justa, a sua blusa preta decotada e sem mangas e a sua alcofa de ráfia. Traz sapatos rasos, um lenço verde na cabeça e óculos escuros de armação branca. Vai trepando a colina devagar, sem fôlego, gorducha e com a mão na anca, parando de vez em quando. Em torno dos seus tornozelos grossos, fofos e rosados, duas pequenas borboletas brancas revoloteiam, perseguindo-se. Passa ao seu lado sem olhar para ele e segue o seu caminho encosta acima.

– Olá, senhora Mir.

Não ouve, ou não quer ouvir a saudação. Desaparece de repente perto do cimo, depois de parar para cortar um ramo de giesta. Quando ele sobe pouco depois, já não a vê em parte alguma. Poderia estar na outra vertente da colina, onde abundam o tomilho recém-florescido e o orégão, mas para isso teria de ter caminhado muito ligeira, de forma que o mais certo é que esteja nalguma caverna com o homem que a esperava. Não há mais ninguém ali à volta. Dessa vertente da montanha pode ver a zona de Vallcarca e a ponte dos suicidas, e agora também descobre, não sem surpresa, que o fio do papagaio que divisava lá de baixo não é seguro por ninguém, mas está amarrado a uma pedra bastante grande num extremo do pequeno trecho soalheiro que coroa o cume. Mas não há ninguém perto. Ouve crepitar sobre a sua cabeça o papel do papagaio abandonado no ar, como se o forte vento o fizesse arder. Espreita os arredores e continua a não ver ninguém. Tira a navalhinha do bolso e corta o fio. O papagaio liberto retrocede, impelido pelo vento, e precipita-se no solo de cabeça.

Enquanto desce acaba de unir as pontas soltas, e ao chegar interrompe a aventura de Julito Bayo e reclama a atenção da seita.

– Estão cegos ou quê? – Posta-se diante do seu rival, com os braços nos quadris. – Não viram passar por aqui a mãe da Violeta? Pois neste momento está na caverna do Mianet com um homem... Não sabem como eles fazem para se encontrar em segredo e sem que ninguém saiba, pois não? – Uma pausa para se sentar cruzando as pernas, abrindo um espaço entre os irmãos Cazorla. – É muito simples. Ele põe um papagaio vermelho e amarelo a voar e, quando o tem muito alto, ata a corda a uma pedra e vai para a caverna e fica calmamente à espera.

– À espera de quê? – pergunta Julito, abespinhado.

– Adivinha.

– O que é que eu tenho de adivinhar?

– Quando a senhora Mir vê aquele papagaio amarelo e vermelho no céu, sabe que estão à espera dela e vem o mais depressa que pode. O papagaio é o sinal, malta! Sim, claro, ela vem apanhar ervas para as suas fricções e tudo isso, mas não passa duma desculpa. Vem para estar com este homem, que é o amante secreto dela.

– Poça! – exclama o Quique. – E que fazem eles agora na caverna?

– O que é que tu achas? Estão a foder, pá. Eu vi com estes dois.

– A sério?

– Bah. Ela é uma pega, toda a gente sabe, e além disso está passada da cabeça – diz Julito Bayo desdenhosamente, sabendo-se derrotado.

– E quem é o fulano? – pergunta Roger. – Conhecemo-lo?

– É capaz de ser aquele canteiro que fez a escada – diz Ringo.

– Eh lá, pá! – corta Julito. – Não dizias tu que ele está enterrado lá em cima? Não lhe deem ouvidos, está a inventar tudo... Além disso, não seria nenhuma novidade. Já não se lembram daquele dia que subimos para ver as baterias antiaéreas no Turó de la Rovira e a vimos às beijocas com um gajo atrás do muro...?

– Sim, mas deixa o Ringo falar – atalha Roger.

– Isso, isso. O que é que aconteceu na caverna? – inquire o *Batata*.

– Bom, não sei se devo contar-vos tudo o que vi...

– Viste-lhe a rata e as mamas?

– Mais que isso. Muito mais. Mas vocês não vão acreditar...

– Eu não – apressa-se a dizer Julito. – Nem uma palavra.

– Pois eu sim – replica o Quique. – Acreditamos em ti, Ringo. Conta lá!

Os outros partilham a curiosidade do Quique e de repente são todos ouvidos, mas, embora se esforcem por imaginar alguns pormenores que o narrador só deixa entrever, acontece que, tratando-se da madura e anafada senhora Mir, cujo rabo e andar provocador só os levam a rir, a cena oferece escassas possibilidades para excitação, e o testemunho de Ringo não tarda a esgotar-se. Em qualquer caso, o crédito que Julito Bayo lhe tinha negado acaba de ser novamente restituído.

Pouco depois, Roger propõe uma incursão às ruínas de Can Xiro, situadas um pouco mais acima na colina e confinantes com o Parque Güell.

– O último a chegar é maricas!

Na antiga casa rústica abandonada, mergulhada no silêncio das derruídas paredes de argamassa e das carcomidas vigas de madeira invadidas por silvas e mato seco, o bando reagrupa-se na borda de um talude íngreme ao qual se agarra um inóspito emaranhado de arbustos e convoca perigos, confusas emoções e pactos secretos com o futuro, vingando-se cruelmente em lagartixas e gafanhotos e confabulando para atrair até aqui, um dia não muito distante, uma namorada que se deixará apalpar. Um pouco mais acima, junto das derruídas pedras do estábulo, uma tília profusamente florida, luminosa como um candeeiro ao ser toucada pela luz do ocaso, inclina-se sobre a cidade. Sentada debaixo desta árvore, os garotos viram uma ou outra vez a gorda a arrumar as suas ervagens na alfofa e certamente à espera de alguém. Agora, em julho, a frondosa ramagem da tília emite o zumbido constante e poderoso de milhares de abelhas e insetos atraídos pelas corolas, e eles nem se aproximam. Entre as paredes negruscas do que foi a cozinha da casa cresce um loureiro silvestre, e Ringo corta um raminho para a mãe e pendura-o no

cinto.

Ao entardecer descem de novo para a estrada do Carmelo. Da esplanada em frente da entrada norte do parque, demorando-se mais algum tempo para continuar a pontapear o que resta da bola de trapos, veem-na lá em cima na colina, sentada nos três degraus que sobem para nenhures, com a sua alcofa de ráfia na qual assoma o tomilho florido, e a ver-se a um espelhinho de mão enquanto pinta os lábios com o batom. A seguir alisa o cabelo e expurga-o cuidadosamente de alguma aderência, cobre a cabeça com o lenço verde e ata-o debaixo do queixo, põe os óculos escuros e levanta-se, sacode a saia e empreende a descida da colina vendo atentamente onde põe os pés.

Quando pouco depois passa junto deles a caminho da Praça Sanllehy, uma longa parábola da desfiada bola expressamente chutada por Roger acaba por lhe embater no flamante traseiro. Boa pontaria, pá, diz o Quique, e todos se torcem de riso. Porém a senhora Mir nem sequer se volta para os olhar; para um instante e responde com um zombeteiro meneio das ancas. Então Ringo afina a pontaria e lança outra bolada ao insolente rabiosque. E agora sim, agora para, tira os óculos escuros e lança aos miúdos o olhar errático de uns olhos que já vinham a chorar quando descia da colina. Abanando suavemente a cabeça e com um sorriso tristonho, repreende-lhes a conduta, enquanto Ringo se finge distraído olhando as nuvens.

1 Nome dado na Catalunha aos emigrantes de outra região que não falam catalão. (*N. do T.*)

UM ENVELOPE COR-DE-ROSA

Será durante vários dias o pratinho do bairro. Tão grande foi o desgosto desta mulher, tão tremendo e tão insuportável o desaire amoroso, que até lhe fez perder o sentido da realidade sobre uns pedaços de carris imprestáveis? O despropósito parecia demasiado evidente. O facto de encenar publicamente um suicídio não quer dizer que desejasse bater a bota a valer, diziam no bartasca Rosales; não daquela horrível maneira, pelo menos. Tendo em conta que em assuntos do coração a senhora Mir era desprovida do menor sentido do ridículo, conveio-se que aquilo que sucedera era outra das suas tretas melodramáticas destinada a prender o amante com rédea mais curta, enciumá-lo e fazê-lo voltar ao redil; tinha feito *bluff* com um arrufo de amante despeitada, uma artimanha teatral e sem dúvida muito espampanante, mas não havia razão para alarme. Devia certamente sentir-se muito ofendida e desgostosa, e tudo parecia indicar que ela própria dava por certo que o fulano não voltaria para junto dela, mas mesmo assim, por muito desesperada que estivesse e por maior que fosse o desengano e o desvario a seguir à disputa, custava a crer que pensasse sequer por um momento que ia ser atropelada por um eléctrico naquela rua onde desde há anos não passava nenhum. Comentou-se também que o aturdimento ao sair de casa lhe fizera perder a orientação e metera pela rua acima em lugar de ir rua abaixo, até à Praça Rovira ali próxima, onde circulam efetivamente eléctricos: o 30, o 38 e o 39. Em qualquer caso, a infeliz artimanha só podia ter uma finalidade: fazer chegar ao amante, onde quer que pudesse encontrar-se naquele momento – em casa dela, onde acabavam de discutir, segundo algumas vizinhas, e por isso a espertalhona dirigia tantos olhares à varanda, embora mais tarde se dissesse que nessa altura já o tinha posto na rua –, um dramático aviso daquilo que pensava fazer a sério um dia por culpa dele. Quer dizer, que de nenhum modo queria deixar-

se esmagar por um elétrico, só desejava ardentemente que ele soubesse que estava muito disposta a fazê-lo.

Mas tudo isso importava bem pouco a Ringo. Na realidade, durante estes dias tão repletos de inesperados acontecimentos, não tivera ocasião nem vontade de parar a pensar nos ridículos amoricos desta senhora. A vida dos outros, se os outros não estão nos filmes ou nos romances, merece-lhe apenas uma olhadela por cima do ombro e uma consideração aborrecida. Em contrapartida refletiu muito sobre o esmagado dedo do destino, o dedo que perdeu. Está sentado a uma mesa do Rosales com o braço direito ao peito e a mão ligada, a ler com muita atenção o livro que acaba de abrir sobre o caderno de solfejo, também aberto. Pediu um copo de cerveja e bebe sem desviar os olhos do livro. A esta hora, três da tarde, não há mais ninguém no bar, salvo Francis Macomber e Wilson e Margot, que discutem ao seu lado com a boca seca, e suam copiosamente, e bebem *gimlets*, misturando as suas vozes fantasmais e os seus inconfessáveis anseios com os rumores da selva.

A senhora Paqueta, irmã do taberneiro, uma solteirona madura e animosa de rosto másculo e olhos vivazes, afadiga-se atrás do balcão a lavar anchovas debaixo do jato da torneira, e de vez em quando fita com curiosidade o solitário freguês. Miúdo estranho, pensa, pouco sociável, rude, talvez tímido, quase nunca ninguém o vê com outros rapazes da idade dele quando vêm, ao cair da tarde, jogar matraquilhos ou o dominó cruzado. Sempre que o vê, como agora, sentado a esta mesa junto da janela e absorto na leitura, com os seus quinze anos e tão sério, julga que se pôs a ler porque se aborrece, ou porque se sente só, e vê-se obrigada a dar-lhe conversa.

– Então? O que é que contas? Como está a tua mãe?

– Bem – responde ele mergulhando a cabeça entre as páginas do livro.

– Cheia de trabalho, imagino. Que remédio, coitada. E entretanto o descarado do teu pai, como é? Que faz essa bela peça? – insiste a taberneira, risonha, fitando-o com picardia. – Já está em casa ou anda por aí a caçar ratos e a armar zaragata? Que rico elemento! Embora simpatia tenha de sobra, lá isso é verdade.

Prefere não responder e internar-se mais na planície selvagem e remota.

A uns trinta metros de onde começavam as ervas altas jazia o leão, espalmado contra o solo. Tinha as orelhas caídas e o único movimento que se permitia era sacudir para cima e para baixo a sua longa cauda de pelo preto. Pusera-se em guarda mal chegara àquele esconderijo...

O bar-tasca Rosales é uma das tabernas mais antigas do bairro. Tem um pavimento gasto e desnivelado de ladrilhos pretos e brancos e um velho balcão de alvenaria revestido de cerâmica, cujos cantos e bordo superior imitam rugosos troncos de pinheiro feitos com argamassa e pintados de cor castanha, com nós e veios muito convincentes. O balcão foi remodelado pelas suas próprias mãos pelo taberneiro, o senhor Agustín, que tinha sido pedreiro com ideias e gosto para a decoração, e no seu tempo a obra merecera rasgados elogios da freguesia pela sua grande parecença com troncos a sério, mas a

senhora Paqueta detesta aqueles troncos porque a casca lenhosa, tão admirada, acumula pó e sujidade e está mais que farta de os esfregar com lixívia e uma escova. A um lado do balcão há cinco grandes tonéis de vinho, três em baixo e dois em cima, e alguns barris de licores igualmente para venda a granel, e do outro lado, três mesas de mármore retangulares com pés de ferro fundido e encostadas à parede com azulejos a meia altura, onde uma janela, provida de uma velha persiana descorada, se abre para a Rua Torrente de las Flores. Ao fundo, o estabelecimento afunila e escurece à volta de uma mesa de matraquilhos debaixo de um candeeiro de abajur verde, agora apagado, que há dois anos iluminava uma mesa de bilhar. O negócio apoia-se mais na venda a granel que no serviço e consumo nas mesas, e os fregueses habituais que vêm passar ali um bocado contam-se pelos dedos, sobretudo aos dias de semana. Da rua, lançando uma olhadela ao passar, costuma ver-se na penumbra o arqueamento predador de uma silhueta diante do balcão, a sombra instável de algum bebedor solitário e paciente com o seu copo de vinho na mão, mas, salvo os quatro ou cinco vizinhos viciados no dominó cruzado e no tute de leilão aos sábados e domingos à tarde, os mesmos que nas noites de verão pegam no seu tamborete e numa cerveja fresca e se sentam no passeio, ou os jovens pertencentes a seitas que se juntam ruidosamente em torno da mesa de matraquilhos antes de se dirigirem ao baile da La Lealtad ou ao Verdi, a taberna é um odorífero ninho de sombras e silêncio.

Quando a senhora Mir entra, Ringo inclina ainda mais a cabeça sobre o livro e termina o parágrafo do leão ferido.

Todo ele, dor, náusea, ódio e todas as forças que lhe restavam, se retesavam numa concentração absoluta para quando fosse preciso atacar.

– Olá, Vicky, como vai isso – diz a taberneira.

A senhora Mir deposita uma água de sifão e uma garrafa vazia sobre o balcão.

– Vai-se andando.

– Há dias que não te via, bolas. E se soubesses o que tenho para te dizer!

– Esta água de sifão que deste à minha filha não presta.

– Tenho uma surpresa para ti, Vicky. Estava à tua espera...

– Aperta-se e não sai nada, olha.

– Não fui eu que lha dei, com certeza. Eu experimento-as sempre antes.

– Então deve ter sido o teu irmão, que diferença faz.

– Bom, eu dou-te outra. Mas escuta...

– E pões-me nessa garrafa um litro de branco.

– Pois sim, mulher! – E com a voz melosa, em tom confidencial: – Agora tenho de te dizer uma coisa que te interessa, queridinha, e muito.

A senhora Mir parece não a ouvir. De súbito lançou a cabeça para trás, dobrando as costas e enroscando-se um pouco, num rebuscado gesto de abandono e garridice, toda uma tramoia equilibrista para fitar a barriga da perna, deitar a língua de fora, ensalivar o dedo médio e esfregar uma mancha na pele lisa por baixo da curva da perna. Fá-lo com uma afetação cansada e

melindrosa, com o pestanejar dos olhos que se afigura a Ringo hilariante. Uma mulher assim não deveria permitir-se tais coisas, pensa: é curta de perna, é feia, tem demasiado rabo, demasiados pelos nas axilas e demasiado batom nos lábios. E aquelas pestanas impossíveis, com a sua borradeira cor de violeta, e aquela postura mamalhuda para o piropo de rua, e aquele indício de frustração e desengano que lhe assoma aos olhos quanto mais se esforça por agradar. Passou uma semana desde que se fez de morta em cima de uns carris do tempo da Maria Cachucha, e continua a viver nos tempos da Maria Cachucha e a cobrir-se de ridículo.

Ao endireitar-se descobre o rapaz açaçapado sobre o livro.

– Tu és o filho da Berta, não és? – O pestanejar cordial e frenético dos seus olhos precede uma espécie de desculpa. – Bom, quero dizer o filho adotivo da Berta... Andavas a estudar para músico e tiveste de o deixar, bem sei. – A sua voz áspera contrasta com o semblante risonho de bonequinha roliça. Repara na faixa e na ligadura na mão. – Que é isso? O que é que te aconteceu?

Ele fecha os olhos e o livro ao mesmo tempo, protelando a sorte do leão ferido para melhor ocasião. Com ar de enfado põe-se a dedilhar sobre o mármore da mesa com os dedos da mão esquerda.

– Ufff...! – resfolga. – Foi um laminador que me apanhou o dedo.

– Meu Deus! Como aconteceu isso, onde?

Um pestanejar, não desejado desta vez, e a contorção lenta e ondulada do ouro laminado apanha novamente o dedo e os dois cilindros de aço engolem-no.

– Na oficina – responde com fastio.

– Oh, que horror! Bolas, lamento imenso, filho. Mas já estás melhor, não estás?

Não responde. Gostaria de deixar bem assente que ele não transige com a sua ordinarice e fealdade, e ainda menos com aquelas filáucias de heroína de romance cor-de-rosa que a senhora tem.

– Vicky – intervém a taberneira –, queres ouvir o que tenho para te dizer, sim ou não?

– Sim, sim, já vou. – Fita os dedos do miúdo a dedilharem velozes junto do copo de cerveja. – Devias beber orchata. Quantos anos tens?

– Vou fazer dezasseis.

– A tua mãe está boa? Que mulher tão boa e atenciosa. Dá-lhe cumprimentos da minha parte. Que, se precisar de mim, seja para o que for, é só dizer.

Levanta os braços ajustando a profusão de pulseiras e finalmente volta-se para a taberneira por meio de um animoso cruzar de pernas, e, embora sofra um ligeiro tropeção, recompõe-se de imediato e sem perda para o estilo, para a postura festiva e musical das pernas, naquela sua peculiar maneira de permanecer de pé diante do balcão, como se apoiasse o gordo traseiro sobre um invisível e alto tamborete ao balcão de um bar elegante. Julga que vive

num filme, pensa ele, e verifica uma vez mais que não gosta deste monumento à afetação e à pirose; não gosta da cor amarela dos seus caracóis, não gosta da sua boca de chupar ovo, da sua voz carnuda, dos seus ombros redondos e antigos, não gosta da maneira como ela segura a garrafa na axila, nem das suas mãos acrobatas e omnipresentes, nem daquele largo cinto branco que lhe realça as ancas e lhe empina os seios, nem dos seus sapatos de rameira com tirinhas douradas que deixam ver as unhas dos pés pintadas de roxo...

– Estás bem, Vicky? – pergunta a senhora Paqueta, vendo-a abstraída.

– Sim, sim. O que é que me estavas a dizer...?

– Trata-se duma coisa que nem imaginas! – Acabou de lavar as anchovas e dispõe-nas cuidadosamente alinhadas nos pires. Dirige ao adolescente que simula ler junto da janela um olhar preventivo, lamentando tê-lo tão perto, e engrossa a voz: – Uma coisa que te vai alegrar, mulher.

– A sério?

– Ontem estive aqui!

– Quem?

– Ora, quem? – Baixa ainda mais a voz: – O teu homem. Sentou-se naquela mesa do fundo e estive muito tempo calado. E muito desanimado, muito.

– Não me digas. – A senhora Mir fica pensativa. Ainda não decidiu se deve mostrar-se impressionada ou não. – Jurou que nunca mais voltaríamos a vê-lo.

– Mas veio. Passava pouco das três e meia da tarde, o Agustín tinha ido deitar-se um bocado e eu estava a arrumar o frigorífico, quando o vi entrar por aquela porta. E olha o que te digo, Vicky: não parecia o mesmo homem. Estava muito abatido. Disse olá, sentou-se, pediu o seu Picon e um copo de água e esteve mais de meia hora com a cabeça entre as mãos. Metia pena, palavra. Perguntou-me se te tinha visto passar, ou se a tua filha tinha aparecido por cá, e eu disse-lhe que não. Contou-me que esteve a bater à porta do teu andar durante uma hora e que não quiseste abrir.

– Mentira e grossa. Não saí todo o dia de casa e não ouvi nada, de maneira que é mentira. O que acontece é que não se atreve a dar a cara...

– Seria por isso. Porque eu disse-lhe que experimentasse tocar outra vez, que com certeza estavas em casa, mas nem me ouviu. Tirou do bolso uma caneta e perguntou-me se tinha papel de carta e um envelope, e eu disse que sim, que tenho, mas talvez ele não goste, porque são cor-de-rosa. É o único capricho que tenho, disse ao ver-lhe uma careta... Bom, o caso é que subi ao meu quarto e vim com meia dúzia de folhas e um envelope. E então vai ele e pergunta-me se lhe podia fazer o favor de entregar eu a carta...

A senhora Mir não deixa entrever nenhuma emoção.

– Por que caraças faria ele isso? E onde está essa carta?

– Já vais ver, quando já tinha quase uma folha escrita, depois de parar para pensar uma porção de vezes, vai e pega nela, faz uma bola de papel e mete-a no bolso. Escreveu mais duas, esforçando-se muitíssimo, e também as

amachucou e as guardou. Vê-se que a carta não lhe saía como ele queria, pela má letra ou lá pelo que fosse. Eu não me mexi daqui, mas vi tudo. Não provou o Picon e até se esqueceu de que o tinha pedido, porque no fim veio até ao balcão e me pediu um conhaque e disse não me sai, Paquita, não me sai, escrevo-lhe em casa. Bebeu o conhaque, e antes de se ir embora, sabes o que me disse?

– Como é que hei de saber, mulher?

– Olha, que mandaria alguém com a carta, e se eu podia fazer o favor de a entregar pessoalmente.

– Disse-te isso?

– Como estás a ouvir. Tive de lhe prometer que não te diria nada, nem sequer que ele tinha cá vindo. Mas já basta de segredinhos, não é verdade, queridinha? – A senhora Mir acena que sim com um sorrisinho de cumplicidade. – E a seguir foi-se embora, levando o envelope e as três ou quatro folhas que restavam...

– Ah sim? E para quem era essa carta?

– Mas tu não serás parva, nem nada? Para ti! Para quem é que havia de ser? Eu perguntei-lho, claro, mas nem foi preciso que ele abrisse a boca. No envelope irá o nome, creio que foi o que ele disse. O desavergonhado queria discrição, e é normal, não? E repara, o conhaque que ele pediu é aquele de que tu gostas. Nunca tinha pedido antes aquele conhaque de garrafa!

A senhora Mir pestaneja, confusa, acariciando o lóbulo da orelha.

– Sim, julgo lembrar-me de que disse qualquer coisa... Depois daquela horrível zaragata em casa, quando lhe pedi que nunca mais na vida voltasse a falar comigo, sabes o que disse? Olha, disse com toda a calma que ia partir para muito longe e que um dia me explicaria tudo. Mas naquele momento não acreditei nele.

– Porque não? Dá-lhe oportunidade de se fazer perdoar, mulher.

– Nenhum homem merece fazer-se perdoar por aquilo.

– E o que foi aquilo, Vicky?

Mergulhada nos seus pensamentos, sempre a ver-se num espelho complacente, a senhora Mir não a escuta.

– Sim, agora me lembro... É que houve uma grande escandaleira, sabes?, pus-me a gritar e a minha filha fechou-se na casa de banho com a toalha na cabeça, assustadíssima... Vi-o vestir o casaco e recolher as suas coisas da mesa de casa de jantar, o tabaco, os óculos escuros, o tubo de Efedrina para a asma, e as camisolas e as meias para os seus miúdos futebolistas, que lhe fazíamos o favor de lavar e remendar todas as semanas, vê lá se não nos portávamos bem com ele... E foi então que ele disse aquilo: será melhor que me vá embora, adeus, depois escrevo-te. Disse isso, sim. Eu estava no meio do corredor, sem me poder mexer, do susto, e senti que me faltava o ar, que ia desmaiar... E olha, abri a porta e saí disparada pelas escadas abaixo!

– Mas a discussão foi porquê? Que foi que ele te fez, Vicky?

A curiosidade cintila nos grandes olhos negros da senhora Paquita, que

espera em vão uma resposta, enquanto o rapaz baixa os seus com uma enfatiada resignação, ouvindo sem escutar. Fixa o olhar no teclado imaginário e prime o *dó*, o *mi* e o *sol* com o polegar, o médio e o mindinho, dedilhando os três ao mesmo tempo com bastante dificuldade, porque agora tem gravada na mente a mão nodosa e escura do senhor Alonso poisada fuzadamente no traseiro da senhora Paqueta, numa noite chuvosa do inverno passado que ambos vieram à porta do bar com um guarda-chuva que ela lhe emprestara para que não se molhasse ao atravessar a rua no caminho para casa da senhora Mir, e que ele abriu atrás de si antes de se despedir, ocultando-os a ambos, embora não o suficiente.

– O que é claro é que ele te fez muito mal – acrescenta a taberneira. – Tu merecias uma coisa melhor, rapariga.

– Sim, claro – suspira a senhora Mir. – Merecia melhor sorte, é verdade. Mas a felicidade, é preciso procurá-la, Paqui, sempre, custe o que custar... A culpa foi minha, sabes? Disse-lhe a porta é ali, mas olha, quem saiu a correr fui eu! Culpa minha, é o que te digo. Nunca lhe devia ter permitido que tomasse tantas confianças na minha casa...

– Posso fazer-te uma pergunta, querida? Não te aborreças, mas é que não percebo. Quem é que tem de perdoar a quem? Ele a ti, ou tu a ele?

– Oh, Paqui, eu ter-lhe-ia desculpado, a sério. Que Deus me perdoe, mas se ele me tivesse dado só um pouco de tempo... Tens de acreditar em mim! Cometi um erro, uma asneirada das minhas! O que eu preciso é que ele o saiba e me perdoe, por o insultar e esbofetear daquela maneira.

– Pregaste-lhe uma chapada? Bolas, que a coisa foi mesmo séria!

– Ah, foi, sim, foi mesmo!

– Menina, que pouca sorte. E agora que já passou, como é que o vês, que pensas do sucedido, Vicky?

– Nada.

– Nada?

– Bom, ainda agora to disse. Fiz asneirada. Naquele dia voltava a casa com as costas derreadas, vinha de tratar a pobre María Terol, sabes como é, cento e dez quilos e com a sua celulite e o seu humor de cão... Enfim, vinha estafada e perdi a cabeça. E depois esta linha do demónio! Para que é que a deixariam ali, para acabar de me confundir? Havia que arrancá-la, e também os paralelepípedos.

– Não me refiro a isso, Vicky. – Vacila antes de o dizer: – Iria jurar que se trata doutra mulher... Acertei?

– Há sempre outra mulher.

– Como é que soubeste? Foi ele que te disse?

A senhora Mir nega com a cabeça.

– Claro que não. Mas uma rapariga casada sabe quando essas coisas acontecem. Sobre tudo se já deixou para trás os quarenta.

– Pois é! Nisso não estás sozinha, filha. Mas bem, o pior era que fosse uma coisa séria, quero dizer... que lhe durasse. Se foi só um capricho...

– É que aparentemente não houve nada. Já te disse, imaginei coisas... e ele levou isso muito a mal. Que é que se há de fazer. Não há amor verdadeiro sem sofrimento, minha querida, é bem sabido.

– Isso que tu dizes é uma burrice, Vicky. Uma burrice. Com a tua idade.

– Talvez tenha pensado que a nossa relação já não tinha nada para dar, pode ser, com os homens nunca se sabe... Em todo o caso eu pus-me a jeito. E ele pirou-se!

– Não posso acreditar. Estás a mentir. Estás com certeza a mentir.

– Não, Paqui, juro-te! Nunca devia ter-lhe pregado aquele bofetão!

A taberneira fica a olhar para ela, receosa.

– Bem, é lá contigo. Em qualquer caso, sabes o que te digo? Que devias ir imediatamente à procura dele.

– Onde, meu Deus? Ele nunca me disse onde morava. Alguma vez to disse a ti, ou ao teu irmão?

– A mim nunca.

– Pois a mim também não – suspira a senhora Mir.

– A sério? Que homem tão esquisito, não?

– Uma verdadeira ave rara, querida!

Uma verdadeira ave rara, com efeito. A taberneira recorda que nas suas primeiras visitas se tinha mostrado tagarela e simpático, e bastante atrevido também, sobretudo com ela, mas nunca havia maneira de saber se falava a sério ou a brincar. Um dia disse muito seriamente que a ação da passagem do tempo sobre as batatas o intrigava. Não, não era camponês e nunca o fora, não estava interessado em produtos agrícolas e na sua evolução; explicou que tinha sido treinador de uma equipa juvenil de futebol no bairro pobre do Carmelo e que massajava as pernas dos miúdos com um unguento à base de azeite e batatas encarquilhadas, previamente trituradas. Tinha dúvidas acerca do tempo adequado de que a batata precisava para murchar e encarquilhar-se, e parece que um dia ouviu falar da senhora Mir, uma sanadora versada na questão, e alguém lhe deu um cartão que perdeu naquele dia de chuva e por isso entrou no bar para perguntar onde ela morava.

– E outra coisa que ontem me fez confusão. Quando já se ia embora... – A taberneira interrompe-se ao entrar um senhor muito gordo e muito encalmado que desembarca no balcão pedindo com uma certa urgência uma cerveja a copo bem fresca. A senhora Mir aproveita a pausa para pedir por seu turno um cálice de conhaque de garrafa e um copinho de água de sifão. O cliente não é do bairro e a taberneira evita entabular conversa com ele. Serve a cerveja numa caneca e depois o cálice de conhaque juntamente com uma água de sifão. Ato contínuo abre a torneira de um barril de vinho branco e com a ajuda de um funil enche a garrafa, volta a colocar-se atrás do balcão, poisa a garrafa em cima, põe a rolha e bate-lhe com o punho. O homem engole ruidosamente a cerveja, enxuga o suor do cachão com um lenço e observa de esguelha a cliente gordinha, que por sua vez olha com muita atenção a estampa de um calendário pendurado na parede, atrás do balcão. A estampa reproduz uma

velha fotografia, virada em sépia, de uma antiga equipa de futebol a posar no campo de jogo antes de um desafio. Meneando um pouco a cabeça, em voz baixa e sem deixar de olhar para a fotografia do calendário, a senhora Mir diz:

– Estaria melhor de joelhos.

Um tanto confuso, o cliente termina a sua caneca, paga e vai-se embora.

Acaçapado atrás da sua mesa, Ringo revê as instruções sobre exercícios para cinco dedos no caderno que acaba de abrir em cima do livro. O pentagrama ainda se impõe à ficção literária reclamando a atenção do leitor, e assim será durante todo o verão e até bem entrado o outono. Mas agora custa concentrar-se porque as mulheres retomam o fio da conversa:

– E quando já se ia embora – prossegue a taberneira sem mais preâmbulos, ao mesmo tempo que recolhe a caneca e limpa o balcão com um pano –, estive a ponto de lhe perguntar porque não mandava a carta pelo correio, em vez de a trazer aqui. Pareceu-me estranho que ma confiasse a mim...

– Por causa da menina – atalha rapidamente a senhora Mir, e a sua cara de lua cheia contrai-se fugazmente, a ponto de desatar a chorar. – É porque pensa na menina, com certeza. Porque olha o que te digo, Paqui. Se este homem fala na carta do que eu receio, por nada deste mundo quereria que ela chegasse às mãos da minha filha. Há certas coisas que uma menina não deve saber... É por isso que não a manda pelo correio. Portanto, quando ele voltar com a carta, guarda-la bem e dá-ma. E à Violeta nem uma palavra.

– Fica descansada.

A senhora Mir termina o seu conhaque e ato contínuo molha o palato com um golinho de água de sifão. Paga a conta, segura a garrafa de vinho debaixo da axila e apresta-se a sair com a água de sifão pendurada num dedo.

– Sobretudo, Paqui, por tudo quanto tens de mais sagrado, se a carta chegar, nem penses em dá-la à Violeta. Eu venho buscá-la.

– Com certeza, mulher. Vai sossegada.

*

Exercício n.º 1: Ponha o antebraço e as mãos, com os dedos esticados, sobre uma mesa diante da qual esteja sentado, e durante algum tempo com a mão direita, outro com a mão esquerda e, finalmente, com as duas juntas, vá levantando os dedos que seguidamente se indicam. Baixe o dedo que levantou, antes de elevar o seguinte, e repita várias vezes cada fórmula: 1-2-3 · 3-2-1 · 1-4-2 · 1-2-4 · 2-1-3...

Pratica um pedaço sobre o mármore com a mão esquerda e depois para e fica a olhar pela janela. Um pestanejar, evocando aquela artimanha dos olhos do desejo e o sonho infantil e da seita, e na parede leprosa do outro lado da rua aparece o cartaz que anuncia em letras vermelhas o primeiro concerto do GRANDE PIANISTA DE NOVE DEDOS. Poderia ser um bom reclamo, porque não. Quem sabe o que te reserva o dedo do destino, inclusivamente

quando esse dedo foi atirado para o limbo dos pianistas nonatos? Passam alguns homens em frente do letreiro, vão ou vêm de suas casas para outros bares e tabernas com ar decidido ou enfastiado, alguns caminham encostados aos muros e um deles detém-se de repente com a cabeça baixa e os olhos a fitar o solo, como se de repente descobrisse um abismo debaixo dos pés. Na mesma rua e um pouco mais acima, no meio da pequena ilha de paralelepípedos melancólicos e verdosos, sobrevive a linha truncada que vem do ontem abolido e não vai a lado nenhum. Com uma repentina e pungente dor na unha que já não está no seu dedo, nem o dedo na sua mão, Ringo fecha o caderno de solfejo e abre novamente o livro de contos.

O leão ainda está vivo, lutará até ao fim. A senhora Mir e a senhora Paquita ainda palram um pedaço à porta do bar. Ele apoia o cotovelo na mesa e tapa a orelha com a mão livre, recuperando a protetora espessura e a fragrância selvagem das ervas altas nas pradarias do Quénia juntamente com o leão que sangra acaçapado contra o solo, sozinho e de orelhas caídas, esperando a sua oportunidade para atacar.

O DEDO DO DESTINO

No verão de 1948 o rapaz tem quinze anos, trocos nos bolsos e um dedo fantasma na mão direita. Ao trabalhar na oficina, numa manhã desagradável e cinzenta que lhe vinha pesando insidiosamente no estado de espírito, ficou uns segundos embasbacado diante do laminador elétrico, trauteando sem acerto os primeiros compassos de uma singela melodia que lhe resistia na memória, e zás!, num abrir e fechar de olhos, a máquina engoliu-lhe o dedo indicador.

A fatal distração, o inoportuno embevecimento musical que propiciou o acidente deveu-se sobretudo, pensa ele, à frustração que o afetava desde aquele dia em que, três anos antes, se vira privado das aulas de solfejo e piano – a mãe tivera de lhe lembrar que eram pobres –, e também ao seu crescente desapego à oficina e ao ofício, ao ouro e à platina, aos diamantes e às suas cintilações. Recorda que nessa fatídica manhã, ao sair de casa muito cedo levando debaixo do braço o almoço embrulhado numa folha de jornal, sentiu uma especial amargura ao recapitular mentalmente, como costuma fazer ao andar pela rua, as perguntas e respostas do seu querido livrinho do Conservatório Municipal de Música. Meia hora depois, de pé diante do laminador, teimosamente empenhado em recordar a melodia, qualquer coisa em inglês que começava com *long-ago-and-far-away*, ouvida num filme colorido dois dias antes, enraivecido por não o conseguir e sem o cuidado de prestar a devida atenção ao que estava a fazer, ele mesmo propiciara a desgraça. Mas o sucedido só em parte se deveu à sua caprichosa obstinação melódica. Embora não quisesse admiti-lo, o fatal descuido que havia de lhe custar o dedo teve a sua origem no desinteresse pelo seu futuro laboral, numa secreta renúncia que vinha incubando desde há uns tempos. Depois de passar dois anos a varrer a oficina, concluído o seu período de aprendizagem e de cumprir o moço de recados, quando estava há três meses a trabalhar na banca

dos oficiais, manejando o maçarico e as limas e a serra e esforçando-se por fazê-lo bem, o seu entusiasmo inicial pelo ofício tinha esfriado, e desde então, no seu foro íntimo, começara a duvidar das suas habilidades como ourives. Agora, além disso, já só recebe simplórias e aborrecidas encomendas de concertos, soldar fiozinhos, uma ou outra aliança lisa, fundir e laminar e preparar uma ou outra liga para soldaduras. Não pode dizer que abomine todo o trabalho, mas há qualquer coisa que não corre como deveria. Sente-se preparado para dar forma a delicadas peças do mais alto valor artístico, e estas tarefas simples aborrecem-no e despacha-as depressa e sem a devida atenção. E ainda por cima, tantas horas fechado na oficina, isto não é vida: das nove da manhã à uma da tarde e depois das três às sete, ou seja, oito horas por dia de segunda a sexta-feira, mais cinco horas da manhã de sábado, quer dizer, cinco dias a oito horas diárias, que no total somam quarenta, e com as cinco de sábado já dão quarenta e cinco, mais as quatro horas das tardes também do sábado, dedicadas, enquanto se é aprendiz, a varrer a oficina e a limpar as bancadas dos operários, pois então vêm a dar um total de quarenta e nove horas por semana. Não, foda-se, isto não é vida.

Está a trabalhar de pé no laminador elétrico, alternando estas sombrias perspetivas com perguntas e respostas aprendidas de cor no velho caderninho

– *O que é o pentagrama?*

– *Uma pauta composta por cinco linhas, horizontais, paralelas e equidistantes.*

– *Como se contam as linhas do pentagrama?*

– *Começando pela de baixo.*

revivendo a cena em que Gene Kelly canta enquanto coloca cadeiras de pernas para o ar no seu estabelecimento, mas não consegue apanhar o começo da melodia, escapa-se-lhe teimosamente no meio da afanosa respiração da oficina, do rumor das serras e limas e marteladas e maçaricos a gás em ação. A peça de ouro que está a laminar tem inicialmente a forma e o tamanho de uma barra de sabão bastante usada, e tudo consiste em pôr a máquina em marcha com a peça entre os dois cilindros de aço para que se vá adelgaçando a cada passagem, tirando-a pelo outro lado e voltando a enfiá-la cautelosamente por este e procurando manter os dedos à distância, porque o perigo aumenta consoante a sua grossura diminui. Isto sabe-o ele, conhece a sinuosa e temível ondulação de serpente que muito rapidamente a língua de ouro adquire ao ser laminada e as brucas rabanadas que dá ao ser engolidas pelos cilindros, mas fica a pensar noutra coisa e o dedo adormeceu-lhe, parado em cima da nota de baixo do pentagrama.

Apenas uns segundos antes do transe, inclui *Pardy* no seu passatempo musical. Há um pedaço que sente que o sacana do pássaro que matou anos atrás com uma espingarda de chumbos anda a rondar por perto; primeiro ouve-o piar dentro da vitrola da sua cabeça e fecha os olhos, e a seguir, ao fixar o olhar através da vidraça do tempo, sempre embaciado pela chuva sobre o quintal do avô, vê-o debaixo do banco de trabalho a debicar a folha de jornal

manchada de azeite que tinha envolvido o seu próprio almoço, uma sanduíche de anchovas de lata. Após cinco anos debaixo da terra, o olhinho de chumbo do pardal escureceu mais, mas o pássaro já não aparece sob nenhuma luz zenital, não o circunda nenhum resplendor, nenhuma falsa auréola luminosa, não provém de uma alucinação, está simplesmente aqui a trotar como um passarinho mecânico com a sua minhoca viva no bico, e ele tem outra vez o dedo no gatilho, porque não é um consolo que ele esteja a engulir uma minhoca?, pensa o arrependido caçador: o pardal também caça e mata, de maneira que aqui cada um caça quem pode... Sim, mas tu não cumpres as tuas promessas, menino, juraste vir ver-me à minha humilde sepultura, e ainda estou à tua espera.

– Fala sozinho – comenta alguém atrás de si. – Está sempre na lua, este miúdo. Acorda, garoto!

Demasiado tarde. Para os operários, o laminador come o estúpido dedo porque Ringo fala sozinho diante da máquina e porque o estúpido dedo está precisamente onde não deve, temerariamente apoiado na língua de ouro que desliza entre os cilindros, uma língua que foi tomando uma forma cada vez mais ondulada, que se dobra sobre si mesma para cima e para baixo sem que força alguma possa controlá-la, convertida repentinamente num mortífero cepo. Ele sempre preferiu acreditar que aconteceu simplesmente porque o dedo, obedecendo a um secreto impulso suicida de índole melómana depressiva, não quis recolher-se a tempo. Serei o *ré* e o *sol* no teclado ebúrneo da fama ou não serei nada nesta vida, ter-lhe-ia dito o dedo antes de se imolar, uma enteléquia verbal enredada no pentagrama, mas que ele percebe como alguma coisa mais real do que a própria oficina com tudo o que contém, mais real até que a sua casa e a paróquia e a seita de rapazes contadores de aventuras no jardim da Las Ánimas ou nas vertentes da montanha Pelada. Era o suicídio longe do teclado e das partituras, longe do piano e do caderno Cósumb, tudo aquilo que amaldiçoando a sua sorte teve de abandonar porque em casa não havia dinheiro para mais aulas. Embalado por este ressentimento e pelo devaneio melódico, mal nota o esticão no metacarpo do dedo indicador e o consequente esfacelamento das três falanges, subitamente engolidas e trituradas pelos cilindros juntamente com o ouro.

O sangue não brota de imediato, fá-lo uns segundos depois de o dedo desaparecer, e ninguém na oficina o ouve gritar ou lamentar-se, entre outras coisas porque, surpreendentemente, não lhe dói. Desliga a máquina e não quer olhar ainda para a mão, não se atreve; levanta-a à altura dos olhos mas não quer vê-la, e quando por fim se decide, contempla-a como se fosse uma coisa alheia a ele, um apêndice carnal estranho ao seu corpo. Com a mão erguida, volta-se devagar para o operário mais próximo, que se horroriza ao ver brotar o jorro de sangue. Ele não sentiu nada, apenas um beliscão, mas depois, ao tomar consciência de que lhe falta um dedo, invade-o uma súbita tontura, fraquejam-lhe as pernas e começa a suar copiosamente. Gritos e maldições em seu redor e corridas à farmácia. Com uma ligadura improvisada e o braço ao

alto, levam-no para as urgências do Hospital Clínico e depois dão-lhe baixa.

*

Onde vão parar os dedos mortos dos pianistas?, interroga-se com amargura. E ato contínuo, em voz alta:

– Como é que me dói o dedo que não tenho, mãe?

– Se estiveres quieto um momento, eu explico-to – responde ela enquanto lhe corta a ligadura da ferida, manejando a tesoura com a mão esquerda. – Meu Deus, olha para isto. Como é que deixaste que infetasse, o que é que fizeste?

– Eu, nada.

– Mas olha como está. Será que não te doeu?

– Bom, já que falas nisso... Sou capaz de ter uma ponta de febre.

– Outra vez com isso? Dir-se-ia que estás a desejar ter febre.

– O que me dói como o diabo é a unha. Porque é que me dói a unha, se já não tenho unha?

– E olha para este cachecol, todo sujo de sangue. Está bom para o lixo.

– Não poderias fazer-me a faixa com um lenço, em lugar dum cachecol? Um daqueles lenços tão bonitos que tens.

A mão é uma misturada de gases sanguinolentas e a mãe muda-lhe a ligadura com frequência porque a ferida supura, mas o horário intensivo no lar não lhe permite ocupar-se de tudo em casa, de maneira que costuma deixar o almoço preparado, arroz cozido e batata-doce ou uma tortilha de cebola ou de feijão, e o rapaz come sozinho a ouvir música no rádio e com um romance aberto ao pé do prato. Terminou *A Pele de Onagro* e começou *Fome*. À noite espera pela mãe para jantarem juntos, às vezes espera-a descascando batatas ou batata-doce, ou debulhando favas ou ervilhas, e ela repreende-o porque poderia infetar a ferida. Faz uma semana que se deu o acidente na oficina e quinze dias que a brigada mata-ratos foi limpar uns armazéns nas margens do rio Oñar, em Gerona, foi o que lhe disse a mãe, e que havia muito trabalho na zona e o pai tardaria a voltar dessa viagem.

De vez em quando, o dedo que já não existe dói-lhe como o diabo. Sobre tudo a unha, onde quer que agora esteja. A perda do indicador deixou-o num permanente estado de estupor e melancolia, ao qual amiúde se soma uma inquietude expectante pelo que a vida lhe possa deparar doravante. Julga que aquele dedo amputado reduz muito consideravelmente as suas opções de trabalho na oficina; mais, começa a estar convencido de que a sua vida sofreu uma reviravolta decisiva. Que futuro laboral pode haver para esta mão depois da mutilação? Como se desenhencilhariam quatro dedos a manejar a serra num fino e complicado crivo para um brinco com esmaltes e pedrarias, por exemplo? Nunca mais poderá agarrar corretamente a lima ou o alicate, até é possível que não seja capaz de segurar uma pinça, e nem sequer o pincel do bórax. Limas e limalhas, alicates, berbequim, broca, tais, troquel, maçarico,

serra, torno, peruca de soldar, estilheira, palavras que até então tinham sido para ele as credenciais do ofício, já não reclamavam os seus cuidados e começavam a estar quedas no âmbito da memória artesanal, cobrindo-se da mesma ferrugem que corroía os carris truncados entre os velhos paralelepípedos da rua.

E depois há a outra dolorosa consequência do acidente, para ele muito mais importante que a laboral: imaginar a sua mão direita a percorrer o teclado do piano como uma grotesca aranha mutilada, coxa e repulsiva, a mão que guarda a memória das primeiras notas e compassos, dos exercícios para cinco dedos e do início de algumas peças simples aprendidas com tanto esforço, como «Para Elisa» ou a «Valsa das Ondas». *Dóóó-ré-mil-sol-dó-si-dóóó, si-dó-ré-dó-si-dó-mi-sol-siii...* Sempre esperou poder retomar um dia as suas interrompidas lições de solfejo e piano, e agora, apesar do sucedido, com nove dedos apenas e contra ventos e marés, manteria essa esperança. Não pensava de modo nenhum renunciar aos acordes nem às velozes escalas a duas mãos no velho teclado amarelento do professor Emery – queimaduras de cigarro nas teclas mais baixas, guinchos de pássaro nas mais altas –, um pianista que tinha tocado em orquestras populares e cultivava uma inclinação para a música culta dando lições de solfejo duas vezes por semana por doze pesetas mensais na imunda sala de jantar na penumbra de um andarzinho da Rua Tres Señoras. Algo lhe diz que o velho professor, com a sua calva reluzente e os seus olhinhos cinzentos como frinchas atrás de óculos metálicos, com o seu nariz de gaivota na cara por barbear, com as suas tranquilas mãos de pele translúcida manchada pela velhice e com o seu perfil incisivo sobre o negrume do piano e a pobreza do ambiente doméstico, só se esfumou provisoriamente da sua vida. Era preciso despedir-se do dedo que o laminador engolira, mas não do pentagrama nem do teclado, que pensava recuperar um dia juntamente com as lições. Entretanto, onde vão parar os dedos mortos dos pianistas?, anota com letra diminuta no seu caderno secreto de capas pretas.

A sua relação com a música foi desde sempre intuitiva, e está longe de ser seletiva. Trauteia com igual respeito e agrado tanto uma melodia de Cole Porter ou a música de fundo de filmes de que gostou – sabe de cor o trepidante tema de *A Diligência*, ou de *O Ladrão de Bagdad*, ou a valsa de *Jezebel*, a *Insubmissa* – como alguns compassos de uma sonata de Mozart. Pensa nas partituras que tem guardadas e nos sonhos que até ontem mesmo tinha depositado nelas, e espera tempos melhores. Quis a fatalidade que o dedo sacrificado seja o indicador, o veleidoso dedo do destino, o mesmo que apertou o gatilho no quintal do avô cinco anos atrás, o responsável pelo *ré* nos saudosos exercícios para cinco dedos. Não houve tempo para aprender grande coisa, foram apenas dez meses, uma hora todas as segundas e quintas-feiras a acariciar as teclas e a ler música em voz alta ao compasso de três por quatro, mas considera o pouco que aprendeu um tesouro, um raro privilégio. «Levanta a cabeça, não olhes tanto para o teclado», ainda flutua no ar a voz de

fumo do professor: «A música não está nas teclas, a música está na memória dos dedos e no coração.»

A memória dos dedos. Não saberia explicá-lo, mas juraria que diante daquele maltratado teclado com manchas de nicotina tinha aprendido algumas lições para andar pelo mundo. Não é que o professor Emery o instruisse expressamente acerca de nada – exceto uma vez que ele troçara de um colega de lições, ao qual era superior, e o professor lhe dissera que ser bom com o piano exigia ser melhor pessoa –, mas na sua maneira de lhe serenar as mãos obrigando-o a deixá-las quietas sobre o teclado, repousadas e dóceis mas atentas, roçando apenas com as cabeças dos dedos o abaulado marfim e o negro verniz dos bemóis, sem lhe permitir pressionar antes de ter cantado a partitura por completo e de memória, ele tinha intuído um magistério que ia para além das rudimentares lições de solfejo e piano, uma determinada forma de entender e assumir tudo o que acontecia, e recorda que foi naquela voragem de notas a dançar no pentagrama e no seu cérebro que um dia percebeu de repente o aroma de uma nova e estranha disciplina que estava muito disposto a abraçar no futuro. Assim, costumes tão simples como levantar o braço ao iniciar o compasso, apanhando as notas no ar como se fossem borboletas de luz a bailar na escuridão, e o hábito das mãos apaziguadas e expectantes sobre o teclado a convocar o milagre do acorde harmónico, tendiam misteriosamente, um dia após outro, a converter-se em pequenos preceitos de moralidade. Depois das reiteradas e velozes escalas, ao dar a aula por terminada, o professor deixava o aluno fechar o piano, e todas as vezes que ele, com as mãos ainda inflamadas, descia cuidadosamente o pesado tampo sobre o teclado e no último instante o deixava cair, as entranhas do velho piano obsequiavam-no com uma funda ressonância que era como um sinal amistoso e uma promessa de futuro. Era como se, durante aqueles dias felizes, a música fosse a única urdidura com a qual se tece a vida, e entre as cinco linhas do pentagrama estivesse cifrada a beleza que o mundo lhe reservava. Nessa adolescência tão precária, memorizar uma partitura torna-se algo mais que cumprir uma formalidade para educar o ouvido musical; também, embora ele não pudesse sabê-lo na altura, o espírito e o ritmo que se albergava no pentagrama haveria de penetrar no sangue e tornar memoráveis algumas leituras dos seus autores prediletos.

E agora tudo terminou?, pergunta a si mesmo. O pianista de nove dedos está condenado a ser um fenómeno de feira? Talvez nem sequer isso fosse de esperar, visto que em casa continuava a não haver dinheiro para mais lições – supondo que o professor Emery quisesse retomar alguma vez o aluno de nove dedos – e muito menos para alugar um piano, para já não dizer comprá-lo. Depois se verá se mais tarde pode ser, tinha-lhe dito a mãe ao tirar-lhe as lições. Não há mal que sempre dure, filho, e de momento, se gostas tanto de música, porque não te entreténs com uma harmónica?

Com estas mesmas palavras o pespegou, *Pardy*. Ora foda-se!

Não julgues a tua mãe.

Não é minha mãe.

Nunca digas isso, desgraçado!

Se na altura me aconselhou a harmónica, que me aconselhará agora? Que experimente uma flauta?

O pardal está dentro do lavatório e olha-o de soslaio com o seu olho morto, sem deixar de debicar uns insetos que saem do ralo: é assim que Ringo gosta de o ver em qualquer lugar e momento, predador, tagarela e vingativo, a debicar com o maior descaramento tudo o que pode. Entretanto, sentado num tamborete diante do lavatório e vendo-se ao espelho, ele deixa tirar a ligadura sem uma queixa. Vermelhas estrelas de iodo salpicam a porcelana branca do lavatório e finalmente afugentam o pardal.

– O que é que estás a murmurar? – diz a mãe, de pé ao seu lado, com um alfinete de ama na boca. – Levanta o braço. Depois lavo-te a cabeça, que nem imaginas como a tens.

– É que não posso tomar banho de chuveiro.

– Claro que podes, deixando o braço de fora.

– Podia cair.

– Podias deixar de dizer tolices.

Deitou a ligadura suja para um balde debaixo do lavatório. Com uma gaze pressiona as amarelentas zonas de pus em torno da sutura do coto, corta um ponto e lava a ferida com água oxigenada, mas em nenhum momento tira o alfinete da boca. Cada vez se parece mais com a avó, pensa ele olhando para o alfinete. Imagem dos permanentes afazeres domésticos, a avó Tecla, faça o que fizer, esteja a varrer ou a coser ou a debulhar favas, traz sempre um alfinete de ama na boca.

– Doe-te? Tinhas um ponto infetado.

– Não me doe – mente ele. – O que me dói é a unha. Porque é que me chateia desta maneira? Como é possível que me doa a unha, se já não a tenho?

– Tu bem sabes, aquilo que não temos dói. Tu sempre acreditaste em fantasmas, e aliás falas com eles, não é? Então não sei porque é que te admiras. A unha dói-te porque já não a tens.

– É que às vezes dói-me muito. E este ombro também.

– Acredito, filho.

Examina o inchaço dos nós dos dedos e aplica mais tintura de iodo nos pontos. O rapaz franze o nariz perante aquela mão arroxeadada que oferece um aspeto tão deplorável, como se lha tivessem esmagado e depois enchido com ar, e observa o delicado revoltear das mãos avermelhadas da mãe em torno do dedo perdido.

– Desde quando és canhota, mãe?

– Desde que nasci, suponho. Para quieto.

– Jack, o *Stripador*, e São Paulo também eram canhotos.

– Olha que, para dizer a verdade, isso não é nenhuma consolação. – Sorri, procura a cara do rapaz refletida no espelho e acrescenta: – Mas o teu pai há de ficar divertido por o saber.

O Mata-Ratos passa agora muito tempo fora de casa e ele não deseja de maneira nenhuma perguntar quando voltará. Há pouco andava pela comarca do Panadés com o tio Luis e a sua brigada raticida, satisfazendo muitas encomendas em caves e armazéns e até em algumas casas de campo, segundo lhe disse a mãe, havia uma praga de ratos nas sementeiras, e ele suspeita que são encomendas não autorizadas oficialmente, quer dizer, comissões a particulares à margem da legalidade laboral, e certamente por isso mais lucrativas. Também sabe que o Mata-Ratos trabalha amiúde sozinho e por conta própria. Começou a pensar nisso, receando ainda não sabe o quê, e duas noites seguidas teve o mesmo sonho: vestido como o mágico Fu-Ching, o pai introduz num chapéu alto uma pistola ainda fumegante e ato contínuo extrai um rato morto com espumaradas verdes na boca... Em qualquer caso não espera nem deseja que a mãe lhe aclare os receios, pois intui que, de algum modo, e não saberia dizer por que razão, falar disso a faria chorar. Espera ouvir-lhe dizer a ela também um dia: Nunca mais me verás chorar, nem por isso nem por nada.

– Os Biosca têm um piano em casa. São bons vizinhos, não são, mãe?

– São, pois.

– Achas que me deixavam praticar escalas, um bocadinho todos os dias, se tu lho pedisses?

– Não. Esqueces-te de que eles têm a pobre Rosita muito doente? O que deves fazer agora – diz a mãe enquanto aplica uma gaze limpa sobre o coto – é ter mais cuidado com essa mão. Deixa-a sossegada, espera pelo menos que a ferida cicatrize...

– Não me peças isso – suplica ele. – Tenho de continuar a praticar. É bom exercitar os dedos, mesmo que seja em cima da mesa, já que não tenho piano. Também podíamos comprar um teclado, não são muito caros, disse-me o professor Emery.

Ela abana a cabeça, contrariada.

– Não te percebo. Queres explicar-me porque é que andas sempre com os teus cadernos de solfejo, para onde quer que vás? – Procura as palavras adequadas, o tom mais doce, ao acrescentar: – Porque é que continuas a estudar essas partituras, filho? Achas mesmo que algum dia poderás tocar piano, com esta mão?

– Pois claro! Serei um pianista com nove dedos. E depois?

Entrem e vejam, senhoras e senhores. DOMINGO KID, O GRANDE PIANISTA DE 9 DEDOS. Já vê os cartazes que o anunciam nas salas de concerto. *Rapsódia húngara número 2* com 9 dedos. Porque é que não havia de ser um bom reclamo? É assim que se vê no palco, o jovem virtuoso a cumprimentar e o piano de cauda aberto ao seu lado como uma dália negra, a cumprimentar o público uma e outra vez com a cabeça baixa, despenteado, olheirento, arrebatado, a receber os aplausos com a famosa mão mutilada no peito depois de interpretar a *Sonata Número 14 em dó menor* de Mozart, a sua preferida. E quem sabe se não haverá algum concerto somente para a mão

esquerda, quem sabe.

Entretanto, a mãe pega na mão privilegiada e esfrega com o polegar os dedos intumescidos, estimulando a circulação.

– Quem me ensinou isto foi a Victoria Mir. – Suavemente, um por um, massaja os quatro dedos. Ao fim de um pedaço acrescenta: – É verdade o que dizem, filho? Que saiu de casa meio nua e queria atirar-se para debaixo dum elétrico?

Contrariado, ele dá um estalo com a língua.

– Que elétrico? Ali não havia elétrico nenhum.

– Então, a coisa não era a sério.

– Pois claro que não. Foi uma intrujice, uma brincadeira, mas a mim não me enganou. Se até dormiu um bocadinho em cima da linha, e ressonava...

– Essa agora! – Fica um pedaço a pensar. – Pobre Victoria, criticaram-na sempre... E a filha, o que fez? Deve ter ido ajudá-la.

– Tinha ido à praia com uma amiga. Bom, foi o que a mãe disse na altura. Porque daí a uns tempos, no bar, ouvi-a dizer à senhora Paqui que a Violeta naquele domingo estava em casa... Ou seja, a pobre senhora não diz coisa com coisa, está chalada, não regula bem.

– Tu é que não regulas bem! E que diziam as pessoas, ao vê-la estendida na rua daquela maneira?

– Bom, não sei, é que eu ia a ler – responde com enfado, sem nenhum interesse pelo assunto. Vê-se lá de novo, entre os mirones, mas com o pensamento longe e um vento gelado na cara, o livro predileto na axila e fascinado por uma pergunta: o que foi o leopardo procurar lá em cima? De algum modo percebe por detrás desta pergunta germinal o sentido e o fulgor do longínquo enigma sobre a neve como algo muito mais próximo e interessante do que o grotesco espetáculo da senhora Mir deitada na linha truncada.

– Então, não é verdade que tenha desmaiado – diz a mãe.

– Qual quê! Estava bem acordada! Mas repara, aconteceu realmente uma coisa estranha... Mãe, alguma vez disseste à senhora Mir que eu estudava música?

– Não me parece. Porquê?

– Porque essa bruxa sabe-o. Disse-mo ali mesmo, assim de repente.

– E que tem isso de estranho? Não andas sempre dum lado para o outro com as tuas partituras? – Fica de novo pensativa. – Mas caramba, isso de se deitar no meio da rua... Porque é que o faria?

– Porque está chalada, mãe. Está doida varrida.

– Não é preciso insultar ninguém, estás a ouvir? E além disso não é verdade. Pobre Victoria, não soube preservar a sua vida privada, é verdade, mas quem é que hoje em dia pode ter vida privada? Aquela mulher passou o seu bocado, sabes? Esteve várias vezes a ponto de abandonar o marido para ir viver para Badalona com a sogra, que sempre lhe deu razão frente ao filho e a apreciava muito. E em França tem um queridíssimo irmão que teve de se ir

embora porque aqui o queriam matar por ser vermelho. Chama-se Ramiro. Eu tratei-o, é boa pessoa, mas a Victoria nem sequer podia falar nele na sua própria casa. Agora, de vez em quando, recebe notícias dele por intermédio de amigos, o teu pai está ao corrente...

– Eu sabia! – Ringo ensaia um olhar incisivo sobre a mãe. – Esse Ramiro deve ser o que vende ao pai o veneno francês, que é melhor e mais barato do que aquele que a brigada usa. Não é?

Surpreendida e risonha, ela encolhe os ombros.

– Olha que não sei, filho, o teu pai nunca me fala do trabalho... O que eu ia a dizer é que o marido deu muitos maus tratos à Victoria. E que, embora ela não o tenha visto empunhar a pistola defronte da igreja quando esse desavergonhado teve aquele ataque, não me admiraria que a pobrezinha, entre uma coisa e outra, se tivesse transtornado um pouco.

– Foi o dia da serpente, não foi? Atrás do altar havia uma serpente venenosa que se alimentava de ratos...

– Não digas tolices. Não havia serpente nenhuma.

– Claro que havia! Era por isso que ele estava lá. Para que teria lá ido se não fosse isso? Nunca teria entrado numa igreja, se não fosse por haver ratos e uma serpente.

Recorda que no dia anterior ao acontecimento o pai tinha regressado de Canfranc com um veneno mais potente que qualquer outro, três garrafas de conhaque francês, pacotes de tabaco loiro, um pacote de pedras de isqueiro e um frasco de perfume para a sua Alberta flor da minha vida. E que, ao ser solicitado para o serviço, disse: Parece que uma cobrazinha assustou as freiras.

– Bem, sim, foi por isso – concede ela. – Mas nunca saberemos o que aconteceu realmente, porque o teu pai o conta à sua maneira... Bem sabes como ele gosta de fazer troça destas cerimónias.

Fantochadas imperiais, balelas azuis, mal-ajorcadas genuflexões e aleluias e biliosos ritos quarteleiros duns espantalhos em convivência com o clero, entoava logo de entrada o Mata-Ratos. O marido da sanadora, o falangista mais bem penteado que viste na tua vida, num domingo do inverno passado postou-se ao fundo da escadaria do templo e esperou a saída dos paroquianos da missa do meio-dia com a pistola na mão porque, segundo parece, uma voz interior lhe tinha dado a ordem de disparar... Assim começava uma funesta história que o rapaz ouvira contar em duas ocasiões, e em ambas acabava por ser certamente o que a mãe dizia: uma história blasfema e desbragada, manipulada sem escrúpulos pelo pai, mortinho por provocar a risota e a cumplicidade dos ouvintes aparentados com o seu ideário e também com uma secreta fúria interior, por vezes mal reprimida. Era incapaz de o contar que não fosse empregando a zombaria revanchista e grosseira que tinha acabado por lhe enrouquecer a voz.

A primeira vez que o rapaz ouviu contar a tragicómica façanha do regedor Mir foi na taberna, e a segunda durante um alegre almoço com o tio Luis e

mais três compinchas da brigada, convidados para uma paelha caseira em cuja elaboração não deixou de intervir a sua Alberta flor da minha vida, e foi por uma unha negra que o arroz não se queimou. O Capitão Mata-Ratos contou nesse dia, empregando o tom mais chocarreiro e pomposo – embora, uma vez por outra, por detrás daquela voz empostada parecesse querer assomar outra que Ringo recordava com temor e tristeza, uma voz confidencial impregnada de amargura, sufocada pelo ódio, pela desesperança e pela fatalidade –, contou, enquanto raspava o arroz pegado no fundo da paelha jurando que era ali que ficava o melhor, que o nosso regedor do bairro, no ano anterior, quando ainda aparentava boa saúde, costumava ir à missa do meio-dia no mosteiro de San José de la Montaña, que fica um pouco mais acima da Travesera de Dalt. Ia sempre sozinho e exibindo os seus trajes frente-juvenis mais vistosos, camisa azul e boina vermelha enfiada no ombro, luvas pretas e correame bem lustroso, com a sua pistola de esquadrista no coldre preso ao cinto. Cosidos na camisa exibia a águia alemã e o escudo divisionário. Também trazia suspensas ao peito as suas velhas cangalhas de campanha, como se viesse diretamente de observar bolcheviques na estepe russa sob as bandeiras do III Reich, na frente arrasada no lago Ilme, por exemplo, entre Novgorod e o rio Weresha. Nunca viram um ex-combatente da Wehrmacht comungar com cangalhas ao peito e pistolão à cintura? Poça, vale a pena!, dizia o impune fabulador depois de reclamar a pichorra aos seus convidados, para emborcar, sem perder o sorriso, o pequeno jorro de vinho tinto previamente chocado contra os dentes, como a avó Tecla fazia na aldeia, e depois prosseguir com a voz mais lubrificada e jocosa:

Na realidade não havia motivo para toda aquela parafernália, porque em toda a campanha russa o voluntário Altamirano não disparou um único tiro: alistou-se como ajudante de cozinha e voltou como tal. Mas isto só a mulher e uns poucos mais sabiam. Vejamos agora o que aconteceu neste sombrio e desagradável meio-dia de fins de novembro durante a missa do meio-dia no mosteiro de San José. Havia crepes negros na igreja e no céu e nos olhos dos paroquianos; na verdade a piedosa gente parecia estar a viver um interminável Dia de Finados dia sim, dia sim, e o camarada imperial estava prostrado no genuflexório do banco, na primeira fila, e, mal a missa começou, viram-no pôr-se de pé, fazer uma genuflexão e abandonar a igreja, compungido e com os olhos húmidos. Não era nenhuma novidade da porra. Segundo diversos testemunhos recolhidos no local cá pelo meco pouco depois, porque casualmente nesse mesmo dia fui lá enviado pela nossa excelentíssima Câmara para inspecionar, a pedido das freiras do mosteiro, uma das capelas laterais do templo – no dia anterior uma velha beata tinha desmaiado de susto ao ver ali um enorme rato, ou uma serpente adormecida, não tinha a certeza –, o camarada Mir incorria naquele estranho comportamento pelo segundo domingo consecutivo. Precisamente no momento do *confiteo deo*, é assim que se diz?, quando os devotos respondem em voz baixa *mea culpa, mea culpa, mea* máxima e grandíssima culpa, é assim que se diz?, o piedoso ex-

combatente abandonava o genuflexório e a missa, descia por uma das duas escadarias que dão para o adro e ficava parado ao fundo da mesma, ensimesmado e inacessível como uma sentinela, empertigado, gabarola, fúnebre e escuro, com uma escuridão resplandecente, a cantarolar uma qualquer baboseira falangista, segundo dizem, até que, terminado o ofício, via os paroquianos descer. Nessa altura, o ex-divisionário postava-se diante deles sussurrando confusas jaculatórias e tirava a pistola do coldre, encostava o cano à têmpora, gritava Viva Cristo Rei! e ato contínuo fazia pum, pum! sorrindo com a boca cheia de dentes de ouro e adornada com o fino bigode de alferes provisório-cadáver definitivo, segundo a sarcástica anotação do narrador destinada a arrancar risotas ao auditório, um pormenor novo que vinha enfeitar um relato que chegaria a ser mais que sabido. O rapaz julgava recordar que na primeira versão oferecida ao balcão do Rosales, enquanto o senhor Agustín lhe enchia o seu copo de vinho pela enésima vez, não tinha mencionado de maneira nenhuma o bigode nem os dentes de ouro.

Os gritos de algumas paroquianas de San José puderam ouvir-se no Tibidabo. Havia indícios suficientes para supor que o nosso homem estava a ficar chalado, mas aquela boa gente que vinha de se purificar preferia olhar discretamente para outro lado, e além disso nem a Junta do bairro nem a sede local do partido, que o senhor regedor frequentava por motivo do seu cargo, pareciam tão-pouco ter-se dado por achados. Já vinha com uma aduela a menos quando regressara da Rússia; segundo declarou depois a mulher, desde que tinha aparado mais o bigode derramava em tudo o que fazia uma extraordinária veemência e resolução, mas já se viram decerto, e quase todos os dias se veem, atuações mais extravagantes e imprevisíveis entre os membros desta aguerrida milícia, argumentava o Mata-Ratos, porque é assim que eles são, companheiros, é assim que estes mequetrefes são, é assim que são estes tempos de infâmia e sacristia. E até achava provável que os responsáveis do santuário e os próprios paroquianos interpretassem aquele disciplinado alarde do atilado ex-divisionário como uma viril oferta guerreira em tempo de paz, um rito ou um costume castrense inspirado talvez num piedoso voto, em alguma secreta inclinação expiatória. Este homem está a expiar qualquer coisa, pensaram alguns. Pois então, talvez por isso, rapou o bigodinho.

Em qualquer caso, alguém o considerou inapropriado e ofensivo e o denunciou, e o camarada Ramón Mir Altamirano foi convocado à Delegação Local da Falange da Praça Lesseps para se explicar perante o chefe, que era seu amigo. Ali encolheu os ombros, agarrou na braguilha com ambas as mãos e encomendou-se aos astros, jurando que se tratava de uma questão de honra, de uma homenagem pessoal a uma valente amiga que estava a arriscar a vida por uma boa causa. Já não é a hora do épico afã, camaradas, é a hora da íntima expiação, dizem que disse. E que esse era o seu estilo e que não tencionava desculpar-se, e que, foda-se, camaradas, a sua adesão continuava a ser inquebrantável e não estava disposto a acrescentar mais nada a esse respeito.

De que porra de expiação falava? Sabe-o o diabo! Foi seriamente admoestado e intimado a não andar por aí a exhibir-se fardado e a assustar as pessoas, caso contrário da próxima vez teria de prestar contas na Chefia Provincial do Movimento e podia ver-se expulso do partido e destituído da regedoria do bairro.

Não obstante, a vistosa pantomima repetiu-se pontualmente no domingo seguinte, com uma estrondosa variante que ninguém esperava. Passeando o rosto transtornado, como em atuações anteriores, o homem abandonou o templo ao iniciar-se o *mea culpa* coletivo e, uma vez no exterior, voltou a descer a escadaria colocando-se muito teso ao fundo da mesma. Os que do adro o viram postar-se ali com o seu fúnebre uniforme e o seu correame, hirtó, asselvajado, com a belicosa mandíbula ao vento, como um arauto negro imperturbável a anunciar anos de chumbo ao serviço de uma causa inadiável e inelutável, disseram que permaneceu nessa atitude não menos de meia hora, o que a missa durou. E que durante um breve instante, tão breve que muito poucos dos presentes chegaram a vê-lo, ajoelhou-se e rezou com fervor e com um tremelique tão pronunciado que parecia um homem ajoelhado no meio da branca e desolada estepe russa; juraria que nesse momento, enquanto se encomendava a Deus e à pátria, pensou que a neve de Novgorod rangia debaixo dos seus joelhos. Pouco depois, alguém lhe perguntou se se sentia mal, e ele, com gesto avisado, respondeu: não se importa de repetir a pergunta, *krysiť*?, e ato contínuo, vendo os paroquianos sair da missa e descer pela escada, empunhou a pistola com a mão esquerda, soltou o Viva Cristo Rei!, encostou o cano à têmpora e premiu o gatilho, mas não pôde dizer pum! A palavra ficou-lhe entalada na garganta e a cabeça foi violentamente projetada para o lado, porque desta vez a pistola cuspiu mesmo uma bala.

O resto já não tem graça, conclui o Mata-Ratos. Avisaram a mulher, mas sabem quem apareceu da sua parte para se ocupar daquele farrapo azul que estoirou com a orelha e parte dos miolos? O fulano que se entendia com a mulher, o coxo, um tipo quezilento. Foi ele que o acompanhou na ambulância, Mir salvou a pele depois de não sei quantas operações à moleirinha, e quando saiu do hospital tinha menos cérebro que uma barata. A bala mordeu-lhe o lóbulo esquerdo do cérebro e deixou-o pateta. Dizia incoerências, andava todo o dia entornado e caía na rua. A mãe, uma viúva da guerra que vive sozinha em Badalona, e que o odeia desde que se tornou falangista, nem quis vê-lo. Talvez tenha sido ele mesmo que procurou aquela bala, talvez aquela bala sempre estivesse na câmara, à espera dele, até quando usou a coroa para pregar a chapa do Sagrado Coração na porta da sua casa. Em qualquer caso, com certeza que a gentilha dele se deve ter interrogado sobre algumas coisas... Foi a mão dele que meteu a bala na câmara? O diabo fez fogo com um pau, sempre se disse, mas, Virgem Santíssima, será que também faz fogo com as armas dos nossos heroicos cruzados? O Maligno também fará fogo com as nossas armas, abençoadas pelos bispos?

– Não era a sua pistola regulamentar – acrescenta o Mata-Ratos. – Era

uma Walther de 6.35 que trouxe da Alemanha. Mas o dedo que premiou aquele gatilho não era o dele, era o nosso.

– Já estás a dizer patacoadas, Pep – protesta Alberta flor da minha vida enquanto serve outra porção de arroz ao mais jovem da brigada. – Tu come e não lhe liguês, Manuel.

– Não sei. Tratando-se do camarada Altamirano...

– O falangista mais bem penteado que viste na tua vida, pá!

O tio Luis diz que alguém lhe assegurou que esteve em Málaga, na altura da guerra, e que participou com as falanges do Queipo nas represálias.

– Tratando-se dele, tudo é possível – opina Manuel. E recorda o sujeito presunçoso e peitudo, de negros cabelos alisados, rija mandíbula e já sem bigode; mas que quando falava, e sobretudo quando gritava, se diria que ainda usava bigode. – Não voltei a ver esse cabrão desde que tropecei com ele na rua, há de haver coisa de um ano. Ia acompanhado por uma manhosa espampanante, uma chinesa. Aprestavam-se a entrar na esquadra da Travesera de Dalt e a mulher parou no passeio para pintar os lábios, e isso irritou-o de tal modo que lhe arrebatou o batom à bruta e queria fazê-la engoli-lo...

– Essa que dizes – atalha o Mata-Ratos –, de chinesa não tem nem as pestanas. É uma puta informadora da bófia, já vos falei dela. É perigosa.

– Nós sabemos – diz o tio Luis. E acrescenta com ironia: – Bom, e então a serpente? Não disseste que foste lá por causa duma serpente que se enfiou na igreja e assustou uma velha beata? Julgo lembrar que há hortas e um tanque, ao lado desse mosteiro...

– Era uma serpente de gesso. Simples gesso pintado de verde. Parecia a sério, a cabrona. Estava atrás do confessional, tinha-se soltado da imagem da Imaculada Conceição, uma relíquia tão antiga que estava a cair aos bocados. Um pedaço de gesso, sabes como é, aquela cobra enrolada aos pés da Virgem. Quando a vi no chão estava igualmente enroscada e quieta, com o dedo grande do pé da Virgem sobre um dos anéis. Toda a porra da história não passava de simples gesso quebrado, e estava ali, no chão. As irmãs julgavam que se podia solucionar com uma cola qualquer, mas a coisa não tinha arranjo... Passa-me a pichorra. Não queres sobremesa? Prova este pêssego, anda. Corta-o aos bocadinhos e mete-os no copo de vinho. A melhor sobremesa é a que nos permite continuar a beber, o resto são mariquices. É que vocês não sabem comer como Deus manda, porra!

*

– Bom, vamos lá a ver. Estávamos a falar da pobre Victoria.

– A senhora Mir está um bocadinho lucas, mãe, toda a gente sabe.

– Porque é que lhe tens tanto azar, filho? É uma mulher de extremos, mas é boa pessoa. Não deves acreditar em tudo o que dizem dela.

Em tudo não, claro, porque se ouvem realmente coisas incríveis; por exemplo, uma tarde de domingo, um freguês do bar Rosales disse que a

mulher tinha uma tarraxa a menos e uma racha a mais, o que provocou grande risota nos viciados na chacota de baixo estofo. Claro que não vai contar isso agora à mãe, já que segundo parece ela e a senhora Mir tinham sido boas amigas. Mas atribuíam-se a esta mulher histórias pândegas com tipos bastante indecentes, que nunca eram do bairro, e ele tinha ouvido falar de um vendedor ambulante que já não sabia o que vendia, um mandrião e um bebedolas que se armava em orgulhoso e viril negando-se teatralmente e em altos gritos – mas só durante um pedaço – a que ela lhe pagasse o consumo no Rosales; segundo a própria senhora Mir comentara um dia à taberneira, era um porcalhão que nunca lavou os dentes e cujos beijos estavam cheios de grainhas de tomate. E depois houve outro que tal, um antigo conhecido, enfermeiro reformado e diabético, um pobre diabo que lhe durou pouco porque morreu; e falavam de mais tipos assim, cada qual mais maltrapilho e presunçoso, homens como sombras que pareciam procurar uma taberna onde esconder-se do mundo.

E não é que ele preste ouvidos a todos os mexericos do bairro nem comungue com esta galhofa tabernária, mas, mesmo que na sua vertente humorística e briguenta a maledicência pudesse não ter a menor graça e ser muito injusta e muito grosseira, contudo ele prefere isso à bisbilhotice hipócrita e ao falatório invejoso que circulavam acerca dos romances risíveis e bafientos da rainha das fricções, esta convencida que começa a ser velhota e a comportar-se como tal, que anda toda pintalgada e tem uma garridice e um aroma de paixões cediças, insubstanciais e improváveis: a personagem afigura-se-lhe tão pândega, grosseira e ridícula, que lhe parece inverosímil. Não lhe interessa, não acredita. O simples facto de vê-la atravessar a rua e parar para endireitar a costura das meias provoca-lhe o riso; enrosca-se em si mesma muito devagar, com um estudado ar de abandono e complacência, e demora-se tanto no balanceio do braço até conseguir tocar a meia, que a costura, antes que a mão chegue a ela e como por artes mágicas, se endireitou sozinha. E vê-la ato contínuo dirigir-se ao bar bamboleando-se sobre os seus insensatos sapatos de salto altíssimo, isso já se lhe afigura o cúmulo. Mas precisamente por a personagem ser tão real, tão próxima e quotidiana, irrita-o e conturba-o; vê-a demasiado ligada à cinzentidão do bairro, às pequenas simulações, negaças e misérias que o convívio com os outros impõe irremediavelmente todos os dias.

E que maldades dizem agora, em que sentido vai a bisbilhotice, filho, o que é que se comenta no Rosales?, inquire a mãe enquanto lhe examina as unhas. Bom, não sei, parece que esta chaladice que lhe deu na rua foi porque um senhor casado e bastante idoso, um tal Alonso, tinha acabado o seu idílio com ela. Dizia-se que durante uma sessão de fricções teve uma terrível discussão com esse homem, que andava a tratar-se de fortes dores na perna coxa, e houve gritos e bofetadas, não se sabe se dele a ela ou o contrário, e que ato contínuo ele tinha decidido deixá-la ali mesmo. Fica para aí com as tuas mãozinhas de prata e as tuas pomadas e os teus ciúmes, loira convencida!, dizem que ele lhe disse, eu não invento nada. E que agora ela

estava à espera de uma carta, não havia dia que não passasse pelo bar a perguntar se tinha chegado a carta, enfim, isso é o que a senhora Paquita conta a quem a queira ouvir. Quanto ao resto, acerca do seu amante, sabia-se muito pouco; que não morava no bairro, e que era ou tinha sido futebolista e guarda-freio. Usava um anel de osso feito por ele próprio, pelo que o senhor Agustín dizia que era um homem que tinha saído da prisão...

– Bolas, e dizes tu que não dás por nada! – comenta a mãe. – Não sei, eu não conheço esse homem, mas consta-me que foi muito amável e atencioso com a Vicky.

– Ah, sim, claro – recorda, divertido. – Levava-lhe rosas.

– Rosas?

– Rosas de papel. Azuis. Aparecia todos os domingos no bar com a sua rosa azul, a fazer tempo para o encontro com a senhora Mir... Eu não invento nada.

– Mas só dizes tolices. Como é que podiam ser de papel? Não se oferecem rosas de papel.

– Ai não? Viste *O Ladrão de Bagdad*, mãe? Não sabes que quem cheira a Rosa Azul do Esquecimento nunca mais se lembra da sua vida passada...?

– Deixa-te lá de filmes. E está quieto, senão magoo-te. – Põe-se a cortar-lhe as unhas antes de lhe ligar a mão, e acrescenta reflexivamente, como se falasse para consigo mesma: – E como podem as pessoas dizer que a Victoria esbofeteou esse homem, quem é que a viu fazê-lo? E depois, lá porque ele lhe diz que a vai deixar, tem de se sentar na linha e armar uma escandaleira no meio da rua? A Victoria sempre foi um bocado esquisita, mas a esse ponto...

Não se conforma com as aparências. Tem de haver mais qualquer coisa, diz, ou não se teria exposto a uma situação tão absurda e tão previsivelmente condenada a converter-se na chacota da vizinhança. Ou talvez não houvesse razão para reear uma verdadeira tentativa de suicídio, embora as linhas estivessem em desuso? Familiarizada com a linguagem médica, aventa a possibilidade de a sua antiga colega de trabalho ter sofrido uma espécie de psicopatia, uma perturbação transitória da personalidade.

Ringo não mostra interesse em esclarecer as dúvidas da mãe. Relativamente ao senhor Alonso, só podia dizer que era um sujeito estranho que falava pouco, e que já não frequentava o bar. Recorda-o de má vontade: costumava sentar-se a uma mesa do fundo com o casaco posto pelos ombros, bebia Picon ou cafés com cheirinho de anis e às vezes fazia paciências, ou então observava com expressão carregada os rapazes turbulentos que, antes de decidir se iriam dançar ao Verdi ou a La Lealtad, matavam o aborrecimento da tarde do domingo em torno dos matraquilhos. Como era o senhor em questão? Ui, o freguês mais esperto do Rosales precisaria de um milhão de palavras para explicar o que aquele homem dava a entender com um olhar. Mas bem, assim à primeira vista parecia mais um espantalho dum sujeito que coxeia de uma perna, entrado em anos, bastante feio, alto e magro e um pouco cambado; podia acrescentar uns olhos claros e o narigão aquilino, muitas

rugos na cara, uma boca de peixe que mete impressão e cabelo branco muito abundante penteado para trás, mas a mãe já tem que chegar.

– Bolas, ninguém diria que não reparaste.

– Bem, é que o fulano dava nas vistas, sabes? Sempre a dizer piadas à senhora Paquita... Que eu cá não invento nada.

Não quer ser mais explícito, está-se marimbando para as bafientas galanterias do coxo às mulheres. Mas no seu foro íntimo tem-no por um daqueles homens que vale certamente a pena escutar quando falam de mulheres. Um tipo taciturno mas de olhar eloquente, pausado na fala e nos gestos, incluindo o sorriso, talvez o mais parcimonioso e grato da sua pessoa. Costumava trazer uma flor na lapela. Aparecia sempre aos domingos à tarde, chegava quinze ou vinte minutos antes das seis e sentava-se à mesma mesa. Quando davam as seis levantava-se, devolvia o baralho no balcão, trocava com Agustín ou com a irmã algumas palavras em voz baixa, sobretudo com ela, que costumava ouvir sorrindo afogueada, pagava o seu Picon e punha-se a andar para casa da loira para as suas fricções das costas e da perna doente, ou do entrepernas ou quem sabe do quê, que os boatos davam para muito. Às vezes, ao dia de semana, também aparecia.

Assim tinha sido durante quase um ano, desde um chuvoso domingo de maio que o viram pela primeira vez entrar no bar com um jornal molhado por cima da cabeça e perguntar onde vivia uma enfermeira ou sanadora que lhe tinham recomendado encarecidamente, uma tal dona Victoria López Ayala, natural de uma aldeia de Segóvia e casada com um tal Ramón Mir, e que não tinha telefone. Sabia tudo isso dela, e ainda parecia saber mais, e chamou a atenção desde o primeiro momento. Aparentava uns cinquenta e tal, mas visto de perto percebia-se que era bastante mais velho. Havia, contudo, um brilho juvenil, malicioso, no seu olhar. Vestia um casaco de linho azul-claro de ótima qualidade, mas bastante gasto e alquebrado, com os bolsos deformados, e tudo nele, apesar da sua natural elegância e esmero, tinha um carimbo marginal, um ar de subúrbio. Deram-me um cartão dessa senhora e não sei onde diabo o pus, só sei que mora nesta rua, grunhiu enquanto esquadrihava os bolsos. A senhora Paquita saiu do balcão e indicou-lhe a casa, vinte metros mais acima e no passeio em frente, olhe, vê-se daqui, o portal cento e dezassete.

O homem lançou o jornal molhado para um balde onde alguns fregueses deixavam os guarda-chuvas, rebuscou o cartão nos bolsos durante um pedaço, deu-o por definitivamente perdido, pediu um café e, sorrindo, murmurou:

– O nome assenta-lhe bem.

– Como diz? – inquiriu a senhora Paquita.

– A rua. Estamos na Torrente de las Flores, não estamos? Então o nome da taberna, Rosales, assenta à rua como uma luva.

– Ah, bom – sorriu ela, lisonjeada. – É que o nosso apelido é Rosales.

Naquele primeiro dia bebeu o seu café ardente de um trago, sem uma careta, e depois meteu-se de novo à chuva atravessando a rua em direção ao

portal 117. O cartão da senhora Mir apareceu depois, atrás do balde com os guarda-chuvas.

A mãe conserva um igual, juntamente com uma estampazinha da Virgem, dentro de um livro de Apêl-les Mestres com desenhos de formosas fadas e ondinas.

Victoria Mir

Cinesiologista e Quiromassagista. Especializada em moléstias lombares e dorsais. Tratamento das neurastenias do tecido muscular, nervoso e emocional. Por marcação.

É o que diz o extravagante cartão, que ela própria inventou. É de fabrico caseiro, uma pequena cartolina escrita à mão a tinta verde e com uma caligrafia primorosa e apertada. A mãe argumenta que a palavra quiromassagista parece um tanto rebuscada e pretenciosa, mas hoje em dia quem não se vangloria de alguma coisa, se quiser singrar na vida. A boa mulher diz ter sido aluna do doutor Ferrándiz, o naturalista fundador da Escola Quiroprática, tem fumos de psicóloga e cultiva ressaibos de uma terapia baseada na palpação. Até o Mata-Ratos, tempos atrás, recorda o miúdo, pensou em solicitar os seus bons ofícios para aliviar uma persistente dor nas cervicais. Gosta de tagarelar enquanto mói músculos e tendões, comenta a mãe, e juraria que não é alheia a certas práticas de curandeira, mas com isso não faz mal a ninguém. Ao que parece consegue alguma coisa mais que curar uma simples dor nas costas. Dizem que deteta tumores antes de se formarem, sobretudo nas mulheres. Conheceram-se nos turnos da noite da Clínica Nuestra Señora del Remedio, quando Victoria Mir trabalhava ainda como enfermeira. Tinham-lhe dado o diploma graças a uma manobra do marido falangista, mas sabia tratar muito bem os doentes.

– O doutor Goday sustentava que as fricções e os tratamentos herbários que ela fazia não deviam ser levados a brincar. Um dia ofereceu-se para me dar uma massagem capilar que me deixou como nova – diz enquanto começa a ligar-lhe a mão. – A propósito, tu não tinhas andado com a filha?

– A Violeta? Qual quê! É muito velha.

– Terá mais dois anos que tu. Dezassete, não mais.

– Bem, mas a miúda é um coiro. – Fecha os olhos e vê-a na taberna, à espera de pé e como que embasbacada que lhe encham a garrafa de vinho ou lhe entreguem a água de sifão. Pescoço comprido, gengivas descomunais e rosadas ao sorrir, cabelo avermelhado, mamas pequenas e rabo pimpão. Nunca confessará que essa aparente desconformidade, essa descompensação entre rabo e mamas, é precisamente o que mais o atrai na rapariga. – E além disso é um bocado surda. Não vale nada.

– Ah, não? Olha para o jeitoso. Olha que me disseram que no verão passado, na festa maior, a convidaste mais de uma vez para dançar.

– Mas não gosto dela, mãe. Brrrrr!

Não, não gosta desta gaja, claro que não. É esquisita, é antipática, é um frasco, e contudo não há dia em que não pense nas suas nádegas a moverem-se ao atravessar a rua ou a rolarem firmes atrás do balcão da papelaria onde trabalha. Na zona mais tórrida dos seus sonhos convoca uma e outra vez aquela noite de verão, em que a rapariga se refugiou nos seus braços cabisbaixa e calada, resignada aos furtivos apertões nas coxas e pélvis: ergueu para ele os olhos indolentes, demasiado juntos a um nariz cujas asas a dilatarem-se são a única coisa na sua cara que parece ter vida, enquanto ele, ao ouvir os primeiros compassos da orquestra e só de roçar a sua cintura de vespa com a mão, já não conseguia pensar noutra coisa a não ser naquele traseiro arrebitado que um dia o Quique *Cola-Tudo* tivera tão próximo na plataforma atulhada de um elétrico.

– Todos os domingos – acrescenta Ringo no mesmo tom desabrido –, quer de inverno, quer de verão, a mãe vai com ela ao baile do Verdi, às vezes vão ao Salón Cibeles ou à Cooperativa La Lealtad. Saem de casa sempre muito juntinhas, todas pintalgadas e de braço dado. Dá vontade de rir vê-las assim na rua, tão aperaltadas e encostadas uma à outra como se tivessem frio ou receassem cair...

– Quem dá vontade de rir és tu.

– Violeta-esquenta-braguetas, é como lhe chamam os rapazes no bar... Ai!

Leva um cachação e a reprimenda.

– Que não te volte a ouvir semelhante grosseria. Pobre rapariga.

Nenhuma rapariga é feia, costumava dizer a sua mãe, quando se é novo não se pode ser feio. Nada disso, pensa ele, embora ainda não consiga explicar por que razão, face a Violeta, se sente irremediavelmente atraído por aquela combinação de cara feia e pernas bonitas, por que razão esse desajustamento se torna tão excitante.

– A ligadura mais para cima, por favor, mãe, até meio do braço.

– Não é preciso, assim está bem.

– Emprestas-me o teu lenço de seda, aquele que Don Víctor te ofereceu? Para servir de faixa, em vez do cachecol... Por favor! Era assim que Bill Barnes, o ás da aviação, traria o braço se o tivessem abatido com o seu aparelho...

– Vaidoso, além de palerma – diz a mãe. Lembra-se do muito que se vangloriara da sua faixa durante dias e dias com dez anos apenas, quando partira o pulso ao saltar a vedação erichada de vidros da Clínica del Remedio. – Se depois quiseses lanchar, há uma lata de leite condensado por abrir e ainda resta alguma marmelada. Que vais fazer hoje? Vais ler para o Parque Güell, ou vais passar a tarde sentado naquela taberna?

– Ainda não sei.

– Se fores lá acima ao parque, vê se encontras orégãos. E traz-me um raminho de louro.

– Não sei, mãe, a sério. É que, se me doer muito o dedo, fico enjoado.

Nessa altura prefiro ficar no Rosales, que é perto. É o dedo do destino, sabes?

– E que fazes tu tantas horas encafuado nessa taberna de má morte? – inquire ela pela enésima vez. – Com a mão assim não podes jogar matraquilhos.

– Não gosto de matraquilhos.

Observa a mãe a cortar o que sobra da ligadura manobrando com dificuldade, dorida dos dedos metidos nos olhos de uma tesoura que não é feita para a mão esquerda.

– Quando for mais crescido vou ser rico, mãe.

– Ah, sim? Que bom.

– Já não vou ser joalheiro, com certeza já não vou poder trabalhar com ouro nem com platina nem com diamantes nem nada disso, mas vou ser rico na mesma.

– Ena. E como pensas ficar rico?

– Além de pianista, vou ser fabricante de tesouras.

– De tesouras?

– Vou inventar tesouras para pessoas canhotas. Sim, vou vendê-las e ficarei rico.

A mãe faz-lhe uma nova faixa com um lenço de pescoço de seda de cor verde-pálido, presente de Don Víctor Rahola, e aperta-lho na nuca deixando a mão bem alta sobre o peito para atenuar a pressão do sangue.

– Pronto – diz. – Vê lá se tens cuidado, senão volta a infetar. E já sabes, a mão sempre para cima, que te há de doer menos.

*

Assim, durante a maior parte do dia está sozinho, sem nenhuma obrigação nem cuidado a não ser o do dedo mutilado e a provisão de romances que aluga num alfarrabista da Rua Asturias. Cultiva secretamente uma nostalgia de futuro e uma crescente hostilidade para com o meio, junta tempo e liberdade para viver intensamente cada palavra dos livros que lê, vai e vem de casa à taberna ou ao Parque Güell com o romance no sovaco e o braço ao peito, com olhar desapaixonado mas sombrio e com olheiras românticas, arrebatadamente despenteado e vestindo com um certo desalinho, mas sempre com uma tensa e perseverante cortesia interior, uma fervorosa gentileza que não tarda a converter-se na expressão de um sentimento de desenraizamento e solidão. Já não é uma criança, já sabe que o tempo das aventuras nunca esteve parado, nunca deteve a cega marcha do mundo, mas tem a sensação de estar a viver um intervalo, um parêntese entre a oficina definitivamente abandonada e o ansiado piano. Ao libertá-lo do trabalho, a convalescença, mais longa que o previsto, favorece as leituras mais caprichosas, diversas e díspares. De Karl May a Balzac e a Dostoievski, de Júlio Verne a Edgar Wallace e a Papini, Zane Grey, Curzio Malaparte, Stefan Zweig e Knut Hamsun. Da comprida mesa de saldos da livraria da Rua Asturias, da salganhada de livros estafados e

maltratados na qual a sua mão ainda com os cinco dedos começara o ano passado a esgaravatar em busca de tesouros, e onde uma tarde tinha deparado casualmente com a crista gelada do Kilimanjaro – um pequeno e alongado volume de contos de encadernação branca com três borradelas de mosca na capa –, surgia repentinamente a *História de Duas Cidades* («Era a melhor e a pior das épocas, era o século da razão e da loucura, era a época da fé e da incredulidade...») e, sobretudo, *Fome*.

De dia escrevia com as mãos envolvidas em trapos, lê devotamente e sublinha a lápis o parágrafo. Sem a menor inquietude, antes com uma grata sensação de alívio, considera pela primeira vez a possibilidade de se ver obrigado a ganhar a vida de outra maneira, afastado de joias e pedras preciosas, mas mantendo a esperança de um futuro rico em emoções, salvaguardando aquele maltratado ideal do atormentado e aclamado concertista de piano que viaja pelo mundo arrecadando êxitos e namorando mulheres formosas, triunfando sobre a fatalidade. Ainda chega aos seus ouvidos de vez em quando a resposta harmoniosa do piano do professor Emery quando o tampo cai sobre o teclado, uma ressonância sustentada, funda e lamurienta, como se também a rede de cordas e martelos nas entranhas do velho Steinway lamentasse o seu forçoso embora temporário afastamento da música. Em qualquer caso, é praticamente certo que no dia de amanhã não será um ourives assalariado em nenhuma escura oficina, resignado para sempre ao maçarico e à gaveta forrada de zinco sobre os joelhos, e de facto a mãe e o pai já estão a considerar outras opções laborais para quando estiver curado.

Podia o destino ter-se manifestado de outra forma, menos cruenta e dolorosa? Podia, pensa, mal talvez tenha sido melhor assim, de chofre e de surpresa.

O PARDAL SOB A CHUVA

A história deste miúdo não é muito exemplar.

Para começar, no verão de 1943, durante as férias escolares em casa dos avós paternos na aldeia tarraconense de San Jaime de los Domenys, a sua atividade predileta, aquela a que dedica mais tempo e entusiasmo, para além dos alegres mergulhos nos tanques de regadio e das correrias com os rapazes da aldeia pelos trigais sob o sol radioso de julho, é atirar aos pássaros com uma espingarda de chumbos no quintal do avô. Ainda não conseguiu matar nenhum, mas não desiste no seu empenho. Acaçapado e com a vista fixa na frondosa figueira, espreita durante horas qualquer fugaz agitação ou movimento dos ramos. Por menos de nada, dispara. O miúdo tem pouco mais de dez anos e esses disparos de ar comprimido soam-lhe tão festivos como a abertura de garrafas de champanhe nas mãos do pai durante a celebração, no andar de Barcelona, de discretas e muito especiais datas cujo significado ignora, mas cujo excitante aroma de clandestinidade e perigo nunca deixou de perceber.

Tão-pouco sabe que o próximo disparo penetrará no seu ouvido como uma cobrazinha peçonhenta e ali nidificará eternamente. O céu esteve toda a tarde coberto de nuvens plúmbeas e agora caem as primeiras gotas, espaçadas e grossas. Mau dia para a caça, Ringo, diz para consigo. Permanece postado junto da figueira com a espingarda preparada, quando começa a chover com intensidade. Agrada-lhe a chuva na cara, sente-a como uma promessa de futuro, mas hoje quer caçar e refugia-se debaixo da figueira. Sobre a sua cabeça, o aguaceiro bate nas ásperas folhas com estrondo. Ao fim de um pedaço, um pardal solta-se da fronde que goteja e poisa em terra, espanejando a plumagem. Apoiado no tronco, ele mete a coronha à cara. O cheiro húmido das folhas e o fragor da chuva estimulam-no, a dureza da coronha na face

excita-o. Um pestanejar, e, de braços no tejadilho da diligência, Ringo dispara a sua carabina contra os apaches que o perseguem a galope pela pradaria. Fecha um olho e aponta, tateando o gatilho com o dedo. A menos de dois metros do ponto de mira, o pardal debica a terra dando saltinhos, para, levanta a cabeça e fita-o, depois dá outro saltinho, volta a parar e fita-o outra vez. Leva apresada no bico uma minhoca diminuta que se contorce viva. O ruído da chuva a bater nas folhas da figueira sempre lhe tinha alegrado o coração, mas agora é Ringo quem espreita, e o seu olho é implacável e a sua pontaria infalível, e além disso não tem coração. A frialdade e a inesperada resistência do gatilho à pressão do dedo é uma coisa que não esquecerá por muito tempo. Terá de disparar uma segunda vez, porque à primeira, embora lhe acerte, o pássaro não cai, apenas estremece devido ao impacto e encolhe-se, agasalhando-se nas plumas e virando a cabeça muito devagar para o seu verdugo. Entre o primeiro disparo e o segundo, enquanto o caçador se apressa de novo a carregar a arma com outro chumbo, o pardal olha-o fixamente com o seu olhinho redondo, velado já pela morte, e larga a minhoca.

Quando tudo terminou vira-lhe as costas, espera que pare de chover e ato contínuo, sem dirigir um só olhar ao pássaro morto – sabe que o pestanejar mágico que transforma as coisas não surtirá efeito desta vez – afasta-se da figueira com a espingarda a pesar-lhe nas mãos como se fosse de chumbo e dirige-se para casa com o queixo enterrado no peito. A meio caminho para e observa no céu um amontoado de nuvens avermelhadas que parecem devorar-se a si mesmas, alternando-se numa perseguição compulsiva em direção a um horizonte de fogo e esmeralda, mas na realidade estão tão quietas como na truculenta decoração do teatrinho de Las Ánimas, no espetáculo *Os Pastorinhos de Belém* que todos os anos é representado pelo Natal. Um estranho mal-estar mantém-no ali pregado e sem conseguir afastar os olhos das nuvens.

Daí a poucos minutos, enquanto esconde a espingarda no roupeiro onde a avó Tecla guarda odoríferos marmelos, enchem-se-lhe os olhos de lágrimas. Ao princípio chora movido por um embaraçoso sentimento de autocompaixão, mas esta converte-se de imediato numa profunda tristeza. E de volta ao quintal continua a chorar sem parar, e também chora enquanto apanha o pássaro. Já não é mais que um molho de plúmulas que se esponja entre os seus dedos. Embrulha-o num lenço e enterra-o debaixo da amendoeira, pondo sobre a sua sepultura uma pequena cruz feita com canas na qual escreve um nome, *Pardy*. Sente que as lágrimas brotam do mais fundo e negro da sua desapiedada alma assassina, de maneira que decide formular um juramento secreto. Todos os anos, quando em fevereiro a amendoeira florir, virei ver-te. Só se acalma duas horas depois, ao ver a avó Tecla fazer cócegas a um coelhinho branco agarrado pelas patas traseiras e falar-lhe ao ouvido com voz meiga e cristalina, antes de o desnucar com uma pancada seca e certa com a mão em cutelo. Grande golpe de jiu-jitsu da avó, que rico estilo! Mais tarde vê-a com esta mesma mão no rabo e a levantar com a outra a pichorra para

beber um gole nas costas do avô, e o esguicho de vinho a escorregar-lhe nos dentes deixa-o maravilhado. Nessa noite, porém, na cama, ao fechar os olhos, voltam os remorsos; o seu olhar penetra o negrume dos sonhos e mergulha na terra do quintal para resgatar o pequeno cadáver do pardal que começa a ser devorado pelas minhocas e pelas raízes da amendoeira. Imaginando os chumbos incrustados no corpo diminuto, e, sobretudo, pensando que um desses chumbos pode ter-se alojado na própria consciência viva do pássaro, por efêmera e fugaz que tenha sido essa consciência um instante antes de morrer, volta às suas mãos a cabecinha que pende como se tivesse chumbo, uma e outra vez, até que a imagem se converte num pesadelo.

Não voltará a pegar na espingarda a não ser com a intenção de se desfazer dela, e desde então não passou um só dia da sua vida que não tenha recordado este pássaro. O seu olhinho de chumbo, a fitá-lo do umbral da morte, acompanhá-lo-á até ao fim dos seus dias.

*

– Hoje vais à vinha sozinho, Mingo – diz-lhe a avó no dia seguinte. – Leva as tuas bandas desenhadas de índios, e toca a andar. Não tens medo de ir sozinho, pois não?

– Claro que não. Já não preciso da espingarda.

– Muito bem, fora com as espingardas. E quando voltares para Barcelona, leva-la.

Conhece a palmo o antigo carreiro que vai da aldeia à vinha, subindo com meandros até acima do casario chamado misteriosamente La Carroña, e gosta de se submergir na poeira branca desta vereda solitária e de se aturdir com o zunido das cigarras. O caminho atinge apenas os três quilómetros, mas contém uma expansão do tempo e dos sonhos que cobrirá mais de quarenta anos. Para onde quer que vá no futuro, desde aquela manhã em que, sozinho, mas a espaços flanqueado por Mowgli e depois por Winnetou, empreende o caminho levando no braço a cesta da comida para o avô, que o espera sulfatando a vinha, para onde quer que no dia de amanhã o leve, os seus pés estarão a pisar este caminho e voltarão a levantar até ao nariz uma poeira com aromas de esparto e estrume e uvas esmagadas, e alguma coisa dessa poeira germinal acompanhá-lo-á para sempre. Não há nem pode haver nenhum outro caminho no mundo como este, pensa ainda hoje, nenhum que tenha empreendido tantas vezes com a memória.

Mastigando uma amêndoa ou um talo de funcho, para à beira dos campos a contemplar a majestosa ondulação dos trigais ao sol, o sossegado vaivém das espigas num mar de ouro que se prolonga de uma courela a outra até às zonas boscosas no sopé da longínqua serrania de Castellví de la Marca, para lá das terras de pousio, dos extensos vinhedos e das suaves lombas de amendoeiras e alfarrobeiras. Às vezes, ao entardecer, de regresso à aldeia, uma efusão rosada que chega do poente cavalga pausadamente sobre as ondas

dos trigais em direção a um sombrio horizonte. Sob um céu estriado de nuvens, escuta o assobio do vento nos fios da rede de eletricidade e também o silêncio sobre os campos lavrados, observa a simétrica languidez e continuidade dos sulcos sombrios, a levíssima poeira vermelha que flutua imóvel sobre os camalhões, e então julga captar a fugacidade do tempo e pensa no mistério e na certeza da morte.

Cumprida a incumbência e de volta à aldeia, nas proximidades do bosque de Sant Pau reencontra-se com Winnetou e Old Shatterhand e juntos decidem outra rota na pradaria sem limites, varrida também pelo vento, até chegar a casa onde a avó, muito séria, o espera para comer num abrir e fechar de olhos e levá-lo à escola à procura do senhor Benito, o professor. Acabou-se isso de andar por aí todo o santo dia sem fazer nada de proveito, diz a avó, acabaram-se as escapadelas com a seita do teu amigo Ramón Bartra para irem nadar nus nos tanques, roubar pêsegos e melancias e esconderem-se nos trigais com pinturas na cara e penas na cabeça, acabou-se.

– Enquanto estiveres aqui comigo, irás à escola. Gostes ou não. Ficarei mais sossegada.

A avó Tecla é uma velhota baixinha, bem constituída e decidida, de olhos muito pretos com espessas pestanas e nariz esborrachado sobre um assomo de bigode escorrido, como de bandido mexicano, uma sombra dissuasória que fascina o rapaz. Outras coisas tem a avó, além do bigode e do veludo negro dos olhos, que reclamam amiúde a sua atenção, como a lenta e cuidadosa e muito tesa maneira de levantar a pichorra ao ar e manter o esguicho vermelho a bater-lhe nos dentes pequenos e branquíssimos sem entornar uma gota, com a cabeça deitada para trás e a mão no traseiro, dir-se-ia que para não deixar escapar o vinho por ali. Assim faz agora, postada diante da grande lareira da cozinha onde o vento geme, antes de pegar no rapaz pela mão e sair com ele para a praça.

Estava escrito que aquele dia tão claro e ventoso, tão propenso ao devaneio e à aventura, aqui em terras do Panadés tal como nas pradarias do Arizona onde Old Shatterhand cavalga em busca de Winnetou, seria o dia da revelação do segredo mais bem guardado, uma confidência adiada durante anos e que ocasionalmente ele tinha visto assomar no olhar triste da mãe depois de ouvi-la sancionar qualquer comentário inoportuno do pai ou de quem quer que fosse. E o primeiro sinal desse segredo aparece repentinamente na pessoa de uma velha e mexeriqueira camponesa que surge tal como uma aparição no meio da nuvem de poeira caliginosa que o vento levanta quando avó e neto atravessam a praça de mão dada, ele a esfregar os olhos.

– Ai que menino tão bonito, Tecla! – exclama a velha com um sorriso esquinado. – Com quem é que se parece? Porque, vamos lá a ver, não tem nada do Pep nem da Berta, como é natural... Pronto, é que se nota que não é filho deles, basta olhar para ele. Quero dizer que é natural que não se pareça com eles, como é natural, ora bem...

– Porque é que não vais coçar a pardaloca em vez de falar tanto, Domitila?

– é a furiosa resposta da avó, que puxa com força pela mão do rapaz para seguir o seu caminho.

Este nome, Domitila, afigura-se-lhe misterioso e divertido, parece saído de uma banda desenhada de Monito e Fifi, embora não tão foleiro como Tecla, nome que celebra como uma antecipação do ansiado piano que um dia sem dúvida será seu. Mas agora não quer pensar nisso, e tão-pouco na pardaloca da velha Domitila, outro mistério ainda mais insondável, e sim nas suas estranhas palavras.

– O que foi que aquela senhora quis dizer, avó? Porque é que ela disse... aquilo que disse?

– Porque a Domitila é uma grande burra!

– Mas o que foi que ela quis dizer?

– Nada. Não sabe o que diz. Não faças caso, querido.

Um dia, há muito tempo, a avó disse-lhe que quando fizesse dez anos a mãe lhe revelaria um grande segredo. Disse-lho com as pestanas humedecidas e a sorrir, e ele não o esqueceu, mas, por alguma razão que não saberia explicar, não voltou a recordar-lho, nem a ela nem à mãe.

A escola é grande e luminosa e fica nos arredores da aldeia, junto da estrada que conduz a Llorens e ao Vendrell, e está fechada para férias. O senhor Benito Ruiz y Montalvo, o professor, veio verificar se o carpinteiro cumpriu o encargo de que o incumbiu de substituir umas tábuas do estrado e reparar uma janela. A avó podia ter procurado o professor na farmácia, qualquer dia depois do almoço, quando ele e o farmacêutico Granota jogam xadrez no laboratório, ou ao sair da missa do meio-dia num domingo qualquer, mas não quer que mais ninguém ouça aquilo que tem para lhe dizer. Embora falte muito para o novo ano escolar, deseja pedir a matrícula do rapaz quanto antes, só por três ou quatro meses, diz, neste inverno vou tê-lo ao meu cuidado, os pais estão a passar um mau momento em Barcelona...

– E quem é que não está, cara Tecla – lamenta-se o professor, pressionando o estrado com o pé, a verificar a sua resistência. – Quem é que não está, nestes tempos.

– Faça o favor de o sentar com as outras crianças, senhor Benito. Não é bom ele andar sozinho por aí a toda a hora.

– Claro, Tecla, não é conveniente. – E, fitando o rapaz com fingida seriedade: – É um bom elemento, sabemos isso, temos andado a vigiá-lo. Humm, um rapaz com uma rica vida interior, hein?

A avó responde àquilo com um grunhido. Uma rica vida interior, as tolices de que este homem se lembra. O rapaz fita o grande quadro, a salamandra de lenha com a chaminé preta e retorcida, o mapa de Espanha, as carteiras com manchas de tinta, a camisa azul do senhor Benito, com a aranha vermelha bordada no bolso, e os retratos do Caudillo e de José Antonio na parede, a escoltar o Crucificado, ao qual falta um pé.

– Bem, só haveria um inconveniente – acrescenta o professor. – Tanto quanto sei, este moço ainda não foi legalmente adotado. De maneira que...

– Não foi possível fazê-lo antes – diz ela em voz baixa. – A culpa foi da guerra.

– De maneira que teremos de matriculá-lo com os seus verdadeiros apelidos...

– Chiiiu! – corta a avó, e o senhor Benito morde a língua, embora já seja demasiado tarde. A desculpa imediata e em voz alta piora as coisas: julgava que o miúdo estivesse ao corrente da sua verdadeira origem familiar. Chiiiu!, insiste a avó, e ordena ao neto que vá lá para fora brincar. Ele agarra-se às suas saias pretas e nega-se a obedecer. Porque é que lhe falta um pé?, pergunta, olhando para o crucifixo. Então o professor, apontando para ele até quase lhe tocar o nariz com um dedo imperioso e descomunal, manchado de tinta mas com a rosada unha impoluta e bem cortada, atribui-lhe uma carteira ao fundo da sala e ordena-lhe que se sente. Depois toma a avó pelo braço e ambos se afastam para um canto, embora não consigam grande coisa. Por mais baixinho que se fale, as vozes ressoam na sala vazia, e além disso Winnetou consegue ler a linguagem do homem azul observando o movimento dos lábios. Isso é de caras.

– Quando fizer dez anos pô-lo-emos ao corrente, antes não – sussurra a avó. – Assim quis a mãe. Se ela estivesse aqui, hoje mesmo já lho teria explicado, mas não pôde vir.

– O que é vida interior, avó? – pergunta ele, da carteira. – Onde está o outro pé?!

– Cala-te, filho, não arranjes sarilhos.

– De maneira que ainda não disseram nada ao pobre miúdo – lamenta-se o senhor Benito. – Muito mal-feito, Tecla, muito mal-feito! E como se não bastasse, ainda não foi legalmente adotado. Seja por que razão for, e é uma coisa que não me diz respeito a mim, claro está, na altura própria não se fizeram as diligências pertinentes, de modo que para todos os efeitos esta criança continua a ter os apelidos dos pais biológicos...

– O que é biológicos, avó?!

– Queres calar-te um bocadinho, se fazes favor?

– Portanto teremos de matriculá-lo com os seus verdadeiros apelidos – prossegue o senhor professor. – Não posso fazer outra coisa, lamento muito. E francamente, Tecla, admira-me que o Pep e a Berta não tenham dito a verdade ao rapaz.

– O que é pais biológicos?!

– Nada, poça! O senhor Benito está-me a dizer os livros de que vais precisar...

– Certo – o professor adota um tom doutoral –, falamos da biogénese, rapaz, complicadas matérias cujo estudo ainda não te compete devido à tua idade, percebes?

O senhor Benito tem uma boca fina, delicadas mandíbulas de ruminante e o olhar inane do Comilão. Cai para trás como uma tábua e com os olhos em alvo, e Ringo sopra uma vez mais a boca do revólver e volta a metê-lo no

coldre. Acaçapado na última fila, agarra-se firmemente com ambas as mãos aos lados da carteira, como se esta fosse levantar voo, e perscruta a careta grosseira e desdenhosa do senhor professor com os olhos sagazes de Old Shatterhand. Agora mesmo raspo-me de novo para a pradaria com o fiel Winnetou e os seus quatro guerreiros...

– Está a dizer-me que para entrar na escola o meu neto tem de mudar de apelidos? – diz a avó engrossando a voz. – Que quando fizerem a chamada ele terá de ouvir o seu nome com outros apelidos? Apelidos que ele nunca ouviu antes, e os amigos dele tão-pouco...?

– O que estou a dizer-lhe, Tecla, é que eu, lamentando-o muito, sou obrigado a matriculá-lo com os seus apelidos. Só assim o posso ter na escola, é uma condição *sine qua non*.

– E não poderia fazer vista grossa por três meses, senhor Benito? Quem é que lho ia censurar, com esses amigos falangistas tão importantes que o senhor tem...

– Ai, Tecla, hoje em dia são precisos amigos para tudo! Gostaria de te ajudar, mas já viste bem o que me pedes? Não posso fechar os olhos perante um assunto tão irregular, e de tanta responsabilidade para mim. E se vier uma inspeção? Porque se trata de uma, digamos, anomalia consanguínea...

– Mas que coisas o senhor diz! Nem que fosse uma doença, ou alguma coisa que vá contra o Regime!

– Nada disso, mulher. O que eu quero dizer é que o parentesco não é consanguíneo, e portanto é anómalo, e isso tem de ser registado... Os que mandam agora exercem um controlo muito rigoroso, bem sabes. Aliás, de quem é a culpa desta situação? – Olha de esguelha para o miúdo, acaçapado na carteira como uma fera disposta a saltar-lhe em cima, e baixa um pouco mais a voz. – Passado tanto tempo, como é que o padrasto dele não solicitou oficialmente a adoção?

– O que é padrasto, avó? – inquire, batendo com os pés no chão.

– Tem frio nos pés – desculpa-o ela. – Este miúdo anda sempre com os pés frios. A meio da tarde já tenho de acender o lume para ele. – Vira-se e olha-o severamente: – Porta-te bem, senão zango-me a sério! Não arranjes sarilhos nem te armes em índio.

Ela sabe quando Winnetou está com o neto. Como o sabe? Sempre que ouve o miúdo murmurar coisas caminhando ao seu lado, meditando ensimesmado e com os olhos semicerrados, à ida ou vinda da vinha pelo carreiro branco fora, ou enquanto a ajuda em silêncio a acarretar lenha no quintal, a apanhar erva para os coelhos ou a descascar amêndoas sentado muito cabisbaixo na cozinha; sempre que para matar a rotina ou o aborrecimento deixa aflorar aos lábios um cochichar que ela não percebe, sabe que fala pela boca de uns índios que vêm nos livros e bandas desenhadas que a mãe lhe traz de Barcelona.

– As diligências para a adoção são muito caras e agora a família não pode fazer face a despesas, senhor Benito – está a dizer a avó. – Far-se-á assim que

for possível.

O homem mostra-se preocupado, e ele não lhe tira os olhos de cima. De vez em quando vê-o respirar fundo, inspirando ar com uma forçada altanaria, e então a aranha vermelha agiganta-se no seu peito e ameaça pôr as patas em movimento, como se fosse encarrapitar-se na camisa azul. O movimento da aranha no peito do professor, nunca tinha visto coisa igual! Com ar cansado, o senhor Benito manifesta que esta manhã teve de assistir com todas as suas galas a uma assembleia na delegação da FET e das JONS² em Vendrell. A boina vermelha que exhibe presa sobre o ombro parece um tanto desbotada e crestada, mas de resto veste com extremo esmero, calça sapatos pretos de verniz, penteia-se com fixador e fuma um cigarro de tabaco picado muito fino, curvo e perfumado.

– Complicado assunto – conclui. – Enquanto a adoção não for formalizada, aqui na aula terá de ser chamado, lamento ter de lho dizer, Tecla, mas terá de ser chamado pelos patronímicos biológicos...

– Diante do rapaz o senhor poderia abster-se dessas palavras tão... feias e esquisitas, não acha?

– Vamos a ver se me entendes, mulher. Falo de cumprir uma simples diligência burocrática. Aliás, não sei, não confio, há alguém a sacudir a água do capote neste assunto... Receio que tal como as coisas foram postas haja uma clara alteração paterno-filial, uma renúncia, um suspeito abandono de identidade, digamos...

– O senhor quer confundir-me! Na escola de Barcelona, o miúdo não teve nenhum problema com os apelidos! – Resfolega, mas logo se contém e suaviza o tom. – Bem, não sei, tem de haver uma solução... Que podemos fazer, estimado senhor professor?

– Tu é que decides, Tecla. Vai para casa e pensa nisso com calma.

*

Antes de chegar a casa já o decidiu: esta criança não pode perder três ou quatro meses a vadiar por aí, tem de ir à escola seja como for, com os apelidos próprios ou com os que lhe emprestamos, tanto faz. Mas como explicar-lhe que tem quatro apelidos em vez de dois, e porquê?

Sentada numa cadeira baixa diante da lareira, com o olhar fixo nas chamas, a avó liberta em silêncio os demónios familiares que propiciaram tantos erros: se doze anos atrás o seu filho e a Berta não tivessem preferido a cidade e as imprudentes alegrias da República à paz e tranquilidade desta pequena aldeia; se em Barcelona o Pep não se tivesse metido em política; se a pobre Berta não tivesse perdido o filho no parto, se ao sair chorando de La Maternidad não tivesse apanhado aquele táxi, se o médico não tivesse esperado mais um dia para lhe dizer que não poderia ter mais filhos... Havia muitas coisas que o acaso na altura tinha entortado, e agora voltava a acontecer o mesmo: se não se encontrasse retida em Barcelona por causa do

trabalho, Berta estaria hoje aqui a explicar ao rapaz, com muito tato e doçura, tal como se propusera anos atrás – tinha desde o princípio, à espera de vê-lo atingir a puberdade, escolhido cuidadosamente o momento e as palavras que lhe diria –, quem o trouxera ao mundo há dez anos, que misterioso desígnio levara aquele táxi até à porta da clínica precisamente quando... Mas Berta não está aqui e o miúdo faz perguntas, e o momento de lho contar chegou. Há pouco, enquanto o ouvia azafamar-se no quarto a ajudar o avô a guardar os melões de inverno debaixo da cama, ela, na cozinha, apressou-se a acender o lume na lareira apesar do calor, e não só para cozer couves e batatas na panela enegrecida, de modo que quando o neto volta e se senta no chão a contemplar as chamas – o que mais lhe agrada quando escurece, seja inverno ou verão –, já decidiu o que lhe vai dizer.

– Hoje vou contar-te um segredo, se me prometeres que não o dizes a ninguém. De qualquer maneira, mais tarde ou mais cedo terias de ficar a saber... Não te assustes, não é nada de mau. Escuta.

Apesar do poderoso magnetismo do bigode mexicano, na voz agora adelgada e meiga da avó, estranhamente acriançada, torna-se uma história de fantasmas que não mete medo nenhum, trufada de enredos e casualidades e contada com muitos melindres e doçuras. Pela primeira vez desenrola-se diante dos seus olhos uma confusa sequência de vinhetas que lhe faz ver, por esta ordem: um táxi que circula pelas ruas de Barcelona sob a chuva, um médico e uma freira a cuidarem de uma jovem parturiente numa sala de La Maternidad, um cubículo no arrabalde de Sarriá onde outra jovem mãe está também prestes a parir, uma criança que vem de rabo a este mundo e outra criança que vai de cara, a primeira mãe que pare um bebé morto e a segunda mãe que morre ao dar à luz o bebé que vinha de rabo. Agora vamos imaginar por um momento, acrescenta a avó, só por um momento – ele já está a vê-lo: no meio de uma efusão de luz e de sangue assomam os pés, pequenos e enrugados como passas, depois as pernas inteiras e a seguir o rabinho –, que a criança que veio a este mundo virada ao contrário... és tu. Não é verdade que às vezes brincas a imaginar que és um índio com uma liga da tua mãe na testa e com pinturas na cara? Pois agora imaginamos que és a criança que veio de rabo a este mundo, e que, no momento de tu nasceres, a tua mãe morre, porque assim dispôs o destino... E aquele táxi que anda há horas a percorrer a cidade debaixo da chuva sem que nenhum cliente o mande parar, não será porque assim também dispôs o destino? À porta de La Maternidad, uma freira e uma enfermeira despedem-se e dão os últimos conselhos à mãe que se apresta a voltar a casa depois de perder a criança. O marido, que a protege da chuva com um guarda-chuva, ao ver o táxi passar diante da clínica, levanta o braço e manda-o parar... Ela sempre disse que o viu primeiro porque, embora fosse de dia, o táxi tinha os faróis acesos, e isso chamou-lhe a atenção. Bem, o certo é que entraram nesse táxi. E quem é o motorista do táxi? Ora, por acaso, é o viúvo daquela senhora que morreu de parto há uma semana. E o que acontece enquanto ele leva o infeliz casal a casa, ela a chorar nos braços do

marido porque, além de perder a criança, os médicos lhe disseram que não poderá ter mais filhos? Ora acontece que o taxista, ao ouvi-la chorar e lamentar-se da sua desgraça, não consegue deixar de referir-se à sua. Tristes acasos da vida, minha senhora, diz que disse, e então o homem conta que também ele acaba de sofrer a perda de um ente querido por causa de um parto malsucedido, só que no caso dele aconteceu o contrário, pois foi a mulher dele que morreu, deixando-lhe uma criança... E, segundo contou mil vezes a própria Berta, então vai ela e diz: e se me levasse a ver essa criança, por favor, senhor taxista?, e o motorista compadece-se e desvia-se do trajeto, e leva o casal a ver o bebé, que está à guarda duns parentes que, lamentando-o muito, não podem ficar com ele. E uma vez ali, sucede que Berta tira o bebé do berço e lhe pega ao colo pela primeira vez...

– E pronto, já não houve maneira de te largar – conclui a avó. – Combinaram que a Berta tomaria conta de ti só durante uns tempos. Como uma ama de leite... Sabes o que é uma ama de leite? Bem, passou um ano e depois outro, e outro, e a situação foi-se prolongando e as coisas ficaram assim, de maneira que já vês, agora acontece que tens duas mães. Caramba, caramba, que bambúrrio o teu! Não sabes que ter uma mãe no céu é uma bênção? És uma criança feliz, sim, é o que tu és, uma criança feliz! Porque aquele homem não te poderia criar e terias ido parar ao orfanato, com certeza, de maneira que o melhor que podes fazer é agradecer ao céu por seres uma criança tão feliz... – Perscruta-lhe a cara e acrescenta: – Ou ainda não estás convencido? E se amanhã te coser uma bola com umas calças de bombazina velhas do avô? Deixa lá ver essa cara, anda... Está bem, se tens vontade de chorar, não te contenhas.

Nem vontade de chorar nem nada que se pareça. Nem um indício de choraminguice, nada, e menos ainda aquilo de se sentir feliz. Suspeitar de tudo o que acaba de ouvir, essa é a única coisa que lhe ferve na cabeça, é como uma necessidade imediata, como uma salvaguarda perante novos e imprevistos avatares: a repentina e estranha convicção de que, no fundo do seu coração, sempre soube aquilo que acaba de ouvir. E uma reflexão que lhe proporciona a própria avó e que o fará sorrir à medida que o tempo passe: se aquele táxi com os faróis acesos tivesse passado um minuto antes, só um minuto antes, com toda a certeza ele não estaria aqui agora a contemplar as chamas da lareira, nunca teria vindo para esta aldeia, nunca teria entrado nesta casa, não haveria nenhuma espingarda de pressão de ar escondida num armário e no quintal tão-pouco haveria nenhum pássaro enterrado com dois chumbos no corpo... Sendo assim, tudo fora causado por um bambúrrio, um fantástico bambúrrio, e consequentemente o seu eu mais instável e especulativo gostará a partir de hoje de transitar amiúde pela vertente mais accidental desta história, na qual hão de brilhar sempre uns faróis de táxi entre rabanadas de chuva.

– E cuidado com isso que o senhor professor tanto gosta de repetir – conclui a avó com o maior receio. – Aquilo duma rica vida interior. Vida

interior! Muito cuidado. Não arranjes sarilhos.

– Claro, avó. E olha – diz ele, para despistar e mudar de assunto –, se a forrarmos de bombazina, aguenta mais. E até há de parecer de verdade.

Mesmo as bolas de trapos que a avó lhe cosia tão primorosamente, agora que pensa nisso, o que eram senão bondosas falácias? Através do tempo ela continua a olhá-lo muito de perto e fixamente com uma luz risonha nos olhos húmidos, piscando um pouco por causa da proximidade e pelo prurido ambíguo de uma convicção que não saberia formular por palavras mesmo que quisesse: tão mal-aventurada, imprevisível e precária pode ser a vida, tão marcada pela perda e pelo abandono, que às vezes bem merece alguma compensação em forma de bambúrrio ou de balsâmica história da carochinha.

Nessa noite dormirá embalado pelo perfume dos amarelos melões de inverno debaixo da cama. De madrugada, *Pardy* poisa silenciosamente sobre um dos melões, crava as garras na casca sedosa, encolhe o corpo e dispara pelo rabo a sua pequena metralha, escuras cobrazinhas de merda que dirige a Ringo olhando-o turvamente através do estrado e do colchão. Apresta-se a retomar o voo quando Ringo lhe diz:

Não te vás já embora. Espera um pouco.

Para quê? Para me enfiar outro chumbo?

Não. Para podermos falar um bocado amistosamente...

Eu, falar contigo? Mas que estás tu para aí a dizer, pá! Alguém poderia acreditar que eu fale amistosamente contigo, com o meu assassino?

Amanhã a avó coser-lhe-á outra bola com a agulha grossa de coser sacos, outra que acabará estripada entre os pés dos rapazes a jogar na praça. Mas a partir deste dia ele prefere muitas tardes estar sozinho, a ler no quintal. Quando a mãe vier, disse-lhe a avó, há de contar-lhe a história toda, porque há muitas coisas que nem eu própria sei, que ainda não me quiseram dizer. Não obstante, o tantas vezes referido mau momento por que o Mata-Ratos e a Berta estão a passar lá na cidade, aliviado de vez em quando com viagens da avó levando uma cesta com ovos e azeite e um coelho ou uma galinha, fará com que a mãe demore muito a voltar, e durante todo o inverno ele passará muitas horas sozinho no quintal, no baloiço improvisado por baixo da amendoeira, e também na escola.

Na primavera a mãe traz-lhe de Barcelona *Genoveva de Brabante*, *A Ilha do Tesouro* e as novas aventuras de Winnetou e Old Shatterhand, e escolhe a ocasião propícia para falar com ele. Com os olhos alegres, com delicadeza e sabedoria, junta os acasos dispersos da história até fabricar um artefacto verbal que contém segundo ela a verdade verdadeira e que a obriga a admitir, perante a insistência do rapaz para esclarecer esse ponto, que foi ela, efetivamente, e não o pai, a primeira a distinguir de longe as luzes do táxi no meio da tempestade.

– Porque é que isso te interessa tanto?

– Pensei que tinha sido a avó a inventá-lo. Porque de dia os carros não andam com os faróis acesos. Pois não?

– Pois este tinha. Talvez porque chovia um pouco, ou por descuido do taxista... Estás a ver? Tudo tem uma explicação. Mas o importante para mim não é isso. O importante é que acredites em mim. Acreditas em mim, filho?

A sua cara e a sua boca carinhosa tão próxima, o suave aroma do batom vermelho-cereja nas suas palavras, as covinhas das suas faces ao sorrir, a presteza alada e cúmplice das suas mãos ásperas e avermelhadas, a chuva e os faróis do carro e o presente de novos livros, novas bandas desenhadas e almanaques tão desejados, mais e melhores que outras vezes, lidos junto ao fogo da lareira em dias de chuva. Assente em silêncio, para não o gritar: Sim, acredito em ti.

Mais tarde, no quintal, ao vê-lo deitado de bruços debaixo da amendoeira com os seus livros e bandas desenhadas, ela recorda-lhe uma vez mais a conveniência de forrar os livros, que assim os terá sempre novos, e refere-se outra vez à sua boa estrela.

– Ainda bem que alguns não se queimaram com tudo o resto, não é? – E acrescenta sorrindo: – Por causa das moscas, lembras-te, filho?

E a memória de uma grande fogueira a meio da noite, com as chamas mais altas e vorazes que ele alguma vez vira, devolve-o por um instante a uma cenografia fantasmal no seu próprio bairro, dois anos atrás, a um pequeno e sombrio jardim particular onde uma pilha de livros, cadernos, fotografias e documentos crepitam e ardem por causa das moscas.

HERÓIS NA FOGUEIRA

– Pois claro! Fazemo-lo só por causa das moscas! – diz o pai enquanto lança os livros ao fogo, um após outro e quase sem lhes lançar uma olhadela, sem verificar o título nem o nome do autor e gracejando durante todo o tempo para animar o pessoal: – Por causa das moscas e dos ratos azuis, filho, claro que sim! Não o fazemos por gosto!

Se tivesse uma pá fá-lo-ia melhor e mais depressa, pensa ele, e recorda-se de Harpo Marx a lançar pazadas de livros à fogueira num filme para rir. Mas aqui não vê nada que lhe dê vontade de rir. Alguns senhores olham para a fogueira com ar severo e solene e têm o fulgor pintado nas caras como uma máscara de gesso.

De maneira que o senhor Gaspar Huguet está a queimar parte da sua biblioteca por causa das moscas, isso é o que o miúdo deduz ao ouvir os comentários dos crescidos. A fogueira foi o pai que a improvisou com ramos secos e troncos cortados no jardim do próprio senhor Huguet, atrás do telheiro que de dia é uma arrecadação e de noite um torrador clandestino de café, e não se parece em nada com as fogueiras festivas da noite de São João. Sabe que nenhum rapaz virá saltar por cima das chamas nem lançar petardos. Esta é uma aborrecida cerimónia oficiada por adultos aflitos por alguma causa, e ainda por cima, como se não bastasse o aborrecimento, se a pessoa se afasta da fogueira faz um frio de rachar. Sabe igualmente que o pai trabalha com o senhor Huguet a torrar café neste telheiro três ou quatro noites por semana, das duas às cinco da madrugada e às escondidas de toda a gente, sobretudo do guarda-noturno, e também sabe quando esteve aqui porque no dia seguinte a sua camisola e o seu cachecol cheiram a café torrado açucarado. Agora o senhor Huguet, aproximando-se do rapaz e procurando dotar a voz da jovialidade que está longe de conseguir, pergunta-lhe, ao vê-lo tão perto das

chamas e como que hipnotizado, se também gostaria de queimar alguma coisa sua, e ele responde sim senhor, e pensa no seu odiado livro de aritmética e também na filha de Fu-Manchu e depois nos ratos azuis, uma marabunta de ratos azuis a retorcerem-se entre as chamas.

– Afasta-te, senão queimas o nariz – previne-o o pai. – Procura algum ramo seco por aí, anda.

Mas onde se está melhor é ao pé do fogo, o coração quente de uma noite inhospita povoada de avermelhados fulgores e caras de caso de pessoas preocupadas a falarem em sussurros. As caras contraem-se e dizem coisas que não percebe, comentam em voz baixa uma rusga policial efetuada de surpresa em casa do senhor Oriol, a grande quantidade de livros confiscados, um esbulho vergonhoso, Berta, e aplicando que critérios, acusando-o de que delitos? Ai, meu Deus, podes imaginá-lo. Tão-pouco percebe que alguém a coberto da escuridão declare com ironia: Quem acende as fogueiras onde antes não as havia?, enquanto do imponente fogo saem chamas movendo-se como mãos de compridos dedos que pedem e recebem ansiosamente mais livros. O fumo espesso e ondulante recorda-lhe o génio Djinn a surgir da garrafa que as ondas do mar arremessam à praia, a fumarada negra que erguendo-se contra o céu de repente se converte no gigante cujas gargalhadas retumbam diante do pequeno e assombrado Sabu.

Estes são os finais de um longo inverno em Barcelona com o cachecol apertado até às orelhas e os pés sempre frios, na rua e no cinema, na escola e no coro da paróquia, nas frondes do Parque Güell e na falda da montanha Pelada. Oito anos acabados de fazer, o nariz inflamado, o cabelo encaracolado, bons orelhões e pernas cambadas como os *cowboys*, e sempre com frio nos pés, mas não nesta noite no sombrio e desleixado jardim onde ardem, retorcendo-se, livros e cadernos, agendas e fotografias, documentos diversos e cartas e postais e cartões do pai, do senhor Huguet e de alguns vizinhos que também se inscreveram na queima. Lamenta ver as chamas devorarem um bloco de espiral quase novo, com as suas folhas quadriculadas e a sua capa dura de cor creme, que tem escrito à mão *CNT quotas*³. Sempre quis ter um bloco de espiral. Uma semana antes tinha visto o pai sentar-se à mesa da sala de jantar com o seu bloco aberto e pôr-se a raspar pacientemente com uma navalha de barba alguns nomes e números nas suas páginas, até que se cansara e atirara furioso a navalha para dentro do copo de vinho exclamando: Para a fogueira com tudo, é o mais seguro!

Alentado por rajadas de ar, o fogo levanta folhas que se soltaram de algum volume e mantém-nas na crista das chamas um instante, revolteando como grandes borboletas negras no meio de uma eriçada constelação de fagulhas. Também ardem alguns papéis da biblioteca privada do idoso Don Víctor Rahola, vizinho e amigo do senhor Huguet. O rapaz ouve comentá-lo ao próprio Don Víctor, que se ri de maneira jovial e por sinal sem que pareça importar-lhe muito que venham ou não venham moscas: Não estás enganado, pá, porque os meus papéis estão a zumbir no ar como moscas! E recorda que a

mãe no verão passado tinha proporcionado os seus cuidados de enfermeira de noite a este homem na sua bonita torre do Paseo del Monte, tratando-o no seu leito debaixo de um grande mosquiteiro, e que lhe contou que Don Víctor era um senhor sábio e simpático e muito brincalhão, um escritor que já não escreve e que costumava pedir-lhe que se sentasse na cama e lhe lesse um livro.

– Não tires o cachecol, filho.

Às vezes pergunta a si próprio por que razão a mãe não chega a ser exatamente uma enfermeira como as outras. Ela própria lho disse um dia: não sou exatamente uma enfermeira, sou uma tratadora de doentes, e amiga das freiras. Só trata de velhos em clínicas, lares e casas particulares, mas não tem diploma de enfermeira. Faz turnos de noite e pagam-lhe mal.

A furiosa combustão da fogueira faz com que os livros se abram, e chamuscas como dedos passam as folhas rapidamente. Por causa das moscas, para o caso de virem, ouve de novo sussurrar atrás de si. E também para o caso de virem as baratas, pensa, e os ratos e os piolhos. Nalgumas esquinas do bairro amontoa-se lixo frequentado por ratos enormes, ele viu alguns, é lixo que também atrai as moscas, mas não percebe do que vêm à procura estas moscas daqui, das quais tanto se fala. Bem, e depois, diz de si para si, que venham, o meu pai pode matá-las rapidamente com o seu potente raticida, mais todos os mosquitos e traças e percevejos que se atreverem a vir. Porventura não são os ratos de biblioteca mais ferozes que as moscas, e porventura não os liquidou também? Nunca precisou de acender nenhuma fogueira para acabar com eles, e contudo aqui está, vigilante e afanoso, a avivar as brasas com a bengala quando é preciso, chegando às chamuscas encadernações que saltam e as folhas que se soltam chamuscadas. Ora bem, porque é que agora está a queimar só livros catalães por causa das moscas? Significa que são livros que atraem as moscas, mãe, livros e documentos infetados e contaminados por borradelas de mosca, e que têm de ser queimados por isso, porque nos poderiam infetar a todos?

Mas ela não presta atenção ou não ouve, não sabe de que lhe fala ele. Vê-a de braço dado com uma vizinha, a senhora Rius, vê-as juntarem as cabeças olhando-se com tristeza, embrulhadas nos seus apertados abafos pretos com as golas levantadas. Aquela conhecida inclinação da mãe para a tristeza... Que género de moscas asquerosas são estas, mãe? São as moscas tsé-tsé, as que provocam a doença do sono? Bem, de certa maneira sim, querida criança, sonos que agora poderiam converter-se em pesadelos, atalha a senhora Rius com um ameaço de sorriso bonacheirão. Será que são livros gravemente perigosos para as crianças, livros pecaminosos, cheios de estampas de ninfas nuas com transparentes asas de mosca nas costas, de fadas de formosa cabeleira que mostram os seios e dormem nos lagos e flutuam no bosque, doces espíritos do ar e da água, como naquele pequeno livro que guardas em casa com desenhos tão bonitos e de que tanto gostas, mãe? Será que as moscas que hão de vir são muito perigosas? Foi por isso que entrámos de

noite no jardim do senhor Huguet, para ajudar o pai e os seus amigos, por causa das moscas? Sim, filho, viemos ajudar. Põe bem o cachecol. E onde estão as moscas?, insiste ele.

O crepitar quase inaudível das páginas é a resposta, o rumor das palavras convertidas em cinza, um ciciar incessante nos ouvidos da criança. Quantas vezes voltará a ouvi-lo, até derivar em persistente assobio.

– Tão perto não, cabeça de abóbora, senão ainda te queimas – previne-o o pai.

Dizem-lhe piadas, sobretudo o pai, mas não lhe passa despercebida uma propensão para o desânimo em todos os presentes. Alguém fala assombrado, compungido e em voz baixa, do irmão falecido de Don Víctor, há dois anos apenas, e ele percebe que este homem foi morto por moscas azuis que primeiro tinham destruído os seus livros. Postado diante das chamas, observa fascinado os volumes que se abrem como flores negras, as páginas que se curvam e enegrecem e as chispas como insetos de luz a subir rumo à noite estrelada. Parece-lhe ver que a ação do fogo faz com que as palavras se soltem das páginas e se elevem ardendo um instante para imediatamente se converterem em remoinhos de fagulhas, palavras e fagulhas misturadas a subir rumo à noite, e sente a necessidade de retroceder uns passos e recuperar a mão acolhedora da mãe e o sussurro da sua voz, destinada agora mais à amiga vizinha do que a ele: O teu pai sabe o que faz, hão de vir com um mandado de busca e é melhor que não encontrem nada, não é verdade, María? Também no seu rosto contrito e sonolento se refletem as afanosas chamas, enquanto o marido, o implacável e alegre capitão da Patrulha Mata-Ratos, graceja e amaldiçoa brandindo a bengala: Somos o cu do mundo, diz, filho, quantas vezes to disse, pois olha, vamos aquecê-lo, o cu, e a mão esquerda da mãe, magra e fria, longos dedos e pálidas unhas por pintar, aperta a sua com um leve tremor que o entristece.

– Fica comigo, filho.

Viu aqueles dedos a espetarem a agulha hipodérmica na pele grossa e rugosa de uma laranja, de muitas laranjas, experimentando a picada uma e outra vez com gesto inseguro e trémulo, ensaiando, aperfeiçoando o golpe. Porque é que não experimentas com a mão direita, mãe?, perguntou certa vez. Ela ensaia todos os dias uns minutos antes de ir para o trabalho e um bocado todas as noites antes de se deitar, sentada na borda da cama com a mantilha pelos ombros e de costas viradas para o marido que esconde a cabeça debaixo da almofada. Na mesa de cabeceira, a pequena imagem do Menino Jesus de Praga, e, para não perturbar o sono do Mata-Ratos, o candeeiro coberto com um pano vermelho, como quando ele passou o sarampo na grata companhia de *O Livro da Selva*. Depois de umas tentativas inseguras, com a laranja na mão direita e a agulha na esquerda, experimenta a picada, brusca e delicada ao mesmo tempo, rápida mas suavizando o golpe. É assim que aprende pacientemente a dar injeções, quando as freiras das Darderas⁴ já a aceitaram para tratar de velhos no seu Lar da Rua Sors ou a domicílio. Daí a pouco

saberá também aplicar ligaduras e lavar rabos de velhos, deitá-los e dar-lhes de comer e entretê-los jogando com eles às cartas ou ao ludo ou lendo-lhes um livro, mas dar injeções é aquilo que mais lhe custa aprender porque receia magoá-los. Por vezes queixa-se de ter pouca força para pôr e tirar da banheira uma ou outra avó gorda e tolhida, mas está agradecida às freiras pelo trabalho e encontra sempre algum motivo para se alegrar:

– Hoje aprendi a jogar à bisca.

É em ocasiões que tais que ele se sente mais unido a ela, quando a ouve falar dos momentos bons que o trabalho lhe proporciona e conta as travessuras e manias dos velhos, os seus medos e fraquezas e caprichos, e sobretudo quando a vê praticar infatigavelmente com a agulha e a laranja e observa, com o espírito em suspenso, a mão trémula a experimentar uma e outra vez o golpe sem dor. Pobre laranja!, o riso do Mata-Ratos debaixo da almofada: Alberta flor da minha vida, se praticasses com o rabo dum bispo, aprenderias mais depressa.

A zombaria inoportuna e grosseira de sempre. Porque é que ela lho consente?, pensa ele. E porque é que deixa que ele lhe chame Alberta, quando toda a gente lhe chama Berta, e ela sempre disse que preferia que a tratassem por Berta?

Agora vou dizer-te uma coisa acerca da nossa Alberta, explicar-lhe-á o pai numa certa ocasião, com o cálice de conhaque na mão e gesto displicente, mas a voz firme, portanto ouve com atenção e não faças confusões: a tua mãe não é crédula, é crente. E lembra-te: ser crente e querer sê-lo apesar de tudo, sê-lo para si mesma e em silêncio, sem contar com a nossa hipócrita e pomposa hierarquia eclesiástica, sê-lo de costas para os fastos duma Igreja e uns sacerdotes acanhados que corrompem a alma das crianças nas catequeses e no confessionário, que ofendem a memória dos mortos nos funerais e a dos vivos em raivosas homilias, sê-lo por cima de tanta infâmia abençoada por bispos e cardeais, e sabendo além disso desculpar a zombaria e as anedotas à sua custa na sua própria casa e na boca do seu próprio marido, tudo isso constitui nem mais nem menos que a outra existência exemplar que esta mulher discreta deixa como testemunho, e que tu farás bem em recordar. O pantomineiro do marido não partilha a sua fé nem as suas práticas piedosas, é certo, é um blasfemo e um herege, mas não é menos certo que nunca, apesar de tudo e da má intenção das suas graçolas, lhas censurou nem muito menos proibiu, que se saiba...

O fumo esbranquiçado cada vez mais coalhado de chispas e fagulhas enrosca-se subindo rumo à noite, e lá em cima, durante uma fração de segundo, resolve-se em lívidas caveiras que fascinam o rapaz. Por um momento julga ver Mowgli e o tigre Shere Khan a retorcerem-se esturricados entre as chamas, mas não, embora insista em olhar e não tarde a distinguir fugazmente um volume cujo título, *A Conquista do Pão*, arde com as suas *jovens que se tornam cloróticas nas manufaturas de Manchester*, as únicas palavras apanhadas ao acaso um dia que, sozinho em casa, abriu o manuseado

livro por curiosidade e pensou que fosse um romance de mistério e crimes. Noutro flanco desmoronado da fogueira, um exemplar da coleção Homens Audazes, a 60 cts. e com vistosas letras a cores anunciando a aventura, *As Asas da Morte*, abre subitamente também as suas páginas como um ouriço-cacheiro diante do perigo e resvala e rola até à borda da pira. As chamas já devoraram metade da ilustração a cores vivas da capa, um avião a surgir de uma nuvem tempestuosa e a enfrentar um gigantesco condor com as asas abertas que ameaça derrubá-lo. Ringo reconhece ato contínuo o piloto na sua cabina.

– Oh, não, por favor! Nãããõ!

É um romanceco de Bill Barnes, o famoso Aventureiro do Ar. A falta de atenção do pai a esvaziar a toda a pressa a estante condenou o herói da aviação a morrer esturricado numa fogueira improvisada atrás de um alpendre, no recôndito jardim de um bairro pobre da Barcelona do pós-guerra. Bill nunca teria imaginado um fim tão fulminante e pouco lúcido. Merda e merda! Com o trémulo dedo indicador o rapaz aponta para o livro que injustamente se consome entre as chamas e recrimina ao pai o tremendo erro. Bill não deveria estar aqui, Bill e o seu avião não merecem acabar desta maneira, convertidos em cinza e precisamente diante dos seus olhos! Arrebata a bengala ao pai e procura afastar o livro do fogo, mas é demasiado tarde, o herói e a sua façanha convertem-se numa rosa escura que se contrai e enruga rapidamente, uma cinza impressa a duas colunas que ainda se mantém compaginada e fibrosa por um breve instante.

– Está a esturricar-se!

– Lamento, filho, devo ter pegado na banda desenhada sem reparar.

– Não é uma banda desenhada!

– Eu disse-te para não piores nada naquela estante...

– Porque é que não reparaste? Porquê?!

– Não é preciso chorar por tão pouca coisa. Neste preciso momento queimam-se histórias muito mais importantes, e olha, ninguém se queixa. Já te disse que lamento.

Uma rematada mentira, como é que há de lamentar, se na cabeça em lugar de consciência tem um rato com o ventre cheio de veneno e a deitar espumaradas verdes pela boca?, pensa pormenorizadamente enquanto fixa o olhar nas páginas do livro carbonizadas e ainda direitas, até vê-las desmoronarem-se e desfazerem-se de todo. Lá das alturas, Bill amaldiçoa-te, ratinho sem entranhas! Sente a mão da mãe de novo na sua, mas nenhum puxão, nenhum sinal ou gesto de querer afastá-lo dali. O fogo não crepita, os livros a consumirem-se não emitem nenhuma queixa, mas porventura um débil assobio, e à sua volta já se movem cautamente o senhor Sucre e o senhor Casal, que se riram da sua rabugem, do seu grande desgosto por tão pouca coisa. Os livros proibidos cheiram certamente a chamusco, lamenta-se o senhor Sucre, sempre com o seu risinho trocista na garganta ávida de cafés com cheirinho. Vê então aproximar-se o velho senhor Pujol, o vendedor de

fumo. Vem do outro lado da fogueira, das sombras que se estendem para lá do vermelho fulgor, e caminha com as mãos em concha diante do peito. Vês este fumo, rapaz?, diz, abrindo e fechando as mãos por cima de uma chama. Depois volta-se para ele com as mãos fervorosamente juntas, mas não como se rezasse, e sim como se tivesse apanhado uma borboleta e não quisesse magoá-la, ou como se as mãos fossem portadoras de uma pequena candeia acesa. E, olhando-o nos olhos com meio sorriso, abre-as muito devagar e liberta um fumo branco.

– Vamos esconder este livro de fumo que apanhei e vamos escondê-lo em lugar secreto e seguro, achas bem? – diz em tom cerimonioso. – E quando fores mais crescido poderás recuperá-lo. Ih ih.

Don Víctor passeia cabisbaixo pelas sombras do jardim e parece falar sozinho. Caminho sobre as cinzas de palavras muito queridas, julga ouvi-lo sussurrar como numa oração, embora também possa ser uma parvoíce das suas. Por seu turno, o senhor Casal, que tinha sido mestre-escola e agora trabalha como porteiro numa propriedade da Rua de las Camelias, aproxima-se da fogueira com um maço de papéis numa mão e na outra um caderno que fica a olhar por um bocado, e onde se lê *A.F.A.R.E. Ejército do Interiors*. Bruscamente, como se lhe queimasse os dedos, atira-o todo às chamas, afasta-se e refugia-se nas sombras. Quando voltaste de Canfranc?, pergunta alguém ao pai. Estava em La Carroña, responde a mãe. Onde fica Canfranc, mamã? Estes papéis comprometedores, diz o senhor Roura contendo a vontade de rir, estiveram escondidos até hoje numa cave da Rua Farenheit, no bairro de Clot, não vos parece uma ironia do destino? O senhor Falcón também anda por ali como um sonâmbulo, é muito alto e magro e as grossas lentes dos seus óculos de míope refletem as chamas, até que os tira para limpá-los com o lenço e então nos seus olhos doentes e compungidos o fogo reflete-se ainda melhor, brilha mais intensamente, tal como se tivesse um rubi aceso do tamanho de um grão-de-bico em cada pupila.

– Que tipo de avião era aquele de que gostavas tanto? – A voz do pai, num tom dominado pelo tédio, arranca-o às suas reflexões. – Um caça, um hidroavião, um bombardeiro? Procuraremos outro igual, vamos, não te lamentes mais.

Não faz mal, eu farei como que o avião de Bill voe outra vez. Pensa-o e apresta-se a dizê-lo, vai dizê-lo bem clarinho e alto para que o ouçam todos os que se riram bondosamente dele, os que vieram aqui esta noite dispostos a queimar o que quer que seja por causa das moscas. Mas não se ouve ele dizer nada disso, é provável que não tenha chegado a dizê-lo. Talvez só o pensasse, sem conseguir desviar os olhos das chamas. Passará a vida a pensar coisas assim, sem chegar a dizê-las. Por exemplo, que vê o avião a fugir das chamas uma vez mais e a elevar-se rumo à noite estrelada, deixando para trás o tumulto de fumo negro e aquela estranha cerimónia de fogo, destruição e morte. Da carlinga, envolto em chamas, o herói sorri-lhe e saúda-o com a mão.

Ringo rememora hoje outra situação conflitual com o pai, sofrida tempos depois de Bill Barnes se salvar sobrevoando a grande fogueira. Com muito atraso, o Mata-Ratos soube da sua façanha com a espingarda no quintal dos avós, mas abordou o assunto como se não o soubesse.

– A propósito, filho, que foi feito da espingarda de pressão de ar que o tio Luis te ofereceu?

– Já não a tenho.

– Ah, não? Que aconteceu?

– Troquei-a por *A Sombra Que Ri* e *A Ameaça Vermelha*.

– E o que é isso?

– Romances.

– Trocaste a espingarda por um par de romancecos de quiosque? Bem, o tio Luis não vai gostar nada de saber isso.

O tio Luis não é seu tio nem nada que se pareça. É só um colega de trabalho do pai, um ratinho mais da brigada. Um ordinário que não tem onde cair morto, um borra-botas, um funcionário da Câmara Municipal com emprego temporário que se mete nos copos que não é brincadeira. Ambos, ele e o pai, empenharam-se em que o rapaz lhe chame tio. Fazem-no para o irritar.

– É pena – acrescenta o pai. – Era uma boa espingarda, camarada.

Aquilo do camarada também é para o irritar. Di-lo amigavelmente e em tom de graça, mas essa palavra é como se tivesse duas caras. Porque, vejamos, os falangistas também se tratam por camarada. E que significa camarada quando os falangistas a dizem, hein? Conforme o tempo passa começa a aperceber-se de algumas coisas. Odeia que o pai se divirta tanto a irritar as pessoas, chateia-o que seja tão pavão, que diante da mãe e dos compinchas da brigada se gabe de ser mais vermelho e mais insubmisso e mais libertário que o próprio *Seis Dedos*, que por sinal, segundo lhe contou o tio Luis, foi morto três dias apenas depois de tu nasceres, rapaz, a onze de janeiro de trinta e três. E aborrecem-no sobretudo a sua desmemória interessada e trapaceira e as suas descaradas contradições; vangloriava-se diante dos amigos de ter sido um libertário implacável e ao mesmo tempo alardeava que a sua Alberta, durante a guerra, trabalhara como telefonista da central do PSUC⁶. Hoje em dia os anarquistas já não mordem, dizia o pavão, estão domesticados e amestrados como ratinhos de circo, como aqueles *charnegos* agradecidos do Campo de la Bota que beijam a mão aos padres. Pespega com coisas assim, o Mata-Ratos trampolineiro, larga-as pela boca fora como se nada fosse.

– Com que então ganhaste antipatia à espingarda – acrescenta. – Pode-se saber porquê?

– Porque sim. Não quero voltar a vê-la, é só isso.

– Está bem, não queres voltar a vê-la. E a quem é que a deste, quem foi o feliz contemplado?

– Um rapaz do qual me fiz amigo. Um menino de coro de Las Ánimas.
– Pronto. – O pai olha-o fixamente e ele baixa os olhos. – Portanto não querias. Não querias de maneira nenhuma.

– O quê?

– Matar mais pombos com aquela espingarda.

– Eu nunca atirei aos pombos.

– Então aos pássaros. Pensas que nunca devias ter disparado, não é?

– Sim.

– E livraste-te da espingarda por isso.

– Sim.

– E julgas ter resolvido o assunto.

Sim, merda!, grita de si para si.

– Pois fica sabendo uma coisa, camarada – acrescenta o pai. – Viram o vigário de Las Ánimas a disparar no jardim paroquial com a espingarda. A apontar alegremente aos pardais, imagina lá tu. O teu amigo menino de coro deve ter-lha emprestado, ou foi o padre que lha tirou, ou lha comprou, vá-se lá saber. Sim, não faças essa cara, não seria o primeiro cabrão de padre que anda por aí a disparar. Portanto, já vês, embora não apertes tu o gatilho, a tua espingarda continua a matar pássaros. Se pensares bem, não resolveste nada.

Ele nota de súbito que a raiva lhe sobe pela garganta como um vômito. Seria capaz de o estrangular, ao raticida hipócrita, arrogante e metedigo.

– Eu não tenho culpa disso.

– Eu não te disse que a tinhas, filho.

– É que me cansei da espingarda.

– Da espingarda ou de matar pássaros?

– É a mesma coisa.

– Não é a mesma coisa.

– Ah, não? Então para que é que serve?

– Bom, talvez para que a pessoa vá aprendendo a ser um pouco responsável. E, seja como for, poderias ter-ma dado a mim.

– Para matar ratos? Porque tu dedicas-te a matar ratos e ratazanas, não é?

– Sim, é esse o meu trabalho.

– Com uma espingarda?

– Bem, há métodos mais seguros e expeditos, mas uma espingarda, mesmo que seja de pressão de ar – diz, despenteando-o com a mão –, também serve. Não te irrites, porra. Digo-te tudo isto para que penses um pouco por tua conta, para que percebas que para conseguir aquilo que desejas é preciso fazer mais qualquer coisa do que empunhar ou deixar de empunhar espingardas.

Também odeia que ele o despenteie. Matar ratos e ratazanas com uma espingarda não é a mesma coisa que matar pássaros, pensa, não é uma coisa que nos vá doer toda a vida. Não o é, com certeza. Um asqueroso rato azul é um asqueroso rato azul, e um passarinho que procura abrigo numa figueira quando chove é outra coisa. Mesmo que seja um pardal predador que está a

devorar cruelmente um verme. Em qualquer caso não suporta que lhe chamem camarada nem que lhe alvoroce o cabelo com a mão.

– Além disso, não acredito em ti – replica. – O vigário da paróquia é boa pessoa.

– Referes-te àquele padre de cabelo à escovinha que foi o primeiro a ensinar-te solfejo, o padre Amadeo Oller, o amigo da tua mãe?

– Ensinou-me a mim e a uma data de rapazes em Las Ánimas. O padre Amadeo nunca pegaria numa espingarda.

– Não era ele que disparava. Era um padrego novo e bonito, um ratinho presumido.

– Bem, a mim tanto se me dá. A espingarda já não é minha.

3 CNT – Confederação Nacional do Trabalho espanhola. (*N. do T.*)

4 Nome dado às Franciscanas Missionárias da Natividade de Nossa Senhora, congregação fundada por Francisco Darder. (*N. do T.*)

5 A.F.A.R.E. – Agrupación de Fuerzas Armadas de la República Española, organização clandestina de ex-combatentes republicanos. (*N. do T.*)

6 Partido Socialista Unificado da Catalunha. (*N. do T.*)

AVENTURAS NOUTRO BAIRRO

Durante três anos, os que vão dos treze aos dezasseis, sucedem-lhe muitas coisas de cuja importância não suspeita. Pouco tempo depois de perfazer os treze, numa luminosa tarde outonal, entrouxado no guarda-pó cinzento que abomina porque o delata como aprendiz e moço de recados, está postado na esquina das ruas Valencia e Bruch, no seletto bairro do Ensanche, contemplando com enlevo a fachada do Conservatório Municipal de Música. Ninguém, e menos que ninguém os estudantes de música que passam ao seu lado, entrando ou saindo do Conservatório, poderia imaginar que com apenas treze anos e com jornadas de trabalho de mais de nove horas, com o seu salário de doze pesetas semanais e com o seu feio guarda-pó demasiado comprido, este garoto transporta sobre a barriga um colar de esmeraldas e rubis e um broche de ouro em forma de salamandra cheio de esmaltes, pérolas, opalas e diamantes, duas peças avaliadas em mais de trinta mil pesetas. Deverá entregá-las numa importante joalharia próxima, sem se empatar na rua nem se embasbacar diante de nada. E para que não lhas roubem no elétrico ou no metro, leva-as dentro de um saquinho de lona com laço corredio preso ao cinto entre as cuecas e a pélvis, muito próximo da pila. De vez em quando apalpa com a mão o volume debaixo da roupa para se certificar de que continua lá, mas agora mesmo não pensa nisso, ouve apenas uma música que julga ter-lhe estado destinada desde sempre.

Com as mãos nos bolsos do guarda-pó e o coração compungido, admira os filarmónicos relevos sobre o grande pórtico do Conservatório, as duas torres rematadas pelo cocuruto e os janelões que expandem ao ar notas de piano e de clarinete de alunos a praticar. Da rua pode ver também a escadaria do vestíbulo, dez degraus, tem-nos contados, e um pouco mais acima a outra escada que conduz às aulas. Porque não estou eu também a subir por esta

escada?, pergunta a si mesmo, porque é que a má sorte se interpõe uma vez mais entre o piano e eu? Sabe a resposta – alguém lhe disse que exigiam o curso secundário para se matricular, e ele não o tinha –, mas sempre que passa por aqui, habitualmente cumprindo algum recado da oficina, para diante do imponente edifício e faz a si próprio a mesma dolorosa pergunta. Que muros tão altos e persistentes, tão inexpugnáveis, pensou certa vez.

Nesta ocasião lamenta-se e demora-se mais que a conta, até que se sente observado. Parada junto da porta, atrás de um grupinho de alunos que saem em alvoroço, uma rapariga, de óculos de avozinha e gabardina branca com capuz, está a observá-lo sem a menor dissimulação. Pela sua expressão compungida, apesar da distância e dos óculos, cujas lentes emitem reflexos, o rapaz juraria que esteve a chorar e também juraria que não lhe importa que se note. Aparenta dois ou três anos mais do que ele, uns dezasseis, a sua testa muito branca exhibe uma orla de caracóis pretos e abraça sobre o peito um estojo de violino e uma pasta. A sua pequena mão de neve poisada sobre a negrura do estojo parece dizer-lhe vem. De repente cai-lhe a pasta, abrindo-se, e espalham-se no passeio algumas partituras e um caderno. Ele acorre e agacha-se, ajudando-a a apanhar as folhas e o caderno, e ela agradece-lho com um sorriso que o perturba. As suas sobrancelhas e pestanas são muito negras e as suas pupilas cinzentas.

– Obrigada.

Olha-o tão de perto, enquanto os dois se levantam, que as suas cabeças se tocam. Ao sonhador aprendiz não escapa o piedoso olhar dela ao grotesco guarda-pó, e pensa: está tudo perdido. Mas ouve-a dizer com voz risonha:

– És um mágico? Donde apareceste, mágico?

– Não sou nenhum mágico.

– Para mim és. Como te chamas?

Rápido, pensa num nome, diz ele de si para si enquanto continua a olhar para ela embasbacado.

– Mi.... Mi Menor.

– Mas que estás tu a dizer, estás a gozar comigo?! – A rapariga envolve-o num sorriso luminoso. – Está bem, Mi Menor. De acordo. Querias fazer-me outro favor? Poderias entrar comigo um momento no Conservatório?

– Eu? Para quê...?

– Trata-se dum favor muito especial. Preciso dum mágico.

– Um mágico? Eu não sou nenhum mágico.

– Mas podes sê-lo por um bocado. Queres? Farias isso por mim?

A sua boca entreaberta deixa aflorar uma ansiedade de asmática, e no lábio superior tem uma ferida, uma pústula rosada que acentua essa ansiedade, sobretudo quando, com a ponta da língua, molha o lábio para aliviar o ardor.

– Só um minuto? – balbucia ele, ainda com o caderno na mão. Começa a folheá-lo, repentinamente interessado. Ela deixa-o fazê-lo, não protesta.

– Far-me-ias um grande favor, Mi Menor. Queres?

Num dos altos janelões soa um trombone.

– Mas, porquê? Porquê eu?

– Depois te conto. Vou apresentar-te a uma pessoa como se fosses meu primo e tu dizes-lhe: fui eu. Só isso. Fui eu. E logo a seguir vais-te embora.

Para o incitar, antecipando o agradecimento, estende-lhe a mão, e ele, que até esse momento esteve a ver uma mão branca e delicada, ao tomá-la na sua tem a impressão de tocar a asa de um pássaro, um molho de penas que se esponja entre os seus dedos. Um dia será uma violinista famosa no mundo inteiro, pensa, retendo durante um bom pedaço na sua mão a seda fugidia, o suave tato das plúmulas.

– Fá-lo-ias por mim? – sussurra ela. – Não nos conhecemos, mas nota-se que és bom rapaz... Ninguém te vai perguntar nada, nem terás de explicar nada. Só tens de dizer isso: fui eu. Não é nada de mau, juro-te. Voltas a sair, esperas aqui por mim e eu conto-te... Estás a ouvir, rapaz?

– Estou a ouvir.

A rapariga baixa o capuz e liberta uma escura e formosa cabeleira encaracolada, ao mesmo tempo que amplia o sorriso.

– Então, farás isso por mim? Por favor!

Ele está a dizer que sim com a cabeça enquanto lê na capa do caderno que ainda retém nas mãos: *Escola Municipal de Música de Barcelona. Aulas de Solfejo e Teoria Musical. Grupo Elementar.*

– Se me ofereceres este caderno, faço o que me pedes.

– É teu.

Tem tempo de considerar fugazmente o risco que implica trazer joias tão valiosas com ele e meter-se naquilo que não deve, uma coisa contra a qual o senhor Munté, o dono da oficina, o previne, mas rejeita imediatamente qualquer temor. É impossível que esta rapariga com cara de marrona e de princesa das neves, destinada sem dúvida a ser a virtuosa do violino mais afamada de todos os tempos, e que além disso parece ter chorado, possa envolver-se num assalto aqui e agora, em frente do Conservatório e precisamente no meio desta discreta algazarra estudantil e musical na qual ele sempre desejou participar. Relativamente à sua estranha solicitação acossam-no várias perguntas, mas não formula nenhuma, com medo de quebrar o encanto e ter de devolver o caderno de solfejo; de maneira que encaixa o caderno no sovaco, enfia as mãos nos bolsos do guarda-pó e, armando-se de coragem, deixa-se guiar e penetra no interior do templo da música que não podia aceitá-lo como aluno.

Sobe os primeiros degraus da fama na escada no vestíbulo sem perder de vista em nenhum momento a airosa cabeleira da rapariga ou o estojo do violino apoiado no seu quadril, deixando-se levar pela enigmática vontade que a anima a ela e a empurra decididamente quem sabe para onde e para quê. Tremem-lhe os joelhos e a sua cabeça é uma vitrola. Metem imediatamente por um corredor mal iluminado evitando alunos no meio de um rumor de vozes infantis que entoam partituras em algum lado, atravessam a sala de pianos onde se confundem no ar escalas e arpejos e depois tomam por outro

corredor menos frequentado, até que a escura cabeleira se afasta para o lado e o rapaz dá consigo no umbral daquilo que parece um gabinete, pequeno e sombrio, com as paredes forradas de cartazes – Menuhin. Royal Albert Hall. *Concerto para violino e orquestra n.º 2* em sol menor de Prokofiev – e vê, sentado atrás de uma mesa, um homem jovem e bem-parecido, de camisola preta de gola alta e ar professoral, com os óculos por cima da testa e a esfregar as pálpebras com um gesto de fadiga.

– Este é o meu primo, professor. – Com os olhos no chão e a voz comovida, acrescenta. – O meu primo tem uma coisa para lhe dizer.

O jovem professor levanta a cabeça e olha para ela, e ao fazê-lo mostra um ricto arrebatado na boca e uma pulsão nas têmporas. Parece querer dizer qualquer coisa e não há maneira de se decidir. É na verdade um homem muito bem-parecido, pensa o aprendiz. Agora a porta vai fechar-se atrás de mim e vão roubar-me as joias, pensa. Mas o professor nem sequer parece tê-lo visto: só tem olhos para a sua encapuzada aluna; com mão desajeitada, arruma umas partituras em cima da mesa e finalmente olha para ele. O falsário espera um sinal da rapariga, mas não se atreve a olhar para ela, com medo de descobrir o jogo e comprometê-la. Sente-a imóvel ao seu lado, um pouco atrás, tensa, expectante, perto da porta que mantém aberta.

– Fui eu – diz por fim, alto e claro. E, sem poder evitá-lo, deixando-se levar por um impulso repentino, com uma voz áspera que se lhe afigura de outro, acrescenta: – E voltaria a fazê-lo!

Fecha os olhos e apressa-se a cumprir o resto do acordado: descrever uma rápida meia volta nos calcanhares e sair dali. Fá-lo sem se atrever a olhar para a rapariga e com a mão na virilha, tateando debaixo do tecido do guarda-pó e das calças a bolsa com as joias. Quase no mesmo instante, a porta fecha-se atrás de si com uma pancada forte. Dada a imediatez e a violência da batida, tem de ter sido ela a fechá-la, pensa: porquê aquela prontidão, aquela urgência? Fica um par de minutos especado no corredor, com o ouvido atento às vozes do outro lado, mas a única coisa que capta é o silêncio.

Já na rua, enquanto espera passeando diante da porta da entrada, depois de perguntar inutilmente a si próprio que diabo o induziu a dizer mais do que aquilo que devia, fica a pensar naquela porta que quase lhe deu nas costas ao ser fechada de forma tão imediata e eloquente. Fui eu. Eram essas as palavras mágicas? Eram-no sem dúvida, e deixavam transparecer um segredo e perturbador ajuste de contas entre a jovem violinista e o professor. Uma vez obtido o seu propósito, ela era naturalmente instada a fechar a porta e deixá-lo de fora. Agora pensa também na rosada pústula que adorna a boca da rapariga, no lento cair das suas pálpebras, na suave penugem da sua mão a tatear a dele, e de súbito revela-se-lhe a evidência. É inútil que a espere, já não virá explicar-lhe nada, nunca tencionou fazê-lo. Contudo, fica ali durante mais de uma hora, arriscando-se a receber uma descompostura do joalheiro pelo atraso na entrega do pedido.

Voltou três vezes expressamente, em dias e horas diferentes, e, sempre

que vai ao centro com alguma incumbência da oficina, aproxima-se do cruzamento entre o Carrer del Bruch e o de Valencia e para um bocado defronte do Conservatório, na esperança de vê-la entrar ou sair com o seu capuz, o seu estojo de violino e aquelas mãos que acariciam como penugem. Porém nunca mais voltará a vê-la.

O CU DO MUNDO EM 1945

- E o cinema Roxy?
- O Roxy, sim, claro – responde o pai.
- E o cinema Bosque?
- O Bosque também.
- E o Proyecciones, e o Mundial?
- O Proyecciones, não. O Mundial, sim.
- E o Capitol e o Metropol, pai?
- Não, nenhum dos dois.
- E o cinema Kursaal? E o Fantasio?
- Também não, camarada. Nem o Windsor, nem o Montecarlo, nem o Coliseum. Cinemas de estreia, nenhum, de acordo?
- E o Maryland?
- O Maryland claro que sim. Mas fica-nos um pouco distante. E há-os mais próximos. O Delicias, o Rovira, o Iberia, o Moderno. Os arrumadores são amigos meus. Vamos ter com eles para te conhecerem e deixar-te-ão entrar sem pagar sempre que quiseres.
- A sério? Quando iremos?
- Mais para diante.
- Quando voltares de Canfranc?
- Eu nunca fui a Canfranc. Não tinha nada que fazer em Canfranc. Não existe nenhum lugar chamado Canfranc, entendido?

Ena, que grande galga!, pensa. Sabe que ele vai a cada passo a Canfranc, porque é lá, segundo lhe explicou a mãe, que se abastece de raticidas infalíveis e baratos para a brigada. Mas por alguma misteriosa razão prefere negar essas viagens, negar a própria existência de Canfranc e aquilo que o levou até lá. E é que a galga maior, a tergiversação e as contradições se

acaçapam permanentemente por detrás das palavras do Mata-Ratos. De qualquer maneira, no meio de tanta aldrabice e simulação cai sempre alguma estupenda verdade, por exemplo aquela fantástica lista de cinemas desinfetados pela brigada e com amáveis arrumadores dispostos a deixá-lo entrar sem pagar.

Um autêntico presente que lhe chega inesperadamente um dia muito frio do princípio de dezembro, a um mês de fazer treze anos e prestes a deixar a escola para entrar como aprendiz na oficina Munté. Desde a primeira hora desta aborrecida tarde de domingo esteve a hesitar em pedir à mãe dinheiro para o cinema, pois intui que hoje em casa não há nem uma peseta. O pai mandou-o ao quarto buscar um maço de Chesterfield que deixou no casaco pendurado no roupeiro, e esquadrinhou em todos os bolsos e farejou com deleite – gosta do cheiro a tabaco loiro que impregna o forro dos bolsos –, encontrando apenas trocos, que guardou, e agora não sabe se é por isso ou por outra causa que a mãe, como se o tivesse visto cometer o pequeno furto, se mostra tão silenciosa e abatida enquanto passa camisas a ferro em cima da mesa da sala de jantar. Conhece e pressente os abatimentos que afloram pontuais e discretos, essa espuma do medo nas laboriosas mãos descarnadas da mãe a coser botões, a dobrar camisas e lenços, a espetar laranjas ou a abotoar apressadamente a bata branca, esse seu medo de ficar sem trabalho por exercer a profissão de enfermeira sem diploma, medo de que o aquecedor se apague ou de perder a caderneta de racionamento, de que batam à porta de noite, medo de que levem o mata-padres para uma esquadra e que este rapaz acabe num orfanato se ela algum dia lhe faltar. O candeeiro de franjas vermelhas expande a sua luz sobre as paredes forradas a papel e a sombra das franjas projeta-se, no outro extremo da mesa, sobre as mãos de pele de lagarto do pai, dobradas e hirtas uma sobre a outra, e essa luz desfalecida repete-se sobre a garrafa e o copo de vinho, sobre o cinzeiro de bronze com as duas espigas douradas e sobre o fumo da beata mal apagada, e dilui-se na sombra do ambiente. Um subtil sistema de ressonâncias domésticas, de hábitos convencionados e assumidos em silêncio de mútuo acordo, gravita sobre o pai e a mãe e sugere ofensas uma vez mais adiadas, uma discussão porventura violenta que há muito ambos retêm à flor dos lábios e que nunca estalará na sua presença.

Disseram-lhe que não fique em casa de orelha à escuta, que vá brincar para a rua. Poderia ir a Las Ánimas ver o novo espetáculo do Grupo de Teatro ou jogar pingue-pongue com o Quique e os Cazorla, mas prefere ficar em casa com Jim Hawkins e o pobrezinho Ben Gunn, que sonha comer um queijo. Gosta muito desse episódio, dá-lhe muita vontade de rir. Depois, sentado à mesa de camilha junto da janela, vê umas ilustrações de *A Fuga do Príncipe Hassin* e *A Derrota de James Brooke*, os dois últimos capítulos de *Os Piratas da Malásia*.

– Somos o cu do mundo, Alberta flor da minha vida – resmunga o pai com a voz calculadamente magoada. – De La Carroña vê-se com toda a clareza. E

de Canfranc muito mais... Enfim, é melhor irmos andando, pá – pisca-lhe o olho reclamando a sua cumplicidade e levanta-se da mesa repentinamente animado. – Antes que a tua mãe resolva partir-me a cabeça com o ferro, piremo-nos para a rua para apanhar ar.

– Põe o cachecol, filho – diz ela, sem deixar de passar a ferro, sem olhar para nenhum dos dois. – E que o estavanado do teu pai leve o guarda-chuva. Vai chover.

*

É assim que, desde esse dia, passeando por Gracia para matar uma sombria tarde de domingo que ameaça chuva, em alguns cinemas de sessões duplas se lhe abrião as portas sem necessidade de passar pela bilheteira. O pai para para cumprimentar porteiros e arrumadores, e o rapaz é formalmente apresentado. Primeiro fazem escala no Roxy da Praça Lesseps. Levam uma espanholada e *Buffalo Bill*, com Gary Cooper, que já viu noutro cinema.

– Esta sala é grande como o caraças. Olha bem para ela – diz o pai, apoiando a pesada mão no seu ombro enquanto contempla a fachada. – Levámos mais duma semana a deixá-la limpa, mas lá dentro não ficou nem uma pulga, nem um percevejo. E graças a quem? Hein?

– À brigada ligeira mata-ratos.

– Isso. Anda, vou apresentar-te ao porteiro, é um bom amigo.

Em todo o lado, sem ultrapassar a cortina da entrada, a mesma confiante solicitude do pai: Se o rapaz vier, deixa-o entrar, faz-me esse favor, ele gosta muito de cinema, era capaz de passar a vida a ver filmes. Vem quando quiseres, moço, dizem-lhe. No ecrã do Roxy, ao fundo da imensa sala, soam tiros. Uma cintilação mágica, e está a ver outra vez Wild Bill Hickok quando o mataram alvejando-o pelas costas, e também o último beijo que a sua rapariga lhe dá nos lábios, sem que desta vez Bill Hickok o possa apagar com as costas da mão, porque já está morto por terra.

Mais tarde passam diante do Selecto e o pai recorda que até há pouco isto era uma pocilga.

– No vestíário dos artistas era possível apanhar piolhos e sarna e coisas piores. Mas quando saímos de cá podia-se comer em cima de qualquer cadeira.

– Fizeste um bom trabalho, pai.

– Mas este não nos serve. A sala não é para menores.

– Bem sei.

– Então toca a andar.

Parou a olhar o painel de fotografias. *As Quatro Penas*. Gosta muito de June Duprez. No cartaz que anuncia as variedades já não aparece Chen-Li, a Gata das Botas, e gravar-se-ão na sua memória outras pernas de purpurina e outro nome: a *Supervedeta* Lina Lamarr, bailarina cómica.

– Achas que ainda resta lá dentro algum rato azul, pai?

– Quem sabe. Continua a andar.
– Tantos ratos azuis que há, e eu ainda não vi nenhum.
– Eu não diria isso.
– Achas que antes que a brigada acabe com todos conseguirei ver algum?
– Já te cruzaste com eles um milhão de vezes.
– Não, não, ainda não vi nenhum...
– Que fazes aí parado? Anda, vamos. – Olha para as unhas, esfrega-as na lapela. – Se te dessem um duro por todas as que viste, serias milionário.

– Digo-te eu que não, pai.
– E eu digo-te que sim. – Esquiva-se do olhar inquisitivo do rapaz e com a mão apalpa-lhe de novo o ombro. – Já vês, estes ratos, às vezes, desbotam com a chuva. É normal, se pensares um pouco. Em contrapartida, os ratos pardos, que têm uma pelagem muito delicada...

– Eh lá! Estás a mangar comigo!
– Não pares, continua a andar.
Tem de me fazer ver um rato azul, pensa, senão nunca mais acredito nele.
– Não me ouves? Continua a andar – insiste o pai. – E não julgues que o risco de infeções está só nos ratos. Não há muito tempo, nos cinemas, a mijar nos urinóis, uma pessoa podia apanhar esquentamentos. – Aponta com o dedo uma vetusta varanda do outro lado da rua, junto ao metro de Fontana. – Olha, quando tu tinhas cinco anos vivíamos atrás daquela varanda, no primeiro andar. Foi lá que morreu o irmão mais novo da tua mãe, o Francisco, com dezassete anos. Era da leva do biberão⁷. Trouxeram-no do Ebro com tifo e cheio de piolhos e sem ter disparado um único tiro. Tu não te podes lembrar, eras muito pequeno, mas daquela varanda, um dia de janeiro faz agora sete anos, tu e eu vimos passar as tropas nacionais, quando entravam em Barcelona... Bem, como ia dizendo. Sabes o que é uma blenorragia? Sabes o que é um esquentamento, filho?

– É uma doença venerosa...
– Venérea.
– Isso.
– Mas sabes como é que se apanha um esquentamento? – Atravessam a rua diante da joalharia Cuesta e continuam a descer pelo passeio da esquerda.
– Ou a sífilis? Estás a ficar mais crescido e já vai sendo altura de saberes algumas coisas, não achas?

– Mas eu já sei tudo isso, pai.
– Sabes lá alguma coisa! Olha, aqui temos o cinema Smart.
– Já não se chama Smart, agora chama-se Proyecciones.
– É uma doença infeciosa na pila que se apanha indo às meninas com mulheres do Bairro Chinês. – Pararam defronte do cinema e o rapaz olha para os cartazes. – Rameiras. Sabes o que é isso? Claro que rameiras há em toda a parte, não é só no Chinês, para que se saiba... Além disso – acrescenta com um sotaque lastimoso –, hoje esse bairro já não é o que era, nem pouco mais ou menos. Havia de ver aquilo há quinze anos, quando íamos a La Criolla, na

Rua Cid... Bem, eu só fui uma vez. Vuelas miseráveis cheias de tascas, com galdérias e maricas e chulos da pior espécie... De qualquer maneira não há outro sítio para ir às meninas. Mas não é recomendável, sabes?, e é bom que o saibas. Suponho que ainda não te tenha passado pela cabeça ir bisbilhotar por ali com os teus amiguinhos, algum sábado à noite...

– Eu não.

– Sabes o que significa ir às meninas, filho?

– Claro.

– São coisas que te convém saber. Põe bem o cachecol. A tua mãe é partidária de que tu e eu falemos disso, de maneira que temos de o fazer.

– Está bem.

– Não há outro remédio. Convém-te saber algumas coisas.

– Pois.

– Antes hoje que amanhã, é o que a tua mãe diz. E é capaz de ter razão. Não achas?

– Bem, não sei...

Recorda agora o pai de pé na ferrugenta varanda que deixaram para trás, vê-o ainda ali entrouxado num grosso sobretudo com as golas levantadas, a chorar em silêncio e com um charuto por acender nos lábios enquanto observa os soldados que descem da Praça Lesseps vergados sob pesados capotes e mantas enroladas, com as suas espingardas penduradas ao ombro e as botas a retumbar nas pedras da calçada. Ele está acorocado entre dois vasos de gerânios e com a cara colada às barras da varanda. Do sucedido nesse dia, o pai contava-lhe sempre que a criança, ao vê-lo chorar e triturar o charuto com os dentes, de repente desatou também a chorar, não porque sentisse impotência e raiva ao ver os nacionais desfilar, não por isso, claro, era demasiado pequeno para perceber que se tinha perdido uma guerra e quantas esperanças, mas de certo modo podia dizer-se que chorava com a mesma mágoa, por empatia, ainda que não fosse por outra coisa, via pela primeira vez o pai chorar. Mas aquilo que melhor recorda é a passagem das tropas pela rua abaixo, aquela estranha e convulsa lagarta de costas eriçadas de espingardas com baioneta, correias e cantis, e sobretudo, suspensos de uma das costas da última fila, três passarinhos mortos a baloiçar espetados num arame agarrado a uma mochila.

– Sigamos – diz o pai, dando-lhe com o cotovelo. – Nunca trabalhámos neste cinema, não me conhecem... Cuidado, que vem aí um abutre ensotainado. – Subia pelo mesmo passeio um padre jovem e animoso remexendo as fraldas da sotaina com as suas passadas largas e baloiçando uma volumosa carteira de mão. Depois de ele passar, o Mata-Ratos virou-se para o olhar. – É uma bichona, basta vê-lo a andar.

– É – concede Ringo baixando a cabeça.

Naquele preciso momento daria o que quer que fosse para se ver na companhia dos seus amigos da aldeia em algum verdoso tanque de rega entre vinhedos, a nadar entre rãs saltitantes; costuma pensá-lo em momentos como

este porque é aquilo de que mais gosta, para além de ler livros e partituras: nadar, mergulhar, encher os ouvidos de água e de música e de nada mais.

– Bem, diz-me uma coisa – insiste o Mata-Ratos. – Qual é a primeira coisa para onde olhas numa rapariga?

– Eu?

– Tu, sim.

– Beeem... Não sei. Os olhos.

– Os olhos. Muito atencioso da tua parte. – Deixa passar uns segundos e acrescenta: – Os olhos. Fica-te muito bem, filho. Agora diz-me qual é a primeira coisa para onde olhas numa rapariga. Vamos, vamos...

– O quê...?

– Refiro-me a uma jeitosa daquelas, tu bem me entendes, uma brasa, como dizem agora. Bem sei que é uma pergunta parva. Mas já hás de ter reparado em qualquer coisa que te agrade, não sei, por exemplo o rabo... Não é nada de mau, sabes?, é o normal. Sim, homem, não faças essa cara, toda a gente acha isso normal.

– Sim, mas... é que...

– O rabo das raparigas, porra! Gostas ou não de raparigas? Olha lá, não sei de que é que te admiras! É uma pergunta bem simples.

Ele leva uma eternidade a responder, cabisbaixo, ocultando a boca e o nariz no cachecol, e quase também os olhos.

– É que nunca reparei.

– Ora essa! Como é que não hás de reparar nisso, um rapaz normal. Nota que foi a tua mãe que se empenhou em que falássemos. Na minha opinião, devíamos ter esta conversa quando tivesses quinze ou dezasseis anos, mas a tua mãe esteve a azucrinar-me os ouvidos... Olha, à direita temos o cinema Mundial. Vamos cumprimentar a senhora Anita, a empregada da bilheteira. É boa mulher. Há de deixar-te entrar sem pagar, e até podes vir com um amigo, se quiseses. Ou convidar uma gaja. Que dizes? – Ri-se e prega-lhe uma palmada amistosa nas costas que quase o verga. – Estupendo, não é?

– Estupendo, estupendo.

– Pronto, então já está – conclui o pai, aliviado e baixando a voz. – Já falámos do que havia a falar.

Pouco depois imobiliza-se na borda do passeio, repentinamente preocupado com qualquer coisa que diz respeito aos seus assuntos. Com o olhar perdido no reluzente empedrado e uma estranha parcimónia nas mãos, leva aos lábios um cigarro bastante torcido e acende-o com um fósforo vacilante e mal orientado.

Faz frio e parece que a rua prolonga a tristeza e o cheio dos corredores do metro. Pesadas gabardinas e compridos sobretudos de meia-estação que se diria deambularem pendurados nos seus cabides, velhotas de mantilha negra, crianças de luto com olhos muito abertos que interrogam, viandantes pressurosos e transidos e pares endomingados que entram e saem do bar Monumental cruzam-se ao seu lado e esfumam-se na hora mais cinzenta, e o

pai permanece especado ali na borda do passeio com uma corcova de pesar nas costas, a ver cair a tarde sobre as molhadas pedras da calçada. Movem-se como se fossem de carroto fixo, não achas?, ouve-o murmurar. O rapaz conhece esses altos e baixos do seu estado de espírito: no momento mais inesperado pode pôr-se a fazer palhaçadas, mas, do mesmo modo imprevisível, o vadio, o alegre mata-padres, o pantomineiro, como lhe chama a mãe, desaparece de repente para dar lugar ao esquentadiço intratável e amargurado, ao sujeito duro e insensível, e nessa altura qualquer coisa relacionada com ele, com as viagens imprevistas, com a maleta com os venenos, com os colegas da brigada municipal, com as ferramentas de trabalho, converte-se em algo clandestino, vagamente perigoso. Neste preciso momento, ensimesmado, parado na berma e de costas para as pessoas que circulam para baixo e para cima no passeio, o seu corpanzil embrulhado na gabardina de golas levantadas propicia uma sugestão de clandestinidade, tal como a voz que lhe sai enredada no fumo do cigarro e na sua própria rouquidão, como um arrote que se transmutasse em íntima jaculatória: Estamos no cu do mundo, meu filho, somos o cu do mundo.

Voltará a aliviar-se meia hora depois com estas mesmas palavras no Maryland da Praça Urquinaona, o cinema que os apanha mais longe de casa, e cujo nome de ressonâncias anglófilas, quando oficialmente predominam as germanófilas, explica-lhe o pai, foi trocado pelo de cinema Plaza, embora ele lhe chame sempre Maryland. Esta semana levam *Sangue, Suor e Lágrimas e Buffalo Bill*, o mesmo que o Roxy. No vestíbulo, depois de ser apresentado ao senhor Batallé, porteiro e arrumador, ele assoma a cabeça à plateia por entre as cortinas e constata que ainda não mataram Wild Bill Hickok, enquanto o pai engrossa a voz, abafando a sua irritação: A quem é que importa o que acontece aqui, Batallé? Ainda acreditas que a solução dos nossos males há de vir de fora? E responde o senhor Batallé num cauteloso sussurro: Se não, donde é que há de vir, Pep? Bem podes ir já procurando outro emprego, porque a guerra contra os boches acabou, para o caso de não teres dado por isso, e Canfranc não tarda a deixar de ser a rica despesa da Europa. Fecharam a fronteira e entaiparam o túnel, há pelo menos dez mil soldados na zona e constroem *bunkers* em todos os Pirenéus, mas já não é como dantes, quando a Gestapo vigiava a fronteira do lado de lá, e a Falange do lado de cá. Para que é que continuas a ir ao consulado britânico, aqui perto, se já não precisam de fazer ligação com a fronteira para nada? Agora passo por Pont de Rei e durmo em Vilella, diz o pai. O Marcelino manda-te um abraço. E, digas o que disseres, ainda há muito por fazer... Claro, mas já não é a mesma coisa, agora há que esperar o melhor, insiste o porteiro: Não sabes que as Nações Unidas acabam de repudiar o Regime? E daí? É por isso que julgas que hão de vir, alma cândida?, grunhe o pai. Pois claro que sim. E na mesma sarjeta que meteram os nazis hão de meter o sacana do Generalíssimo, e nós havemos de o ver, Pep. Ah, sim? Pensas mesmo que esses senhores das Nações Unidas se importam muito connosco? Olha que é preciso ser ingénuo, com um catano!

Já te esqueceste de que há apenas dois anos tínhamos no vale de Arán quatro mil homens à espera desses estupores dos aliados filhos do pai, e nunca chegaram? Vivemos uma miragem, Batallé, e o pior é que gostamos! Não virão coisa nenhuma, porra, não tenhas ilusões!

Irritados ambos, julgam estar a decifrar as correntes que os grandes fluxos da história seguem nestes últimos anos, mas uma vez mais e sem poder remediá-lo não falam de outra coisa que não seja a sua irredenta melancolia e as suas íntimas derrotas, e é entre essas reiteradas conversas e discrepâncias que o rapaz aprenderá a conviver com os humores de uma quotidiana amargura e uma tristeza cuja origem se lhe tinha afigurado uma maldição. Contudo, ele não quer ter nada que ver com a História, não precisa de ajustar contas com nada disso, de modo que prefere meter-se de novo dentro do filme e apoderar-se do chapéu preto e do revólver prateado de Bill Hickok depois de a traíçoira bala nas costas o ter abatido, ao mesmo tempo que ouve a voz desarmada do Mata-Ratos a sussurrar ao seu amigo Batallé: Nunca virão, catano! Não vês que nós não riscamos nada, homem, não vês que somos o cu do mundo?

Este cu do mundo na boca do pai manifesta sempre o mesmo sentimento de perda e de nula autoestima, por muita ironia e sarcasmo que lhe empreste e por mais diversas que sejam as variantes que a expressão tome: somos a última merda que a história pariu; somos a sarjeta do Ocidente; somos a maior escória alguma vez existente e por existir à face da terra; somos o suprassumo do nada mais absoluto. Fosse qual fosse o motivo que o induzia a soltar às duas por três o consabido chavão, Ringo não pensa que naquele autoinculpatório *somos* estejam incluídos ele e a mãe; pensa antes no círculo quase clandestino das amizades paternas, nos seus colegas da brigada raticida e nos sujos e pestilentos antros onde às vezes tinham de executar o seu trabalho, nas suas obrigatórias e prolongadas ausências, fossem legais ou não as comissões que recebia pelas viagens a Canfranc – misterioso enclave que, segundo parece, não existia – ou ao casal de La Carroña; pensava na pobreza e nas dificuldades que teria partilhado com a sua Alberta desde tempos atrás, nos infortúnios passados e presentes da família... Não, ele nunca tinha equiparado a sua Alberta flor da minha vida ao cu do mundo, supondo que o mundo tivesse cu. Não diretamente, pelo menos, porque apesar de se comportar amiúde como um estavanado e um pantomineiro – eram os qualificativos que ela lhe atribuía habitualmente –, nunca se esquivara àquela que considerava a sua maior responsabilidade como pai e marido: trazer de vez em quando dinheiro para casa, pouco ou muito, fosse de que maneira fosse e à custa do que quer que fosse.

O cu do mundo. Durante muito tempo o garoto tomou estas palavras por um simples desabafo, uma saída ordinária transformada em costume, o resfolar de um homem enojado e cansado dos seus próprios jogos de palavras, blasfêmias e mentiras, até compreender que aquele cu tantas vezes mencionado não é outra coisa senão o país em que vive, e que a relação

estabelecida em termos tão depreciativos entre o país e o cu reflete um sentimento geral de exclusão, desestima e derrota, um desprestígio sabido e assumido por todos, a triste conclusão de que não riscamos nada no mundo. Portanto somos a última merda, e até pior do que isso, no dizer do pai, e também do senhor Sucre e do capitão Blay, sempre a soltarem os seus despropósitos num banco da Praça Rovira ou ao balcão da taberna. Na cidade cinzenta e no meio de tanta penitência e cinza, quando nada do que acontece aqui interessa ao resto do mundo, quando, segundo ouviu comentar ao senhor Sucre, até os embaixadores estrangeiros se vão com vento fresco e sofremos um isolamento internacional da quinta casa e sem precedentes, como diabo hão de fazer algum caso de nós em parte alguma, com este rato de sarjeta que temos no Pardo armado em guarda moura e em sentinela do Ocidente – o senhor Sucre é muito lido e faz-se escutar quando fala –, sempre rodeado de jugos e flechas como aranhas negras e de orações e canções azuis? É que não somos mesmo nada, rapaz, é que até a nossa seleção nacional de futebol já só pode jogar contra Portugal, é que acabámos tão mal que o resto do mundo nem sabe que existimos, é que somos motivo de chacota, pá.

*

No domingo seguinte está sentado na primeira fila do cinema Delicias na companhia do Quique e do *Batata*. Só teve de dizer ao porteiro sou filho do Pep Mata-Ratos e entraram os três sem passar pela bilheteira. Quique já é conhecido desde há tempos como o *Cola-Tudo* e ultimamente não faz outra coisa que não seja falar de gajas que com certeza se deixariam apalpar se as levássemos à montanha Pelada, e do muito que Violeta Mir de fato de banho e com a toalha como um turbante se parece com María Montez, embora tu não tenhas dado por isso, diz a Ringo, porque tu quando vês um filme reparas noutras coisas, mas parecem-se mesmo à brava.

– Deve ser por causa do cu – exclama o *Batata*.

O Quique gaba-se de ter sido o primeiro que teve prazer quando a seita bateu uma pívica coletiva nas ruínas de Can Xirot; todos a bateram pensando em María Montez, mas ele pôs-se a pensar em Violeta e por isso teve-o logo, e explicou que foi como se tivesse sido sacudido por uma doce descarga elétrica. Ringo considera o Quique o seu melhor amigo, embora não soubesse dizer porquê, e convida-o amiúde para ir ao cinema de graça. Para o manter calado e para que não chateie durante a projeção, promete-lhe sempre uma aventura com Violeta sequestrada a ponto de ser torturada pelos *dakois* ou pelos *sioux*, e com ele sozinho para a salvar, sem ajuda de ninguém. Esta deferência tem origem numa das suas primeiras invenções protagonizada pelo Quique, e depois convertida por este num sonho recorrente: Violeta Mir vive na selva em estado semisselvagem e é acoçada por mil perigos, é perseguida por uma pantera, que se atira a ela e lhe rasga o vestido e está prestes a devorá-la. Armado com o seu arco, o Quique chega a tempo de matar a

pantera cravando-lhe uma flecha entre os olhos. Então toma Violeta nos braços, sara-lhe os arranhões e leva-a a nadar no lago com Tarzan e Jane. Durante muito tempo esta foi a aventura preferida do *Cola-Tudo*, que a solicitava com frequência. Um dia, inesperadamente, o narrador introduziu uma variante: o Quique falha com a sua primeira flecha e a pantera come uma perna de Violeta. Uma segunda e certa flecha mata a fera e o Quique consegue salvar a rapariga, que a seguir vemos no lago a nadar com uma perna só e, apesar disso, a ganhar a Jane numa corrida.

– Bom, mas mais à frente encontram o Mago Merlin, que lhe devolve a perna – rematou Ringo o episódio ao aperceber-se do desconsolo do amigo, que não se conformou e exigiu não falhar com a primeira flecha. Ringo não quis mudar nada e acabaram pegados um com o outro. A má consciência aconselhava Ringo a restituir a coxa a Violeta e fazer as pazes com o Quique, mas a soberba impediu-lho durante uns tempos. Quando finalmente o fez, recuperando a primeira versão, a coxa devorada já se tinha convertido numa obsessão para o Quique: nas suas próprias aventuras, sempre atrapalhadas e rematadas de qualquer maneira, no momento menos apropriado surgia de repente a pantera prestes a morder a coxa morena de Violeta, ela a gritar por socorro e ele a acorrer com o seu arco e as suas flechas...

Agora, acaçapado na cadeira do Delicias, guarda silêncio durante um bom pedaço, mas lá para o meio do filme não consegue conter-se mais e sussurra-lhe ao ouvido:

– Que não sejam os *dakois*, Ringo. Desta vez quem a rapta são os *cheyennes* do chefe Mão Amarela.

– Bom.

– E eu sou um explorador da selva e chamo-me Alan Baxter. E salvo-a quando ela está prestes a afogar-se no lago.

– Está bem.

– E vai vestida como María Montez em *As Mil e Uma Noites*, e com o turbante na cabeça...

– Pronto, o que quiseres, mas agora estamos a ver o filme, portanto cala-te.

Basil Rathbone espeta uma laranja com a faca e Tyrone Power observa-o com um sorriso irónico enquanto jantam em casa do pérfido presidente da Câmara de Los Angeles, um fantoche rechonchudo e cobarde nas mãos do seu ambicioso capitão da Guarda. Entre os comensais está também a belíssima Linda Darnell, mas de momento os garotos só têm olhos para Tyrone Power e Basil Rathbone. Este ainda não sabe que o seu convidado Diego Vega é o próprio Zorro, o justiceiro mascarado. Os garotos conhecem muito bem Basil Rathbone, viram-no a fazer de vilão em *O Capitão Blood*, em *Robin dos Bosques*, nas *Aventuras de Marco Polo* e até em *David Copperfield* como o malvado senhor Murdstone, sempre com aquele olhar de passaroco e o seu nariz adunco. Agora é o capitão Esteban Pasquale e passa o filme a brincar com o florete na mão, ensaiando estocadas mortais. Acentua a careta sádica

enquanto tortura a laranja com a faca e observa com desprezo Tyrone Power, o qual, adornando a sua máscara de janota amaricado para que ninguém suspeite de que é o Zorro, lhe diz:

– *Estou a ver que tratais essa fruta como um inimigo.*

– *Ou um rival* – responde o capitão, e então o presidente da Câmara anafado e servil vai e sai-se com uma coisa incrível:

– *O meu grande Esteban não perde uma ocasião de se bater com alguém. Por alguma coisa foi mestre de esgrima em Barcelona!*

Estupefacto, Ringo dá uma palmada na cadeira do Delicias e ato contínuo, sem se refazer do espanto, prega uma cotovelada ao amigo.

– Quique! Ouviste aquilo?! Ouviste?!

– Acho que sim.

– Ele disse em Barcelona! Aposto que sim, que o disse!

– Disse, sim – confirma o *Batata*, à sua esquerda. – Juro, juro! Disse em Barcelona.

Incrível, é fantasticamente incrível. Que rica surpresa, malta. Que emocionante, que estranha sensação ouvir o nome desta cidade na boca de famosos artistas de Hollywood, tão longe daqui, desta paroquial e consagrada tristeza do domingo à tarde. Fantástico. Pensa dizê-lo ao resto da seita, que ainda não viu o filme, e também à mãe assim que chegar a casa, e sobretudo ao pai quando voltar de Canfranc. Sabem que existimos, não somos assim tão insignificantes, pai, não se esqueceram de nós! Em Hollywood sabem que esta cidade existe! Basil Rathbone foi mestre de esgrima em Barcelona!

O espanto e a exaltação não são de modo algum partilhados pelo pai, que se mostra jocosamente surpreendido perante tanta euforia e confessa não saber quem é Basil Rathbone nem ter visto o filme em questão. O garoto fica dececionado por o pai não se lembrar de tantas vezes que se queixou com amargura precisamente disso, de ser ou estar no cu do mundo, ele e todos nós e a nossa cidade e a Espanha inteira com a sua seleção nacional de futebol, considerada também o cu do mundo porque já só Portugal quer jogar contra ela, mas desculpa-o porque sabe que nunca prestou a menor atenção ao cinema, nem sequer como entretenimento; agrada-lhe tão pouco que só fazendo um esforço é capaz de aguentar um filme até ao fim.

Quanto à mãe, ao ouvi-lo contar o episódio sorri ligeiramente escondendo a cara, mas ele percebe o seu leve cabecear de prazer, como se ouvisse uma música distante e grata.

7 *Quinta del biberón* foi a designação que se deu à incorporação nas fileiras dos republicanos, em várias povoações da Catalunha, em meados de 1938 (por conseguinte quase no final da guerra civil espanhola), de jovens que na sua maioria ainda não tinham completado dezassete anos. (*N. do T.*)

CALIGRAFIA DOS SONHOS

Na vertente da colina, perto do cume, há três degraus de uma escada talhada na rocha.

– Olá, Paqui. Chegou a carta?

O cumprimento e a pergunta irrompem na taberna uns segundos antes de as opulentas curvas enroupadas na bata branca o fazerem. Saiu de casa apenas um momento para beber o seu copinho de conhaque e de caminho perguntar se há novidades. Como sempre a esta hora, vai a tarde em meio, a taberna está vazia e a discrição assegurada, embora seja bem sabido que ela não receia a mexeriqueice. A sanadora vem com a sua habitual e caseira indumentária de trabalho, de pantufas e com rolos no cabelo, as sobranceiras depiladas e o conhecido aroma a linimento que as suas mãos espalham pelo ar, porque não param de se mexer deixando ouvir o barulho de quinquilharia das pulseiras, como não tarda a verificar o filho de Berta, sentado junto da janela, muito quieto, camuflado sob a luz verdosa que se filtra pela persiana. Ao irromper no estabelecimento a rouca e enfadonha voz, deixa tombar um pouco mais a cabeça sobre o livro.

– Não me ouves, Paqui? – diz a senhora Mir, lançando-se em linha reta rumo ao balcão. – Chegou, ou atiro-me para debaixo dum elétrico, mas desta vez a sério?

– O que tu gostas de fazer estardalhaço, só visto, Vicki! – responde a taberneira.

– Bem, sim ou não?

De pé em cima de um tamborete, ocupada na limpeza da estante mais alta repleta de garrafas empoeiradas, a senhora Paquita suspende a tarefa e volta-se para a amiga.

– Sabes uma coisa, querida? Estás a levar as coisas pessimamente...

– Queres fazer o favor de responder, Paqui? Que notícias tens do meu assunto? A carta já teria de estar cá! Ele não te disse que ia trazê-la no dia seguinte?

– Não, riqueza, ele não me disse isso. Primeiro tinha de a escrever. Além disso, bem sabes, as cartas de amor levam sempre uma eternidade a chegar... – Sacode o pano que acumulou pó e, com uma careta desdenhosa, acrescenta: – Bem, é o que dizem.

– Tu não estás aqui todo o dia. De manhã é o teu irmão que cá está. Se calhar ele sabe alguma coisa. Pergunta-lhe.

– Ter-mo-ia dito.

– Perguntaste-lhe?

– Claro que sim.

– Onde anda ele agora?

Sem esperar resposta, a senhora Mir dirige-se com passo decidido ao fundo do estabelecimento. Ao passar junto do rapaz levanta o braço roliço e emaranha-lhe o cabelo.

– Como vai essa mão, artista? – pergunta, sem se deter. – Estás a escrever uma carta à namorada?

Ele tem um sobressalto e esconde a mão ligada e o lápis dentro da faixa, num rápido ato reflexo, como se tivesse sido picado por um bicho, e com a outra mão tapa o pequeno caderno escolar de folhas pautadas colocado sobre o livro. Que longe está destas confianças e rapapés, desta mão sapuda e perfumada nos seus cabelos e deste sonhador olhar azul. Curvado, com a cabeça enfiada nas páginas de *A Piedade Perigosa*, segura no lápis amarelo com o polegar e o médio, não sem uma certa dificuldade por causa da espectral ausência do dedo indicador. Causa-lhe uma sensação de impotência e de ridículo que o vejam com o lápis entre os dedos; julga-se descoberto, apanhado numa mentira, a tentar apanhar fumo com a mão ou coisa que o valha. Enquanto esta bisbilhoteira andar a rondar por perto, prefere deixar tudo como está, a mão e o lápis escondidos, a cabeça acaçapada sobre o romance e este a cobrir o caderno escolar, onde a outra mão tapa a última anotação.

– Agustín, chega aqui um momento! – grita a senhora Paquita, do balcão. – Há algum recado para a Vicky?!

Com a sua enorme barriga só equiparável ao seu enorme fastio de tudo, o taberneiro, cinquentão afável e rubicundo, de olhos salientes e grande bigode grisalho, mostra-se à porta da cozinha com o seu avental às riscas cinzentas e pretas e um galheteiro de vidro na mão, exclamando presente! em tom cansado e brincalhão. Antes que a senhora Mir chegue ao seu lado, o homem já diz que não, que em toda a manhã não apareceu ninguém com nenhuma carta.

– Estou a preparar uns passarinhos fritos de comer e chorar por mais, senhora Mir – acrescenta, sorrindo. – Quer provar um?

– Nem dado! – E, dando meia volta com todas as suas rotundidades e um ostensivo ar de censura, desanda rapidamente o trajeto e regressa ao balcão, onde já tem servido o seu copo de conhaque. – Que horror, Paqui. Onde é que vieram os coitadinhos destes pardais?

– Cala-te, cala-te, que estou furiosa. É coisa do fornecedor de vinhos, compra os pássaros a um agricultor do Panadés. Já disse ao meu irmão que da próxima vez os dou ao gato. – E em tom resignado: – Bem, já ouviste. Ainda nada. E estamos ao corrente, para que saibas. Se calhar chega-te pelo correio...

– E tu a dar-lhe! Porque é que julgas que ele prefere deixá-la aqui? Não te lembras de que ele te disse que essa carta não deve cair nas mãos da menina? – Escorropicha o conhaque em duas rápidas acometidas e fica a olhar o vazio. Parece muito contrariada. – Sabes que mais, minha linda? Serve-me outro.

Os coitadinhos dos pardais, disse ela! Pode ser-se mais piroso? Para não ter de a ver tão de perto nem mais que o necessário, já que não a ouvir é impossível, Ringo vira a cara, dando atenção à rua através da persiana. Do outro lado da calçada, junto à berma do passeio da frente, um miúdo de uns seis anos, de *T-shirt* e com o cabelo alvoroçado, pedala esforçadamente uma pequena bicicleta amarela de duas rodas, a traseira com um reforço de rodinhas laterais para manter o equilíbrio. Conhece-o, é Tito, o filho mais novo da cabeleireira Rufina. O miúdo apeia-se da bicicleta e, de cócoras, examina com expressão carrancuda a engenhoca das rodinhas mal aparafusadas que o impede de ganhar velocidade.

Embora mantenha o olhar na rua, com o rabo do olho e a contragosto não pode deixar de ver a senhora Mir alisar o cabelo com a mão sapuda, morder o lábio inferior e fixar o olhar na parede atrás do balcão dizendo em tom lastimoso:

– Estaria melhor ajoelhado.

Está ali pendurado o calendário cujo amplo suporte de cartão anuncia uma bebida refrescante por meio do reclamo da velha fotografia, ampliada e artificialmente colorida, na qual onze toscos futebolistas de antes da guerra posam antes de disputar um imemorial desafio. É para isso que a senhora Mir olha, para esta antigualha desportiva de musculosas pernas. O calendário é do ano passado e a sua permanência na parede, com a folha de dezembro por arrancar, atribui-se à predileção do taberneiro pela histórica coletividade futebolística tão ligada ao bairro. Na base da fotografia, que já é quase uma relíquia, e em grandes letras, lê-se: *C. D. Europa, época 1924-25*. Cinco robustos jogadores posam ombro a ombro e de joelho em terra, o central com a bola nas mãos, e atrás, de pé, com os braços cruzados e o rosto crispado, mais seis, incluindo o guarda-redes com o seu boné e joelheiras, todos de calções até aos joelhos e apertadas camisolas que exibem o V azul no peito. Os aguerridos jogadores olham para a objetiva com ferocidade, brigões e asselvajados, como que confrontados com um nevão. O extremo-esquerdo, com um lenço atado na testa e os cabelos eriçados como um espanador, é tão cambado que poderia passar um elétrico entre as suas pernas.

– Não sejas cabeçuda – diz a senhora Paquita. – Não é ele.

A senhora Mir esvazia o segundo copinho de um trago e poisa-o em cima do balcão, dizendo com a voz deprimida: Aponta isto, filha, e seguidamente dirige-se para a porta. Antes de sair volta-se com os braços nos quadris.

– Eu iria jurar que sim. – E acrescenta: – Que farias tu, Paqui? Diz-me a verdade.

– Que faria eu acerca de quê...?

– Esperarias?

– Eu sim. Com certeza que sim.

– Quanto tempo?

A taberneira tarda um pouco a responder, e fá-lo baixando a voz.

– Está doido por ti, Vicky. Ou será que ainda não deste por isso?

– Deu-te essa impressão? A sério? – inquire ela com os olhos faiscantes.

– Havias de o ter visto ali sentado, a escrever. O mal que se sentia. E prometeu que te faria chegar esta carta. Tu és a namorada dele, a sua querida namorada...!

– Mas tu, quanto tempo esperarias?

– Primeiro diz-me uma coisa. O que aconteceu naquele dia em que te deitaste na rua? Más notícias de França? Tinhas-me dito que o teu irmão estava doente...

– Não. Isso foi quando ele estava no campo de concentração... Isso já lá vai, agora está bem. Não, fui eu, que perdi as estribeiras... Não sei como explicá-lo.

– Mas, olha lá, o que foi que aconteceu para vires para a rua daquela maneira?

– Ai, não sei, Paqui! Um dia to contarei. – Pensativa, enquanto leva a mão ao seio esquerdo para o levantar e melhor o acomodar ao sutiã, pestaneja com os olhos maliciosos semicerrados e sussurra: – A asquerosa toalha amarrada à cabeça, para disfarçar... Quem dera que eu tivesse acreditado, quem dera.

– O quê, Vicky? O que é que quiseste dizer?

– Nada. Olha lá, não mudes de assunto. Perguntei-te quanto tempo esperarias.

– Bem, o que for preciso, mulher! – Fica a olhar para ela, contrariada ao não conseguir esclarecer nada, e suaviza o tom. – Não te iludas com ele, Vicky. Não é um homem vulgar. Não fala por falar.

– Ah, não? Sabes lá tu.

– Nunca vi ninguém tão disposto a cumprir uma promessa. Está apanhado por ti, Vicky.

– Acreditas mesmo nisso? Ou dize-lo para me animar?

Sem esperar resposta, a senhora Mir franze a boquinha de chupar ovo com ar pensativo, apalpa os quadris, encolhe os ombros e despede-se com um gesto vago que tanto pode dizer tanto se me dá como Deus te oiça.

Ele não pode deixar de constatar uma vez mais o ridículo do assunto. Bolas para os amores contrariados de Dona Floreado! Simplesmente, custa a

crer que esta caricatura de mulher seja capaz de viver uma verdadeira história de amor, e também custa a crer que a senhora Paquita, que não poucas vezes fez troça dela, agora lhe faça o jogo incitando-a a esperar aquela carta. Como pôde a taberneira solteirona dizer que esta velhota é namorada de alguém? Que entenderá a senhora Paquita por namorada? Alguma vez a viu beijocar-se com algum dos seus anteriores fulanos no Parque Güell, ou deixando-se apalpar numa gruta da montanha Pelada?

No balanço das querelas quotidianas do garoto pesa muito mais o imaginado que o vivido, e embora seja muito imprecisa a fronteira entre o que vê e o que luta por ver, não costuma hesitar no momento de escolher: mesmo sem saber bem se a voluptuosa senhora merece compaixão ou riso, nessa disjuntiva sente-se muito pouco indulgente. Por mais mórbidas que possam ser as expectativas que ela suscita com as suas tribulações amorosas, essas expectativas estarão sempre no nível mais baixo daquilo que para ele representa o grotesco e o risível.

Uma vez saída a senhora Mir, o mirone involuntário desliga a sua atenção e permanece um pedaço a perscrutar a rua tranquila e soalheira através das frinchas da persiana. Há bocado viu passar o senhor Sucre e o capitão Blay de conversa a caminho da Praça Rovira, parando alternadamente de dois em dois metros para pormenorizar qualquer coisa na sua interminável controvérsia, mas sem gritos nem espaventos, com as cabeças muito juntas, com as mãos atrás das costas e a vista no chão. Do outro lado da rua, na escalavrada parede frontal onde não se abre nenhuma porta nem janela, há uma mancha de humidade que parece um tornado a girar vertiginoso e ameaçador sobre o miúdo que pedala apoiado na borda do passeio. Para cima e para baixo na sua pequena bicicleta, cabeceando curvado sobre o guiador, o rapaz parece cumprir uma diligência aborrecida ou um castigo. A bicicleta é um traste velho de carroto fixo, sem travões. As rodinhas laterais asseguram o equilíbrio e a integridade física do ciclista, mas travam-lhe a corrida e anulam o seu esforço, impedindo-o de sprintar e cruzar vitorioso a imaginária meta. O garoto apeia-se da bicicleta e começa a pregar-lhe pontapés.

Os seus olhos vagueiam da rua para a escrita. A mão ligada ainda segura o lápis com esforço, e a outra mão persiste em tapar pudicamente a primeira anotação quando, prestando atenção a outros ecos e a outro ritmo, outras leituras, decide corrigir e precisar mais.

Na sua vertente sul, talhados sobre uma rocha, há três solitários degraus de uma escada que nunca foi acabada, que ninguém sabe para onde queria subir.

Julga que somente nesse território ignoto e abrupto da escrita e das suas ressonâncias encontrará o trânsito luminoso que vai das palavras aos factos, um lugar propício para repelir o ambiente hostil e reinventar-se a si mesmo. Gostaria de ser capaz de proclamar que a maior parte do dia o seu espírito não está onde costuma mostrar-se em pessoa, sentado na praça ondulada do Parque Güell com um livro nas mãos ou nesta mesa junto da janela de uma

sombria taberna, mas sim muito mais longe do bairro e da cidade, em paragens muito diversas e amiúde num precário equilíbrio sentimental, cultivando a sua saudade em longos e solitários passeios sobre a neve crepitante da Perspetiva Nevski, por exemplo, ou viajando numa diligência pelos caminhos de Yormouth, ou porventura deambulando pelas brumosas ruelas de Blackfriars à beira do Tamisa, pelos desolados ermos de Yorkshire onde o vento assobia sempre, ou a entrar na pensão Vauquer da Rue Neuve-Sainte-Genève, ou deitado nas pradarias do Quénia próximas do Kilimanjaro, debaixo das sombrias árvores de Thornfield ou porventura a vaguear pelas colinas de Balaklava juncadas de metralha e cavaleiros mortos. Porque fora destes muros, fora da taberna, tudo o que há foi despojado de sentido e de beleza e de futuro, é só uma azáfama de seres acobardados e de pobres anseios que não importam, que não merecem atenção; porque a quem pode contentar dia após dia esta monótona e interminável sucessão de fachadas cinzentas e amedrontadas, estas ruas de passeios escalavrados ou ainda por pavimentar e estas calçadas de terra batida onde os garotos desenham caveiras e tíbias cruzadas com os seus canivetes, estes lotes ermos e estas esquinas desdentadas e sarnentas com a aranha negra estampada. O pouco que o retém aqui é o muito de que sente a falta. Cada vez que levanta a vista do livro sente-se fora do lugar, deslocado por um imprevisto golpe do destino, e essa sensação de desenraizamento é tanto mais patente quanto mais medita sobre a sua fortuita origem familiar; também ele, se uma pessoa se detiver a pensar, é uma patranha tramada pelo destino, um embuste monumental, pois aparenta ser filho de quem na realidade não é a sua mãe, para já não falar do pai, precisamente o rei da patranha. E a pessoa não tarda a descobrir uma série de coisas que poderiam ter sido de outra maneira, porque o seu pai biológico talvez ainda viva quem sabe onde e vá-se lá saber quantos meios-irmãos, primos e sobrinhos e tios podia ter, e com toda a certeza nunca chegará a conhecê-los, embora o mais conveniente fosse aceitar que tem quatro pais e oito avós e uma fantasmal parentela consanguínea e outra não menos fantasmal, porque fictícia, e que tudo é naturalmente assim estranho, contingente e ilusório. Por exemplo, aquilo que agora mesmo está a olhar sem ver através da janela do bar, esta rua soalheira e em suave declive que um garoto sobe pedalando com esforço na sua pequena bicicleta: também esta rua esconde uma impostura, uma trapaça que muita gente ignora, pois não se chama como deveria chamar-se, segundo o senhor Sucre explicou pormenorizadamente ao capitão Blay numa noite de verão, sentados ambos à porta do bar com uma pichorra de vinho a refrescar dentro de um balde de gelo. Conhecida como Torrente de las Flores, disse o senhor Sucre, a nossa querida rua, que desce a direito da Travesera de Dalt até à Travesera de Gracia para deparar de frente com o cinema Delicias, é crença popular que em tempos remotos foi uma torrente de águas cristalinas e orlada de flores, e daí a origem do patronímico. Mas tal crença baseia-se numa trapaça, tal como explicou nessa noite o senhor Sucre a quem o quisesse ouvir – quer dizer,

ninguém a não ser o capitão Blay, fumando pensativo ao seu lado, e o miúdo de Berta a fitar a orelha como de costume, fascinado em face da extravagante memória do par –, este bairro de La Salud onde hoje habitamos tão ufanos, na sua remota origem, há milhares de anos, deve ter sido efetivamente um vergel imaculado e fantástico, um florido e esplendoroso Éden, mas em abono da verdade havia que dizer que a rua foi batizada com os apelidos de um senhor oriundo de El Ferrol chamado Manuel Torrente Flores, proprietário dos terrenos que cedeu para urbanizar esta zona e a sua vala nos finais do século XIX.

– De maneira que de Torrente de las Flores, nada de nada. Hoje em dia, como tantas coisas nesta cidade ratoeira – concluiu com ironia o senhor Sucre –, a nossa rua tão-pouco se livra de ser uma falácia do caraças.

– E que dirias tu, rapaz? – entoeou zombeteiro o capitão Blay ao ver o garoto a ouvi-los espantado. – Dirias que a rua vai da montanha ao mar, ou do mar à montanha?

Risos e tosses de velhotes ociosos e estrambóticos. Percebeu que ambos queriam meter-se com ele uma vez mais, mas ainda assim optou por uma resposta baseada na lógica. Sempre desejara merecer a sua confiança.

– Da montanha ao mar, senhor, porque a rua é a descer.

Este trecho da rua é o mais propenso às miragens, diria em certa ocasião o senhor Blay, perscrutando os velhos carris. Talvez neste preciso momento o miúdo da bicicleta experimente o mesmo, pensa ele: basta deixar-se ir rua abaixo para ganhar o equilíbrio e a aposta. Trata-se de uma experiência muito corrente, uma coisa que muitas crianças vivem naquela idade – se a sorte ou os pais quiseram obsequiá-los com uma bicicleta, claro, o que não foi o seu caso –, e que nesta ocasião, não chega a saber porquê, lhe parece significativa. Muitas coisas se lhe afiguram significativas há algum tempo, mas hoje tardará um pouco a descobrir que aquele pequeno e furioso ciclista não pretende destruir a sua bicicleta, mas somente aquilo que lhe amarga a vitória e o impede de gozar o vento na cara, frustrando a grande aventura do equilíbrio ganho a pulso e por conta própria, sem ajuda nem manhas de espécie alguma. Sentado na berma do passeio, junto à boca da sarjeta, o miúdo enfrenta, enraivecido, o problema, agarrando nos suportes metálicos das rodinhas suplementares e abanando-as para um lado e para outro a fim de afrouxar as porcas. Tem estampada no rosto a firme decisão: vai acabar com as malditas rodinhas nem que seja à dentada. Mas ao fim de um pedaço não conseguiu grande coisa. Vê passar um conhecido, um pintor de paredes com a sua escada ao ombro, e pede ajuda. O senhor tem um martelo, se faz favor? O homem sorri sem se deter, leva pressa, emaranha-lhe carinhosamente o cabelo com a mão e segue o seu caminho. No decurso da meia hora seguinte solicita ajuda a vários transeuntes, conhecidos ou não. Alguns nem olham para ele e outros nem param, escutam-no sorrindo e alegam desculpas diversas. Uma chave-inglesa? Não tenho, acabaram-se-me. E outro: Porque é que não vais para casa e dizes à tua mãe o que pretendes fazer, valente? O miúdo levanta-se, tira a

coisa para fora por um lado das calças e mijá contra a parede onde o tornado parece avançar dançando. O último a parar ao seu apelo é um serralheiro da Rua Martí, que lhe explica que aquelas rodas satélites que ele quer tirar estão lá para o guiar melhor na corrida e impedir que parta a cabeça. O miúdo detesta também o carroto fixo, e pergunta se se pode mudar, mas não obtém resposta. Não quero de carroto fixo!, lamenta-se uma vez a sós. De vez em quando levanta-se para dar pontapés e palmadas na bicicleta, e depois volta a sentar-se.

Deixa de olhá-lo um instante ao dar-se conta de que os dedos intumescidos da mão ligada ainda seguram o lápis. Larga-o por fim e repara no que escreveu. Aponta uma correção, mas não há maneira de lhe agradar e rejeita-a; entretém-se a garatujar num imaginário pentagrama um grupeto com asas e, quando levanta a cabeça de novo, Tito está a abanar furiosamente as rodinhas, mais obstinado e raivoso do que antes, a ponto de desatar a chorar. A casmurrice, o interminável desacordo entre o garoto e a sua bicicleta acerca de quem deve a partir de hoje ser dono do equilíbrio e o artífice da vitória, retém a sua atenção um bom pedaço. Finalmente Tito consegue desenroscar os braços metálicos e atira-os para a sarjeta juntamente com as rodinhas satélites. Depois encosta a bicicleta à berma e monta, e então, com um pé no pedal e outro no passeio, antes de se deixar ir pela rua abaixo, lança por cima do ombro um olhar triunfal em direção à janela do bar, sabendo que alguém o observa.

Dará certamente uns quantos trambolhões antes de o conseguir e voltará a casa com os joelhos esfolados e um ou outro galo, pensa ao afastar os olhos da rua e deixar cair a persiana. Pouco depois volta a levantá-la ao ouvir um estrépito de ferros. Não, nenhum carro o apanhou, e ninguém parece ter visto. Ninguém a não ser ele. O garoto está a levantar-se junto da berma e dirige um turvo olhar à janela do bar, lambe uma esfoladela na mão, sacode as calças, torna a subir a rua a pé com a bicicleta ao lado e ao chegar à altura do bar lança outro olhar enviesado e desafiador à única testemunha da sua façanha. E desta vez a testemunha compreendeu. Largando o lápis sobre a folha borrada, com uma atenção intensa e sem desfalecimento, inesperadamente escrupulosa em captar os pormenores, observa o garoto a lançar-se uma vez mais com a sua bicicleta a toda a brida pela rua abaixo, resoluto e veloz apesar dos solavancos e das batidas, com o queixo colado ao guiador e uma fixação maníaca no olhar, uma poderosa tensão que se alimenta em partes iguais de otimismo e frustração, e que o rosto não deixa de refletir até cair estampado no meio de um emaranhado de rodas e pernas e braços, para voltar a levantar-se de imediato com os joelhos esfolados e sangue na cara e regressar rua acima a pé, sentar-se no selim e empreender novamente a marcha a partir da borda do passeio, impelindo-se com um pé e com um empenhamento que anula o receio do trambolhão. Do bar, com a mão ferida parada no ar, sentindo nos dedos a ausência do lápis, não consegue deixar de olhar o pedalar insistente e desesperado que se trunca uma e outra vez nas quedas,

aquela reiterada pressão mental sobre os pedais, aquela enraivecida cabeça baixa a investir contra o ar e tudo o que lhe apareça à frente. Alguns transeuntes aconselham-no a que o deixe, mas o garoto não atende a ninguém, não está para desmontar. A sua é uma luta contrarrelógio, porque sabe que alguém acabará por avisar a mãe. É a via morta que lhe reserva a queda mais dura: inadvertidamente introduz a roda dianteira no sulco de um dos carris, a bicicleta trava e Tito sai disparado por cima do guiador. Levanta-se e volta a montar e continua, e pouco depois, perdida a conta dos estampanços, os últimos já bastante controlados, consegue repentinamente o equilíbrio e começa a dar voltas em círculo durante um bom bocado, sorrindo de orelha a orelha e olhando para Ringo por cima do ombro. Sem deixar de olhar para ele e de sorrir, vira na esquina da Rua Martí soltando um grito de vitória e desaparece em direção à Praça del Norte.

O fator germinal da escrita fez entretanto o seu trabalho, e há qualquer coisa que o induz de repente a arrancar a folha garatujada do caderno e dispor de outra limpa, tatear novamente o lápis com os dedos doridos e estar atento à melodia das palavras que agora voltam. Não é uma cantiguinha corrente como as que costuma trautear distraído e ajudando-se inconscientemente, por um reflexo adquirido diante da partitura, com o compasso imaginário de quatro por quatro; desde o princípio, desde o primeiro tímido esboço, fora como uma melodia conhecida e mil vezes ouvida mas por completar, um mutilado conjunto de notas que a memória auditiva tinha guardado e agora convertia em palavras; um fraseado musical com ressonâncias que desta vez não havia que procurar nas pautas de nenhum pentagrama – sobre isso não havia que enganar, as ressonâncias eram bem claras e conscientemente assumidas – mas sim nas alturas de um monte coberto de neves perpétuas. Assim, a mão ligada, que um momento antes tinha ficado imóvel, volta a pegar no lápis e, com renovado esforço e algumas pontadas no dedo sacrificado, corrige e conclui aquele que será, embora ele ainda não o saiba, parágrafo seminal.

*

A montanha Pelada é uma colina despida e árida de 266 metros de altura, e o seu nome tem uma origem confusa. Na sua vertente oriental foram encontrados fósseis de tartarugas pré-históricas e ossos de mamute. Próximo do cume há uma grande rocha plana com três degraus de uma escada que nunca foi terminada. Ninguém conseguiu explicar onde ia conduzir uma escada em semelhante lugar, tão ermo e desolado.

UM LUGAR NÃO MUITO LIMPO NEM BEM ILUMINADO

– Ringo, vens ao Chino?

É o terceiro sábado consecutivo que o Quique aparece no bar Rosales depois de jantar e com a mesma sugestão. Se ainda não te introduziste numa casa de putas do Bairro Chinês, pá, é que não sabes o que é a vida. Na Rua Robadors há três quase juntas, El Recreo, El Jardín e La Gaucha, e é fácil a pessoa introduzir-se lá. Embora o Quique tenha a entrada proibida devido à idade, e costume acabar no meio da rua com algum sopapo ou pontapé no rabo, bisbilhotar nos bordéis converteu-se na sua diversão favorita.

– Nem imaginas as rameiras que têm em El Jardín, parecem de antes da guerra! Mas há uma, a Manoli... Chiça! Mal a vejo, já estou de pau feito.

– Pronto. Não precisas de jurar.

– Bem, vens ou quê?

Ele está sentado a apanhar o fresco no passeio do bar, com a cadeira encostada à parede, o casaco pelos ombros e uma cerveja na mão útil, a ver passar as pessoas, e não parece apetecer-lhe coisa nenhuma. Há um bocado estava a ler o muito estafado mas predileto livro de contos e agora tem-no no bolso mais esbarrondado do casaco.

– Se vão em grupo, não – responde. – É barafunda a mais.

– Tu e eu sozinhos.

É uma noite com neblina e mormaço de fins de setembro. O Quique irrompeu no bar enfiado num sufocante fato castanho às riscas de casaco assertoado, com gravata às pintas, um litro de brilhantina no cabelo e óculos escuros de aparatosa armação, porque os óculos escuros fazem a pessoa mais velha, pá, diz, e é mais fácil conseguir entrar. Do bolso superior do casaco assomam quatro cigarros Lucky Strike que deve ter surripado ao pai. Muito

janota, acalorado e sorridente, deixa cair a cara redonda e gordurosa sobre a do amigo e espera a resposta. Vê-o, porém, tão absorto que mais uma vez fica a olhá-lo intrigado, perguntando a si mesmo como pode deixar passar a noite de sábado aqui sentado, ou dentro do bar, enfronhado durante horas num livro ou a ouvir as aborrecidas conversas dos velhos e o matraquear das pedras de dominó no mármore. Às vezes pensa que Ringo não está a ficar crescido como os outros, de maneira normal, como ele e Roger, parece-lhe que ainda continua a meditar numa das suas estrambóticas aventuras deitado de bruços no tejadilho de uma diligência e a disparar contra os apaches que o perseguem a galope pela pradaria. Dá vontade de lhe dizer: Ringo, aqueles cavalos eram de papelão!

– Poça, não sejas parvo! Vamos, homem, força!

– Procura outro – diz ele. – Não tenho nem para o elétrico.

Antes de sair de casa, depois de a mãe ter ido para La Esperanza cumprir o seu turno da noite, tinha espreitado para dentro de uma chaveninha de café do aparador; um ou outro sábado, ela costumava deixar-lhe duas ou três pesetas naquela chaveninha. Desta vez só havia trocos. A visão dos trocos manipulados pela mãe afligia-o sempre; via a mão magra e pálida a rebuscar para ele umas moedas do fundo do pequeno porta-moedas, só para ele, e isso fazia-o sentir-se egoísta, inútil e esbanjador. Debaixo de um pires havia uma nota de cinco, mas era para o pão e o leite e um quilo de batatas que ele mesmo devia comprar amanhã cedo, antes de ela se levantar, e, se o dinheiro chegasse, também para uma tigela de nata polvilhada de açúcar.

– Não te vai custar um chavo – insiste o Quique, animoso. – Pago eu. Estou cheio dele, parceiro, esta tarde ganhei ao dominó cruzado! Vamos, homem. Damos um giro por El Jardín para ver o que se passa.

– O que é que se há de passar? Nada.

– Bem, só podemos olhar, mas...

– Isso. Vamos armados em jarrões.

– E que mais se pode fazer. Tocar não nos deixam. E foder, por agora, nem sonhes... Em El Recreo, quinze palhaços a queca. Mas podes vê-las de perto. Depois em casa bates uma, e pronto.

– Não nos vão deixar entrar.

– Vão, pois, quanto vale a aposta? Enfiemo-nos lá dentro quando quiseres, pá, sou eu que to digo. Aos sábados à noite aquilo está a abarrotar de gajos e eles não reparam muito, basta metermo-nos na bicha e entrar. O único sítio onde não me deixaram entrar foi na Carola, e na Madame Petit também não, lá as gajas são muito caras... Ouve, vou-te mostrar coisas que nunca viste, Ringo. Numa montra da Rua San Ramón há um consolador que parece uma tranca dum burro, escangalhas-te a rir quando o vires... Mas antes bebemos umas cervejas em Los Cabales, para ficarmos tocados. Sou eu que ofereço. Então, que me dizes?

Ele desculpa-se levantando a mão ligada.

– Nem sequer posso meter a mão no bolso para pagar uma rodada.

– Repito-te que fica por minha conta. Vamos lá, homem!

Naqueles aturdidos olhos salientes nota-se que continua a toda a hora a pensar em mulheres nuas, diz Ringo de si para si. Da seita que formavam quatro anos atrás, o Quique, Roger e Rafa Cazorla são os únicos que continuam a frequentar o Rosales, ao princípio mais pelos matraquilhos do que outra coisa, depois pelas partidas de dominó cruzado e para irem juntos ao baile todos os domingos. O Quique, que não oculta a sua predileção por Ringo e faz alarde de ser o seu melhor amigo e perceber e respeitar a sua queda para os pianos e os romances, inclusivamente para os romances que não são de mistério nem de *cowboys*, tentou muitas vezes arrastá-lo até ao Verdi ou à Cooperativa La Lealtad, as duas salas de baile que Violeta frequenta com a mãe como pau de cabeleira, mas ele recusou sempre.

Esta noite deixa-se levar pela curiosidade, e no fim, visto o que havia para ver, dá-lhe a impressão de que de algum modo aquela fantasia do Quique a exigir em todas as aventuras mamas e rabos, se possível sob transparências orientais, sempre a pedir odaliscas atrás de gazes e tules de brilhante tecnicolor à Yvonne de Carlo ou María Montez, conseguiu finalmente ser concretizada pelo amigo nas suas incursões sabatinas a bisbilhotar nos bordéis mais afamados, sobretudo naquele concorrido habitáculo de El Jardín escassamente iluminado e com oito ou dez mulheres no centro, às voltas como num mercado árabe de escravas. Exibem-se de combinação ou só de cuecas e sutiã, acaloradas e atropelando-se um pouco por falta de espaço, sonâmbulas, abundantes de carnes e abanando-se, com os cabelos a caírem gordurosos e escovados sobre os ombros nus, uma delas com uma toalha amarrada à cabeça como um turbante. Calçam coçadas pantufas de cetim e sapatos verdes e vermelhos de saltos altíssimos, uma ou outra ostenta meias pretas com ligas e nódoas negras e a mais nova calça peúgas brancas e sandálias de borracha. Meneiam-se aborrecidamente com os seus rabos gordos e sorriem aos homens que as olham com uma careta zombeteira de desejo ou de submissa tristeza, a maioria de pé e alguns sentados no banco corrido que circunda as paredes pintadas de um verde amarelento e grumoso como um vômito. Há uma porta pequena que dá acesso a uma escada na penumbra e escarradeiras a transbordar de beatas e cuspidelas aos cantos. Uma fina lâmina azulada de fumo de cigarros flutua no ar, saturado de fedores de suor cedicho e pó de talco, e ouvem-se murmúrios e um ou outro riso, mas predomina um silêncio espesso de tosses, muitas e variadas tosses, pigarreios insidiosos e roçar de pés, um murmúrio desassossegador, coibido e reverente, que lhe devolve por um momento as Sextas-Feiras Santas na capela de Las Ánimas a abarrotar de fiéis que avançam até ao altar como sonâmbulos. Algumas putas cantarolam em voz baixa enquanto dão voltas e mais voltas, aparentemente alheias ao apelo dos seus encantos, uma delas com as mãos ocupadas num trabalho de tricô, e a mais nova e menos feia, mas feia de qualquer modo, com umas sobranceiras muito espessas e covinhas como golpes nas faces de boneca grande, chama a sua atenção ao avistá-lo por cima do ombro com olhar

dolorido, como quem diz: Que fazes aqui, criança, quantos anos tens?

Aquela invenção privada que anos atrás nunca se atreveu a contar à seita, a de uma prostituta jovem e bonita maltratada pela vida, marcada por um destino trágico (ele seria seu amante consentido, um pária entregue à libertinagem e ao vício, e ela redime-o com o seu amor), dá-se o caso de aquela excitante possibilidade de uma experiência canalha que uma vez tinha imaginado tintim por tintim, uma mórbida história na qual lhe agradava ver-se a si mesmo aventureiro e crápula e grande pianista de talento incompreendido, mergulhado na perversão e no fracasso, aqui e agora, ao evocá-la emboscado neste sebento bordel entre mirones ociosos e inermes que só aspiram a passar um bocado, se lhe afigurar um ridículo entesoamento infantil e o cúmulo dos despropósitos, e fá-lo sentir-se um iludido. Este não é lugar para aventuras, pá, isto é uma casa de putas e vem-se aqui para foder. Apalpa no bolso o livro de contos e já pensa em pôr-se a andar, quando ouve atrás de si uma voz que lhe é familiar.

– Não te voltes – sussurra-lhe o Quique. – Adivinha quem está atrás de ti.

– Era demasiado terrível para ser verdade, senhor Anselmo – está a dizer a voz: – Ela não trabalha num sítio como este, veja o senhor mesmo. Perguntei e nem sequer a conhecem. Estamos a perder tempo. Esqueça essa mulher, pela sua rica saúde, não se torture mais.

É uma voz desguarnecida, escura, que repentinamente se carrega de uma paciente comiseração para com alguém. Sim, é a dele, não há outra voz como esta. Espera uns segundos e depois volta-se discretamente para constatar com o rabo do olho, apenas dois metros atrás, entre os mirones que permanecem de pé, a conhecida atitude reverencial, o ar furtivo e predador da espigada figura inclinando o alvo esplendor dos cabelos sobre o seu baixinho interlocutor, e tão em cima, tão atencioso e envolvente, que se diria que está a manobrar para lhe roubar a carteira: a mesma solícita deferência, as mesmas atenções de homem alto e manquejante que prodigalizava no bar Rosales. O seu acompanhante, um senhor de meia-idade e bem vestido, calvo, rechonchudo e de expressão lastimosa, escuta-o sem olhar para ele e esticando o pescoço para não perder as evoluções das putas na pista. O senhor Alonso, em contrapartida, não se mostra interessado no espetáculo; rodando o corpo como os coxos fazem, descolando o pé do chão com alguma dificuldade, parece mais ansioso por sair dali do que outra coisa.

Em qualquer outro sítio não lhe teria prestado atenção. Passaram mais de três meses desde a última vez que se deixou ver no Rosales, e o seu indecoroso idílio com a senhora Mir já só sobrevivia nas confidências desta à senhora Paquita, aquelas conversas de tagarelas no balcão do bar. A não ser que a senhora Mir animasse o assunto com outro espetáculo em plena rua, a vizinhança e os fregueses dados ao mexerico não tardariam a esquecer-se do coxo e das suas rondas pelo bairro. Não obstante, embora Ringo se tivesse negado a admiti-lo, a personagem nunca deixou de o intrigar secretamente. Ereto como sempre, de costas abauladas e com o nariz afilado e adunco que

lhe recorda o sinistro Fagin, agora exhibe um bigode espesso e branco como a sua cabeleira e um ricto de cansaço nos lábios grossos. O rosto comprido e citrino, com profundas rugas de uma estranha simetria, mantém o seu magnetismo e a sua harmonia pétrea, mas há qualquer coisa, talvez a novidade do bigode, as pálpebras abundantes e pesadas sobre os olhos cinzentos, que começa a atribuir-lhe os anos que realmente deve ter. Um homem de uma louça velhice, lembra-se de ter ouvido ao senhor Sucre em certa ocasião. Veste com o esmero e a formalidade habituais, à veterano desportista com a sua modesta marca de subúrbio, um polo azul deslavado e aberto no peito, um blusão folgado de linho cor de tabaco, com grandes bolsos e com as golas levantadas, e um lenço preto atado ao pescoço.

– O quê? Admiras-te? – sussurra o Quique. – Eu não. Aqui podes encontrar até o teu pai. Um dia vi entrar o marido da senhora Rufina, e outro dia o dono da mercearia da Rua Argenton.

– Bom, já vimos tudo. Vamos embora?

– Que dizes? Ainda agora chegámos! Já reparaste na Manoli? Nhiam!

– Não, não reparei. Isto está muito escuro e cheira mal. Eu vou dar à sola.

– Poça, pá, mas que esperavas tu ver? Bem sei o que se passa contigo. Receias que algum conhecido te veja e se ponha a dizê-lo por aí, e a tua mãe saiba...

– Vens ou quê?

Teve durante todo o tempo a mão ferida escondida no bolso e o lenço à volta do pescoço, e antes de sair quer recuperar o braço ao peito, e com ele, agrada-lhe pensar, a sua identidade secreta e mais autêntica. Enquanto pede ao Quique que lhe ate o lenço na nuca, capta o olhar que nele crava por cima do ombro a Manoli, a morena opulenta com as mamas ao léu; um olhar severo que lhe adivinha os pouco mais de quinze anos.

– Merda, mas que pressa tens? – censura-o o Quique. – Pois eu, pá, é até me porem na rua. E a seguir passo pelo bar Cádiz ou pelo Kentucky, que deve estar cheio de *manhosas*...

– Então adeus – diz ele, e enquanto se escapule até à saída volta-se e lança uma olhadela ao senhor Alonso, que continua empenhado em convencer o seu interlocutor de que aqui não vai encontrar aquela que procura.

Já na rua, tem de abrir caminho por entre a chusma de homens que circulam devagar em dupla direção, amontoados e sem se olharem na cara, fazendo-se distraídos. O Quique tinha-lhe contado que aos sábados à noite a Rua Robadors recebe tamanha quantidade de gajos que quase não se consegue andar e os *bófias* têm de acorrer de vez em quando para evacuar a calçada distribuindo cacetadas, e então o pessoal refugia-se em portais e tascas, para voltar a sair quando a polícia já se foi embora e prosseguir a visita aos três bordéis. Enquanto abre caminho aos empurrões, deixando para trás as silenciosas aglomerações de homens a entrar e sair de bares apinhados, aquelas palavras purulentas, sífilis, esquentamentos, cancro mole, gonorreia, que ouviu pela primeira vez na boca do pai e que lhe tinham causado tanta

apreensão, saem-lhe agora ao caminho deslizando sobre o húmido empedrado onde se refletem as luzes de néon, *Vias urinárias, Camas, Camisas de Vénus, Lavagens*. Pouco depois deambula por vielas escuras e menos transitadas, pisando escombros e águas malcheirosas num percurso que deve levá-lo de volta às Ramblas.

Não tem pressa nenhuma e aliás não lhe importaria perder-se, consciente do estigma e da infâmia de um bairro lendário. A certa altura redobra a emoção ao julgar que alguém o segue, e volta-se, mas não se apercebe de nada de estranho; a sombra cambaleante de um bêbedo, uma garrafa vazia que rola sobre os paralelepípedos, um cão a esgravatar no lixo. A curiosidade leva-o a prolongar a incursão fazendo um desvio, metendo primeiro pela Rua San José Oriol, para depois se enfiar na Rua de las Tapias, onde uma queca rápida com uma puta, de pé no mais escuro e encostada a uma cerca, segundo tinha ouvido contar aos mais crescidos na oficina, lhe custaria somente uma peseta... Ou referiam-se a outro lugar ainda mais afamado, um antro chamado a Terra Negra, no sopé de Montjuich? Duas mulheres de rabo gordo estão a conversar no passeio com um tipo mirrado e de camisola interior, e outra assoma de um portal vendo-se a um espelho de mão. Passa depressa e sem parar, evitando os candeeiros e ouvindo atrás de si uma ou outra risadinha, e volta à esquerda na direção da Rua San Pablo. A sua intenção é chegar à Conde del Asalto passando antes pela Rua San Ramón, com a sua oferta de camisas de Vénus e lavagens e tascas de má morte, e em cuja esquina para um momento e verifica sob a luz do candeeiro que já não tem dinheiro para uma última cerveja nem para o elétrico de regresso a casa. A poucos metros, na mesma esquina, há uma taberna aberta e lá dentro ouvem-se palmas e música de rumba. Está a olhar para a tabuleta, Bar Los Joseles, quando ouve novamente atrás de si a voz escura:

– Homem, que vejo eu? Eu conheço este miúdo.

Poderia tratar-se de um acaso, mas já seria o segundo numa única noite. Vira-se devagar, chateado, sem saber a quantas anda, e afronta o conhecido sorriso de esguelha e o olhar cinzento por baixo das pálpebras rugosas.

– É a mim?

– Chamas-te... – Fica a pensar. – Ora vejamos, era qualquer coisa que soava como uma campanha... Ah, sim, já me lembro! Ringo. É como te chamam os rapazes no bar Rosales. Acertei ou não?

– Sim, senhor, mas o meu nome não é esse.

Nunca teria imaginado que um dia renunciaria a chamar-se Ringo, e neste preciso momento pergunta a si mesmo por que razão fez tal coisa.

– O que é que te traz por aqui, tão longe do teu bairro? Não te perdeste, nem nada?

– Não, senhor.

– Ena, ena. Lembras-te de mim, imagino.

– Claro. O senhor Alonso.

– Isso. Como vais, miúdo?

Com algum retardo apercebe-se de que o homem lhe estende a mão, com um anel de osso muito trabalhado no dedo médio. Uma mão de pele sedosa e cálida, e um aperto forte. Que formalismo! Nem que acabassem de conhecer-se.

– Vi-te passar e disse cá para mim, olha lá, não é aquele rapaz que estuda música e passa a vida sentado no Rosales, sempre só e tão formalzinho, sempre a ler, a estudar ou a afitar discretamente a orelha quando os mais crescidos falam? – As suas palavras são pausadas e destilam um sussurro amigável, uma ironia discreta que procura cumplicidade. Os seus olhos fatigados sorriem ao tirar do bolso um maço de Lucky Strike. – Ena, ena. Fumas?

Nega com a cabeça e observa o homem levar o cigarro aos lábios sem necessidade de lhe pegar: um par de pancadinhas com os dedos nas costas da mão que segura o maço aberto, o cigarro salta e os lábios apanham-no quase no ar e sem deixar de sorrir. Não é mau, pensa, embora tenha visto William Powell fazê-lo com muito mais estilo. Não poderia, contudo, negar que sente uma certa curiosidade. Talvez devesse ter aceitado o cigarro e mostrar-se mais amável e recetivo, envolver-se nas suas intenções, quaisquer que sejam; pode ser que o homem lamente ter sido visto numa casa de putas tão afamada e queira justificar-se. Agora, enquanto o olha fixamente, passa um nó do dedo pelo bigode e a seguir repara na mão ligada que assoma da faixa.

– Que é isso? A tampa do piano apanhou-te os dedos?

Aceita a piada a contragosto. Explica brevemente e de má vontade o sucedido na oficina, sem deixar entrever o menor sinal de melancolia por ter tido de renunciar aos estudos de solfejo, sem o olhar nos olhos e um pouco virado para a outra esquina da Conde del Asalto, deixando claro que se apresta a seguir o seu caminho. Quer e não quer parecer hostil, quando se surpreende a dizer com a voz dura e sem vacilar:

– Acompanhei uma rapariga a casa, mora aqui perto. A mãe trabalha de noite na Rua Arco del Teatro, na Madame Petit, mas lá em casa não sabem... Antes tinha trabalhado na Emilia, mas ao ficar mais velha... Bem, são bastante pobres. O avô tem um piano Steinway e ela disse-me que o vendia, e esta noite eu queria ver o piano, porque a minha mãe prometeu comprar-me um, mas está muito velho e desafinado, e além disso faltam-lhe três teclas, de maneira que não sei... – Faz uma pausa e continua: – O senhor também mora aqui perto, Don Alonso?

O senhor Alonso nega com a cabeça. Com um brusco puxão, muda a posição da perna defeituosa sobre o passeio e fixa o olhar no bar da esquina.

– Estive com um amigo. Ouve, tens pressa? Posso oferecer-te uma gasosa, ou uma cerveja?

– É que é muito tarde...

– Cinco minutos, vá lá. Olha, aqui mesmo – aponta para a tabuleta de Los Joseles. – Achas bem? – E, ao vê-lo indeciso: – Já sei, estás a perguntar a ti próprio de que vim eu à procura de noite por estas paragens... Não é o que

imaginas. Vim por causa dum amigo que está a passar mal. Uma triste história. – Cala-se um instante, olha para o cigarro a fumar entre os dedos como se olhasse para uma raridade e acrescenta: – Era casado com uma mulher nova que o deixou, e ainda não se recompôs. De vez em quando dá-lhe para ir à procura dela, onde quer que seja, sobretudo se alguém lhe diz que julga tê-la visto. Um dia tive de arrancá-lo da praia de mulheres da Barceloneta. Nem imaginas a confusão que armou. É bom homem, sabes?, um benfeitor. Há pouco tempo ofereceu uma bola regulamentar, botas e camisolas novas aos rapazes que eu treino no meu bairro... Teve pouca sorte.

Está a mentir, pensa. Histórias da carochinha do Bairro Chinês. Balelas. Alguma coisa quer de mim. Sente a sua mão a tocar-lhe levemente o cotovelo, instando-o a ir com ele até à tasca, ao mesmo tempo que prossegue com voz lixada, plana:

– Embora nesta vida a pessoa tenha de saber procurar a sorte. É o que eu penso. Qual é a tua opinião? – Ele encolhe os ombros. «Espera aí que já te atendo.» – O meu bom amigo enganou-se. Ele não quer admiti-lo, mas enganou-se. Em primeiro lugar, nunca devia ter-se casado com uma mulher tão nova, não achas? Em segundo lugar, já que o fez, nunca devia ter-se comportado como um velho que não suporta que lhe lembrem que se casou com uma mulher nova de mais. Não sei se me faço entender...

– É verdade o que o senhor Agustín diz, que o senhor jogou como avançado na equipa do Europa? E que teve de a deixar por causa de uma lesão na perna?

– Fui mordido por um urso. Um defesa do Júpiter. – E, com um sorriso zombeteiro: – Mordia, o sacana, a sério. Um dia fez-me cair mal, e acabou-se.

Coxeia bastante mais que dantes e continua igualmente evasivo e enigmático. Passam turvas conjecturas pela mente do rapaz: tê-lo visto tão tranquilo no bordel da Rua Robadors, tão associado ao ambiente e à clientela, tão envolvido nas turvas expectativas daquele mercado e ao mesmo tempo tão indiferente, a despachar os seus assuntos e sem mostrar o menor interesse pelas putas, faz com que agora pense que poderia morar aqui perto. Este homem nunca quis dizer onde morava, de maneira que estas ruas acanhadas e malcheirosas bem poderiam ser o seu secreto campo de operações, sejam estas as que forem...

Não obstante, uma vez na taberna, pisando com manifesto desgosto o sujo tapete de serradura e cascas de gambas e caroços de azeitonas aos pés do balcão, respirando uma atmosfera carregada de fedores acres a vinhaça e a porcaria, de repente o coxo não parece estar de maneira nenhuma combinado nem familiarizado com o bairro nem com os seus habitantes. Apesar do coxear e do pé ligeiramente torto, ao entrar na tasca os seus passos são suaves e elásticos, como os de um felino em movimento.

– Olha para isto – diz, em tom de censura. – A caverna de Ali Babá.

Los Joseles é uma pequena tasca que esta noite foi tomada por um clã de ciganos endomingados e farristas a comemorar qualquer coisa em família.

Ocupam as únicas duas mesas debaixo de uma cobertura de presuntos e enchidos que pendem das vigas juntamente com réstias de alhos, molhos de ervas e gordurentas fitas para apanhar moscas. Os homens exibem camisas brancas de peitilho enfeitado, avantajados anéis nos dedos e vozes de aguardente, e as mulheres compridos brinco e flores no cabelo. Uma rapariga que parece adormecida, sentada numa cadeira com o espaldar apoiado numa barrica, dá de mamar a um bebé cuja cabecinha careca assoma por cima do xaile que o envolve. Ninguém atende ao balcão, mas mal eles entram levanta-se rapidamente de uma das mesas um jovem moreno com o cabelo alisado e besuntado de brilhantina e posiciona-se atrás do variado sortido de tapas. Instalados ambos com os cotovelos no balcão, o senhor Alonso examina a oferta e pede duas cervejas e uns petiscos.

– Ou preferes outra coisa, Ringo? – pergunta amigavelmente. – Umas anchovas, talvez?

Há choquinhos, salada, gambas, tripas, caracóis, mexilhões com molho. Por um momento, numa das bandejas, julga ver passarinhos fritos com as suas patinhas esticadas. São, porém, pimentos morrones com palitos enfiados.

– Não sei, tanto faz.

– Olha, estas batatas bravas têm bom aspeto.

– Então vamos a isso.

Acaba de se aperceber de que tem fome. O senhor Alonso pede também uma de gambas. Acima das prateleiras e da garrafeira, atrás do balcão, um vetusto espelho pendurado na parede e muito inclinado sobre o balcão reflete a rapariga que adormece amamentando a criança, surdos à balbúrdia da parentela que emborca cerveja e sangria com grande alvoroço de palmas e cantos. Ela é muito jovem, parece uma menina com a blusa de flores e a sua cabeleira preta e encaracolada, onde se enreda um ramalhete de jasmim.

O sorridente empregado deita mais cerveja fora do copo do que dentro e desculpa-se enfastiado, diz que está há poucos dias naquilo e que o tio, o dono, está doente. Tem uma cara bem-parecida picada de varíola, veste uma camisa preta e colete branco e sorri a toda a hora com os dentes podres. O senhor Alonso muda de opinião:

– Olha, a mim dá-me um sol e sombra. – Volta-se e dá uma palmada nas costas do rapaz. – Bom, bom, que é que me contas? Que há de novo no teu bairro?

– Continua tudo na mesma... Mais ou menos.

– Que tal na adega, como vai a senhora Paquita?

– Bem.

– E o manda-chuva do irmão, o gordinho Agustín?

– O senhor Agustín comprou um rádio novo para o balcão.

– A sério? Estupendo. – Fica a sorrir, pensativo. – E que me dizes da Violeta, hein? Gostas da miúda, não gostas?

– Eu? Qual quê!

– Sei-o pela maneira como olhavas para ela. Deitaste-lhe o olho, não digas

que não.

Ele encolhe os ombros. Já começamos a chatear, pensa. Mantém-se desconfiado, distante. O senhor Alonso guarda silêncio um bocado e a seguir acrescenta:

– E como está a mãe dela? Como vai a sanadora Mir?

– Ah, essa. Bom, não sei... Bem.

– Ela e a filha não foram morar para Badalona? – Ringo nega com a cabeça. – Não? Estava sempre a dizer que se ia embora, não gostava do bairro. A sogra dela, a senhora Aurora, tem uma banca de flores num mercado de Badalona, e vive sozinha...

– Ah, sim? Não sabia.

– Então não se foram embora, e tudo continua igual.

– Não, senhor. Aconteceu uma coisa. – E com ar sombrio: – A senhora Mir quis matar-se.

– Porra, filho, que estás tu para aí a dizer?!

– Atirou-se para debaixo dum elétrico. Sim senhor, a sério, fez isso. O senhor não soube? – inquire, descascando uma gamba. – Toda a gente o viu na rua...

– Quando foi que aconteceu? Onde?

– Dizem que a roda travou a um palmo da cabeça dela. A sério. A menos de um palmo, sim senhor. – E em tom de alívio: – Bem, no fim de contas tudo acabou num susto terrível. Mas não me pergunte, porque eu não sei mais nada. Dizem-se tantas coisas: há gente que vive só para isso. E a senhora Mir parece gostar de que falem dela... Venham todo o dia mexericos e mais mexericos sobre o que faz ou deixa de fazer. Ela própria não fala doutra coisa, mas eu, para dizer a verdade, não dou por nada. E além disso não me importa. E não acredito em nada de nada.

O senhor Alonso fica a olhar para o chão com uma expressão sombria.

– Palavra que fez isso?

– Sim, sim, bem, mais ou menos. – E, sentindo-se obrigado a desviar a vista, pigarreja e acrescenta: – Há tempos que não o vemos por lá, senhor Alonso.

O homem reage, respira fundo e desliza as mãos sobre a superfície do balcão, lentamente.

– Uf, já não perco noites como antigamente! – entoa com meio sorriso. – Isso acabou. Na minha idade, uma pessoa tem altos e baixos. Estou bastante oxidado, como podes ver.

O que ele diz não faz sentido, pensa ele, visto que nem no bar Rosales nem na casa da senhora Mir, quando andavam metidos um com o outro, o viram nunca perder noites. Observa as suas mãos ossudas e compridas, com veias duras e azuis entre os nós dos dedos, tranquilamente pousadas em cima da madeira do balcão roída pela lixívia, e atrás delas o homem no momento de deixar cair a cabeça, mergulhada outra vez em sombrios pensamentos. Mas é só um instante. Ergue-se e diz com a voz animosa, mas empostada:

– Sabes o que acontece, rapaz? É que se passa sempre o que tem de se passar, nem mais nem menos, e pronto, ponto final. O que acontece é que ultimamente decidi que se acabaram as más notícias, as sacanices e o que vier. Sim, porra, já basta de tristezas, disse eu cá para mim, já chega, rapaz. Gosto de chamar rapaz a mim mesmo, embora já não tenha idade, mas gosto, sabes? É capaz de ser porque passo dias inteiros no meio de uma porção de rapazes – conclui quase em voz baixa, e permanece calado um instante. Subitamente dá uma palmada na testa e exclama: – Caramba, já me esquecia! Importas-te de esperar aqui uns minutos? Tenho de resolver um assunto, mas volto já... Pede outra cerveja, o que quiseses, é por minha conta. Ouve, tu – procura o empregado com o olhar –, serve ao rapaz o que ele quiser. – E dirigindo-se à porta: – Não demoro nem cinco minutos!

Meia hora e três cervejas depois, pergunta a si mesmo como pôde ser tão ingénuo e assalta-o toda a espécie de suspicácias, mas o encantamento do espelho pode mais que tudo e mantém-no amarrado ao balcão diante de cinco pires já limpos; deu conta de uma de gambas, outra de berbigões, duas de batatas bravas e a última de salada-russa. Faz as contas e no total naquela noite bebeu cinco cervejas, três aqui e duas com o Quique, mais um par de copos ainda por cima em Los Cabales, sem contar com a que bebeu à porta do Rosales antes de empreender a aventura. Sente-se um pouco mais que alegre e secretamente transgressor, quase eufórico, e pensa que já devia estar com a pele quando o senhor Alonso se abeirou dele lá fazendo-se encontradiço. Com que propósito? Se calhar nenhum. O caso é que, se este homem não voltar, ele não saberá como desenrascar-se para pagar a despesa. E porque havia este coxo enferrujado de deixá-lo pendurado, o que ia ele ganhar com isso? Para dar uma sensação de normalidade, pede ao empregado outra cerveja e outra salada-russa.

– E oiça, não terá um pouco de pão, por favor?

O tratamento informal do empregado com a clientela cigana, servindo-os e por vezes participando na farra, com ocasionais atenções ao lactante e à jovem mãe, sugere algum parentesco com eles. O espelho urdidor de sombras e manchas de mercúrio encerra um ar arcano, um âmbito e uma penumbra que não parecem corresponder à taberna nem refletir o que há nela, salvo a rapariga que dorme com a criança afocinhada ao peito. Recorda-lhe um estranho e inquietante filme no qual o espelho de um quarto, um espelho maior e mais limpo do que este, de repente não refletia a divisão em que estava pendurado, mas sim outra muito diferente, com outra atmosfera e outra decoração, outra cama de casal e móveis doutra época, uma alcova silenciosa perdida no tempo e onde aparentemente se tinha cometido um crime.

Quanto mais repara, mais incrivelmente bonita e sensual lhe parece a rapariga e mais confuso o ambiente; a escura barrica na qual apoia o espaldar da cadeira não se distingue no espelho, e tão-pouco o velho cartaz de uma tourada pregado na parede, só ela e o seu rebento colado ao peito e a maternal solicitude das suas mãos a embalá-lo no sono. Mas o espelho acolhe-os só em

parte, de modo que se desloca ligeiramente no balcão para enquadrar corretamente a imagem, fixá-la e gravar na memória o que sabe que há de tornar-se inesquecível: a acidental transfiguração da beleza no rosto da rapariga, a cabeça inclinada com os lábios entreabertos e as pálpebras fechadas, arroxeadas e pesarosas, os seus braços de menina a rodear o bebé, a persistente doçura e tensão das mãos e segurá-lo, o precário equilíbrio da cadeira. Em torno dela, a sua gente continua a palrar incessantemente e as suas vozes fanhosas são como o zumbido de um enxame de abelhas. O bebé já deve ter deixado de mamar e também deve estar a dormir, pensa, já não parece afocinhado na mama e agora destaca-se um pouco o início do peito atrás da cabecita careca um tanto deslocada. Tudo está no espelho e permanece estável e real, muito para além das enganosas manchas de mercúrio e da fantasmagoria da taberna com a sua atmosfera inesperadamente cigana, tudo parece achar-se para lá do contingente, incerto e nebuloso, e ele sente no sangue a fascinação irresistível da manhã, algo indefinível mas mais tangível, intenso e vívido do que a vida real, uma exaltação interior que se alimenta de bons augúrios e acasos futuros. Imaginou muitas vezes quão emocionante pode a vida vir a ser graças à sua boa estrela, mas nunca o tinha sentido tão naturalmente possível como esta noite, tão seguro e evidente. Aqui estão os sinais que um dia hão de balizar os seus anseios e os seus sucessos, acredita firmemente nisso e percebe-o e assume-o de maneira tão intensa e intranquilizadora que até receia o ambiente circundante, como se alguém da sombra pudesse espreitar tais expectativas e arrebatá-las.

De repente a rapariga do espelho abre uns olhos grandes, intensamente negros, crava-os nele sorrindo e deita-lhe a língua de fora. Quase ao mesmo tempo, a mão ossuda e escura do senhor Alonso poisa no seu ombro.

– Lamento, rapaz, retiveram-me mais que a conta. – Com o olhar enviesado, reprova a ruidosa tertúlia de rumbas e flamencos. – Já vejo que não te aborreceste.

– Qual quê!

– Porra, que seca! E não lhes dão para trás.

– Não gosta dos ciganos, senhor Alonso?

O homem olha-o fixamente um instante com os olhos risonhos.

– Meu caro rapaz, os ciganos são meus amigos de toda a vida. Vivo rodeado de ciganos e *charnegos* analfabetos que jogam à bola ou praticam boxe, garotos como tu, que sonham ser alguém na vida e escapar da miséria o mais depressa possível. – A sua voz não soa como antes de se ir embora, as palavras saem-lhe ensalivadas e envoltas num forte aroma a cafés com cheirinho de anis. – Mas não suporto as paródias dessa gente. Eu cá sei o que digo... Enfim, como vês, isto não se parece nada com a nossa taberna, não é?

– Pois não.

– Vamos quando quiseres. Ou queres mais alguma coisa? – Fica a olhar para ele, a avaliar o seu estado. – Já é muito tarde, e vão fechar. Acompanho-te até à paragem do elétrico.

– Não, não é preciso.

– Eu acho que sim. Olha, se perderes o último elétrico terás de voltar para casa à pata, e daqui até Gracia é um bom esticão. E eu a mesma coisa, mas antes tenho de passar outra vez por casa do meu amigo.

– Pensei que o senhor morava por aqui... Sabe uma coisa? Eu gostava de morar neste bairro.

– Não digas isso. Ninguém pode gostar de viver na merda. Bom, amanhã há que madrugar. Eh, rapaz! – Estala os dedos, reclamando a atenção do empregado, e ao fazê-lo deixa ver uma mancha de tinta azul repartida entre o polegar e o indicador. – Dá-me um maço de tabaco loiro e diz-me quanto é que se deve.

– Pois eu gostava – insiste ele com voz deprimida, fitando a mão que abre a carteira. Antes de se afastar não tinha aquela mancha de tinta, pensa, e de repente sente-se mal. Dói-lhe a cabeça e suam-lhe as mãos. Termina a cerveja e balbucia: – De qualquer maneira, obrigado pelo convite, senhor Alonso.

– Sentes-te bem?

– Otimamente. Otimamente.

No espelho, a rapariga da blusa às flores embala o bebé e volta a ter os olhos fechados. A luz em redor dela diminui de novo, a taberna desvanece-se e também as pipas e as duas mesas com os ciganos, o cartaz da tourada e o que está pendurado no teto, tudo em redor dela se torna escuro e recôndito, e desaparece. Olha-a pela última vez ao descolar-se do balcão.

Pouco depois encontra-se nas Ramblas à espera do 30 em frente da esplanada da cafetaria Cosmos e com o senhor Alonso sempre ao seu lado, a prestar-lhe uma atenção constante, incisiva: ao abrigo das sombras, o seu austero rosto adquiriu de súbito um vago relevo fáustico, um olhar postigo e um nariz de papelão. A paragem está deserta e a cafetaria fechada. Ele desculpa-se na embocadura dos urinóis públicos e desce sozinho, porque sente que vai vomitar. Quase não tem tempo de apoiar as mãos na parede leprosa do mictório e, no meio de fortes cólicas, solta um primeiro vômito que lhe salpica os sapatos. A seguir limpa a boca com água da torneira e a biqueira dos sapatos com papel higiénico. Quando regressa, o enjoo persiste e tem constantemente a sensação de ter a braguilha aberta e um atacador do sapato solto, mas não se atreve a baixar a vista nem a agachar-se, com medo das vertigens. É claro que o coxo não o deixará enquanto não o vir entrar no elétrico. E não para de lhe dar conversa.

– E essa mão, que tal? Não te impedirá de fazer anéis e brincos, suponho.

Ele encolhe os ombros e olha para a faixa. Move os dedos, mas não os sente. O sangue adormeceu, pensa.

– A minha mãe anda a ver se me arranja trabalho – diz, como em sonhos.

– Isso é bom. – Os lábios grossos e morenos ampliam o sorriso. – Terás de aprender outro ofício, mas hás de ir avante, com certeza.

– Claro.

– O que é que gostarias de fazer?

Volta a encolher os ombros.

– No outro dia vi um cartaz numa loja de música, pediam um empregado. Não sei, se calhar apareço por lá. Poderia ser afinador de pianos...

Dois funcionários municipais da limpeza atravessam o passeio central com uma mangueira carregada ao ombro como se fosse – pensa anotando no seu bloco de capas de oleado preto – uma grande serpente morta. Fletindo um pouco a cintura, como se esboçasse a jogada com uma finta, o ex-futebolista coxo descola o pé do passeio e aproxima-se mais dele, com a mão no bolso do blusão.

– Agora vais direto para a casota e amanhã será outro dia, valeu? – Parece hesitar um instante, e a seguir diz: – Olha, já que te encontrei... Posso pedir-te um favor? Serias capaz de dar um recado no bar Rosales, da minha parte? – Retém a mão no bolso do blusão enquanto o interroga com os olhos. – Continuas a ir lá, foi o que me disseste, não foi?

– Sim, sim.

– Tenho uma coisa para a senhora Paquita. Poderias dar-lha da minha parte? Ela está ao corrente. Fazes-me esse favor?

Aggggh! Uma nova cólica, e prestes a vomitar outra vez.

– Um recado para a senhora Paquita? Claro, sim senhor.

– Poderias dar-lho amanhã, e com a maior descrição? A senhora Paquita está à espera dele há tempos...

– Bem, de manhã ela quase nunca está. Mas quem toma conta é o irmão, o senhor Agustín...

– Não, ao senhor Agustín não. É uma coisa para entregar em mão à irmã. Iria eu próprio, mas não me é possível, amanhã saio de viagem às primeiras horas. – Tira do bolso um envelope dos correios, de cor rosa-pálido, fechado e com um nome, escrito no canto superior, que começa com um grande V, e que Ringo não consegue ler de todo, embora saiba muito bem a quem é destinado. – Procura dar-lho sem que te vejam, hein?, quando houver pouca gente no bar. – De repente fica inquieto, assalta-o alguma dúvida, e, apelando à sua cumplicidade, acrescenta, sorrindo: – Assim evitamos mexericos, não achas? Até estava a pensar... Tu sabes onde ela mora... – Interrompe-se outra vez, vacila. – Mas não, far-te-ia demasiadas perguntas. É melhor que seja a senhora Paquita a encarregar-se. Como te disse, ela saberá o que deve fazer. Aqui tens.

Bolas, com que então era isso, pensa. Pelos vistos, parece que o famoso idílio não acabou. Sentindo-se mal, reprimindo uma ou outra tontura e revolvendo abundante saliva agridoce, pega no envelope com a mão ligada, porque a outra está ocupada a apalpar trocos no bolso esquerdo do casaco: um par de moedas meteu-se por um buraco do forro, não consegue chegar-lhes e receia não dispor dos quarenta cêntimos para o elétrico. E de repente, com a carta na mão anestesiada, agarrada suavemente com dedos intumescidos, invade-o o desânimo e um aborrecimento enorme. No mundo alternativo que está a forjar, contraposto em tudo ao real – salvo, talvez, o que está no espelho

–, não pode haver lugar para preocupações tão sórdidas e deprimentes como as da opulenta loira e do seu achacadiço amante. Uma pessoa procura ser amável e educada, estar sempre disposta a fazer um favor, e olha o que acontece, poça. Sente pelo tato a escassa espessura do envelope: contém uma folha dobrada, uma carta certamente muito breve. Mas, juntamente com o envelope, uma nota de cinco pesetas!

– Eh lá! Um duro!

– É teu. Para lebares a tua rapariga ao cinema.

– Oh, obrigado. Mas não era preciso...

– Nada de objeções. E cuidado, não o percas. – Tira-lhe o envelope e o duro da mão, mete-lhe ambas as coisas no bolso interior do casaco e aperta-lho com gestos nervosos. – Assim vai melhor. Não sei se servirá para alguma coisa, para dizer a verdade, há tempos que esta carta devia ter chegado ao seu destino... Pedi à senhora Paqui que fosse discreta, e o mesmo te peço a ti. É um assunto privado, compreendes?

– Claro, claro. Eu le... vo-lha.

– Sentes-te bem?

– Otimamente – balbucia, com a cabeça às voltas.

Volta a confrontar-se mentalmente com o tenebroso espelho lá da taberna, onde agora o mercúrio é como uma lepra que começou a devorar o rosto da rapariga, ao mesmo tempo que aqui assente com a cabeça baixa e olhando para os pés, assumindo a perda e o desencanto, e agora sim, agora constata que o atacador do sapato está totalmente solto. Tateia qualquer coisa onde se apoiar no vazio, pensando se me agacho caio de ventas, quando já os dedos compridos e afilados do senhor Alonso se debatem prestamente lá em baixo com o atacador tal como os ligeiros dedos da sua mãe quando lhe dá um nó na ligadura ou lhe abotoa a camisa, com uma endiabrada e carinhosa agilidade, e num abrir e fechar de olhos a laçada volta a brotar sobre o sapato. Mas não é tanto a diligente prestação destas mãos que o surpreende e o incomoda, nem a evidência da sua própria bebedeira, que o obriga a aceitar ajuda se é que quer chegar a casa são e salvo, mas sim o facto de ver este homem como se de repente tivesse caído de joelhos aos seus pés depois de mendigar um favor.

– Isto é comigo, sou um especialista a atar botas de futebolista e luvas de pugilista – diz ele ao endireitar-se. – Aí vem o teu elétrico... Ah, uma última coisa. A senhora Paquita há de perguntar-te certamente onde me viste. Não é preciso mencionares este bairro, de que tanto gostas – acrescenta com um sorriso cúmplice. – Nem a Rua Robadors nem a Rua San Ramón, nem nada disso, não achas?

– Oh, claro, não, senhor.

Tem a garganta áspera e amarga, a cabeça dá-lhe voltas, os pés são de outro. Salta para a plataforma traseira quando o elétrico ainda não parou. Adeus e faz de conta que nunca nos vimos, senhor Alonso. Volta-se estendendo uma mão que fica no ar porque o elétrico arranca, e, durante um bom trecho, permanece de pé na plataforma, deixando-se observar pelo

homem postado sob a suja luz do candeeiro, com as mãos nos bolsos e muito formal, direito apesar da coxeadura ou graças à coxeadura, a perna defeituosa um pouco atrás e como se porfiasse por se desprender do chão, com a noite a ganhar terreno à volta dele e a torná-lo cada vez mais pequeno, solitário e emboscado, até que o vê girar e caminhar coxeando pelas Ramblas abaixo.

*

Um duro! Antes de chegar à zona da Rua Santa Ana solta-se sigilosamente do elétrico em andamento e atravessa correndo a placa central até ao outro passeio. Tropeça com um grupo de pândegos defronte do teatro Poliorama. Tateia a nota de cinco pesetas no bolso juntamente com o envelope e enquanto acelera o passo tenta orientar-se. Não precisa de olhar para o envelope, mas para o duro sim; tira-o e volta a guardá-lo no bolso. Um duro não chega para ir ao Jardín, ou à Gaucha, embora talvez, se uma puta jovem simpatizasse com ele e lhe fizesse um desconto... Mas não, nada de putas. Calcula que o trajeto mais seguro para voltar a Los Joseles sem encontrar o senhor Alonso – já não lhe restam dúvidas de que mora no Chinês, provavelmente em alguma escura viela, numas águas-furtadas ao cimo de umas escadas estreitas e ensebadas – é apanhar a Pintor Fortuny, fazer um desvio pelo interior da zona e desembocar na Rua Hospital, atravessá-la e descer até San Pablo à procura da esquina com San Ramón.

O empregado da cara picada anuncia que vai correr o ferrolho, mas acolhe-o sorridente e serve-lhe a última cerveja. Esforçadamente teso, teimoso e aturdido, recupera ao balcão o seu lugar de sonhador solitário e fantasioso, e subitamente envolve-o um suave aroma a jasmim. Tarda um pouco a aperceber-se da situação. Ela desceu do espelho e do encantamento e está a dar uma limpadela aos copos atrás do balcão, com as mangas arregaçadas e a negra mata de cabelo a cobrir-lhe o rosto. Perorando em voz baixa e muito abespinhada, lança turvos olhares ao empregado que vai e vem das mesas ao balcão acarretando canecas e copos e pratos sujos. Numa das suas viagens, o empregado inclina-se sorridente para lhe dizer qualquer coisa ao ouvido e ela esquiva-se murmurando confusas ofensas: Os teus mortos, desgraça, *fartinha* de chorar me tens... Entretanto, a seita dá o banzé por terminado e está para se ir embora, já todos se levantaram e recolhem as suas coisas, o bebé chora nos braços de uma velha que espera à porta e os dois ciganos mais velhos estão a fazer as contas ao balcão. Ele termina a sua cerveja, e a partir desse momento o tempo torna-se estranhamente retrátil. Quando, com mão cautelosa e pedinchona, empurra sobre o balcão o copo até ela, que o apanha rapidamente e sem olhar para ele, os seus dedos roçam-se, e, por entre o emaranhado de cabelos negros, consegue ver um sorriso fugaz na formosa boca depreciativa, mas nessa altura já penetrou na repentina treva do espelho e encontra-se no solo com a face colada à serradura juncada de cascas de gambas, cuspidelas e palitos. Ouve como em sonhos as vozes dos ciganos que o reanimam com

suaves bofetadas na cara, não há de ser nada, miúdo, volta p'á cá, força. Também ela está muito acima, fitando-o amistosamente nos olhos pela primeira vez e oferecendo-lhe um copo de café frio e amargo. Ao aproximar-lhe uma e outra vez o copo da boca, enquanto ele sorve devagar e obediente, as suas pequenas mãos escuras desprendem um acre cheiro a lixívia. Que foi que me aconteceu?, balbucia, e a sua mão quer verificar se o envelope e o dinheiro continuam no bolso, mas nesse momento um gato preto aproxima-se, atravessando o estabelecimento com passo elástico, ela acaricia-o e o felino para e arqueia o lombo preguiçosamente, e isso distrai-o da sua intenção. Agora para casinha, meu menino, ouve dizer com a voz constipada mais doce que alguma vez ouviu, enquanto as mãos ágeis e mimosas lhe tornam a pôr o braço na faixa, lhe sacodem a serradura do cabelo e lhe ajeitam o casaco nos ombros. O empregado não quer cobrar-lhe a cerveja e, muito amável e atencioso, acompanha-o à porta. Dez metros mais adiante, mesmo no passeio da taberna, ouve atrás de si a porta metálica a cair com um estrépito que se confunde com um trovão que retumba em direção ao porto. O empedrado da Rua San Ramón brilha como prata suja.

Antes de chegar às Ramblas caem as primeiras gotas. Não há elétrico nem metro a estas horas da madrugada. Ainda bem, Ringo, à pata até casa sob a promessa da chuva. Primeiro Ramblas acima e depois atravessar a Praça de Cataluña deserta e espectral, subir pelo deserto Paseo de Gracia e virar na Diagonal até ao Paseo de San Juan, e dali até à Travesera para tornar a virar à direita e meter pela Rua Escorial. Ao fundo de alguns portais emerge de entre as sombras a rapariga do espelho a fazer-lhe sinais, abrindo a blusa. Chuva nos sapatos. Nuvens cinzentas na boca. A mensagem cor-de-rosa no bolso. A mim que raio me importa a malfadada carta. Por Escorial acima e sempre em frente, não te distraias, à direita evito as sombras da Avenida do General Mola-Mulo-Mola, é assim que lhe chama o Mata-Ratos, e sempre para cima mantendo os pés e a compostura sobre a borda do passeio que quase transborda a água, subir em equilíbrio todo o tempo até ao lixado bairro de La Salud e até para além da tua futura e regalada vida de famoso pianista, é o que te compete fazer, rapaz, é isso que farás, para de te queixares. A chuva recrudescer repentinamente ao atravessar a Praça Joanich. Despe o casaco e tapa com ele a cabeça ensopada, e de caminho, homem, de caminho tapo também o tenebroso espelho que está pendurado diante dos meus olhos.

Deixando para trás a praça, cai três vezes por se empenhar três vezes em caminhar pela borda do passeio, impelido por uma euforia incontível. Até a chuva se lhe afigura uma bênção. Não são os olhos avermelhados de um rato, aqueles dois pontos brilhantes que o olham fixamente da negra boca de uma sarjeta? Saúde, camarada rato, façamos as pazes, não tarda que nademos juntos nas trevas! Pouco depois para para urinar, encostado à vedação do terreno de Can Compte, na zona mais escura da Rua Escorial, e antes que os seus dedos cheguem à braguilha já sabe que a teve sempre desapertada, talvez toda a noite, desde muito antes de descer aos urinóis das Ramblas, é possível

que desde que saiu de casa para se ir sentar à porta do Rosales... Bem, e depois, apanhando a chuva na cara com os olhos fechados e a boca aberta, já viveste a tua primeira noite de putas no Bairro Chinês e casualmente com mais surpresas e emoções do que podias imaginar. Durante todo o tempo persiste a náusea e a desorientação, mas o futuro continua a estar no seu lugar, incluindo o volume de contos que apalpa instintivamente no alargado bolso do casaco: consegue ouvir outra vez o trovão retumbante na savana infinita, no horizonte iluminado por remotos relâmpagos, consegue ouvir o rugido do leopardo tresmalhado no cume e a farejar a sua própria morte solitária e gélida, e também o ranger das suas pegadas na neve... Traz uma melodia na cabeça, mas, uma vez mais, não a identifica. Encapuzado e alcachinado sob o aguaceiro, tenta distinguir a urina dourada que se confunde com a chuva, e debaixo dos pés encharcados volta a sentir um mundo subterrâneo de ratos e túneis verde-escuros, de águas regurgitadas e pestilentas, e procura-se outra vez a si próprio a velar o sono da rapariga adormecida já para sempre no tempo futuro. Agrada-lhe pensar que esta imagem contém talvez a resposta a tudo, a explicação do mundo, quando sente subitamente um vazio na boca do estômago e o assalta das sombras um pressentimento que o faz levar a mão de chofre ao bolso interior do casaco.

Uma décima de segundo depois, ao virar a cabeça sob o faiscar de um relâmpago, julga ter visto o envelope cor-de-rosa a flutuar no regueiro de água suja que corre junto à borda do passeio. Espectral e fugaz, arrastado pela corrente, o envelope para e baloiça um momento diante da boca do esgoto e depois gira vertiginosamente sobre si mesmo, prestes a ser engolido. Está de boca para baixo e de repente de boca para cima e a água apagou quase totalmente o nome da destinatária. O remoinho retém-no um instante, o tempo suficiente para que ele possa agachar-se e apanhá-lo, mas, sem que atine em explicar porquê, permanece quieto sob a chuva, vendo-o dar voltas como um carrossel, girando e girando sem parar, amortilhado pela água turva, até que repentinamente a valeta o traga e desaparece no negrume.

– Até sempre, senhora Mir.

O TURBANTE DE MARÍA MONTEZ

Detém-te, bala!, diz o Sagrado Coração de Jesus olhando o visitante com sombria doçura da placa da porta do andar. Quem a pregou foi o ex-divisionário Ramón Mir Altamirano em ação de graças, há seis anos, quando voltou da frente do Leste milagrosamente são e salvo. Com a coroa da pistola e um misto de fervor patriótico e hombridade ofendida, sussurrando jaculatórias por se ter livrado da metralha bolchevique, naquele dia rebitou os pregos de um ressentimento inconfessável, secreto e vingativo, e depois esfregou a placa com uma camurça até lhe dar brilho. Hoje a imagem salvífica está um pouco amolgada e descascada nos cantos, e o dedo que aponta o vermelho coração em chamas suporta um pouco de ferrugem. As vivas cores apagaram-se e o divino dedo contamina com a sua ponta de oxidação a radiante víscera, e também os olhos afáveis que agora dizem não debes preocupar-te, rapaz, não te atormentes, que ninguém em casa te pedirá contas pelo sucedido, pois nunca ninguém o saberá, e menos que ninguém a própria destinatária da carta, que sem dúvida morreria de desgosto se o soubesse.

Acomoda o braço na faixa e apresta-se a premir o botão da campainha. Nunca pôde imaginar que um dia bateria a esta porta para se pôr nas mãos da senhora Mir, certamente a pessoa que agora menos deseja ver no mundo. Embora ela não tenha razão para saber do seu encontro noturno com o senhor Alonso, e menos ainda da sacana da incumbência deste, uma vez que não o contou nem sequer ao Quique, e conquanto pense que o sucedido tem fácil conserto – poderia ir amanhã mesmo à procura do coxo e com certeza ele compreenderia e lhe desculparia, e talvez escrevesse outra carta e voltasse a confiar-lha –, não consegue livrar-se de um vago mal-estar, de uma incômoda melancolia. Por isso, quando comenta à mãe que o ombro e as costas lhe doem cada vez mais, e ela lhe sugere umas boas fricções com álcool, põe-se

em guarda.

– Não preciso de fricções para nada! Daqui a pouco estou completamente bom!

Segundo ele, esta dor persistente deve-se ao costume de dormir sobre o lado direito. A mãe não pensa o mesmo. A dor deve-se, entre outras coisas, ao seu teimoso empenho em trazer o braço ao peito mais tempo que o devido, pelo gosto que tomou em sair assim à rua, decerto para se armar tolamente diante de alguma rapariga. Porque continua com esta comédia? A ferida cicatrizou, o inchaço da mão desapareceu, e a escassa ligadura, que ultimamente ele próprio muda e deixa muito a desejar, também já não lhe faz falta nenhuma. Ele responde que é precisamente agora que mais precisa de apoio da faixa, porque lhe dói terrivelmente o ombro e também as costas, terrivelmente.

– Pelo contrário – replica a mãe. – Dói-te terrivelmente porque andas com o braço terrivelmente encolhido desde que te levantas até que te deitas. Essa postura não é normal, filho. Ontem encontrei-me com a Victoria à saída da clínica, disse-lho e combinámos que irias lá.

– Oh, não!

– Oh, sim! E não faças comédia, anda. Umas boas fricções e passa-te logo a vontade de andar por aí a armares-te com o meu bonito lenço. E a Victoria tem todo o gosto em que lá vás. Disse-me precisamente que queria mesmo falar contigo.

– Comigo? Para quê?

– Ah, não sei.

Não pode querer nada de mim, pensa apressadamente, e uma vez mais, para se tranquilizar: não pode de maneira nenhuma saber que vimos o coxo no Chinês... a menos que aquele mulherengo do Quique se tenha descosido no bar.

– Não mo quis dizer – acrescenta a mãe –, mas piscou-me o olho enquanto empoava o nariz, e eu imaginei...

– Seja o que for, não quero lá ir!

– Com franqueza, até parece que ela te come! – Sorri ao acrescentar: – Sabes uma coisa? Iria jurar que ela estava a pensar na filha. Com certeza já lhe anda a procurar namorado, de maneira que devias sentir-te lisonjeado...

– Mas que história é essa? E é para isso que me obrigas a ir a casa dela? Se o ombro quase não me dói, olha! Olha como mexo o braço!

– Bem, não quero ouvir nem mais uma queixa. – A mãe endurece o tom. – A Victoria ofereceu-se generosamente e tu deves mostrar-te agradecido. Mal não te hão de fazer umas fricções, pelo contrário. Além disso – acrescenta com um gesto cansado –, ouvi dizer que ela está a perder clientela. No lar há tempos que não a chamam para nenhum serviço, dizem que ela já não trata como dantes. A pobrezinha está a passar por um mau bocado, e não quero que pense que já não confiamos nela. De maneira que vais lá... Vamos, filho, por uma vez chega à razão.

Chega à razão. Como se faz isso? Três dias depois da incursão noturna ao submundo e do acidentado retorno debaixo da chuva e dos relâmpagos, ainda não se esclarece. Pondo de lado o encantamento que a cerveja, o mercúrio e outras sombras do onnipresente espelho propiciaram, e aquele promissor não-sei-quê a apontar aos sentidos, à ansiada aventura sexual, conserva dessa noite uma recordação confusa que não há meio de completar por mais que tente, e que o faz sentir-se ludibriado e estúpido. A tua primeira noite de putas, e apaixonas-te! Sempre me saíste um bom palerma! Enredando-se em exculpações, assacando o sucedido à piela que levava, a primeira que apanhava na vida e que o deixara tonto e cambaleante ao fim da noite, custalhe admitir que realmente visse a valeta a engolir a carta debaixo do forte aguaceiro, que tomasse consciência disso e que não fizesse nada para evitar que aquela carta fosse parar ao fundo do esgoto. Por vezes prefere julgar que lhe tiraram do bolso juntamente com o duro; aquelas mãos pequenas e aladas da rapariga a revoltear em torno da sua cara, mãos impregnadas de lixívia e de uma gesticulação envolvente que expressava ao mesmo tempo urgência e ternura... Mas... porque haviam de surripiar-lhe do bolso um envelope sem indicações? A quem poderia interessar? Pensariam que continha dinheiro? Ou dar-se-ia porventura o caso de a rápida e sigilosa mão, de quem quer que fosse dos ali presentes – mas não dela, por favor, dela não –, ao depararem com o duro e o envelope em lugar da carteira, ter decidido que aquilo era melhor que nada? Em qualquer caso, resiste a imaginar como, onde e quem pode ter vasculhado no bolso.

Mas tanto se o duro e o envelope lhe foram roubados como se se perderam, e ainda persistindo a sensação de que tudo tinha acontecido no âmbito recorrente dos espelhos tenebrosos e dos sonhos, lugares não habitáveis, salvo nos romances e nos filmes, e ainda que se empenhe uma e outra vez em retirar importância ao assunto, prevalece uma certa indisposição. O erro, não ter feito nada para evitar que a sarjeta lhe engolisse a carta – embora não esteja certo de tê-lo vivido, embora às vezes julgue tê-lo sonhado –, esse simples e desafortunado erro, assacável somente à sua muito cultivada indiferença, enquistou-se-lhe no ânimo. Por mais que queira convencer-se de que o sucedido não tem importância, de que, se a maldita carta se perdeu para sempre, bem perdida está e que se lixem os chatos dos amantes da montanha Pelada, por mais que queira esquecê-lo, não consegue deixar de pensar nisso. Podia certamente tê-la guardado debaixo da camisola ou dentro das cuecas, podia tê-la controlado sentindo unicamente o seu contacto com a pichota, lá em baixo. E como não se certificou de que a tinha consigo ao abandonar a taberna? Diante dos seus olhos ainda desliza silencioso o gato preto, arrogante e arqueado vestígio da noite debaixo da mão ternurenta da rapariga, mas não sabe se estava acordado ou se o viu a dormir. Amiúde o sentimento de culpa é o simples crepitar de um papel sobre o seu coração, como se ainda tivesse o envelope no bolso interior do casaco, e então pergunta a si mesmo o que lhe custava tê-la escondido melhor, como sempre tinha feito com as joias quando

fazia tantos recados deslocando-se no metro e em elétricos a abarrotar, ou transitando pelas ruelas escuras do bairro gótico até à pequena oficina de um gravador ou de um engastador, ou pelos desertos e fofos corredores do Hotel Ritz para bater à porta de uma suíte e alegrar uma amásia de luxo ali hospedada, entregando-lhe um maravilhoso colar de esmeraldas e águas-marinhas... Em qualquer dessas diligências tinha levado e protegido com o corpo e com o ânimo, constantemente alerta e responsável, coisas muito mais valiosas do que uma ridícula carta de amor ou de desamor, tesouros de platina e diamantes cuja perda teria acarretado graves consequências para ele e talvez só um desgosto passageiro para a destinatária, um adiamento do ansiado presente, mas em nenhum caso teria causado, prolongado nem agravado aquela espera patética da senhora Mir a entrar dia sim, dia sim no bar Rosales para perguntar se a carta tinha chegado, levasse esta uma mensagem conciliadora ou um adeus definitivo.

A ressaca do dia seguinte, enquanto fazia meio sonâmbulo recados da mãe, ir buscar o racionamento e o pão com a caderneta e comprar uma alface e dois pimentos-verdes e um quilo de tomates para a salada – evocando a avó Tecla na sua última visita a Barcelona com a cesta cheia de tomates e beringelas do quintal, ovos e alperces e pêssegos de vinha e um coelho esfolado, e perguntando a si mesmo por que diabo se recusou a ir com ela para a aldeia enquanto aqui a sua mãe lhe procura uma ocupação de que ele já sabe que não vai gostar –, tinha-o momentaneamente dispensado de se pôr a analisar o sucedido e avaliar as consequências. Foi no decorrer da semana, ao reparar que o mal-estar persistia, que começou a colocar interrogações e procurar desculpas: porquê preocupar-se se é muito provável que a sacana da carta não trouxesse a boa notícia que a senhora Mir espera? Mais, e se não fosse precisamente o que se chama uma carta de amor? E se fosse uma cobarde despedida e não a desculpa tão desejada, nem o desejo de uma nova entrevista, de um apaixonado reencontro? Recorda as palavras do senhor Alonso e uma certa resignação no semblante quando lhe entregou o envelope: Um assunto muito privado. E se lhe dizia que não queria voltar a vê-la, que tinha deixado de a amar, que dava por definitivamente terminada a relação, isto entre nós não tem futuro, minha gordinha, foi bom e foi bonito enquanto durou, não o leves a mal mas adeus, etc.? Não era isso o que na verdade competia a um idílio tão cedo e extravagante, com uns velhos amantes desacreditados, murchos e ricocheteados de um passado de Deus sabe que malquerenças e fracassos, que ambos certamente conjuraram esquecer? Não eram justamente estas palavras: não há futuro para nós, as mais adequadas ao caso? Ambos o tinham escrito no rosto, como tanta gente que ele conhece, como os amigos do pai da brigada raticida, como o senhor Sucre e o capitão Blay, como os velhos jogadores do tute de leilão ou do dominó cruzado na taberna durante os intermináveis domingos à tarde, como a sua própria mãe, e, uma vez por outra, quando fica imóvel a olhar o vazio, em casa ou em qualquer lado, julgando que ninguém o vê, como o próprio Mata-Ratos,

sempre tão zombeteiro e desbocado.

Queria até convencer-se de que no decurso daquela acidentada noite, em algum momento – vivido ou sonhado, já vinha a dar no mesmo –, ao verificar com a mão que a carteira permanecia segura sobre o peito, os dedos molhados de chuva tinham sentido com o tato a condição maligna da mensagem, a funesta notícia indesejada e a consequente dor que ia causar à senhora Mir. E se pensava no seu anseio de se ver muito em breve perdoada e reconciliada com o seu homem, um sentimento tantas vezes publicamente manifestado e que ela alimentava dia após dia, e que parecia tão fundo e persistente, tão isento de pudor, tão indiferente à maledicência e ao próprio ridículo, se pensava nisso e em que finalmente a mensagem era talvez a rutura, a morte da esperança mantida até aqui, quer dizer, uma cruel despedida em lugar de uma renovada promessa de amor, então albergava a certeza de que esta mulher teria preferido que a carta nunca lhe chegasse às mãos, e portanto tinha poupado um desgosto de morte.

Tinha de ser assim, estava convencido. Se não, se aquilo que a mensagem trazia fosse o perdão e o carinho renovado, porque tinha o senhor Alonso de se ocultar atrás de um mensageiro, porque não entregar ele mesmo o envelope? Porque não queria dar a cara, porque não queria nem aproximar-se do bar Rosales? Ora, para não ter de dar explicações a ninguém, nem sequer à senhora Paquita. Agora via claramente por que razão o deixara sozinho durante tanto tempo naquela tasca: para ir escrever depressa e a correr a vexante despedida, certamente na sua própria casa – se não, onde teria ido buscar o papel e o envelope? Era impossível que os trouxesse com ele – e liquidar o assunto sem necessidade de que o vissem pelo bairro, aproveitando aquele encontro casual, ou talvez não tão casual, a uma esquina do Chinês... Porque devia ser verdade que ainda sentia alguma pena da senhora Mir. Nada do que aquele homem dissera ou fizera naquela noite tinha acontecido porque sim; nada, salvo, talvez, o ter-se agachado para lhe apertar o atacador do sapato e de caminho limpar alguma salpicadura do vômito, e isso, a lembrança precisamente disso, dos seus rápidos dedos a esfregarem discretamente o sapato, é o que mais o chateia e por vezes o faz sentir-se mal. Por que razão um homem feito, um ex-futebolista de um clube histórico que dizem ter conhecido anos de glória, alguém que na taberna sempre se fez respeitar pela sua autoridade e pela sua discrição ao falar de mulheres ou de jogos de azar ou de acontecimentos que a imprensa noticiava ou do que quer que fosse, por que razão um homem assim tinha de se mostrar de repente tão desvalido e serviçal com um rapaz que mal conhecia? Estava assim tão necessitado de um mensageiro, tão difícil e complicado se lhe tornava despachar uma aventura amorosa a atirar para o asqueroso com este saldo de amante?

Três dias antes de que a mãe o obrigue a ir a casa da senhora Mir, uma tarde que volta a casa depois de trocar um livro por outro na loja da Rua Asturias, ao subir a Praça Rovira vê o Quique, Roger e os Cazorla parados à esquina da Rua Argenton, a uns trinta metros da porta do Rosales.

Escangalhando-se a rir, o Quique faz-lhe sinais para se aproximar depressa, porque há qualquer coisa divertida que vai acontecer de imediato. Com eles está Tito, o miúdo da cabeleireira, montado na sua pequena bicicleta com um caramelo na boca, um pé apoiado na borda do passeio, o outro no pedal levantado e o olhar vivaz fixo na porta do bar, preparado para largar em *sprint*. Tem uma mão sobre o guiador e na outra leva um envelope de carta amarrotado.

– Espera, Tito – ordena Roger. – Não ataques enquanto não a vires sair.

– Entregas-lho e foges a correr – indica-lhe Rafa. – E ganhas outro caramelo.

Ringo quer apoderar-se do envelope, mas Roger impede-lho esgrimindo os punhos e rindo-se, simulando uma luta com golpes baixos. Ele esquivava-se aos punhos com o corpo, preservando o braço ao peito.

– Deixa-me ver isso, miúdo – diz ao garoto.

– Não há tempo, está prestes a sair do bar – torna Roger.

– Não há tempo para quê?

– Preparámo-lhe um presentinho! – informa-o o Quique, exultante. – Agora está a falar com a senhora Paqui, a choramingar, a perguntar mais uma vez pela carta... É de partir o coco, pá! Quando sair do bar, o Tito leva-lhe o nosso presentinho e quando ela o vir vamos partir o coco a rir!

– E porque é que não me avisaram? – Liberta-se do assédio pugilístico de Roger empurrando-o com violência. – Cuidado com o meu braço, animal!

– Mas eu nem te toquei!

– Mas afinal o que é que te deu, pá? – O Quique olha-o com os olhos muito abertos e sem deixar de sorrir, mas o seu sorriso melado e folgazão, entre as duas abundantes patilhas que agora exhibe na cara redonda, já não é o sorriso de uma criança ávida de aventuras com rabos e mamas. Há três meses que trabalha como aprendiz de torneiro, e os outros começaram também a safar-se cada um por seu lado... Roger faz limpeza aos elétricos na estação da Praça Lesseps, o *Batata* Morales é aprendiz de mecânico numa garagem de Vallcarca e quase não aparece por aqui, Rafa Cazorla trabalha numa serralharia da Rua Torrijos e o irmão é pacote num hotel das Ramblas. De repente Ringo sente vontade de pregar um par de bofetadas a cada um deles, malfadados aprendizes de coisa nenhuma, sobretudo ao Quique.

– Vamos lá a ver, seus parvalhões, que estão vocês a tramar?

– Nada! – diz Rafa. – Só queremos ver que cara faz a gaja.

– O que é aquilo que o Tito tem na mão?

– É uma partida, poça – responde o Quique. – Um gozo divertido com a mãe da Violeta. Que foi, tens alguma coisa contra? – Acomete-o outro ataque de riso: – Ih, ih, ih. Aliás, a ideia foi tua!

– Sim, já não te lembras? – intervém Roger. – Um dia que a gaja estava a escorropichar no Rosales desenhaste uma grande picha voadora num papel e querias meter-lha no bolso da bata...

– Não me recordo. Dá-me isso, Tito. Quero vê-lo.

Não tem tempo. O miúdo, que não despregou os olhos da porta do bar, dá balanço apoiando o pé na borda do passeio e sai disparado em cima da bicicleta até à esquina seguinte. A senhora Mir acaba de sair do bar e atravessa a rua de bata e pantufas, alisando o cabelo e bamboleano-se com a sua habitual pachorra. O pequeno ciclista alcança-a a meio da calçada, descreve um par de voltas em redor da mulher pedalando freneticamente e ela para e olha-o sorrindo, até que vê o envelope na mão dele. O rapaz estende o braço e entrega-lho com a cabeça baixa e sem deixar de pedalar, e seguidamente mete pela rua abaixo e desaparece na Praça Rovira. A senhora Mir chega ao passeio com o envelope na mão, abre-o e tira de lá um papel, desdobra-o e fica a olhar para ele entre precavida e assustada. A cara contrai-se-lhe, após o que levanta a vista, apoia um instante a mão na parede e olha em torno com olhos lastimosos, sem ver ninguém e sem perceber a razão do escárnio, enquanto Ringo já se escondeu atrás do Quique e de Roger, que se retorcem na esquina mortos de riso, tal como Rafa. A senhora Mir continua parada no passeio e volta a tatear a parede com a mão, olhando para o papel e meneando tristemente a cabeça. Quase de imediato, Ringo surpreende-se a agarrar o Quique pelo colarinho da camisa.

– Que fizeram vocês?

– Eh, larga-me! O que é que te deu? Não passa dum desenho...

– Uma pichota com asas, Ringo – diz Rafa Cazorla. – E com pelos e tudo!

– E um par de tomates! – exclama Sito Cazorla.

– E por baixo sabes o que é que escrevemos? Vou voando, senhora!

– Porra, caraças, Ringo, que merda é que te deu?! – torna o Quique. – Tínhamo-nos farto de desenhar pichas voadoras, não te lembras?

– Isto não é a mesma coisa, idiota. És mesmo um idiota.

– Pronto, homem, obrigado! – Ri-se. – Mas olha a cara que a gorda faz, olha!

Assomados à esquina, veem-na agora amarrotar o papel com o punho colado ao ventre, virar-se cabisbaixa e olhar para o sítio de onde se ouvem as risadas. Eles afastam-se logo, mas ela viu-os, embora ele julgue livrar-se escudando-se nos outros. Devagar, ajeitando os pés dentro dos chinelos cor-de-rosa e meneando a cabeça com ar tristonho e resignado, a mulher retoma a marcha pelo passeio até alcançar a porta de sua casa.

Tito reaparece com a sua bicicleta e reclama o segundo caramelo, e os três amigos olham sorridentes para Ringo, satisfeitos com o efeito da patifaria e esperando a sua aprovação.

– Vocês são uns malparidos – grunhe fazendo meia volta e afastando-se.

– Malparido serás tu! – grita o Quique. E em voz baixa, confuso e para si mesmo: – Que bicho lhe terá mordido?

na faixa e decide-se finalmente a premir o botão da campainha. Uns segundos de espera, o estalido de uns passos do outro lado e Violeta abre-lhe a porta devagar, com a mesma lentidão suspicaz que o seu olhar abatido e lânguido, com olheiras levemente arroxeadas, deixa entrever. Tem enrolada à cabeça, à maneira de turbante, uma toalha que foi azul e que mostra vários rasgões, calça chinelas e veste um roupão sem mangas de fazenda cinzenta tão fina e puída que parece uma teia de aranha colada ao corpo.

– Que queres?

– A tua mãe está à minha espera.

– Agora?

– Sim, agora.

A rapariga endereça-lhe um leve piscar de olhos, inclina um pouco a cabeça e com a mão na nuca toca umas mechas molhadas que assomam debaixo da toalha. Ele não se surpreende nada com o seu olhar arteiro nem com os gestos furtivos.

– Que foi, não acreditas? A tua mãe disse que viesse às sete.

Ela acentua a curva da anca ao apoiar-se na dobradiça da porta e olha para ele com aborrecida benevolência. Tarda um pouco a dizer:

– Ainda não são sete – com voz húmida e quase inaudível.

Semicerrando os olhos com parcimónia e num tom tão enfasiado que mal se faz entender, ela informa-o de que neste momento a mãe está a atender a senhora Elvira, a mãe do carnicheiro, que está meio paralítica e tem de fazer estiramentos das pernas, de maneira que há de demorar um bocado; que o melhor é voltar dentro de meia hora ou três quartos de hora, mas se quiser ir para a casa de jantar e fazer companhia ao carnicheiro...

De paleio com o senhor Samsó? Nem pensar. Grande chato. Nunca estive nesta casa de jantar que faz de sala de espera, mas imagina o carnicheiro ali sentado, sozinho e aborrecido, a tomar conta das muletas da sua velha mãe e encantado por alguém se sentar ao seu lado para conversar matando a espera. Nem pensar.

– Eu espero aqui fora.

Violeta encolhe os ombros, mas não fecha a porta. Fica a olhá-lo um pedaço e depois, com a mesma voz apagada, diz:

– Pode-se arranjar. Entra, anda.

Fatigadamente, abre de todo e quando ele já está no vestíbulo fecha de chofre, ajusta as golas do roupão sobre o peito e volta-se devagar virando-lhe as costas, movendo o corpo como se fosse uma chatice, uma pesada carga ou um tedioso apelo cujos espampanantes atributos não fossem com ela. Adianta-se no corredor com andar enfasiado enquanto se ouve uma música para dançar em algum rádio da casa. As chinelas, debaixo do pálido marfim dos calcanhares nus, estalam no mosaico. *Y tu, quién sabe por donde andarás, quién sabe que aventura tendrás, qué lejos estás de mi*, diz a canção. Um andar grande e atravancado de mobiliário vetusto, com um cheiro doce e estiolado na atmosfera, um corredor sombrio que ao fundo culmina na suave

explosão de luz que invade a casa de jantar desde a galeria traseira com caixilharia de chumbo e cores esvaídas. Porém Violeta não o conduz até ali, mas sim a um quarto pequeno cuja porta se encontra a meio do corredor.

Dir-se-ia o quarto de passar a ferro, mas parece qualquer coisa mais. Não há muito espaço para a tábua armada e com uma pilha de roupa em cima, o estreito catre de ferro encostado à parede e coberto com um edredão verde, duas cadeiras de verga e uma mesa de camilha com frascos de vidro vazios. Flutua um leve aroma a amêndoas torradas. Não é um rádio o que emite música, mas sim um pequeno gira-discos precariamente instalado sobre uma cadeira articulada. No catre há almofadas de várias cores, uma boneca de porcelana nua e sem cabelo, duas revistas de cinema, alguns exemplares antigos de *Flechas y Pelayos*, uma caixa de costura aberta e um leque. Pregado com percevejos na parede, Errol Flynn de braço ao peito, como ele, sorri-lhe solidário de uma fotografia de *A Carga da Brigada Ligeira*, flanqueado por dois programas do Salón Cibeles a anunciar as orquestras de Mario Visconti e de Gene Kim.

– Podes esperar aqui – diz Violeta apagando o gira-discos e arrumando algumas capas e discos espalhados sobre o catre.

– Este é o teu quarto? – Não obtém resposta. – Tens um quarto só para ti, que sorte. Eu durmo no corredor, num catre como este. Lá em casa só há um quarto de cama, somos subinquilinos, sabes? – Silêncio. – O que é que estavas a ouvir?

– Não estava a ouvir.

– Mentira. É uma canção de que eu sei que gostas muito.

– Podes sentar-te na cama, se quiseres. Vai demorar um bocado.

– O ano passado, na festa maior, dançaste-a comigo.

Violeta encolhe os ombros.

– Ah, sim? Olha que não me lembro.

– Uma mentira descarada. – Deixa-se cair sentado no catre e ao mesmo tempo lança com rapidez a mão à anca, como se fosse sacar. – *Churro, mediamanga, mangotero*. *Perfidia*, menina, é assim que se chama a canção.

Como sempre, observa-a com um sentimento contraditório. Uma vez que ela reparou várias vezes no seu braço ao peito dobrado, embora com uma luz fria e distante nos seus profundos olhos escuros, espera que ela lhe pergunte alguma coisa a esse respeito, agradecer-lhe-ia. Porém Violeta não fala. Permanece de pé e de braços cruzados junto da porta e olha-o de soslaio de vez em quando, desdenhosa e consciente de atrair furtivos olhares às suas pernas e ao triângulo que o tecido do roupão marca entre as coxas e o ventre, uma confluência de leves rugas encurvadas sobre a pélvis, enquanto Ringo semicerra maliciosamente os olhos debaixo da sombra imaginária do chapéu, secretamente desgostado consigo mesmo ao não poder evitar as imagens que suscita esta-rapariga-da-qual-não-gosta-nada, de modo que, deixando-se levar por uma reação automática de defesa, apressa-se a constatar uma vez mais o clamoroso desacordo das formas: estas ancas feitas não condizem com umas

mamas tão pequenas nem com a estreiteza e fragilidade do torso de menina, mas esse desajustamento – não pode deixar de percebê-lo uma vez mais, mesmo que não queira –, essa dissonância entre o infantil e as formas adultas a ponto de serem opulentas, é justamente o que mais o atrai na rapariga.

– E o coxo? – pergunta Ringo finalmente, com ar distraído. – O coxo já não aparece por cá, já está curado da perna?

– Eu sei lá!

– É verdade que lha morderam num desafio de futebol, e que é por isso que a tem mais curta, e com o pé torto para dentro?

– Quero lá saber!

Olha conscienciosamente para as unhas, como para se desviar do assunto. Porém ele precisa de insistir, de provocar; veio com muitas prevenções, receando enfrentar a senhora Mir, e agora não quer ver-se intimidado pela filha.

– Um gajo estranho. Mas no bar tornei-me amigo dele. Bom, quase amigo. E a tua mãe aprecia-o, toda a gente o sabe. Até há pouco eram mais que amigos, eram uma espécie de namorados e tudo isso... Era o amante dela, digamos. Ou não. Que dizes tu, Violeta?

– Digo merda.

– Também dizem, e não te irrites, hein?, mas dizem que não demorará muito a arranjar outro, e que isso seria o melhor para ela... – Cala-se e aguarda expectante a sua resposta: gostaria que ela o corroborasse, que efetivamente a mãe procurava outro homem. – O que é que achas?

– Acho merda. – Com mão rápida apalpa a toalha enrolada à cabeça, assegurando a sua estabilidade, enquanto o olha fixamente. Durante um pedaço remexe nas mechas húmidas da nuca, mas não parece nervosa. Finalmente acrescenta: – Importa-te muito o que a minha mãe faça ou deixe de fazer?

– Não me importa a ponta dum corno, o que é que tu julgas? É o que se ouve por aí. Que se lhe aparecesse outro amante, se esqueceria a correr e aos saltos do coxo, e que seria o melhor para ela. Com certeza que sim. Não sou eu que o digo, hein, para que se saiba, ouvi dizer isso no Rosales. E tu que pensas?

Violeta olha-o agora com expressão magoada.

– Porque é que me vens a mim com esses mexericos? Porque é que falas de namorados e amantes, e fazes essas perguntas tão... não sei, tão... sujas?

– Desculpa, rapariga, nunca pensei que o tomasses assim.

– Queres calar-te, se fazes favor? – Fecha os olhos como se lhe ardessem. Ao abri-los repara na ligadura um pouco lassa suspensa sob a faixa. – Quem é que te fez essa porcaria dessa ligadura? Que rico frangalho. Não foi com certeza a tua mãe.

– Pus-lhe um alfinete de ama, mas soltou-se-me...

– Contaram-me o que te aconteceu à mão na oficina. Devias estar na lua. Para variar.

– Se calhar.

Cruzando os braços, Violeta apoia as costas na porta, levanta o joelho para apoiar um pé descalço na jamba e deixa que o roupão se abra um pouco.

– E que vais fazer agora? Vais ter de aprender outro ofício.

– Não sei. – O pouco que o roupão aberto deixa ver acima do joelho, um triângulo de pele morena, augura umas bonitas coxas. – Gostaria de trabalhar num circo... Podia ser mágico, ou ventríloquo. Sei fazer todo o tipo de vozes. Andaria de fraque e lacinho e chapéu alto e faria vozes de animais e de pessoas... É muito fácil. Mas bom, o mais certo é que seja afinador de pianos.

– Pois. Afinador de pianos. E entretanto, que fazes? Nada, gandar por aí. É uma pena, mas é do que gostas. Gandular.

– Isso não é verdade. Estudo música. Ainda não tenho piano, mas estudo por minha conta. E além disso ajudo a minha mãe, nas compras, e também na cozinha...

– Um rapaz prendado, hein? Onde é que aprendeste, nos cursos de formação da Secção Feminina, como eu? – Sorri com malícia. – És um gandulo. Que pena. E porque é que te chamam Ringo? O teu nome não é Mingo?

– Não!

Negar o seu verdadeiro nome tinha sido sempre alguma coisa mais que um jogo ou uma ideia divertida. Se ela não fosse uma rapariga tão estranha, e quase dois anos mais velha do que ele, explicar-lho-ia de bom grado. O meu nome é Domingo, boneca, mas em pequeno tiraram-me o dó, a primeira nota da escala musical, e ficou Mingo, de que não gosto nada. Nome mutilado, como o meu dedo. Tiraram-me a nota musical, mas eu mudei uma letra, uma só, e desde então é preciso procurarem-me pelas pradarias do Arizona, longe da porcaria deste bairro...

– Soa da mesma maneira, mas não é a mesma coisa – diz, e o seu olhar oscila entre o descarado joelho e o sombreado em torno dos olhos insolentes da rapariga, formas díspares que o desejo reconcilia. Demora-se nos olhos por gentileza, mas não por muito tempo.

– É uma pena – opina Violeta.

– Porque é que é pena?

– Porque há uma rapariga que eu conheço que gosta bastante de ti. Bastante.

– Ah sim? Quem é?

Violeta cala-se e sustenta-lhe o olhar até o obrigar a baixar os olhos, que recuperam decididamente o joelho e o resto, sem dissimulação e sem poder remediá-lo: tem a certeza de que lhe sobra energia para conseguir qualquer objetivo que se proponha na vida, inclusivamente o de se converter num grande pianista com nove dedos apenas, mas neste momento vê-se incapaz de uma coisa tão simples como desviar a vista daquela coxa levantada e da dobra do roupão na virilha.

– Eu não sou nenhum vadio – diz. – Estão a procurar-me emprego, sabes?

Podia ser numa casa importante de pianos... – Aponta para a fotografia de Errol Flynn. – Olha, tem o braço como eu, e o lenço é muito parecido... Pelo Vale da Morte cavalgaram os seiscentos! Lembras-te, viste o filme?

Violeta rodou a cabeça oferecendo a orelha direita para ouvir melhor, e de repente Ringo recorda-se de que no ano passado, a dançar com a rapariga na rua, na mesma noite em que ela seria proclamada Rainha de Beleza da festa maior, cada vez que ele se lembrava de lhe dizer qualquer coisa, aquela pequena e perfumada orelha acorria imediatamente aos seus lábios. Ao princípio pensara que ela fingia ouvir mal para se encostar um pouco mais, até que reparara que realmente era dura de ouvido, e nessa altura fora ele que se aproveitara: às duas por três falava-lhe em voz baixa, propiciando a proximidade da orelha e apanhando de vez em quando o lóbulo com os lábios; e ato contínuo ela, com uma prontidão e uma generosidade desconcertantes, entregava-lhe o ventre e as coxas. E foi dançando *Perfidia* na parte mais alta e escura da rua, debaixo do teto de tiras de papelinhos de cores com as suas franjas e o seu rumor de folhas movidas pela brisa, que ele respondeu às furtivas roçadelas com a primeira ereção da noite. E ela tinha de se lembrar, com certeza, conquanto agora simulasse interesse por outras coisas:

– Como é que está a ferida? Dói-te?

– Sim, sim, às vezes... Mas a sério que isso te importa?

Fecha o punho e semicerra os olhos, convocando uma pontada no dedo fantasmal. Com a boca entreaberta, como se respirasse mal, Violeta observa com um sorriso displicente.

– Deixas-ma ver?

– Para quê? – Os olhos asselvajados de Ringo receando debaixo da aba ladeada do chapéu, a mão esquerda a rondar a coronha do revólver no quadril.

– Porque é que queres espreitar aí, Frenchi?

– Porque percebo qualquer coisa. Palermo. Estou a tirar um curso de enfermeira da Escola de Santa Madrona, na Rua Escorial. – Fica a olhar para ele. – E como é que me chamaste?

– Que importância tem, é um nome de que eu gosto. E já sabes dar injeções? E sabes curar com as mãos, como a tua mãe?

– Não, senhor. Eu quero ser enfermeira a sério. Estou há um mês a praticar com as freiras da Clínica del Remedio. Não tinhas dado por isso? Bom, e então? Deixas-ma ver, sim ou não?

Ringo continua sentado na cama, com a mão ligada e hirta sobre a coxa. Sorri, desata a ligadura e mostra o dedo que não tem.

– Olha para ela. Gostas?

Violeta agacha-se, olha com atenção e encolhe os ombros.

– Não me aquece nem me arrefece. Uma ferida bastante feia.

– É que ainda não sarou. Aproxima-te mais e repara bem.

Obedece para ver mais de perto o centro do coto metido para dentro, a pequena e lívida cicatriz em forma de estrelinha rodeada de altinhos, e ao fazê-lo apoia distraidamente a mão no joelho de Ringo. Ele fita as unhas

pintadas da cor da prata oxidada na mão tépida e sossegada, repentinamente adulta, poisada no seu joelho.

– É que ainda me dói, sabes? – acrescenta. – E tenho sensações estranhas. Às vezes ponho-me a escarafunchar no nariz com este dedo que já não tenho, ou coço a orelha...

– Eh lá, que pantomineiro!

– Bah, não mereces que to conte. – Enquanto ata novamente a ligadura na mão, com pouco jeito e esperando que Violeta se ofereça para o fazer, um imaginário esticão muscular no braço faz-lhe aparecer na boca um ricto de dor. – Não é nada. Moinhas no ombro, certamente uma entorse... É o azar que me persegue. E para cúmulo, no outro dia a minha mãe e a tua encontram-se por acaso diante da clínica e de que se hão de lembrar senão de se porem a falar da minha dor nas costas. E que decidem? Que preciso dumas fricções! Vim por causa disso, só por isso, não vás tu pensar que vim por outra coisa...

– Pronto.

– Sim, houve qualquer sortilégio maligno que me trouxe até aqui.

– As coisas que tu dizes, sempre és cá um convencido!

– Nem sequer pensava encontrar-te em casa. Sei que na papelaria onde trabalhas só fecham às oito.

– Algumas tardes não vou, já te disse que estou a fazer uns cursos de formação. Bom, vou dizer à mamã que estás aqui.

Sai deixando a porta encostada e logo chega do lado da galeria a voz rochosa da mãe, abafada desta vez, como se falasse do fundo duma caverna:

O rapaz que espere – e quase sem transição, furiosa: Queres tirar essa toalha da cabeça, filha, queres fazer-me o favor de a deitar ao lixo?! Não vês que já não serve para nada?! Quantas vezes tenho de to dizer?! Nunca mais a quero ver na minha casa! Estou mais que farta das tuas impertinências! Ou tiras agora mesmo ou prego-te uma bofetada...! E põe outra almofada aqui à senhora Elvira!

E logo a seguir, com a voz melosa:

Ai, senhora Elvira, desculpe. Mas tomei embirração a esta toalha. Tenho-lhe tanta embirração, que se não fosse porque não quero sequer tocar-lhe, eu mesma a teria feito em tiras com estas mãos.

São coisas da idade, Vicky. Eu ganhei embirração aos canelones, vê lá. E gostava tanto deles!

Era do pai, ele usava sempre esta toalha – diz a senhora Mir, e seguidamente recupera o tom severo. Violeta, há quanto tempo é que não vais a Badalona ver a tua avó Aurora?! E o teu pai, foste ver o teu pai?!

Não tive tempo, mamã. E dói-me a cabeça.

Qual dói-te, qual quê! E o melão já deve estar bom para o lixo...

Vou amanhã.

Amanhã dizes o mesmo.

Mas ele já não me conhece, mamã! Passa o dia a fazer croché, e já não quer melões nem chocolate, agora pede novelos de lã...

Vem a dar no mesmo, quero que o vás ver uma vez por semana. O que é que acha, senhora Elvira? É pedir de mais a uma filha que vá visitar o pai doente uma vez por semana pelo menos? A mim já nem me conhece, coitado...

O bater de uma porta a fechar-se abafa a enfadonha voz. Recosta-se na cadeira e deixa vaguear o olhar pelo pequeno quarto. Na parede do fundo há três estantes de madeira de pinho por pintar contendo mais frascos e caixas de folha, algumas pedras escuras de superfície muito lisa e polida e molhos de ervas secas e talos agrupados por tamanhos com fitas azuis e especial esmero nos laços, uma gentileza que transcende o estritamente laboral e tem que ver com o desejo de alegrar a vista a quem os olha. Cada um daqueles ramalhetes tem um papelinho com um nome escrito à mão com tinta verde e uma caligrafia primorosa. Orégão, lavanda, sabugueiro, chá de rocha, camomila, beladona, giesta, eucalipto, tomilho, folhas de oliveira, alcaçuz. Pendurada na parede há também uma fotografia emoldurada de Violeta no baile na festa maior, posando muito séria ao lado do pai no estrado da orquestra segundos antes de desatar a chorar. Vai fazer dezasseis anos e ainda usa totós e peúgas brancas. Não é muito engraçada, traz um vestido branco de saia vaporosa e a faixa azul de Rainha de Beleza das festas, e segura um ramo de rosas brancas. Tenta sorrir e só consegue uma careta. A música interrompeu-se, acabam de pôr-lhe uma coroa prateada na cabeça e proclamaram-na a Rainha de Beleza, e há uma grande expectativa em torno do estrado, pares que permanecem enlaçados à espera de que se retome o baile e vizinhos que observam das varandas, dirigindo-lhe todos de repente uma sonora assobiadela, e o espanto e a tristeza na cara de Violeta, que a fotografia já não regista, e recorda-se de que ele e Roger, camuflados em algum lado entre o pessoal, também assobiaram com vontade, também se juntaram ao repúdio geral, porque a eleita não é, nem de longe, a rapariga mais bonita do bairro. Toda a gente pensa que outras concorrentes, mais jeitosas e também mais populares e simpáticas, mereciam o título e a coroa em vez dela, sabem que foi eleita Rainha de Beleza graças às trapaças do pai, regedor do bairro e presidente da comissão de festas. Um tipo fanfarrão, convencido, colérico. No meio das vaia e dos assobios das pessoas, Violeta salta do estrado a chorar, escondendo a cara no ramo de rosas e com uma nuvem de papelinhos a revolutear em torno dela, e corre a refugiar-se na escuridão do portal da sua casa.

Uma qualquer porta aberta permite que se ouça novamente a voz pedregosa:

... e agora dorme bem, pelo menos? Não me ouves?! Estou a perguntar-te se o teu pai por fim dorme bem... Estás a ouvir-me, Violeta?!

Diz que todos os dias acorda cansado e com as unhas sujas.

As unhas sujas?

Diz que todas as noites as limpa antes de se deitar, mas que acorda sempre com as unhas sujas, e que não pode suportá-lo... É o que ele diz.

Então já sabes! Toca a limpar-lhe as unhas, filha! Agora vai para a cozinha e põe os eucaliptos a cozer. E desfaz-te desse farrapo de toalha se não queres que faça uma enormidade pior que a do teu pai...!

Ufff...! E de quem seria a culpa se o fizesses, mamã, de quem?

Já te disse que te fosses embora! Descarada! E põe-te a limpar as estantes e faz-me uma lista do que é preciso!

Pouco depois, o tom torna-se matreiro e lastimoso, desprovido de crispação. Mas ainda assim, ele percebe sempre naquela voz funda e carraspuda, quase viril, tão chocante numa gorducha doidivanas e gaiteira como a senhora Mir, uma vibração malsã, uma fibra perversa:

... e era uma pistola que ele trouxe de lá, senhora Elvira, daquelas terras distantes abandonadas da mão de Deus. O médico disse que lhe tirou a bala da cabeça completamente... Tretas! Sempre achei que a sacana da bala continua cravada na tola, e dá voltas e mais voltas nela e não o deixa dormir. Quem tem a culpa é a Prússia!, dizem que grita de noite. O desgraçado já não sabe o que diz, porque não estive na Prússia, mas sim na Rússia. Não, eu iria jurar que não lhe tiraram a bala...

Mas, mulher, não sejas burra. Se não lha tivessem tirado já estaria morto.

Enganei-me tantas vezes nesta vida, senhora Elvira! Que Deus me perdoe, mas às vezes penso que teria sido melhor que ele morresse ali mesmo, em frente da igreja... O homem que está no hospital não é o meu marido. Já não o era nos últimos dias que viveu nesta casa.

E como se a tivesse ouvido e quisesse dizer alguma coisa a esse respeito, o senhor Mir emerge repentinamente no meio das sombras do corredor com o dedo em riste, como que a reclamar atenção para dizer alguma coisa importante, e avança trémulo e de cuecas na direção das duas mulheres coxeando tal como o senhor Alonso, com uma ligadura sanguinolenta na cabeça, o pistolão na mão e os óculos de campanha pendurados sobre o peito... É assim que Ringo o visualiza matando a espera sentado no catre e com o ouvido atento. Depois fixa a vista num frasco grande cheio de eucaliptos e sabe que são de uma árvore do Parque Güell; ainda vê a senhora Mir apanhá-los dos ramos baixos, com os sapudos braços nus ao alto e rodeada de folhas como punhais curvos, quando voltam as vozes da galeria:

... e é que tenho as veias muito feias, Vicky. E não sei o que fazer, não me atrevo nem a olhar para as pernas. Nem com meias elásticas, nem com muletas nem sem muletas...

O que a senhora Elvira tem são varizes e pequenas aranhas vasculares, nada de grave. Vou dar-lhe uma pomada. Se visse a perna do senhor Alonso da primeira vez que cá veio, e sobretudo o pé...

Que estranho que esse homem, com o seu coxear, não usasse bengala, não é?

Não precisa. É um coxear muito leve e, além disso, favorece-o muito. É a modos que muito elegante, não acha?

Não, não acho.

Como é tão esbelto e bem-parecido, e com o seu bom gosto para a roupa e a sua airosa cabeleira branca...

Olha que é preciso ser inocente, Vicky! Olha que é preciso dizer disparates! Tudo isso não te trouxe senão desgostos. Como é que permitiste que tantos homens te amarguem a vida?

Ai, senhora Elvira, que quer que lhe faça. Olhe, eu fui sempre uma mulher apaixonada. Sem um pouco de ternura extra não se pode viver, não acha?

– Mais dez minutos e vais tu – anuncia Violeta entrando com os olhos baixos, o cabelo solto e a toalha nas mãos, dobrando-a com parcimónia. Quando acaba de o fazer, agacha-se aos pés do catre e, de cócoras, durante uns segundos, desliza a mão de unhas lívidas pela superfície azul e esfiapada da toalha perfeitamente dobrada antes de a meter debaixo do colchão e sentar-se em cima. Do bolso do roupão tira uma escova e começa a passá-la freneticamente pelo cabelo emaranhado e húmido.

– Não acabam de te dizer que deites essa toalha para o lixo? Porque é que não obedeces à tua mãe? – inquire Ringo em tom de zombaria, embora se lhe escape uma observação não prevista: – Todos temos qualquer coisa a esconder, aposto.

– Eu não escondo nada que não seja meu.

– Queres saber uma coisa? Um dia eu voltava a casa, de noite, e estava a chover que Deus a dava, com raios e trovões, e então vi uma valeta que engolia um pássaro morto...

– E então?

– Nada. Coisas minhas. Merdices.

– Falas por falar. Estás um bocado pateta, miúdo.

– E tu? Guardas mais segredos debaixo do colchão? Um batom? Uma fotografia do *Coletes*?

Morde outra vez a língua, embora ela pareça não o ter ouvido. Recorda que no ano passado Violeta andou meio enrabichada por um miúdo da Rua Legalidad ao qual chamavam, nunca soube porquê, o *Coletes*. Depois de andar na marmelada com ela durante quase dois meses, o *Coletes* deixara-a pendurada. Com ela, segundo o Quique, que uma ou outra vez viu o par na marmelada numa viela escura, o miúdo tinha feito tudo menos enfiar-lha. Agora Violeta nem sequer pestanejou ao ouvir o seu nome, e ele fica a olhar para as estantes com ervas e frascos, simulando um repentino interesse:

– Poça, olha para isto. O que são estas pedras, para que é que servem?

– Pedras quentes. A mamã vai pôr-te uma ou outra nas costas, e nem sabes o que te espera. Porque queimam, sabes, espertinho?

– Sim, sim. Espera aí, que já acredito. Pedras como estas, na montanha Pelada há-as aos montes... E aqui parece-me que há muita patranha. A senhora Paqueta acha que a tua mãe já não prepara as ervas com azeite, que ela diz que sim mas é mentira, porque o azeite é muito caro, e que agora faz estas beberagens sabe Deus com quê.

– Sim, vá-se lá saber. Com rabos de cabrito, se calhar. Espertinho. Mais

que espertinho.

Atira a escova para cima da cama e levanta-se, tira do bolso do roupão um pequeno bloco e um pedaço de lápis e anota qualquer coisa observando os frascos de vidro nas estantes. O lápis tem mina de tinta, e ao chupá-lo, antes de cada anotação, deixa-lhe os lábios roxos. Ringo observa-a em silêncio. Daí a pouco termina e volta a sentar-se no catre para continuar a escovar a cabeça com mão furiosa e os lábios roxos e entreabertos. Põe-se repentinamente de pé ao ouvir o chamamento da mãe no corredor, acompanhando a senhora Elvira e o filho até à porta do andar. Violeta! Esta minha filha nunca está quando preciso dela. As pacientes recomendações à velhota misturam-se com o toque-toque das muletas e um comentário do carneiro sobre o calçado inadequado da mãe. Ouve-se a porta ao fechar, e outra que se abre e fecha.

– A tortura espera-te no dispensário, menino – diz Violeta. – Já podes ir.

– Onde?

– À galeria. Senta-te lá e espera.

– E a tua mãe...?

– Já lá vai. – Abre a porta e afasta-se para deixá-lo passar, de olhos baixos e arqueando a anca. – Já podes ir.

– Vens comigo?

Violeta nega com a cabeça e regressa devagar ao catre, hirta sobre as nádegas desafiantes e agitando a cabeça avermelhada com a mão. Com ar aborrecido explica que o seu trabalho é na cozinha, ocupada a misturar ervas, esmagá-las no almofariz e cozê-las a fogo lento. Prepara malaguetas para a tintura, descasca batatas e batata-doce, tritura sementes, passa lentilhas por água.

– Também faço doces. Gostas de doce de amora?

– Não. Acompanha-me, por favor.

A rapariga olha-o com um vago sorriso e cala-se. Sentou-se outra vez na esquina do catre onde esconde a toalha e continua a escovar a cabeça com energia, deixando a descoberto a penugem da axila. Parece uma flor negra, ou um ouriço ali acobertado. E não é bonita, constata mais uma vez, não o é. Então por que razão o mais trivial dos seus gestos se torna atraente? O que há debaixo da mansidão das pálpebras, porque são tão embaraçosos os seus silêncios e o seu olhar?

Alheia agora a tudo o que não tenha que ver com o cuidado dos seus cabelos, Violeta baixa os olhos e começa a cantarolar: *El mar, espejo de mi corazón...*, enquanto ele revive a vaia da vizinhança na noite da festa maior e a vê correr fugindo da nuvem de papelinhos que revolteia em torno da sua cabeça.

resguardo de olhares indiscretos, e não naquele extremo luminoso da galeria, atrás de uns vidros de cores, um ou outro quebrado, e com vista para as traseiras dos outros edifícios, todos eles mostrando parecidas galerias ferrugentas de vidros também quebrados e persianas carcomidas. Vindo de alguma daquelas galerias traseiras esmagadas pelo sol do meio-dia chega o cacarejar de galinhas domésticas. Uma maca com rodas, como as que tinha visto nos corredores da Clínica Nuestra Señora del Remedio, um armário branco e estantes de madeira por pintar contendo toalhas, almofadas, malgas de barro e frascos com pomadas e unguentos, e um cabide com uma bata branca e ao lado uma cadeira de verga bastante maltratada na qual está sentado há vários minutos envolvido num suave odor a couro requentado e a ervas tratadas com álcool, e a ouvir a senhora Mir a discutir com a filha em qualquer parte do andar. Depois ouve-se outro bater de uma porta.

– Ora então já cá temos este rapaz tão formalzinho e bem-educado, e tão mimado pela mãe – entoa a senhora Mir segundos antes de aparecer na galeria enfiada na bata branca, com os seus chinelos de borla cor-de-rosa e o cabelo loiro recolhido num rolo alvoroçado. Tem as pestanas saturadas de rímel azul e os lábios de chupar ovo por pintar, pálidos e bulbosos, estranhamente juvenis e com um resto de batom escorrido na comissura da boca, que dá ao seu sorriso um toque de fadiga. – Vamos lá a ver o que é que tens, vamos lá a ver.

– Olá, senhora Mir.

– A tua mãe está muito zangada contigo, sabes? Mas bem, primeiro vamos ocupar-nos desta faixa. Nunca mais a queremos ver. Fora, de acordo?

– Não sei, eu acho que me ajuda...

– Nada disso, meu querido. Guarda o lenço no bolso e tira o casaco, a camisa e as sandálias. Deixa-me ver essa mão. – Pega nela, tira a ligadura de forma brusca e expedita e examina a cicatriz. – Calma. Vamos pôr-lhe um pouco de óleo de sementes de milho e ficará com melhor aspeto. Olha que dar cabo dum lenço tão bonito para fazer uma faixa! E para quê? Julgas que o braço assim fica quieto e mais descansado, não é? Olha que não, porque o braço vai descendo sem a pessoa dar por isso, vai-se desprendendo e torna-se preguiçoso, e no fim produz-se uma contratura. Senta-te aqui, na marquesa. Isso. Vamos a ver, levanta o braço direito sozinho, pouco a pouco... Não, assim não – escapa-se-lhe uma risadinha rouca –, como a saudação do meu Ramón não, filho, disso já tivemos que chegue nesta casa. O braço mesmo para cima, como se levantasses qualquer coisa a pulso, e diz-me se ao levantá-lo te dói aqui, no ombro. Dói-te?

– Não.

– Agora faz a mesma coisa, mas com o bico do cotovelo para cima, mantendo a mão em baixo... Isso. Que tal?

– Assim dói-me.

– Ah, pois aí temos outro problema. Desaperta o cinto e põe-te de barriga para baixo. O queixo na almofada, os braços estendidos ao lado do corpo.

Assim.

A almofada reserva-lhe um cheiro cediço de aromas encravados e estiolados. De bruços em cima da marquesa, os seus olhos descobrem uma fina jarra de vidro quase oculta atrás da bata pendurada no cabide, com uma esbelta rosa azul no meio de um molho de alfavaca. Demasiado esbelta, demasiado perfeita e demasiado azul para não ser de papel. A rosa azul do esquecimento em casa da senhora Mir! E não são precisamente fragrâncias de rosa que agora o seu nariz capta, mas sim um intenso odor a álcool canforado. Pouco a pouco, o ar arcano da galeria começa a destilar substâncias mais densas e perturbantes, mais afins dos segredos do sexo adulto que das ervas aromáticas e dos óleos e misturas. Consegue ver de soslaio as mãos pequenas e sapudas da sanadora a lubrificarem-se com o conteúdo amarelado de um boião de vidro, e a seguir, por um breve instante, vê-as aproximarem-se pendentes junto aos seus quadris, com os dedos retesados como os de uma águia perdigueira. Para atenuar os maus presságios fecha os olhos e entretém-se a rever sumariamente a sua coleção particular de estampas da rechonchuda senhora a rebolar-se por aí com o coxo... Onde o fariam, aqui mesmo, nesta marquesa? No chão e com muita pressa e muita risota, com abafadas festinhas e a gritar, ela por cima e ele por baixo, sim? Não o percas, rapaz. Despe-se e dedica ao seu homem um sorriso melífluo. Ajoelha-se complacente e levanta o rabo. Rolinhos de carne nas coxas e bulbosas nádegas rosadas. Mas onde, no quarto de Violeta, ou na própria cama de casal, com a fotografia do regedor e ex-divisionário a olhá-los sorridente da mesa de cabeceira? A boca despintada e beijoqueira paira agora a menos de um palmo sobre as suas costas indefesas, e sente-lhe o hálito.

– Desaperta o cinto, querido – ordena a senhora Mir, e ele sente os dedos viscosos a apalparem os tendões à volta do pescoço. – Estás tenso, miúdo. Relaxa-te, senão zango-me. – Uma palmada no traseiro e entoia: – O que arde cura e o que aperta segura! Quando eras pequeno e te davam uma injeção diziam-te isso, não diziam? Então não tenhas medo, que a Vicky também não te faz doer.

– Eu não tenho medo.

Em qualquer caso não é evidentemente o medo ou a prevenção que esta romântica irremediável e piroso imagina, eternamente presa na sua própria teia de aranha sentimental; é uma coisa muito difusa que escarafunha na consciência, um remorso, uma melancolia intermitente e chata. Sob a pressão incessante dos perfumados dedos, agora tão incisivos, tão surpreendentemente fortes, ele próprio quer e não quer sentir-se culpado. Tenta-o a ideia de que uma situação tão incómoda, ver-se de repente à mercê destas mãos e destas mixórdias, não seja senão a resposta ao seu desleixo da outra tarde escondido atrás da esquina, e, sobretudo, um merecido castigo pela sua irresponsável e delirante fanfarronice debaixo de chuva... Não conseguiu livrar-se dessa prevenção ao deitar-se na marquesa, um certo temor das palavras a que inevitavelmente terá de dar ouvidos e atender, uma coisa parecida com o que

sente quando, sentado na barbearia, lhe cortam o cabelo: não há maneira de se livrar da consabida conversa com o barbeiro, que costuma ser uma mortíça bagatela e uma chatice. Aqui poderia ser algo muito pior. Embora julgue que ela saiba, ou devesse saber, que um miúdo de pouco mais de quinze aninhos é um recetor inadequado para as confidências de uma senhora de mais de quarenta, não pode deixar de pensar no pouco que sempre importou a esta mulher escandalizar grandes e pequenos na vizinhança, convertendo os seus ridículos amoricos em hilariante tema de conversa. Variações graciosas, bastante ordinárias e porcas na maioria das vezes, de uma mesma história. Aquilo a que ela chama «um pouco de ternura extra» poderia ser a expressão do seu atual desassossego perante a tão esperada carta e a reconciliação pendente com o último homem que fugiu da sua vida a sete pés, de modo que prepara-te para dizer mentiras, rapaz; ou, se preferires, para não dizer a verdade.

– Se te estou a magoar, diz.

– Não, não...

Sente as viscosas mãos a pressionar insistentemente. Do fundo das costas avançam, apalpando a espinha dorsal, detendo-se e espalmando cada vértebra, e de repente aceleram o ritmo e a pressão até alcançarem a nuca e entreterem-se nela, para depois voltarem ao fundo das costas e enterrarem ali os dedos na parte superior das nádegas.

– Até sabe bem, não sabe? Agora põe-te de lado. Sobre o lado esquerdo.

Amplios e roliços pulsos de gordalhufa, mãos pequenas e sapudas que não atingem uma oitava – para o saber basta-lhe senti-las abertas sobre as suas costas –, dedos bulbosos que libertam uma força insuspeita e que durante um pedaço parecem empenhados em desfazer ou deslocar a sua omoplata direita, revolvendo-a sob a pele. Depois ordena-lhe que se ponha outra vez de barriga para baixo, e agora as mãos besuntadas percorrem suavemente as costas, partindo do espinhaço em direção aos flancos e da nuca até às nádegas, pressionando com os polegares como se porfiassem por abrir a carne. Os dedos, como tenazes de aço, amassam os nós e tendões à volta do pescoço. De vez em quando sente os lábios rechonchudos colados à nuca, o seu hálito morno e abrupto.

– Dói-te aqui?

– Não, não...

– E aqui, neste ombro?

– Um bocadinho...

Uma porção de rápidos beliscões, como se uma aranha se passeasse pela sua pele, e o ar impregnado de um novo cheiro, desta vez a amêndoas torradas. Lembra-se da sua mãe a comentar que a senhora Mir acreditava sinceramente no tratamento emocional da musculatura, e que por isso aplicava normas muito pessoais no seu trabalho, como por exemplo sorrir durante todo o tempo enquanto esfrega a zona mais dorida. Porque é que o faz? Ora, porque a boa mulher está convencida de que esse sorriso, um sorriso de

cortesia, mesmo que tu não o vejas deitado de barriga para baixo, tem efeitos benéficos que se transmitem ao teu corpo através das suas mãos... Poça para os mágicos poderes da senhora!, diria o Mata-Ratos numa ou noutra ocasião. Em qualquer caso, até agora as mãos nada lhe transmitiram de especial. Os dedos aplicam-se cada vez com mais força, sobretudo o polegar, mas o ritmo lento, sossegado, propicia um silêncio expectante, a antecâmara do que ele vem receando desde o princípio: a converseta, a tagarelice. Estão prestes a concretizar-se os piores augúrios.

– Aquele rapaz teu amigo, como é que se chama?, aquele que joga o dominó cruzado com os velhos no Rosales, baixinho e cabeçudo, sim, homem, um daqueles que vão ao Parque Güell espiar os pares de namorados, às escondidas... A verdade é que os mirones me metem pena, muita pena. Bom, pois esse rapaz disse ter visto por acaso o senhor Alonso não há muito, num jardim... Tu sabes alguma coisa disso, filho? Não? Não lho ouviste dizer? Pois no domingo passado esse infeliz comentou-o no bar, disse que viu o senhor Alonso com uma mangueira, a regar um jardim. Parece que todos se riram muito, como se fosse uma piada. Claro, com a mangueira na mão... A Paqui, que o ouviu, perguntou-lhe onde e quando o tinha visto, e diz que o rapaz se atrapalhou e se armou em distraído, primeiro disse que não se lembrava, e depois que era brincadeira... A mim, se queres que te diga a verdade, esse miúdo sempre me pareceu muito pateta, além de porcalhão. Por isso prefiro falar contigo. Tu és um rapaz formal e responsável. Posso perguntar-te, só por curiosidade, se ouviste alguma coisa disso, se to contaram...? Não? Achas que esse rapaz o inventou? Tu conhecias o senhor Abel Alonso, não conhecias?, deveres tê-lo visto muitas vezes no bar, com certeza... Sabes que ele te apreciava? – As mãos teimosas continuam a fazer o seu trabalho com uma cadência calculada, que acompanha a voz. De vez em quando sente a boca de lábios grossos a roçar-lhe as costas. – Tinha reparado em ti, simpatizava contigo, gostava de ti. Sabes o que me disse um dia? Olha, disse-me: este rapaz há de ir longe. A sério que mo disse. Tinha muito olho para certas coisas, o grande desavergonhado... Ora, se tinha olho...

Daria o que quer que fosse para não ter de continuar a ouvir, e enterra a orelha direita na almofada durante um bocado, depois a orelha esquerda, alternando o olho na visão parcial da mulher debruçada sobre ele, a sua cara redonda e reluzente de suor com os caracóis colados à testa, a pele franzida a assomar no decote e o bailarico dos seios aos embates das mãos. Os poderosos polegares continuam a escarafunchar na funda indefensibilidade do espinhaço quando sente o impacte de algumas gotas de suor nas costas; são gotas grossas e mornas; caem espaçadas e pontuais, e a cada uma contrai-se-lhe o ventre.

– E que foi isso, querido? – exclama a senhora Mir com o seu riso gutural e carnudo. – Escapou-se-te um peidinho?! Bom, não tem importância, hein?, não tens de te envergonhar nem de ficar corado por isso... A mim escapou-se-me um noutro dia no bar, embora verdade seja que era tão pequenino que quase não se ouviu. Mas falemos de coisas mais elevadas, não achas...? Disse-

me a tua mãe que já não voltas à joalharia. Bem, bem. E que diz o teu pai? É preciso que se veja, o Pep sempre por aí, com a sua brigada, a tua mãe a atarefar-se dia e noite no lar, e tu sempre sozinho... Um rapaz da tua idade, tantas horas na taberna, e sempre sozinho, isso não pode ser bom, querido. Por muito que gastes de ler e tudo isso. Devias estar mais em casa, miúdo, e que o teu pai se ocupasse mais de ti.

– Em casa não há ninguém – grunhe, afocinhado na almofada. – O meu pai nunca está em casa.

– Da maneira como falas, dir-se-ia que não tens o devido respeito pelo teu pai... Sim, é um doidivanas e um herege, já se sabe. À tua mãe deve ter pregado mil e uma partidas, pobre mulher, e ainda por cima anda por aí fazendo alarde de ser vermelho e blasfemo... Toda a gente o acha um desavergonhado, mas sabes como o vejo eu? Olha, eu vejo o teu pai como uma castanha avelada. Já reparaste como é a casca da castanha por dentro? Com certeza que sim. Tem uma penugenzinha macia, como aqueles estojos para anéis. Tu fazes joias e sabes o que isso é. Bem, pois o teu pai é como a casca da castanha, descarado por fora e por dentro macio como veludo... Sim, ouviste bem. E é graças a ele que tenho notícias do meu pobre irmão que Deus guarde, o desgraçado teve de ir para o exílio. Olha, vou contar-te uma coisa que muito poucas pessoas sabem. Lembras-te de quando o meu Ramón começou a perder a memória, depois de ser operado, e que às vezes se perdia na rua e não sabia voltar a casa? Pois uma noite que saía do Rosales, já muito tarde, caiu de ventas no passeio e começou a sangrar. Estava com uma boa piela em cima. Sabes quem o viu e se aproximou para o levantar? O borguista do teu pai! Não sei voltar para casa e não tenho para onde ir, disse o meu marido, deixe-me aqui, e o gozão do Pep vai e diz-lhe: claro que tens para onde ir, regedor, para o inferno!, e levantou-o. Troçava, sim, mas levantou-o e acompanhou-o a casa. Aposto que não sabias. Pois já vês, há pessoas amáveis e generosas que não o parecem, e olha, lembro-me agora do senhor Alonso, que também ele... Bem, como é, não dizes nada?

Assente, enterrando a cara na almofada o mais que pode, abafando a voz:

– Estou... Estou emocionado, senhora Mir.

– Estás a ver, miúdo? – Cabeceia, comprazida, e entoia: – Raios me partam!, parece-me que a tua mãe tem razão, que a única coisa de que gostas é de estudar para músico e de te armares com este braço ao peito... Nunca vais dançar? Olha, deixas que te diga uma coisa, querido? Mas é um segredo, hein?, tens de me jurar que não o contas à Violeta. Porque ela gosta um bocadinho de ti... Sim, não te admires por eu saber, nós, as mães, sabemos essas coisas. Não me fica bem dizer, mas não te parece que é uma rapariga doce e carinhosa para toda a gente? Se visses o respeito que ela tem pelo pobre do pai! Mas não tem sorte com os namorados. – Uma pausa, unta novamente os dedos no boião de vidro e retoma as fricções com suavidade. – Nunca vais dançar ao Verdi, ou à Cooperativa La Lealtad? Os teus amigos vão, não faltam nenhum domingo, e se visses como rondam a minha Violeta...

Mas ultimamente ela prefere La Lealtad. A ti nunca te vemos por lá. Como vem a ser isso, querido?

– É que eu não gosto de dançar...

– Tretas! – Espeta-lhe outra palmada no traseiro. – Não me venhas com essas mentirolas, hein? Nas festas da rua, no ano passado, dançaste com a Violeta, e por sinal pareceu-me ver os dois bastante... Tu bem me percebes.

– É que eu danço muito mal – consegue balbuciar com a voz abafada.

– Olha que não digo isto como censura, note-se. Que um homem não saiba dançar, às mulheres não nos importa muito, sabes? O que de verdade valorizamos é um companheiro formal e carinhoso. Mas às vezes a pessoa tem-no tão perto que não o vê... Porque é que eu digo isso? Ora, porque uma rapariga doce e romântica tem de reconhecer imediatamente o jovem atento e discreto pelo qual desde sempre esteve à espera. E a minha Violeta é esse género de rapariga. Olha, em La Lealtad tem de estar continuamente a enxotar os chatos, tu bem me percebes, aborrecida de dizer tantas vezes que não, com este não danço, mamã, e com este também não, saiu-me cá uma lapa! E é que se encostam grosseiramente, tu bem me percebes... Resultado: passa a tarde sentada, coitadinha. Como se todos lhe tivessem criado antipatia. A ti ligaria, eu sei... Vamos, homem, tens de me prometer que um domingo virás ao baile. Como um favor especial, para ver se a animamos um pouco. Prometes-mo? Baixa um pouco mais as calças, senão sujo-tas... Não me ouves?

– Sim, senhora – diz, espalmando ainda mais a boca na almofada.

– Mas a sério, hein?! Tens de o prometer a sério!

– Bem, sim. Eu... prometo.

Porque o fizeste, trouxe? Daqui a pouco mandar-te-á baixar as calças e as cuecas de todo, começará a deslizar as garras vingativas mesmo até ao olho do cu e cravar-te-á as unhas de bruxa. Sem defesas para o ouvido, a única coisa que pode fazer é persistir tenazmente nesse esmagamento de boca e nariz e olhos contra a almofada onde se misturam cheiros cediços com lufadas de má consciência, ao mesmo tempo que sofre nas costas uma série de golpes com a mão em cutelo que se alternam velozmente e com uma precisão assombrosa, um batimento cálido e relaxante, para cima e para baixo outra vez, da nuca até às nádegas. E uma nova e repentina efusão de suor a cair da sua cara de lua cheia, gotas grossas e quentes que pontual e rapidamente as mãos aplanam e diluem sobre a pele.

– É que é tão bonito a pessoa apaixonar-se em nova! – comenta a senhora Mir, com a voz um tanto ou quanto quebrada. – Às vezes vejo-te no bar, sempre sozinho, e francamente, impressiona-me muito esse teu gosto pelos livros... É uma coisa muito bonita, a sério. Ali sentado a tarde inteira, sem levantar a vista e a passar página após página, é uma coisa que tem tanto mérito! Que bonito este gosto num rapaz tão novo, não é? Eu comprei um romance de Vargas Vila que se chama... *Aura ou as Violetas*, não sei se o conheces, é um romance muito forte, muito dramático, comprei-o para a Violeta por causa do título, mas ainda não lho deixei ler, é nova de mais. –

Novo suspiro, vá lá saber-se, pensa ele, se devido ao esforço continuado das suas teimosas mãos ou a outra coisa. – E antes que me esqueça, só por curiosidade... Ouviste falar de alguém que por acaso o tenha encontrado ultimamente por aí, pelo Carmelo ou pelo Guinardó...? Ao senhor Alonso, quero eu dizer. Se calhasse, meu caro rapaz, se acontecesse, e não digo que te obrigues a isso, claro está, nem que seja indispensável, mas se um dia acontecesse tu vê-lo e quisesse vir a correr dizer-mo... Ou se soubesses de alguém que o viu. Há uns tempos disseram-me que morava por ali, onde dantes ficavam as baterias antiaéreas do Carmelo, mas ele negava-o... Tu achas que é normal que aquele homem nunca me dissesse onde morava?

Mais gotas de suor a caírem sobre as suas costas, uma após outra, espaçadas, densas e cálidas, fundindo-se instantaneamente sob as mãos vigorosas que espalham o linimento.

– Vai ser tão bom vires à La Lealtad! Os teus amigos do Rosales também devem andar por lá, a armar zaragata, mas não lhes liguês... A propósito, continuas a fazer excursões à montanha Pelada com eles? – pergunta, com uma entoação melancólica. – Não voltaram a ir apanhar amoras a Can Xirot, ou ao Turó de la Rovira...? Nunca mais, claro, já estão crescidotes. Agora vais tu sozinho ler, estudar, pensar nas tuas coisas. É melhor, mais sossegado. Está-se tão bem lá em cima, não está?, mesmo ali ao lado do Parque Güell, a vista é tão bonita... Com os diabos, querido, sabes o que me veio agora à cabeça? Que um dia podíamos ir com a Violeta lanchar, os três juntos, não gostarias? Cresceste, miúdo, já és um homem, até tens um bocadinho de bigode...! Sabes?, se eu fosse homem deixava crescer bigode. Ah, e antes que me esqueça queria pedir-te uma coisa... Bem, hás de pensar já chega, esta senhora tão chata bem podia parar de me pedir coisas, não?! Mas não tenho a quem o pedir... Terias a amabilidade de me trazer um pouco de rosmaninho e de funcho, quando subires à montanha Pelada? Eu vou lá de vez em quando, mas é que a subida cansa-me muito, e o meu herbário caseiro está a ficar depenado... O orégão já floresceu. E olha, de caminho, se quando passares por lá, ou por Can Xirot, vires por acaso o senhor Alonso a passear, como costumava fazer dantes, queres dizer-lhe que tenho uma notícia importante a dar-lhe...? O pé dele precisa de cuidados, sabes?

Ele assente, enterrando-se cada vez mais não sabe onde e sem capacidade de reação. Sente as fortes mãos agarrarem nos tendões à volta do pescoço e tratá-los como se quisesse dar-lhes a volta, torcê-los e mudá-los de sítio, e agora os dedos afiguram-se-lhe armados com dedais metálicos. A seguir ela posiciona-se à cabeceira da marquesa, debruçada sobre as costas, passando uma e outra vez as mãos desde os ombros até às nádegas, pelo que agora a cabeça de Ringo, que sobressai um pouco da borda da marquesa, sofre os suaves embates do regaço, e uma generosa e cálida benevolência, acumulada ali, nas túrgidas formas que a bata oculta, acolhe a sua anuviada testa.

– Se te magoar diz-me, querido – ouve-a ronronar, enquanto novas gotas de suor salpicam pontualmente a sua pele na nuca, nas omoplatas, no sulco da

espinha. – Uma antiga lesão, a jogar futebol, uma fratura muito lixada. Tem má circulação e sente dores de dia e de noite, sabes?, e precisa de cuidados, muitos cuidados. – A sua voz grossa e comovida ressoa no vazio da garganta de um modo que parece impudico ao rapaz. – Ai, como ele gostava das fricções naquele pé, o grande desavergonhado! Se tu soubesses, filho! A pobre senhora Paytubí tem uns pés grandes e disformes, com uns calos horríveis, está-me sempre a pedir fricções bem fortes, e olha, a pobre mulher é cheia de niquices e é uma irritadiça insuportável, mas eu suporto-a só por isso, porque aqueles pés de futebolista tão grandalhões e feios que ela tem me parecem os... me fazem lembrar...

Uma efusão excessivamente húmida da pele, como se as mãos tivessem aquecido de repente, e um estremecimento ao intuir o que acontece. Não são gotas de suor o que lhe cai nas costas, pois claro que não. Há um bom bocado que está a choramingar e tu sem dares por isso, tanto se parecem as suas jeremiadas e o seu risinho. Músculos e tendões contraem-se sob as mãos agora sem força, frouxas, quase inertes embora continuem a mover-se com uma persistência maníaca, enquanto umas atrás das outras as lágrimas caem sobre a pele, cada vez mais abundantes e quentes, e se fazem ouvir os primeiros soluços, ainda muito contidos. Quando começou esta seca, em que momento as lágrimas substituíram as gotas de suor? Ou nunca houve suor e foram lágrimas desde o primeiro momento, soltadas silenciosamente, camufladas debaixo da tagarelice para serem imediatamente misturadas com a essência de terebintina ou qualquer outra mixórdia sobre as costas? Ele não quer abrir os olhos e mantém a boca colada à almofada, até que sente as ardorosas mãos a resvalarem perdidas dos ombros até aos dorsais, e depois, trémulas como animaizinhos feridos, abandonarem as costas para agarrarem o seu pé esquerdo, descalço, de súbito rígido e frio, sem sangue, e começarem a tratá-lo com os polegares a pressionar fortemente a planta e a massajar o peito do pé e os dedos, um por um. Aturdido pela surpresa, tendo já entregado o pé sem a menor resistência, enterrada totalmente a cara e a consciência na esmagada almofada e chegando-lhe os abafados soluços como se viessem de outro mundo, pergunta a si mesmo o que fazer agora, se não seria conveniente chamar Violeta. As mãos tratam o pé com um vingativo misto de brutalidade e possessão, de maus tratos e carícias, estrafegando-o e retorcendo-o tão insistentemente e com tanta energia que acaba por lhe provocar uma dor insuportável. Durante um pedaço nega-se a admitir que a senhora Mir possa estar aferrada a um pé daquela maneira tão possessiva e doentia e prefere pensar que está a fazer o seu trabalho à maneira dela e que ele deve aguentar-se; que talvez haja uma conexão real entre os nervos do pé e os das costas doridas, tanto para este pé como para o pé doente do senhor Alonso, mas logo, ante uma nova e brusca torcedura, desta vez como se as mãos quisessem mesmo magoá-lo, encolhe a perna e apresta-se a protestar, e precisamente nesse momento um grito abafado e o estrépito de um vidro a partir-se contra o chão fá-lo levantar bruscamente a cabeça e abrir os olhos.

Vê-a caída aos pés da marquesa, de lado e em posição fetal, toda ela um mar de lágrimas e a tapar os olhos com os punhos como uma menina com uma birra e desconsolada a reclamar atenção para a sua infelicidade, para aquela salganhada amorosa que constitui a sua vida, para toda aquela porcaria romântica, enraizada e persistente como a sarna, que constitui a sua vida. Tem um fio de sangue no joelho e ele está a olhar para ela sem saber o que fazer, sem sair ainda da marquesa, quando a porta da galeria se abre de chofre e Violeta entra de roldão. Evitando pisar os afiados vidros, agacha-se sobre a mãe e, sem perguntar o que aconteceu, sem lhe dirigir uma palavra de consolo nem lhe pedir que pare de chorar, ajuda-a rapidamente a levantar-se. Dirige a Ringo um severo olhar.

– Veste-te e vai-te embora.

Sentado na marquesa, ele move a perna, arejando o pé dorido e avermelhado. Por baixo do pé, o vidro mais afiado do frasco quebrado exhibe um rótulo meio solto: *Essência de eucalipto*.

– Eu não fiz nada, não lhe disse nada... Caiu.

Violeta volta a olhar para ele e desta vez fá-lo semicerrando os olhos como se lhe ardessem, como se rabanadas de vento lhe dificultassem a visão e lhe retendassem a boca e as asas do nariz.

– Vai-te embora, por favor. Vai-te embora!

– Não sei o que aconteceu... De repente estava no chão. Olha como tenho o pé...

Feito em papas, está a ponto de dizer. Choramando e tapando a cara com as mãos, a senhora Mir deixa-se levar pela filha. Quando já saíram da galeria, Ringo fica a olhar para o frasco feito em fânicos no chão. Enquanto calça as sandálias e veste a camisa, decide que antes de sair apanhará os vidros sem deixar um só, nem o mais pequeno, mas a seguir pica com uma lasca o dedo grande da mão útil, a esquerda, e opta por juntar os vidros num montinho, empurrando-os com a ponta da sandália. Sai da galeria, atravessa a sala de jantar coxeando e mete pelo corredor em direção à porta de casa. O pé besuntado de linimento com essência de eucalipto patina na sola da sandália. Cãibras ao longo da perna, os dedos a rabiarem e agulhas cravadas no tornozelo, é bem feito que o tenhas partido, para não seres imbecil, é bem feito que fiques com ele torto para dentro, como o coxo... De uma das divisões chega-lhe um ciciar de discretas admoestações entre mãe e filha e um ou outro gemido. Cada vez que move o pé esquerdo sente dolorosas pontadas e quase não pode poisá-lo no chão. Estou-me marimbando para os problemas desta mulher, diz de si para si, e há qualquer coisa que o induz de repente a exagerar a coxeadura arrastando o pé, procurando um ruído rememorativo, zombeteiro e sinistro, para que mãe e filha oiçam, onde quer que se tenham refugiado. Está prestes a chegar ao vestíbulo quando se abre uma porta que dá para o corredor e Violeta assoma.

– Não faças isso, por favor!

– O quê?

– Não arrastes o pé dessa maneira. Não o faças.

– Porquê? – torna ele, sem parar. Atrás da rapariga e da porta ligeiramente entreaberta vislumbra um quarto de cama desarrumado, mergulhado numa cálida penumbra propícia às cambalhotas. – Que foi? Não disseste para me ir embora?

– Mas não a coxear assim, por favor.

– E se o fizer? A quem é que isso pode incomodar, a quem é que importa?!

Embora se saiba injusto e se sinta mal por isso, antes de alcançar a porta do andar acentua a coxeadura e dirige a Violeta um olhar entre zombeteiro e triste que diz estou ao corrente da merdalhada que houve aqui, o que é que julgas, das marmeladas que a tua mãe e o amante faziam, mas não pode evitar que subitamente lhe apareça a carta ensopada de chuva a girar no escoadouro vertiginoso frente à valeta, apresada na dinâmica das águas revoltas e na do seu próprio desleixo. E durante um instante, quando a carta mergulha uma vez mais no remoinho que na sua mente não para de girar, intui pela primeira vez a impercetível génese de alguma catástrofe, a silenciosa mutação de qualquer coisa que trará um dano irreparável.

– Não é por mim – ouve Violeta sussurrar quando cruza o umbral. – Não o faças mais, por favor... Peço-te... Não é por mim.

*

Anoitece quando sai para a rua. Os dias minguaram, a luz é mais difusa e enganosa, o ar mais cortante. Uma ténue neblina sufoca a amarelada iluminação dos candeeiros. O guinchar de um elétrico a virar na praça próxima, a campainha de uma bicicleta que se afasta, o estrépito de uma porta metálica a descer. Para um instante frente aos carris que na esquina persistem na sua curva truncada em direção a lado nenhum. Mais abaixo, a porta envidraçada do bar Rosales deixa sair uma luminosidade débil e azulada que mal toca as costas arqueadas de um homem parado na borda do passeio com as mãos nos bolsos, balançando-se um pouco e olhando para os sapatos com a perplexidade de quem não os reconhece como seus. A Rua Martí está deserta. Nas gretas do velho passeio esventrado a erva cresce verde e lustrosa. Enquanto Ringo caminha de regresso a casa volta o mal-estar, a sensação quase física de ter deixado na marquesa da sanadora alguma coisa mais que o pé esmagado. Porque é que continuas a coxear, parvalhão, se já não te dói? A mão de quatro dedos tateia o lenço enrugado no bolso do casaco, procurando a carícia da seda, cuja textura transmite à pequena cicatriz uma palpação suave e cálida de pulmão durante um pedaço, até que finalmente se decide a desfazer o nó da tão distinta faixa.

9 Trata-se de palavras que se dizem no jogo do «churro» – originalmente «*churro, media manga, manga entera*» –, conhecido comumente em Portugal como «lá vai alho!». Joga-se com duas equipas: os jogadores de uma delas amocham em fila, enquanto os jogadores da outra equipa saltam para cima destes; os jogadores que amocham têm de adivinhar o gesto que o primeiro que saltou fez à «mãe» (jogador que faz de suporte ao primeiro da equipa que amocha): mão no pulso, no antebraço ou no ombro. (N. do T.)

13

O PERFUME DO CAFÉ TORRADO

Um domingo a meio da manhã, à hora a que já deveria estar na cozinha a aquecer leite e a torrar pão para o pequeno-almoço da mãe na cama, achando-se ainda deitado, com o lençol até ao nariz e mergulhado na maior das confusões, ouve como em sonhos a imperiosa voz do pai a chamá-lo e salta do catre, vestindo rapidamente as calças e a camisa.

Sentado à mesa da sala de jantar diante de uma garrafa de conhaque Martell daquelas que costuma trazer de Canfranc e com o lápis na mão, o Mata-Ratos anota qualquer coisa no canto superior do verso de três cartas sem franquia e bastante amarrotadas. Numa delas escreve um A, na outra um P e na terceira um V. Na outra mão, enquanto coça a testa pensativa com as unhas esverdeadas, mantém colada à palma um pançudo copo de conhaque como se fosse um apêndice natural, acoplado à dinâmica do gesto e sem que constitua o menor estorvo para manobrar.

– Bom dia, dorminhoco.

Ringo responde com um grunhido enquanto enverga a camisola. O pai põe as cartas e o lápis de lado, agita o conhaque dentro do copo, bebe um gole e seguidamente levanta do chão a sua velha maleta de trabalho e verifica os fechos, muito desgastados. Com a mesma mão que segura o copo acaricia o queixo, pensativo. Chegou ontem mesmo de outra viagem rápida, e esta manhã, acabado de tomar banho mas por barbear, com a sua grossa camisola cinzenta de gola alta, como de guarda-redes, e o blusão de couro posto pelos ombros, apresta-se a partir de novo. Com o corpanzil adiantado e o traseiro à borda da cadeira, parece disposto a partir agora mesmo. As coisas não mudam, pensa Ringo: por muito que diga que bem que se está em casa, o Mata-Ratos parece sempre prestes a sair outra vez.

– Vais a correr fazer um recado.

– Agora?

– Agora.

– Tenho de preparar o pequeno-almoço à mãe...

– Eu trato disso. Hoje vamos deixá-la dormir mais um pouco.

– O fogareiro elétrico não funciona. E ela gosta do café muito forte e muito quente. E também gosta das torradas com mel...

– Eu já sei do que ela gosta.

– Sim, mas nunca te lembras.

O pai fica a olhar para ele um instante.

– Está bem, filho, desembucha. Mais alguma queixa? Vamos, vamos, não disponho de muito tempo. – Outro gole de conhaque e volta a dirigir a atenção para os fechos da maleta. – Deixemos isso por agora. Vais ao bar Mirasol a toda a mecha. Sabes onde fica?

– Acho que sim.

– Na Praça Gala Placidia, em frente às Atracciones Caspolino. Foste uma vez lá comigo e com o tio Luis. – Olha-o fixamente, suaviza o tom e prossegue: – Agora escuta com atenção, filho. Levas esta maleta ao bar e fazes exatamente o que eu te disser. Não contém nada que te possa interessar, de maneira que não percas tempo a abri-la. Quando chegares ao Mirasol hás de ver o tio Luis sentado na esplanada, mas não deves cumprimentá-lo. Como se não o conhecesses. Ele também não dará mostras de te conhecer nem te dirá nada. Entras diretamente no bar e pedes uma gasosa ao balcão. Não deves largar a maleta em nenhum momento. Enquanto bebes a tua gasosa, o tio Luis há de entrar para ir à casa de banho, mas tu faz como se não o visses. Quando ele voltar a sentar-se na esplanada, perguntas ao empregado onde é a casa de banho, pagas a gasosa e vais mijar. Debaixo do lavatório verás outra maleta igual, pegas nela e deixas a tua no seu lugar. E ao sair já não paras no balcão, vais direitinho à rua e a correr para casa, dás a maleta à tua mãe e ajuda-la no que ela te pedir. Percebeste?

– Claro.

– Pois aí tens, e muito cuidado. Lava a cara e penteia-te um pouco antes de sair.

Contrariamente ao que esperava, o peso da maleta é leve. Está prestes a perguntar o que tem dentro, mas intui que não deve fazê-lo. O pai fita-o como se lhe lesse o pensamento. Tem outro recado e mais instruções:

– Vamos a ver como te portas. Deverás entregar estas cartas. – Abana-se com elas, com o copo na mesma mão, olhando-o agora com ar dubitativo. – Não me agrada ter de te pedir isto, e a tua mãe vai zangar-se quando o souber. Mas, tal como as coisas estão, é melhor que ela fique em casa.

Entrega-lhe as cartas. Nenhuma traz nome nem endereço.

– Aonde é que é preciso levá-las...?

– A tua mãe to dirá no devido momento. Entretanto lembra-te disto: aquilo que a pessoa não sabe, se lho perguntarem, não diz.

– O quê?

– O que quer que seja.

Este recado é mais para depois, acrescenta; primeiro é o do bar Mirasol, onde deverá comportar-se a todo o momento de maneira natural, sem chamar a atenção.

– Saberás fazê-lo, filho, posso confiar em ti?

– Claro.

– Quando voltares, eu terei partido. – Levantou-se por fim e revista o conteúdo dos bolsos das calças, do casacão e da gabardina, pondo tudo em cima da mesa, cigarros, o isqueiro de folha, lenço, chaves, carteira e trocos, antes de o meter de novo rapidamente nos bolsos. – Suponho que a tua mãe te contará algumas coisas, se o considerar oportuno... Receberás instruções para a entrega destas cartas e para o que for preciso. Provavelmente não voltarei senão daqui a bastante tempo, de maneira que deverás ocupar-te da nossa

Alberta. Sei que o farás, e que te portarás bem... Mais tarde falaremos do teu futuro, do trabalho que te convém e tudo isso. Combinado?

Faz que sim, baixando a cabeça. Continua a pensar que aquilo que o futuro lhe vier a deparar, quaisquer que sejam as suas aspirações, pouco importa ao pai, e que só a mãe se preocupa de verdade. Por outro lado, suspeita desde há tempos que desta vez se trata de uma despedida em regra, e já está a pensar num fastidioso abraço e até, quem sabe, talvez um beijo. Não se lembra de o pai lhe ter dado alguma vez um beijo e tão-pouco se lembra de que ele desejasse ou esperasse recebê-lo em nenhuma ocasião. Nunca sentiu a falta de nenhum asqueroso beijo e tão-pouco lhe agradaria que ele lho desse agora, pois já se acostumou ao raio da bofetada, à palmada no ombro ou a um simples piscar de olho. Não obstante, o Mata-Ratos surpreende-o com uma espécie de afetuoso apertão, rodeando-lhe repentinamente os ombros com o braço, sem olhar para ele e muito depressa, e ele só tem tempo de perceber uma vez mais o tal aroma residual do café torrado na grossa camisola.

– Sei que posso confiar em ti, cabeça de abóbora. Toma, para a gasosa e para o elétrico. – Dá-lhe três pesetas. – Lembrar-te-ás de fazer tudo como te disse?

– Claro.

– Então toca a andar. Desces na Rambla del Prat e tens o Mirasol ali mesmo ao pé.

Acontece tudo conforme o previsto, menos apanhar o elétrico. Decide ir e voltar a pé, aqui e além a correr, e gastar o dinheiro exato para a gasosa. Está um dia de outono soalheiro, quase quente. Tudo parece normal e inalterável, os elétricos guincham na Praça Lesseps, o trânsito é escasso, há dois mendigos a cabecear sentados na escadaria da igreja, na Rua Salmerón e na Rambla del Prat as pessoas vão e vêm tratando dos seus assuntos com enfado ou com urgência, costas cinzentas e cabeças baixas, partilhando o mesmo peso do silêncio.

Na pequena esplanada do bar Mirasol está sentado o tio Luis a ler um jornal ao pé de um senhor velhote com um cão preso a uma perna da mesa. Finge não o ver com tanta ênfase que esbarra numa cadeira e vai dar de ventas na esquina de uma mesa, mas sem largar a maleta. Antes de alcançar o balcão já tem o lábio superior inchado e amaldiçoa a sua sorte. Uma vez feito o que deve, pedir uma gasosa ao balcão e pagá-la, vê o tio Luis entrar no bar e dirigir-se ao fundo do estabelecimento; logo a seguir vê-o passar de volta, e então pergunta ao empregado onde é a casa de banho. Acaba de beber a gasosa, entra nos sanitários e, sem largar ainda a maleta, urina depressa e nervoso, molhando a braguilha; amaldiçoa a sua sorte, puxa o autoclismo, poisa a maleta e pega na outra, que é idêntica e pesa mais ou menos o mesmo, mas com um leve tilintar metálico – talvez seja nesta que vai a lanterna e algum outro utensílio, pensa, até mesmo algum boião de veneno –, volta a puxar o autoclismo porque o barulho da água o tranquiliza, sai e encaminha-se diretamente para a rua tapando a braguilha molhada com a mão livre. Pelo

rabo do olho vê o tio Luis afastar-se do balcão e dirigir-se de novo aos sanitários com urgência. Tinha ficado ali de pé, à espera para entrar ele imediatamente.

É PROIBIDO DAR COM OS PÉS NOS CARROS. Lê na tabuleta da pista de carrinhos de choque, ao passar defronte das Atracciones Caspolino. É proibido mijar nas calças, poça.

A maleta que leva para casa não contém a lanterna nem nada que tenha que ver com o ferramental de um mata-ratos; só um novelo de lã verde trespassado por duas agulhas de croché, uma lata de ervilhas e um grosso molho de revistas e jornais enrolados para fazer volume. A mãe deita os papéis ao lixo e fica com o novelo e as ervilhas.

– O Luis tem sempre uma atenção, coitado – ouve-a dizer com a voz triste. E ao fim de um pedaço: – Onde tens as cartas? Dá-mas, eu encarregome delas.

– Ele disse que tu não devias.

– Dá-mas agora mesmo! O teu pai deve ter endoidecido. Olha que mandar-te ao Mirasol... E ainda por cima as cartas.

– Porque é que têm uma letra?

– Por nada que seja da tua conta. São notícias de amigos para as famílias... Trabalhos e favores que o teu pai coordena, uma cadeia de mãos amigas que chega até aqui.

Ao entardecer do dia seguinte saberá que o tio Luis foi preso pela polícia, e que mais um ou outro da brigada poderia ter a mesma sorte, incluindo o pai. A notícia espera-o à volta de um longo e solitário deambular pela montanha Pelada com *Amok* debaixo do braço, um passeio tão errático no andamento como na meditação para encontrar a mãe em casa quando já devia estar na clínica. Não parece angustiada ao dar-lhe a notícia, nem sequer nervosa; está a revistar o conteúdo da carteira enquanto acaba de vestir o casaco com muita pressa e só acrescenta que passou a tarde a tentar localizar o cunhado do tio Luis, um taxista com amigos no Comissariado Superior da Polícia, sem o conseguir, e que tem o jantar na cozinha, empadas de atum e lentilhas ou arroz branco, à escolha, só é preciso aquecê-lo no fogareiro.

Nessa noite, na cama, abandona a leitura de *Amok* porque não pode deixar de pensar no Mata-Ratos. Mas tão-pouco consegue conciliar o sono; não faz outra coisa senão dar voltas e mais voltas, e numa destas, ao deixar cair pela enésima vez a aturdida cabeça na almofada, tem de súbito uma sensação como se assomasse à borda do vazio, repentinamente condenado à sua própria vertigem. Acordando noutro ambiente, a consciência intui o fim de um tempo completado e diz-lhe saiamos daqui, Ringo, fumiga essas dúvidas e aceita a verdade: o teu pai é um contrabandista, ou talvez coisa pior. Então, com as primeiras brumas do sonho, recupera a memória de um quente dia de agosto de há dois ou três anos, quando ainda trabalhava como aprendiz. Depois de almoçar, antes de voltar ao trabalho, tinha passado pelo quiosque da Praça Rovira para examinar a nova oferta de bandas desenhadas quando ouviu atrás

de si aquelas vozes pedregosas e cheias de zombaria que amiúde o confundem, a petulância verbal do extravagante duo de velhotes bisbilhoteiros e gozões, aqueles reis da aldrabice a vaguear a toda a hora pelo bairro. Desta vez discutem sentados no banco junto ao quiosque e à sombra de um frondoso plátano.

– Nem pouco mais ou menos, Blay! – exclama o senhor Sucre. – Se te dedicas ao contrabando e ao mercado negro, e te apanham, julgam-te como negociante ilegal e como contrabandista, quer dizer, como delinquente, como malfeitor, e não como outra coisa.

– Mas ele é mais do que isso – diz o velho Blay.

– Pois. Mas esse mais costuma estar a cargo dos homens da fronteira. E ele não é um homem da fronteira. É um honesto caixeiro-viajante, digamos. Ou seja, entre aspas.

– Aqui a questão é fumar bem sem que nos vejam. E o Pep sabe fumar.

– Vem a dar no mesmo que fumigue ou que conspire. Chama-lhe o que quiseres. Se o caçam, será um malfeitor.

– Eu cá me entendo. Fumar é a palavra, amigo Sucre. É preciso fumar tudo o que se pode. É essa a questão.

Calam-se um momento. E novamente a voz pastosa do senhor Sucre:

– O que achas, Blay? Estou a pensar em voltar a expor no Salão de Outubro deste ano. Deixei passar tanto tempo sem ensinar nada, que muitos amigos devem julgar que já não pinto, que me dedico a outra coisa.

– Ah, estás a ver? Era o que eu te dizia. É isso.

Estão ombro com ombro sentados no banco de pedra, o capitão Blay com o seu café com cheirinho de anis num copo do bar Comulada e o senhor Sucre a abanar-se com um *paipay*. De pé diante de um dos flancos do quiosque onde estão pendurados os romances, Ringo capta-os pelo rabo do olho. Dizem mais do que sabem e ainda por cima dizem-no com zombaria, pensa, mas não pode deixar de escutar a sua converseta enquanto finge interesse pelo anúncio semanal de novas aventuras, a colorida exposição de bandas desenhadas, romances e almanaques pendurados com molas aos lados do quiosque.

– Certamente, o Pep é um homem de múltiplas facetas – diz o senhor Sucre. – A invisibilidade é uma delas. Às vezes penso nele como se já cá não estivesse, como se já tivesse morrido... Já ouviste falar do asfódelo, Blay, a planta que torna os mortos visíveis?

– Não. Nem Deus, nem amo. É esse o meu lema.

– É uma planta que nasce da própria rocha.

– Com os colhões! Como pode uma planta nascer duma rocha?

Ringo, ao ouvi-lo, pensa na rocha plana da montanha Pelada.

– O Pep é uma espécie rara de asfódelo – acrescenta o senhor Sucre. – No Rosales e em qualquer taberna é imprescindível. Julgo conhecê-lo bem, embora nunca deixe de me surpreender. Uma noite, no bar Comulada, convidou para uma bebida aquele mostrengo do Ramón Mir e esteve a

gracejar amigavelmente com ele... A propósito, dizem que o senhor regedor cada dia está pior. Ao que parece perdeu o tomate esquerdo a lutar na Divisão Azul.

– Ah, sim? Mais se perdeu em Cuba.

– Muito mais, homem, não vamos comparar! Ah, as glórias imperiais do passado já lá vão, Blay, e as infâmias do presente hão de ir igualmente, mas vá-se lá saber que futuro de merda nos espera! Acho que também vou pedir um café com cheirinho... Ena, olha para isto. Não é o filho do Pep o rapaz que está ali de pé, prestes a tirar uma banda desenhada do quiosque?

– É, pois. Achas que se prepara para fanar uma banda desenhada? Já é crescidinho para isso, não?

– Humm. Conheço homens de quarenta anos que leem banda desenhada. Repara: o rapaz está há muito tempo quieto e a disfarçar.

Ele sente os seus olhinhos como animais daninhos na nuca. O guinchar de um elétrico a travar na paragem, arrulhos de pombas a trotar pela praça, Rip Kirby a enfiar um murro a um meliante, um coelho e uma pistola a sair da cartola do Mago Merlin na capa do seu almanaque.

– Portanto – de novo a voz cristalina do senhor Sucre –, por detrás de tantas incursões à fronteira, tu pensas que há qualquer coisa importante.

– Importante? Isso não sei – responde o capitão Blay. – Há tempos que já nada é demasiado importante para mim.

– Ah, não? Ena. Quantos anos tens, Blay?

– Demasiados. Poça, muitos mais que tu!

– Não devias queixar-te. Hás de enterrar-nos a todos, tenho a certeza. Sabes uma coisa, Blay? Alguma vez te puseste a pensar que nos princípios do século a média de vida dos homens era somente de trinta e cinco anos?

A esta hora o sol de agosto morde a nuca pelada de Ringo, que aguenta impávido e com o ouvido atento.

– De qualquer maneira – acrescenta o senhor Sucre –, tendo em conta o país, trinta e cinco anos é mais que suficiente, não achas? Enfim, vou buscar o meu café com cheirinho. Mas eu quero-o de rum, é mais saudável... Estava a pensar que ultimamente aparece pouco pelo Cumulada, o Pep. É pena, não achas?

– Está constantemente a fumar, já te disse. Passa para o cheirinho de anis, porra, ainda me hás de agradecer... Bom, não sei se sabes que na passagem fronteiriça de Canfranc se pode obter um raticida francês mais potente que todos os que se vendem aqui, e mais barato. Passam-no de candonga pela fronteira. Aqui não temos bons raticidas, é coisa sabida. Claro que se trazem muitas outras coisas. Sei dum tal Massana que, evitando a Gestapo e a Guarda Civil, passava meias de *nylon* e quilos de sacarina, e aproveitava a viagem para passar judeus, espiões e aviadores... Mas hoje as coisas mudaram. Agora passam esse raticida infalível.

– Caramba! Olha que chamar raticida àquilo que o Pep traz! És grande. Meu caro Bray!

– Sim, podes rir. Mas pergunta ao Gaspar Huguet, o torrador de café. Ele dir-te-á que a única coisa que é precisa é o sinal.

– Que sinal?

– Um dia receberás um postal do Vale dos Caídos com o selo do Caudilho de cabeça para baixo. Será o sinal.

– O sinal de quê, Blay?

– Ah, ainda não se sabe. Mas será o sinal, podes tê-lo como certo.

O tilintar da colherinha no vidro do copo, a mexer o café com cheirinho, o ciciar compassado do *paipay* no ar quente e a seguir o chamamento do senhor Sucre:

– Eh, tu, rapaz!

Mete as mãos nos bolsos das calças, enterra a cabeça entre os ombros e vira-se depressa, semicerrando os olhos, desconfiado e eriçado de presságios como um gato.

– Sim, tu – diz o senhor Sucre. – Chega aqui um momento... Queres fazer-me um favor? Vai ali ao bar Comulada e pede um café com cheirinho de rum para mim. Diz que eu depois passo por lá para pagar.

Desempenha a incumbência remanchão e expectante e o café com cheirinho passa para as mãos magras com manchas de cor pastel, tons alaranjados, azuis e malva. Ringo olha-as, intrigado, ao mesmo tempo que tenta formular uma pergunta acerca do atual paradeiro do pai, quando já está acordado e de barriga para baixo sobre a almofada.

Não penses mais nisso, por favor, filho, não sejas teimoso, não lhe dêes mais voltas, aconselha-o a mãe no dia seguinte. Não anda sempre metido naquilo que tu julgas, de maneira nenhuma, nem só nem acompanhado nem muito menos com a mochila às costas e com passa-montanhas, onde vais tu buscar isso, e ainda menos levando armas. Meu Deus, isso é que não, nunca houve nada disso, não é assim que se deve vê-lo, nem agora nem antes, quando ainda havia alemães por ali... E da brigada não sabemos nada, e tão pouco do Manuel.

– Convém que não se mostre por uns tempos, mais nada – acrescenta. – Há que esperar. Depois logo veremos. Conformar-te com saber isso, por agora. Porque a verdade é que tudo continua na mesma. O teu pai está de viagem por causa do trabalho, e aqui em casa não estamos à espera dele, compreendes? É isso que dirás se te fizerem perguntas.

Ele tão-pouco sabe se isto vai durar muito. Com sorte, talvez uns meses. Quanto ao que havia na maleta que levou ao bar Mirasol, não deve preocupá-lo. A única coisa que tem de saber é que o pai e alguns amigos andaram a ajudar muitas pessoas, dentro e fora do país, assumindo riscos.

– Nada de que devamos envergonhar-nos, filho – acrescenta. – Pelo contrário. Ainda que te custe acreditar, quase tudo o que o teu pai fez foi para bem de alguém. Gostaria que não te esquecesses disso. E não me faças mais perguntas, por favor.

– Sim, já sei. Proibiu-te de me contares o que quer que seja.

– Enganas-te. Saberás o que há a saber em seu devido tempo. Mas antes de partir pediu-me que te ponha ao corrente de algumas coisas...

– Não é preciso – corta ele secamente. – Já as sei. Contrabando, não é? Ele e o tio Luis, e também Manuel, e certamente mais um ou outro da brigada. Na fronteira ou por ali perto, que eu procurei no mapa. Trazem café de contrabando ao senhor Huguet e torram-no juntos, às escondidas. E por isso vão prendê-lo, como contrabandista, não é?

– Oxalá fosse só por isso, filho. Oxalá.

Parece muito cansada. Agora faz turnos de dia tratando de uma velhota numa antiga torre da Praça Lesseps, e costuma deitar-se cedo. Mas hoje não o fará antes de tranquilizar o filho. Oxalá se dedicasse somente a isso, repete, embora o teu pai não houvesse de gostar de mo ouvir dizer. Porque o faz somente para ganhar umas pesetas aproveitando a viagem. Tabaco loiro, meias de vidro, conhaque francês, perfumes caros... Ora diz-me cá se vale a pena arriscar-se a ir para a prisão por tão pouca coisa.

– O que vale a pena – acrescenta –, o que realmente muitas pessoas lhe agradecem, é a outra coisa, o seu trabalho de carteiro.

– Carteiro?

– Recadista, se preferes. Leva e traz notícias de colegas às suas famílias. Encomendas, cartas, dinheiro... Faz de intermediário, digamos.

Porém não conta tudo, nem pouco mais ou menos, porque ainda não é tempo. Não lhe fala de Ramiro López, o irmão tão querido e saudoso da senhora Mir, velho amigo do pai e do tio Luis, não lhe diz que Ramiro tinha sido membro de uma rede de evasão na fronteira francesa, empregado na estação de Canfranc e colaborador íntimo do chefe da Alfândega, quando este estava ligado a um grupo da Resistência com agentes aliados que operava em Espanha. Não menciona de maneira nenhuma a relação do Mata-Ratos com gente da fronteira, não lhe diz que as suas atividades já não são as que eram seis anos atrás, muito antes de fecharem o túnel ferroviário, com o mundo em guerra; não rememora de maneira nenhuma as incursões que na altura, sim, eram perigosas, quando o comboio ligava Canfranc a Saragoça e Madrid e Lisboa, e o pai e o tio Luis recolhiam correspondência clandestina na fronteira e a entregavam em Saragoça para ser enviada à embaixada inglesa em Madrid, ou a traziam para o consulado de Barcelona; tão-pouco lhe diz que se faziam passar por atarefados caixeiros-viajantes com documentação falsa, transportando perfumes e meias de *nylon* e também fotografias e cartas camufladas entre as cuecas, e tão-pouco menciona as mensagens e os vistos que o consulado inglês daqui os encarregava de fazer chegar ao grupo de Ramiro López e ao chefe da Alfândega, vistos falsos para a entrada e o trânsito de militares aliados até Portugal ou Gibraltar, nem lhe revela que muitos eram judeus que fugiam da ocupação alemã em França. Não menciona nada de tudo isso porque já passou e não quer ler aquele medo nos olhos do rapaz; logo o saberá um dia, se o pai achar por bem contar-lho. A única coisa que lhe conta é que ele e o tio Luis começaram assim, a levar e trazer notícias

e dinheiro destinado a familiares de amigos que não podiam voltar, e que o faziam por intermédio de contactos na fronteira ligados ao irmão da senhora Mir, e que ainda andam nisso, a fazer favores, embora já tenham fechado o túnel de Canfranc e a guerra haja acabado há mais de três anos. E que, bem, é verdade, tinham-se dedicado ao contrabando, na realidade isso tinha sido a única coisa que os motivara ao princípio, algo que evidentemente ela nunca aprovara, algo que fora e continuava a ser motivo de surdas desavenças e desgostos. E de qualquer maneira, filho, não fiques a pensar que aquilo que trazem para casa é grande coisa, uns biscates para ir desenrascando, claro que com isso não vamos deixar de ser pobres...

*

Uma semana depois aparecem dois polícias com um mandado de busca, que só executam parcialmente e de modo rotineiro. Nesse dia Ringo não está em casa. A mãe contar-lho-á à noite sem mostrar a menor inquietude. Tudo isto era previsível, filho, e eu já o assumi há muito tempo. No dia seguinte é convocada ao Comissariado Superior da Polícia da Vía Layetana e submetida a um interrogatório, que lhe parece igualmente rotineiro e até atencioso. Não pareciam agentes da Social, dirá depois. Diversas perguntas sobre o paradeiro e as atividades ilegais do marido e de outros membros dos Serviços Municipais de Higiene, Desinfecção e Desratização, obteriam a mesma resposta: a brigada foi executar um serviço a Gerona, numa fábrica de tecidos nas margens do rio Oñar, e desde então não teve mais notícias do marido e tão-pouco sabe quando vai voltar. Não é do seu interesse mentir, minha senhora, digo-lho para seu bem. Já vê, é que o meu marido costuma comportar-se assim, é bastante desrespeitador e estavanado, mas não posso acreditar que tenha feito mal a ninguém, isso não. Dessas viagens a Saragoça e a Canfranc não sei nada e o meu filho também não, e ainda menos da sua relação com gente do mercado negro ou do exílio.

– E tu dirás o mesmo se te fizerem perguntas, filho. Que não sabes nada – previne-o enquanto cose umas peúgas sentada na sua cama, junto da mesa de cabeceira e com a lâmpada como uma palpitação de luz vermelha ao lado da imagem do Menino Jesus de Praga. Como de costume, a integridade e a discrição animam as suas palavras, preservando do medo e do desespero a precária ordem da casa, este frágil arremedo de lar a coberto da inclemência das noites como esta, quando, demasiado cansada para sair, pede ao filho que vá a casa da senhora Mir levar-lhe da sua parte um saco com roupa usada.

– A Victoria recolhe roupa todos os invernos e leva-a para a paróquia e para o Auxílio Social, onde tem amigas enfermeiras que a distribuem. É para gente necessitada. As freiras do lar deram-me algumas peças de vestuário em bom estado. Põe o cachecol e tem cuidado, filho. Já é de noite e faz frio.

É um saco de lona com franjas brancas e azuis e asas de madeira em forma de argolas, gordo e bastante pesado, um saco que antes nunca tinha

visto em casa. Põe-se em marcha e a meio do caminho, perto de esquina do Carrer de Sors com o de Martí, junto da boca da valeta, uma lata de conservas vazia e amolgada espera-o para receber o pontapé. Sempre gostou de pontapear latas, mas desta vez passa de largo abrigado nas sombras, com um vago sentimento de clandestinidade e perigo. Até ao ponto de que, um pouco mais além, para debaixo da luz de um candeeiro e sigilosamente abre o saco e examina o seu conteúdo. Dois pares de calças e uma velha camisola, um cachecol, blusas e uma saia plissada, peças com um ou outro remendo e por passar a ferro, mas lavadas. E debaixo de tudo, três camisas engomadas e perfeitamente dobradas e abotoadas, três camisolas interiores e três cuecas igualmente dobradas, quatro pares de peúgas e um pijama às riscas. A sua mão ainda está a tatear no fundo do saco quando depara com um frasco de loção para a barba Floïd, uma carteirinha de lâminas de barbear e um estaladiço saquinho de café torrado, daqueles que o Mata-Ratos traz para casa ao voltar do torrador.

Rezou para que seja Violeta a abrir-lhe a porta. É, porém, a mãe, de roupão e chinelas, rolos no cabelo e com a cara redonda por pintar flutuando entre as sombras do vestíbulo como uma lua pálida e fantasmal. Ao ver o rapaz surpreende-se, mas sorri-lhe logo a seguir. Não acende a luz. Está a descascar uma tangerina com os dedos e no pulso tem uma enorme pulseira de fantasia dourada.

– Onde vais a estas horas e com este frio, rapaz?

– Trago-lhe isto da parte da minha mãe.

– Ah. Muito bem, querido. – Apossa-se rapidamente do saco e fica uns segundos à espera de que ele diga mais alguma coisa, olhando-o com o seu sorriso de boneca de celuloide. – Como vai a nossa querida Berta?

– Queria vir ela, mas não está lá muito bem. – Assoma a cabeça e metade do corpo, perscrutando o vestíbulo e o corredor às escuras. – A Violeta não está?

– Foi-se deitar agora mesmo. Estava aborrecida, coitada. – Mantém a mão na porta, sem a abrir de todo. – Estávamos as duas sozinhas, a ouvir rádio... Querias dizer-lhe alguma coisa, meu amor?

A mão sapuda experimenta uma festa no seu queixo. O cheiro da tangerina nos dedos. Porque tem hoje aquela voz de gatinha ferida e mais melosa que de costume? Ao fundo da casa, do lado da galeria, soam vozes exultantes num rádio.

– Não, não faz diferença.

– Eu digo-lhe que perguntaste por ela. Há de ficar contente. – Deposita o saco no chão e ouve-se o tinido do frasco de Floïd. O seu olhar perspicaz e risonho não se altera. – Não te digo para entrares, porque já deve estar a dormir. Mas se quiseres que lhe dê algum recado... Já sabes que todos os domingos a levo ao baile de La Lealtad. Prometeste vir um dia, querido, prometeste, ou já não te lembras?

– Lembro, sim. Bem, tenho de ir.

Mas não se move, e não sabe muito bem porquê. Olha para ela como se estivesse à espera de que ela diga mais alguma coisa. Bruscamente, encolhe a perna direita e, com o punho na braguilha, fingindo uma premência vexante, baixa a vista e entoa com voz lastimosa:

– Oh, senhora Mir! Oh, por favor! – improvisando uma grotesca tramoia de ator cómico, escondendo-se atrás de uma máscara dolente. – Oh, a senhora desculpe, mas pode deixar-me ir num instante à casa de banho? É que não aguento mais, está-se-me mesmo a escapar...!

– Pois com certeza, filho, era o que faltava! Vem comigo.

A casa de banho fica ao fundo de um cotovelo que se abre à direita do corredor, antes de chegar ao quarto de Violeta. Ele acende a luz e a seguir fecha a porta. Um compartimento limpo e arrumado, e com pormenores em atenção às visitas. A tampa da retrete forrada com uma pele de cabra. O tapetinho de felpa diante do bidé. O espelho impoluto e orlado de decalcomanias de flores de cores vivas. O ralo do duche reluz sobre a imaculada banheira. Um armário branco com toalhas dobradas, dois roupões atrás da porta, um branco e outro cor-de-rosa, toucas de banho, uma caixa de cartão cheia de rolos e muito equipamento feminino de escovas e pinças e boiões alinhados numa prateleira de vidro. E, metida num copo, uma máquina de barbear... que bem podia ser dela, para depilar as pernas. Mas há qualquer coisa mais suspeita: ao levantar a tampa da retrete – porque de súbito sente verdadeiramente vontade de mijar, e lembra-se de que no simulacro do bar Mirasol lhe aconteceu a mesma coisa –, na água estagnada vê uma beata a flutuar, a desfazer-se no meio de uma ténue afusão amarelenta. Não consegue imaginar Violeta a fumar cigarros aqui, fechada e às escondidas, mas a mãe, quem sabe... Puxa o autoclismo e hesita se há de lavar as mãos. Fá-lo e ouve a voz da senhora Mir do outro lado da porta: Tira uma toalha lavada! Ao sair depara com ela, que o olha com um sorriso atento e a segurar o saco. Não se mexeu dali.

– Tudo bem?

– Sim, senhora... Bem, vou andando.

Não o percebeu ao entrar no andar tão depressa e a fingir a urgência, mas agora, quando alcança de novo o vestíbulo e se apresta a sair, o seu nariz capta o suave aroma a café torrado que se desprende da roupa pendurada no cabide, muito perto da porta, vários abafos que a escuridão não lhe permite distinguir. Nessa altura para, com as fossas nasais dilatadas, e sente no braço a mão dela.

– Espera, filho. – Retém-no no umbral, olhando-o com olhos risonhos e perspicazes. – Acho-te um bocadinho atordoado, sabes? – Enrola-lhe o cachecol à volta do pescoço, afasta-lhe a franja da testa. – Queria perguntar-te uma coisa, se não te importas... Sei pela tua mãe que ainda gostas de ir passear ao Parque Güell e à montanha Pelada. Que bonito... Bem, o caso é que queria perguntar-te se por acaso tens visto por lá o senhor Alonso. Lembras-te dele, não lembras? É que tenho de lhe dar um recado, esqueci-me de dizer

uma coisa importante a esse homem, sabes?

– Não, senhora, não o tenho visto. Aliás, ultimamente vou pouco...

– Pronto. Era para o caso de algum dia o encontrares. Podia ser, quem sabe... E agora toca a correr para a casota. E fica descansado, querido, eu digo à Violeta que perguntaste por ela.

– Sim, obrigado. Adeus.

– Muito cuidado nas escadas, que há pouca luz. E lembra-te da tua promessa!

Começa a descer e volta-se antes de ela, que continua a olhá-lo e a sorrir-lhe atrás da porta entreaberta, acabar de fechá-la muito devagar. O inesperado perfume do café torrado e a sugestão do enigma acompanham-no na escuridão até ao último degrau do rés do chão, devagar e tateando o corrimão, de modo que tem tempo de imaginar a senhora Mir a regressar à sala de jantar com o saco na mão depois de fechar a porta de casa, pode vê-la a esvaziar o saco na mesa e a separar as camisas engomadas da roupa usada e com remendos, pôr de um lado o pacote de Chesterfield e o frasco de loção de barbear Floïd e as lâminas de barbear, a abrir o saquinho de café torrado para o cheirar e finalmente a sorrir ao homem que faz uma paciência sentado a uma esquina da mesa, certamente de camisola interior e embrulhado num lençol; e vê-a também a ela sentada com o moinho de café no regaço e a dar à manivela, sorrindo todo o tempo, contente por poder ajudar a sua infeliz amiga Berta e por oferecer ao hóspede clandestino outra chávena de autêntico e aromático café-café... Sim, no lar de um falangista, porque não. Está a vê-lo sentado à mesa e a baralhar as cartas uma e outra vez, pensativo, com o fumo do cigarro a enroscar-se-lhe na cabeça tombada, despenteado, com a barba por fazer, arisco, blasfemo e mais clandestino que nunca. Agora é que estamos mesmo no cu do mundo, pai! Conhaque de garrafa num cálice, beatas de tabaco loiro num cinzeiro repleto. Só vou estar um par de dias, querida Vicky. Uma vez amável, outras vezes irritado. A boa mulher ressoa toda a noite e só tem conhaque de garrafa. Ajuda-a na cozinha. De vez em quando dorme de bruços em cima da mesa na qual o ex-regedor comia. A ouvir rádio. A olhar para o bonito traseiro de Violeta quando ela se aproxima pelo corredor ajustando o roupão. Escondido no quarto de cama quando aparece uma doente para as suas fricções ou para uma receita de ervas ou um alívio para os joanetes. Uma fotografia de José Antonio de perfil numa moldura prateada. Um par de dias somente, hospitaleira amiga... Sim, bem vistas as coisas, que melhor lugar do que este? Quem se lembraria de procurá-lo em casa de um regedor ex-combatente, um lar abençoado pelo Sagrado Coração?

– Mas que dizes! – A mãe ri-se com vontade, mas virando-lhe as costas. – Olha que essa é boa! As coisas que te lembram, filho!

Ainda não se deitou, embora já tenha a camisa de dormir vestida. Está no quarto, a arrumar o roupeiro.

– Eu vi o que ia no saco, mãe...

– Ah, sim? É tudo para uma obra de beneficência.

– ... E o andar inteiro cheirava a café torrado, daquele que o pai traz para casa.

– E depois? Não é a primeira vez que eu ofereço um pouco de café à Victoria. Que tem isso de estranho? – Fecha o roupeiro e volta-se para ele, um tanto abespinhada. – Olha, tu e eu não podemos saber onde está o teu pai. A única coisa que sabemos, já te disse, é que foi de viagem e ainda não voltou.

– Isso já eu sei, não é preciso que o digas...

– O melhor seria que não soubesses nem isso, que está de viagem. – Com olhar vivaz e um tanto galhofeiro, ao mesmo tempo que apanha o cabelo na nuca, sorri-lhe. – Não sei se me percebes, filho... Repara, os primeiros dias são os piores. É preciso sair de casa, e o mais depressa possível. Qualquer outro sítio serve... desde que se conte com a amizade e a confiança da pessoa que no-lo oferece. Mas não em casa da Victoria! É só por uns dias, enquanto decide um lugar mais seguro... E bolas, pobre Victoria, caso se viesse a saber! Não lhe faltava mais nada senão isso, com a reputação que tem! Percebes-me, filho?

Mas mais tarde ela admitirá que talvez, com efeito, o pai possa ter-se alojado provisoriamente em casa da senhora Mir. Dois dias e uma noite, não mais. Depois partiu dali para se refugiar não se sabe onde, e a partir deste momento nega-se a responder às suas perguntas e não o informa de nada. Não obstante, no decurso do mês seguinte, um novembro sombrio e desagradável, observando o comportamento da mãe, interpretando os seus obstinados silêncios e as suas recaídas na tristeza, Ringo chegará à conclusão de que ela e o Mata-Ratos se encontraram secretamente em casa da senhora Mir, depois de ele a abandonar, pelo menos um par de vezes, sempre de noite e aos domingos.

Tudo começou no dia em que a mãe, enquanto arrumava coisas num saco nas suas costas – ele conseguiu ver um pacote de tabaco loiro e uns envelopes de correio –, se queixou de fortes dores de cabeça e cervicais e anunciou que nessa noite iria a casa da sua amiga Victoria. Preciso de uma pomada milagrosa daquelas que ela prepara, disse. Repetirá a visita duas semanas depois, também num domingo e de noite, e em ambas as ocasiões, pelo seu estado de espírito ao regressar a casa, mais desalentada e angustiada do que ao sair, Ringo deduz que se avistou com ele. Dá a entender que o sabe, e sente-se imediatamente envolvido por um olhar perscrutador e carinhoso que nega os encontros e o proíbe terminantemente, com os olhos húmidos, de falar do pai em casa e em qualquer lado, para bem de todos, de muita gente, e até acaba por lhe dizer que o melhor é não pensar mais nele, ou pensar nele como se já tivesse morrido ou como se tivesse partido para não voltar. Ringo interpreta-o como o desejo de libertá-lo de qualquer sentimento em relação ao Mata-Ratos que implique a obrigação de justificá-lo ou protegê-lo, ou de indagar as suas atitudes secretas e o seu paradeiro atual.

Não obstante, e como que desmentindo com isso os seus próprios receios e prevenções, apressa-se a informá-lo de outras obrigações urgentes. A

primeira e mais importante, salvaguardar o posto de trabalho do pai no torrador noturno do senhor Huguet, bom amigo e protetor da família. E explica-lhe: prevenindo o que podia acontecer, há já tempos que o pai tinha chegado a um acordo com o senhor Huguet para que, em caso de ter de se ausentar mais tempo que o previsto, permitisse que o rapaz o substituísse, na espera do seu regresso.

– Não me agrada que tenhas de ir, filho, mas precisamos do dinheiro. São cinquenta pesetas por semana que nos dão muito jeito. É um preço de favor que o senhor Huguet nos faz. Hás de ser um bom ajudante, o senhor Huguet não vai ter razão de queixa de ti, tenho a certeza.

– Pois claro que não. Não te preocupes.

Sabe o que o espera, embora não por quanto tempo. Certa vez o pai falou-lhe deste trabalhinho extra que se devia à generosidade e à confiança que o senhor Huguet lhe concedia. Viúvo e com duas filhas solteiras, o senhor Huguet tinha sido fator da RENFE na estação de Sants, emprego que perdera ao ser denunciado pelo seu passado anarcossindicalista. Um cunhado seu, que tem uma mercearia importante na Rua Aragón, meteu-o no negócio da torrefação. A instalação e o manuseamento do torrador não exige um grande esforço, comentara certa vez o Mata-Ratos com ele, apenas um pouco de jeito. Há anos o senhor Huguet fazia-o sozinho, mas já está velho e precisa de ajuda. Quatro dias por semana, segundas, quartas, sábados e domingos, há que levantar-se às duas da madrugada e sair à rua bem agasalhado, embora a casa do senhor Huguet fique perto, três minutos a pé até à passagem Oliveras, uma viela recôndita próxima do campo de futebol do Europa. O senhor Huguet abrir-te-á a cancela do jardim embrulhado num velho roupão de banho e num grande cachecol. Com a lanterna na mão e dando tropeções, guiar-te-á até ao telheiro, onde já tem aceso o petromax que emite todo o tempo um assobio rancoroso. Deverás preparar a lenha para o lume e os suportes de ferro que sustentam o tambor para onde irá a mistura de café e açúcar. Huguet faz essa mistura pesando cuidadosamente as partes numa balança enquanto eu trato do lume. Não esperes muitas palavras de Huguet, não é homem dado à conversa. Depois, cuidado para manteres a chama sempre igual, a fim de que o calor não se altere, a seguir tudo estará em dar voltas e mais voltas à manivela fazendo rodar sobre o lume a esfera metálica onde se vão torrando os grãos de café açucarados. A massa do café torrado gira e torna a girar dentro do tambor com um rumor de ondas numa praia pedregosa, e, caracas, acreditas que isso é a única coisa que se ouve durante três horas enfiado naquele barracão?, explicará Ringo ao Quique. Mas não é um trabalho que mate. Pode-se fazê-lo sentado numa banquetta ou no chão, e entretanto o senhor Huguet coloca a peneira onde despejaremos o fumegante torrefacto, quando estiver bem torrado, e onde o deixamos arrefecer um bocado, e depois só resta apanhar os grãos com uma pequena pá e ir enchendo os saquinhos de papel acetinado, um quarto de quilo em cada um deles, e pronto. Quando saio, o senhor Huguet oferece-me um saco para a minha mãe.

De volta a casa com o cachecol a tapar-lhe o nariz e as orelhas, caminhando sozinho pelas ruas desertas, solitário e furtivo e cheio de fúria sob a macilenta luz dos candeeiros e dos ramos despidos das tílias do Paseo del Monte, os dedos perfumados pelo café torrado põem-se a dedilhar no ar limpo da madrugada.

*

Em meados de dezembro e de repente, o frio torna-se tão intenso que ao entardecer as vidraças embaciadas do Rosales só permitem ver uma mancha de luz difusa e amarelenta no interior. A janela junto da qual Ringo se senta a ler recolhe de vez em quando figuras que passam vergadas e pressurosas pela rua, esfumadas silhuetas a confundirem-se com as persistentes sombras da imaginação. Porque em questão de poucos dias, além da chegada do frio e do trabalho noturno no torrador, registaram-se algumas novidades que na taberna adquirem uma especial ressonância. A primeira é que, graças à sua melhorada saúde e ao seu bom comportamento no manicómio de San Andrés, são concedidos ao ex-regedor Mir quinze dias de licença para passar as festas do Natal e Ano Novo em casa, na companhia da mulher e da filha. Diz-se desde há tempos que já não reconhece nenhuma das duas, que está chalado de todo e sem conserto possível, mas não há de ser verdade; não de todo, pelo menos. Um entardecer chuvoso veem-no apear-se de um táxi defronte da casa apoiando-se no braço de Violeta, pálido, muito mais magro e com o olhar mortiço, mas com o mesmo perfil belicoso e rapinador de sempre, impecavelmente penteado e com mais brilhantina e tenebrosa viscosidade no cabelo do que dantes. A senhora Paquita diz que enjoou no táxi e por isso parecia doente, que o tratamento está a correr às mil maravilhas e por isso lhe permitem comemorar estas festas tão íntimas em família. Por isso e pela sua boa conduta.

– Não é verdade – diz o gordo Agustín atrás do balcão, onde nunca se sabe se está de pé ou sentado. – Nenhum doido perigoso é solto por boa conduta.

– Soltaram-no com autorização da autoridade militar – comenta o senhor Carmona na mesa do tute de leilão. – Ou dos falangistas. Dos seus, pronto.

– Também não! – refuta o taberneiro, colocando três copos de vidro grosso para os cafés com cheirinho. – Vamos lá a ver quem adivinha.

– A autorização deve ter sido dada pelo seu enfermeiro particular – opina o senhor Rius, dando cartas do baralho com a maior parcimónia. – Tratando-se dum regedor que foi cozinheiro na Divisão Azul, há de ter o seu enfermeiro particular, digo eu, e só ele pode dar o beneplácito...

– Mas não! Quem dá a autorização e o beneplácito é a mulher dele. Isso é mais que claro! – insiste o senhor Agustín, servindo os copos na mesa dos jogadores. – Porquê? Ora, porque julga que o marido já não tem consciência de nada, de tão chalado que está. Se não, para que ia ela trazê-lo para casa,

quando ainda espera repescar o fulano... Já viste alguma família mais chanfrada do que aquela, que tudo deve ao facto de o marido ter ido para a Rússia dar tiros?

– Já chega, Agustín, por favor! – protesta a irmã. – Pobre Vicky. Foi a filha que o tirou de lá. E digam vocês o que disserem, curaram-no. Não parece o mesmo.

– Eu nunca acreditei que ele estivesse doido de todo, Paqui – diz o senhor Carmona. – Mas é verdade que parece outra pessoa.

– Qual outra pessoa nem qual carapuça! – explode o senhor Agustín. – É o mesmo vaidoso de sempre. Já não anda fardado por aí, nem grita nem se mete com ninguém, é verdade, mas é vê-lo aqui duas vezes por dia a reclamar o seu copinho de Tío Pepe e a armar-se em distraído na hora de pagar. Sempre saiu sem sequer agradecer e pretende continuar a fazê-lo, pelos seus olhos bonitos e pela sua camisa azul, o grande cabrito. Será outra pessoa, mas quando pode aproveita-se das pessoas... Ontem veio com a ideia de continuar a cobrar a contribuição do Auxílio Social e o donativo para os seus Acampamentos Juvenis a troco de não me denunciar por vender tabaco loiro. A mesma cabronice de antigamente, quando era regedor. E consta-me que anda a reclamar noutras tabernas do bairro.

No contacto direto, insiste o senhor Agustín, mostra laivos do sujeito abusivo e mandão que nos chateou os cornos, vestígios duma grosseria que muitos deram por felizmente liquidada com aquele tiro de pistola na escadaria do santuário de San José de la Montaña, e enganaram-se.

– Ainda há quem baixe a vista diante dele, meus senhores, para o caso de não terem dado por isso. Porque, chanfrado ou são de cabeça, é o mesmo de sempre.

Vendo-o caminhar pela rua, devagar e com aspeto pensativo, ou parado diante do balcão do Rosales, a olhar com fixidez para o seu copinho de *manzanilla* e sem mostrar interesse pela clientela nem desejos de falar com ninguém, nem sequer de repreender a algaravia juvenil à roda dos matraquilhos, dir-se-ia com efeito que é um homem novo. O seu olhar é mais sombrio, está mais magro e veste roupas folgadas que não lhe são próprias, um casaco de bombazina que parece de outra pessoa e às vezes uma boina preta enterrada até às orelhas, mas o mais inédito é uma atitude ensimesmada, uma gestualidade retardada e reflexiva, como se lesse no ar as instruções do que deve fazer ou dizer. Não obstante, segundo tarda muito pouco a saber-se, essa aparente formalidade não o impede de gozar os quinze dias de liberdade que lhe foram concedidos, e de surpreender com algumas escapadelas de casa. Assiste aos ofícios religiosos de Las Ánimas e à missa do galo acompanhado pela filha, inclusivamente à cerimónia do Natal do Pobre, erguido ao pé do altar e rodeado pela Congregação de Damas Piedosas, e também à representação teatral de *Os Pastorinhos de Belém* a cargo do Grupo de Teatro da paróquia, mas apesar dessas pontuais comparências piedosas, que os paroquianos comentam e celebram, outros testemunhos e rumores, de origem

tabernária e maldizente, é certo, pretendem que o ex-regedor sempre foi hipócrita e um beatão e ao mesmo tempo um debochado e um mulhereço, ou, para sermos mais precisos, um inveterado putanheiro. Poucos dias antes da festividade dos Reis, comenta-se jocosamente no Rosales que foi visto no bar Quimet da Rambla del Prat na companhia de uma *manhosa*, com uma guitarra nas mãos e a comer amendoins que ela lhe ia atirando para a boca. Roger e o mais velho dos Cazorla confirmam-no, estavam lá e partiram-se a rir com a sua atuação. Também se diz que outra noite o viram entrar no Panam's, um ca-barezeco das Ramblas, e o Quique, bem, o Quique afirma que não deve estar assim tão chalado, porque anda com dois ou três preservativos no bolso, que ele bem viu.

Passadas as festas natalícias, numa tarde chuvosa, Violeta e o pai dirigem-se sob um guarda-chuva rua abaixo até à Praça Rovira, onde esperam que passe um táxi. Nesse dia é que o ex-regedor parece outra pessoa: triste e abatido sob o guarda-chuva que Violeta segura, com a boina até às sobranceiras e a olhar obsessivamente para as mãos, deixa que a filha o agasalhe com o cachecol e lhe aperte um botão da gabardina. Pouco depois apanham um táxi e desaparecem debaixo da chuva em direção a San Andrés. Daí a três dias, atacado por uma doença hepática, o senhor Mir é internado de urgência no Hospital del Mar.

Mais ou menos por esta altura, exatamente três dias depois de perfazer os dezasseis anos, num dia onze de janeiro ao cair da tarde, Ringo está a ler na sua mesa do Rosales quando Roger entra dizendo que mataram uma mulher no cinema Delicias. Mas não na plateia, nem sequer nos sanitários ou no vestíbulo, e sim na cabina de projeção. Uma história estranha, um mistério, consoante se iam conhecendo mais pormenores. A vítima é uma prostituta e foi encontrada estrangulada com uma gravata preta em cima de uma pilha de bobinas enlatadas junto do projetor. Dizem que o assassino é o projecionista, e que a polícia o encontrou sentado na última fila da plateia quando o filme ainda não tinha terminado. De momento nada mais se sabe. Evacuaram o cinema e fecharam-no e selaram-no por ordem governamental. O Quique e um rapaz da sua rua, que entraram à má fila na sessão da tarde, dizem que houve um corte de filme que durou mais que a conta. Levavam *A Rua sem Sol* e *Gilda*, que se partiu quando ela no casino começa a abrir o fecho de correr do vestido dizendo não me entendo com os fechos de correr, mas se alguém quiser ajudar-me... e então um admirador de entre o público oferece-se. Foi aí que o filme se partiu, explicou o Quique, e acrescentou que ele já o esperava, porque como é que não haviam de cortar um filme assim, com uma gaja tão boa a pôr-se toda em pelota...

No decurso dos dias seguintes saber-se-iam mais coisas: que a *manhosa* era uma chinesa muito bonita, ex-acrobata e artista de variedades, que tinha sido alguma coisa mais que amiga do ex-regedor Mir e que não fora estrangulada com uma gravata, mas sim com uma meia preta.

– Com um filme – afirma o senhor Agustín. – A funcionária da bilheteira

viu-a quando estavam a levá-la. Diz que foi o próprio assassino que chamou a polícia, mas que depois não se soube explicar, ficou meio abananado.

– Parece que a morta tinha o casaco vestido, mas nada por baixo – arriscou o Quique.

Não se fala de outra coisa durante algum tempo, especulando sobre a personalidade da vítima e os motivos do assassino; se a teria matado por ciúmes, se ela vivia ao cimo da Rua Verdi e tinha um filho, que não era uma puta chinesa mas sim aragonesa, e também que a tinham visto muitas vezes a entrar ou sair da esquadra de polícia da Travesera. Até que o tema se esgota e o animado colóquio dos fregueses deriva para outros assuntos, e o mesmo acontece com a mexeriquice sobre a recuperada estabilidade mental de Ramón Mir atribuída ao seu recente e decidido vício da folia e do putedo, de modo que tudo acaba novamente diluído no limo invernal pelo qual os dias resvalam, na cinzentidão uniforme que o bairro e a cidade suportam como um estigma, e uma pessoa volta a pensar que as coisas que na verdade importam na vida devem ser outras e acontecem longe daqui, longe de nós. Ora vejam lá se não é, rapazes: Larry Darrel renuncia à belíssima Isabel e empreende a rota do Himalaia à procura da fonte da sabedoria no fio da navalha, o jovem Nick Adams contempla as trutas que movem as barbatanas afrontando a corrente veloz do rio dos dois corações, Jay Gatsby rema afanosamente no seu pequeno bote rumo ao luxuoso iate de um *gangster*, rumo a um sonho que será a sua perdição, e Ringo instala-se uma vez mais na sua mesa da taberna junto da janela e observa o declinar da tarde sobre a rua que, tal como todos os domingos a esta hora, parece repentinamente inóspita e abandonada.

Daí a pouco, a senhora Mir e Violeta saem de casa e descem pelo centro da calçada de braço dado, penteadas no cabeleireiro e endomingadas. Caminham com nervosa urgência, cochichando e apoiando-se uma na outra. Uma vez mais, a mãe acompanha a filha ao baile do Verdi, ou talvez ao da Cooperativa La Lealtad. Segundo comentários da seita, a escolha do local era com a mãe e dependia sempre das expectativas que no domingo anterior as atenções e boas maneiras de algum jovem para com Violeta pudessem ter suscitado: quantas vezes a tinha convidado para dançar, se lhe tinha oferecido ou não um refresco, se o rapaz falava bem, se lhe dava conversa ou se só queria encostar-se e roçar o marsapo. A mãe tem olhos na nuca, dizia o Quique, antes que um gajo se entese já sabe onde ele quer chegar.

Como todos os domingos, ao passar defronte do Rosales a senhora Mir larga o braço de Violeta e entra para cumprimentar a senhora Paquita.

Às vezes, depois da pergunta habitual, fica a conversar com ela uns minutos e bebe um copinho de conhaque. Violeta espera por ela na rua, passeando para cima e para baixo pelo passeio com ar pensativo e exibindo um surpreendente cabelo encaracolado em redor da tez pálida, um casaquinho de fazenda cinzenta com abas e punhos de veludo, luvas de lã vermelha e sapatos lilás de meio salto. Uma vez mais, a mãe disse-lhe que sai já, que é questão de um minuto, mas ela sabe que não. Sabe que, se termina o primeiro

copo de um trago, pedirá o segundo para o esvaziar aos golinhos e perder a noção do tempo.

– Serve-me outro, Paqui – diz a senhora Mir, com os cotovelos no balcão.
– Estou a maltratar o fígado, mas não tenhas medo, minha rica, que ele aguenta. E assim vou com o coração mais quentinho. Até à Rua Montseny é um bom estirão e faz muito frio.

– Porque é que não vais ao Salão Verdi, que fica mais perto?

– É que em La Lealtad toca a orquestra de Mario Visconti. O vocalista é encantador, e muito melodioso... Bem, a minha filha gosta.

Di-lo tossindo e sem olhar para a amiga, hoje não quer ver-se refletida nos seus olhos críticos. Está vestida e pintada de modo tão espampanante que dá a impressão de ter em cima mais coisas do que uma pessoa consegue captar à primeira vista. Enchouriçada num casacão de lã cinzenta com gola de pele de coelho, deixa entrever uma blusa de cor vermelho-cereja que faz jogo com o furioso batom dos lábios, e mostra-se nervosa, friorenta e vulnerável, com a voz rouca e enfermiça, recomposta toda ela por intermédio de uma maquilhagem primorosa que lhe terá levado horas mas que não conseguiu disfarçar as profundas olheiras nem o ricto amargo da boca, e tão-pouco resgatar a vivacidade dos olhos, a chispa alegre e imprevisível do olhar, que foi sempre a sua mais eloquente resposta ao mundo. O seu rosto já não consegue aquela transformação radical que suscitava cruéis zombarias, e debaixo dos laboriosos cosméticos assoma agora a mulher amarrada aos quotidianos pormenores da vida e a um casamento desfeito. O casacão cheira a carneiro molhado e traz pendurada ao ombro uma grande mala de pele com franjas de trancelim. Aos puxões e ansiosamente, descalça as luvas e as pesadas pulseiras tilintam quando com mão trémula chega o copinho aos lábios, ocultando-o com a outra mão em concha, como se o protegesse do vento ou de olhares alheios.

– Já te viste ao espelho, Vicky?

– Mais do que quieria, minha linda. Não me repreendas.

Depois de cada gole fica uns segundos pensativa.

– Não estás com boa cara – diz a taberneira. – Devias ficar de cama. Porque é que não deixas a Violeta ir sozinha?

– Ai, sozinha! Há quantos anos é que não vais dançar, riqueza? Há muito gandulo por aí, sabes? Só de os ver, até tenho arrepios. – Semicerra os olhos borrados de rímel e fatalidade e acrescenta: – Hoje a juventude é cruel, Paqui.

Levanta o ombro e esfrega com ele a orelha num gesto meigo que sugere sumptuosas peles a acariciarem-lhe o pescoço, suspira e rebusca afanosamente na mala até tirar um maço de Chesterfield. Fica com o cigarro preso entre os dedos, mas não o acende. Balança-o habilmente, ensimesmada.

– A tua filha está a gelar na rua – diz a senhora Paqui. – Diz-lhe que entre, mulher.

– Ela prefere esperar lá fora.

– Não percebo porque é que não a deixas entrar.

– Eu deixo. Ela é que não quer.

– Diz-lhe que lhe ofereço um garoto, anda.

– Eu? Diz-lho tu. Sai e diz-lho, e vais ver o que te responde.

– Porquê? Que tem ela?

– Acho que é por causa daquela seita dos matraquilhos. Diz que fazem troça dela, que são uns ordinários. Nem os quer ver, e com razão. Os rapazes de hoje em dia são uma boa merda.

– Mas já não estão cá. Há um bocado que se foram embora.

– Tanto faz. Ela é muito teimosa, bem sabes.

– Eu diria que ela não gosta de te ver aqui, Vicky. – Enche-lhe o copinho de água de sifão até à borda. – Toma. Esta é a única coisa que devias beber.

– Ah, já o podes deitar fora. – E, com um risinho nervoso: – Já suprimi a água de sifão da minha dieta, querida, faz-me azia.

– Olha, não acho graça nenhuma a isso.

– Ai, Paqui, aborreces-me! Esta tua criada tem as suas obrigações, compreendes? O meu marido no hospital, não sabem se terá de ser operado, e eu de cá para lá todo o santo dia. E se soubesses a maldita vontade que tenho de ir ao baile, com este frio. Mas é preciso alegrar um pouco a vida a esta miúda. Que outra coisa posso fazer? É tão estranhazinha, coitada. Como é que lhe vamos arranjar namorado, se nunca sai de casa? – Observa a filha na rua através do vidro embaciado da porta. – Olha para ela. Quando se arranja um bocadinho fica gira, não achas, Paqui? Ora diz lá.

Com muito poucas variantes, com ou sem permanentes, com ou sem imaginárias peles de luxo nos ombros, mas sempre com Violeta à espera dela na rua, a cena repete-se todos os domingos, um prelúdio habitual antes de se dirigir ao baile. Também aos dias de semana e a qualquer hora. Sempre que a senhora Mir passa diante da taberna, à ida ou à volta dos seus assuntos, para e entra, e a consabida pergunta, a única e verdadeira razão pela qual entrou, a pergunta que não parece disposta a deixar de formular por muitos baldes de água fria que leve, precede amiúde o cumprimento e qualquer outra forma de cortesia, incluindo o urgente pedido de bebida:

– Alguma novidade, Paqui?

Pela primeira vez, a senhora Paquita deixa transparecer na resposta uma hostilidade mal controlada, apesar do tratamento carinhoso.

– Novidade? Que novidade, queridinha?

– Ora que caraças! A minha carta, que novidade é que havia de ser?

– Outra vez com isso? Não, não chegou carta nenhuma.

– Que tens tu, riqueza? Estás zangada comigo?

– Estou... cansada, Vicky.

– Só te fiz uma pergunta. Será que já nem posso perguntar?

– Eu avisei-te, disse-te que não alimentasses muitas ilusões...

– Ah, bolas, essa é boa! O que me disseste foi que era preciso esperar, não te lembras? Foi isso que me disseste... Ou será que sabes mais alguma coisa e não dizes?

– Claro que não, Vicky. Mas eu, se fosse a ti, esquecia-me dessa carta duma vez por todas... Enfim, não estaria à espera dela. Já não.

– Ah, mas eu não sou tu, minha querida!

Di-lo desafiante e delambida, sorrindo com o cigarro loiro por acender a oscilar entre as unhas vermelhas e cintilantes, mas a amiga sabe que por detrás daquele sorriso há um fundo desconsolo, uma persistente angústia, inexplicável passado tanto tempo de inútil espera, quando o desencanto e a resignação já deviam prevalecer. Nada na sua teimosa atitude mudou nos últimos seis meses, nada a não ser o seu aspeto, muito deteriorado apesar da maquilhagem e da diversidade e variedade de permanentes. Muito empertigada sobre os finos saltos de agulha, reprimindo um leve estremecimento na nuca, com uma mão na borda do balcão e a outra na cintura, como um pássaro que se dispusesse a soltar o voo, olha por cima do ombro para os fregueses que jogam à manilha ou ao tute de leilão debaixo do véu suavemente ondulado de fumo azul que flutua sobre as suas cabeças inclinadas, atentas aos desígnios do baralho; olha para eles e capta uma ou outra careta chocarreira que a faz porventura pensar que mexericam de novo à sua custa, mas não há ofensa nem ressentimento no seu olhar, apenas um misto de desencanto e risonho estupor; os olhos azuis muito abertos são os de uma mulher que sofreu uma espécie de alucinação satisfatória em algum sentido, mas de natureza indecifrável.

Um pouco mais além da partida de dominó, sentado a outra mesa e com o livro aberto diante de si, o miúdo de Berta afasta intencionalmente os olhos dela para olhar a rua através da janela com obstinada fixação, e por um instante o olhar da senhora Mir enlanguesce. Rapaz, rapaz, por favor, um pouco de formalidade, poderia ler na sua cara, caso se atrevesse a olhá-la, será que não pensas cumprir a tua promessa? É por isso que agora não queres olhar para mim?

– Que canção tão bonita, Paqui! – exclama de súbito, afitando a orelha. – Ai, olha, gosto dela porque... porque...! Não sei porquê!

– Que canção?

– Estás surda? Aquela que estão a dar na rádio.

O seu olhar comovido permanece um instante suspenso no ar, o coração e a memória ligados a um fio musical que só ela capta. O rádio está mudo num extremo do balcão, com um guardanapo e um paliteiro em cima.

– Que tolices tu dizes, Vicky. O rádio está apagado.

– Tu é que estás apagada!

A pombinha ouve a canção porque a tem permanentemente nas suas generosas ancas, pensariam decerto os jogadores de dominó próximos do balcão se ainda prestassem alguma atenção ao que ela diz, se ainda competissem na troça grosseira e na vulgar graçola que tantas vezes prodigalizaram à sua custa no verão passado. A cabeça de alho chocho exhibe hoje um grande ondulado loiro, profusamente encaracolado e juvenil. Olha bem para ela, olha para a sua boca brilhante de batom vermelho-papoila, para

o ruge nas faces avantajadas, para as pestanas besuntadas de rímel. Parece um bolo enfeitado.

– A única coisa que eu quero para a minha filha é que um dia se possa governar por si própria – diz a seguir a outro golinho de conhaque. – É a única coisa que eu quero, Paqui. Que para ser feliz não tenha de esperar que apeteça a um vadio sem coração ir para a cama com ela, estás a perceber? Hoje em dia as raparigas não sabem o que querem, não têm critério. – Outra lambidela ao copo e acrescenta: – Sei muito bem do que falo, porque eu também passei por isso... Lembras-te do Ricardo, Paqui? Aquele bonitão, o Ricardo Taltavull, o homem dos estalidos asquerosos. Como pude eu interessar-me por um homem que escarafuncha as orelhas com um fósforo e que faz ruídos estranhos com a boca, como se tivesse sempre um esgar lá dentro...? Demasiada porcaria junta, não achas?! Era preciso estar cega para não o ver! Pois olha, andei apanhadinha por ele durante quase um ano. São coisas que a pessoa não sabe explicar, mas acontecem.

– Só a ti, Vicky – lamenta-se a senhora Paquita. – Só a ti é que acontecem essas coisas.

– Ai, menina, quem não amou alguma vez quem não lhe convém. – Outra pausa e outro gole. – E ainda por cima, cada vez há menos trabalho, não sei porquê. Deve ser que já ninguém tem dores de coisa nenhuma. À clínica já não vou há um ror de tempo, já não me chamam... Claro, dizem que agora a penicilina cura tudo. Sabes o que eu penso, Paqui? Que esta sacana da penicilina me está a deixar sem clientela.

– Tolices. Nem que fosse remédio santo. Hás de ver como este inverno a coisa anima e aparece mais gente...

– Já não há homens herniados, Paqui. Mulheres com dores nas costas, as que se quiser. Mas homens herniados, nem um. Eu tinha uma boa clientela de homens herniados... Quanto à carta, se calhar o teu irmão sabe alguma coisa...

A taberneira experimenta mudar de assunto:

– Ouve, acho que me calhariam bem umas fricções, Vicky.

– Perguntaste ao Agustín?

– O problema é que não paro todo o dia, e não me fica tempo para nada.

– Queres calar-te enquanto eu falo, Paqui, por favor?

Fecha os olhos um instante e depois dirige um olhar lastimoso ao bonitão de pernas arqueadas do calendário, o futebolista que devia ter-se ajoelhado para a fotografia. Contudo, não pode deixar de admirar uma vez mais o soberbo travejamento muscular por cima dos seus robustos joelhos, assim como a atitude altaneira da cabeça com a testa vendada, o agreste desafio ao porvir. Esvazia o copo, paga e despede-se da taberneira, que insiste em que deveria voltar para casa. Já com a porta aberta, antes de sair, vira-se e os seus olhos procuram pela segunda vez o filho de Berta acaçapado junto à janela com a sua carinha de sonho: e a promessa que me fizeste, rapaz?

Por baixo da pesadez das pálpebras capta a muda censura da mulher. Este domingo também não, minha senhora, lamento. Desde que trabalha de noite

arrasta sono o dia inteiro, e ainda por cima o aroma a café torrado que o casaco e o cachecol desprendem adormece-o ainda mais, agindo como um sonífero. E como os olhos também se lhe fecham sobre as páginas do livro, esfrega com a mão o vidro embaciado da janela e recupera a imagem de Violeta à espera na rua. Agora está na borda do passeio da frente, muito quieta e com os pés juntos, as mãos enluvadas a apertarem contra o ventre um porta-moedas barato de plexiglas amarelo, e sobretudo com a cabeça baixa, evitando assim que os transeuntes a olhem nos olhos. Quando vê a mãe sair do bar, junta-se a ela e pendura-se-lhe no braço com ar submisso, e afastam-se as duas rua abaixo pelo meio da calçada, muito juntinhas e dando calor uma à outra, como duas jovens amigas que vão ao baile à procura de emoções. A mãe caminha não muito segura sobre os saltos altos e sussurrando qualquer coisa ao ouvido da filha, que escuta cabisbaixa e em silêncio, com aquela incongruência sensual que Ringo verifica uma vez mais, mesmo de longe e vendo-a de costas: umas pernas francamente bonitas e uma cara feia, andar precavido e um traseiro pujante.

Meia hora depois consegue fixar a atenção no jovem Michael Furey postado num remoto jardim de Galway, transido debaixo da chuva e a olhar para a janela da sua amada. A aura fatalista da cena desperta-o durante um bom pedaço, até que de novo o sono e outro safanão de má consciência acabam por aturdi-lo e opta por fechar o livro. Levanta-se e sai do bar, ficando parado no passeio. Passa um pouco das cinco e está a anoitecer. Mas porquê?, pergunta a si mesmo, quem te obriga a cumprir uma estúpida promessa a uma mulher meio chalada que procura namorado para a filha feia? Entra novamente no bar, pede à senhora Paqueta o favor de lhe guardar o livro e sai amarrando o cachecol ao pescoço, olhando do passeio da frente para a varanda da senhora Mir invadida pelas sombras. Para um instante e pensa: é o mínimo que posso fazer, mas não se decide a dar o primeiro passo. Na varanda, a esfarrapada palma pascal jungida à ferrugem da balaustrada desde há quase dois anos, ressequida e maltratada devido à longa exposição ao sol e ao relento, está parcialmente solta e ameaça cair em pedaços à rua. Ringo julga ver uma luz que se acende atrás das vidraças da varanda e uma sombra a atravessar fugazmente a sala de jantar. E algo que não chega a ser um sentimento, somente aquele leve prurido na consciência, põe-no finalmente em marcha dizendo de si para si pela enésima vez que é o mínimo que podes fazer, rapaz, passar por lá com o único propósito de avisá-las.

*

Nunca tinha estado antes na Cooperativa La Lealtad, mas ao terminar de subir as escadas e deparar-se com a pista de dança, no primeiro andar, tudo lhe é familiar, de tantas vezes que ouviu o Quique e Roger falarem da sala e das suas condições tão propícias para abotoar-se com uma gaja, sobretudo nas quentes noites de verão, quando o terraço sobre a Rua Montseny está aberto e

alguns pares saem para apanhar o fresco e de caminho apalparam-se. A orquestra toca uma rumba, o vocalista veste um casaco azul-celeste com bandas de purpurina prateada e agita as maracas. A pista está apinhada de pares a dançar e em seu redor pequenos grupos de jovens conversam e dão gritos, de pé ou sentados em cadeiras de armador. Gravatas vistosas, poupas e brilhantina, casacos com muita tela nas ombreiras, raparigas com casacos de malha, de meias e peúgas. Não vê o Quique nem os outros, devem ter ido ao Verdi. Tarda um pouco a localizar Violeta. Não é das que ficam na borda da pista à espera de que as convidem para dançar, submissas ou olhando para os rapazes com descaramento e arqueando a anca; sabe que alinhada com elas tem poucas opções, embora, a julgar por onde se encontra, tenha renunciado a qualquer possibilidade. Ocupa uma cadeira na parede do fundo, perto de uma das saídas para o compridíssimo terraço, agora fechado, e está a dizer que não a um rapaz magro e orelhudo postado grosseiramente diante dela de mão na anca. Segurando as luvas e o pequeno porta-moedas de plexiglas no regaço, nega com a cabeça uma e outra vez, e nem sequer olha para ele. As luzes emaranhadas da sala não a favorecem nada. Agora, sem o casaco, exhibe uma saia plissada cor de laranja e bastante curta, uma blusa malva de cetim e uma fita preta e estreita à volta do pescoço. Antes de ficar outra vez sozinha, já viu Ringo a abrir caminho na borda da pista, mal-encarado e esquivo, com o casaco por abotoar e as mãos nos bolsos, o cabelo alvoroçado sobre a testa e o cachecol castanho cruzado sobre o peito como duas cananas.

– Olá, Violeta.

– Olá.

– E a tua mãe?

– O quê...? – pondo a cabeça de lado para ouvi-lo melhor.

– A tua mãe. Não veio contigo?

– Importa-te muito?

– É que lhe venho dizer uma coisa... Vi uma coisa muito estranha.

– Ah, sim?

– Sim. É preciso avisar já a tua mãe... A sério. Onde é que está?

A orquestra toca de forma tão estridente que abafa as suas palavras. Passeia a vista pelas proximidades, sem resultado. Lembra-se da galhofa da seita no Rosales: a mãe fica pendurada no balcão do bar e a filha deixa-se apalpar no terraço ou nos sanitários: é tiro e queda, pá. Violeta cruza as pernas muito devagar e com a mão ajeita aplicadamente uma prega da saia plissada. Depois olha-o com dureza.

– Tira o cachecol, está bem? Só de o ver fico com calor. Que tens de dizer à minha mãe?

– Que alguém entrou na vossa casa. Agora mesmo há luz na sala de jantar, vê-se da rua. Juro-te! Dei conta ao sair do bar. Está alguém lá dentro, certamente um ladrão... Onde está a tua mãe?

Ela olha-o em silêncio, pensativa, sem o menor sintoma de alarme.

– Luz na sala de jantar?

– Juro-to!

– Quando é que a viste?

– Agora mesmo, há um quarto de hora. O tempo de vir até aqui a pé.

– Ah, sim? – Fica de novo a pensar, serena e com meio sorriso, enquanto endireita outra prega na saia. – E vieste por causa disso, porque pensas que está um ladrão lá em casa?

– Bem, vamos lá a ver, eu sabia que vocês estavam aqui, não? Vi-vos sair de casa, a ti e à tua mãe... Que queres que pense, se há luz e não está lá ninguém?

– A mamã é capaz de se ter esquecido de a apagar.

Ringo tira o cachecol, puxa uma cadeira e senta-se ao seu lado.

– Tens a certeza? Alguém pode ter entrado pela varanda, agarrando-se à balaustrada... A palma soltou-se, está à beira de cair.

– Ah, sim?

– Pode ser que tivesse voltado, e se não tem chave...

– Que tivesse voltado quem?

– O coxo, aquele amigo da tua mãe.

– Não me fales desse homem! Oxalá tenha morrido!

– Pois há luz na sala de jantar, Violeta, juro-te. Temos de avisar a tua mãe. Onde está?

– Onde é que há de estar. No bar. – E olhando-o maliciosamente: – Já percebo. Queres que a mamã te veja, não é?, que saiba que vieste... mesmo que seja com a desculpa de teres visto um ladrão.

– Eu?

– Tu, sim. Porque te obrigou a prometer que virias, julgas que não sei? Eu conheço os truques da minha mãe todos.

– Mas o que é que estás para aí a dizer? Vim porque quis. A mim nada nem ninguém me obriga a coisa nenhuma. Eu esta tarde tencionava ir ao cinema Verdi, de maneira que já vês... Levam *Os Dedos da Morte*, já viste?, é sobre um pianista ao qual cortam um dedo e que se converte em assassino, por vingança, mas continua a ser o melhor pianista do mundo... É o Peter Lorre. Ia comprar o bilhete quando disse cá para mim, ó pá, isso não se faz, devias ir avisar a Violeta e a mãe de que alguém lhes entrou em casa.

– Não me digas. Então pronto, já estamos avisadas. Agora explica-me isto: porque é que prometeste à minha mãe que virias dançar comigo, se não gostas de dançar, que eu sei?

Não tenciona de modo nenhum dizer-lhe o porquê. Ele próprio não tem a certeza. Violeta sorri zombeteiramente e acrescenta:

– Mas calma, homem. Não tens de me convidar, se não quiseres.

– Pois claro, o que é que tu julgas? Vim por causa do que te disse – insiste, perscrutando o perfil incrédulo, enquanto a orquestra ataca os primeiros compassos de um mambo que provoca na pista de dança uma explosão de júbilo e guinchos femininos. – Será que não te importa que um estranho se tenha enfiado em tua casa?

Violeta volta-se devagar e encara com ele.

– Mas olha lá, será que não sabes?

– Saber o quê?

– A sério que não estás ao corrente? – inquire com ironia, olhando-o fixamente nos olhos de muito perto, como se quisesse hipnotizá-lo: – A sério que não sabes nada? Não posso acreditar...

– Repito-te que vi uma luz em tua casa! Que eu morra aqui mesmo se estou a mentir!

– Está bem, havia luz. E agora diz-me uma coisa... Que é feito do teu pai, o que é que sabes dele?

– O meu pai está em França – diz rapidamente. – E que tem que ver...?

– Pois dá-se o caso de que tem muito que ver. Se eu te dissesse que essa luz podia ter sido acesa por ele, acreditarias em mim? Porque ele tem a chave lá de casa. A mamã deu-lha, e ultimamente encontrou-se lá com a tua mãe mais de uma vez, sempre de noite. Não me digas que não sabias. Espertinho. – Descruza os joelhos e volta a cruzá-los de forma brusca e resoluta, e por um instante a sugestão do gesto leva a melhor sobre ele em relação à simulada surpresa perante o que acaba de ouvir. Reage logo a seguir como se tivesse sido apanhado em falso e transfere o olhar para as mãos que descansam sobre o regaço. Os dedos compridos e delicados, de movimentos pausados e envolventes, brincam com o porta-moedas de plexiglas. – Porque é que se viam em minha casa em segredo, isso não sei. Pergunta à tua mãe.

– O meu pai está em França, já te disse. Certamente com o teu tio. E eu sei porquê...

– Não quero que me expliques nada – corta Violeta –, não quero saber mais nada. Ainda bem que foram poucos dias, e quase nem dei por isso. Esteve todo o tempo enfiado no seu quarto, só saía de noite, de maneira que não me perguntas nada, porque não sei nada.

Move displicentemente as pálpebras, um tanto avantajadas, de espessas e avermelhadas pestanas, enquanto Ringo, um pouco aturdido pelo que acaba de ouvir, ainda está a pensar na varanda iluminada. Com que então o Mata-Ratos, de vez em quando, ainda aparece por aqui... Em qualquer caso o que agora importa é que aquela luz na varanda, embora comece a não ter a certeza de tê-la visto, justifica a sua presença no baile, e não a sacana da má consciência. O resto que caracças me importa. E obedecendo a um repentino impulso, desvenda um íntimo anseio, uma fantasia que certa vez tramou secretamente.

– Um dia irei para França, sabes? Um dia o meu pai mandar-nos-á chamar à minha mãe e a mim, e iremos embora para sempre deste cu do mundo.

Violeta olha-o com expressão incrédula.

– Ah, sim? Que bom. E quando acontecerá isso?

– Não sei, depende de muitas coisas. – Baixa a voz e, com ar misterioso: – Será preciso esperar, e sobretudo não andar por aí a contá-lo, percebes? Muito cuidado. Mas bom, já que aqui estou...

Já que vim, quer dizer, já que ele cumpriu a promessa e ela está sozinha e tão disponível, com os seus seiozinhos rijos debaixo da blusa e os seus joelhos de maçã, sentada muito tesa na cadeira e seguindo o compasso da música com um leve balançar da cabeça...

– Queres dançar?

– Uf. Estou cansada. Além disso, tu não gostas de dançar.

– Bom, isso depende.

Tirou o cachecol e não sabe o que fazer com ele. Depois do mambo, o cançonetista dirige com a mão os primeiros compassos de uma música lenta e põe a cabeça de lado diante do microfone, engrossando a voz enjoativa.

– O vocalista é um mamarracho.

– É muito bonito.

– Tem cara de cabra.

– Pois eu gosto.

– E o pianista toca com um pau enfiado no cu, julga-se o José Iturbi, ou coisa que o valha... E olha para o baterista. Esta orquestra não vale a ponta dum corno.

– É a melhor. No mês passado tocava no Salón Cibeles.

Permanecem outro pedaço calados, a ver os pares que giram lentamente na orla da pista. Um rapaz com uma grande narigueta e uma penteadíssima cabeça de zepelim posta-se diante de Violeta com as mãos nos bolsos e convida-a para dançar. É ainda mais feio que o outro, pensa Ringo. Ela diz-lhe que não e o rapaz dá meia volta e vai-se embora cabisbaixo. De repente, Violeta tira o cachecol das mãos a Ringo para pendurá-lo nas costas da cadeira.

– Que bem cheira este cachecol – diz. – A café torrado, não é?

Ele encolhe os ombros. O cachecol é um prolongamento cheiroso das suas noites secretas. Há apenas duas horas estava pendurado num cabide num canto do torrador enquanto ele dava voltas à manivela, sentado junto ao fogo. Mas com Violeta não quero falar desse fogo nem dessas noites.

– Vamos, anda – diz Violeta, levantando-se de súbito. – Para a mamã ver que vieste. Está no bar. Vamos, de que é que estás à espera.

– Já te disse que não, poça, não foi por isso que vim!

– Ah, não?

– Não. Em contrapartida tu... Deixas-me dizer-te uma coisa? Tu não devias deixá-la sozinha, à tua mãe, e muito menos no bar. Não devias.

Aplausos para a orquestra. Violeta fica a olhar para ele, deixa-se cair na cadeira de chofre e suspira cabisbaixa, foçando no seu próprio descontentamento.

– Bem sei – diz com voz repentinamente deprimida. – Mas é que não há maneira... Assim que chegámos voltámos a discutir, para variar. Fica no bar e não há quem a tire de lá. Queimou a mão com o cigarro e diz que foi um rapaz que estava ao lado dela, que não foi ela, de maneira nenhuma... Que estive à beira de cair porque o rapaz estava a fazer troça dela e de mim. Certamente

ficou enjoada. Acontece-lhe sempre qualquer coisa. Ultimamente parece uma azarada. E é que, de verdade, não está bem, nada bem... E sabes porquê? Ainda espera notícias do futebolista! Olha que é preciso ser parva!

– Que futebolista...?

– O coxo, quem é que havia de ser. Aquele velho que diz que partiu a perna há anos, o senhor Alonso – acrescenta com a voz destemperada. – Grande história, essa que ele conta da perna. E aquilo numa carta, que a senhora Paquita contou à mamã, outra mentira do coxo. De certeza que nunca pensou em escrever-lhe nem um postal.

– Uma carta?

– Não me digas que não sabes. Olha que é a chacota de todo o bairro!

A orquestra continua com boleros. Ringo olha para as mãos, pensativo.

– Sim, bem, ouvi qualquer coisa... Que achas tu que o senhor Alonso diria nessa carta?

– Vá-se lá saber. Mentiras para fazer as pazes, para voltar a vê-la... Deus não o queira. Cada dia que passa a mamã está pior. Já não sei o que fazer. É como... como uma doença. No outro dia discuti com a senhora Grau, chamou-lhe mexeriqueira e insultou-a, disse-lhe que se estava a meter onde não devia, e a mulher vestiu-se e foi-se embora furiosa e sem pagar. Decerto não volta. E não é a primeira vez que acontece uma coisa assim... Seria preciso fazer alguma coisa, sabes? Alguém deveria dizer-lhe que este homem é casado, por exemplo, porque com certeza é casado, e tem filhos, oito filhos pelo menos. E que esteve preso... Sabias que esteve preso?

– Não.

– Pois esteve. Quando conheceu a mamã não tinha onde cair morto, acabava de sair da Modelo ou dum campo de concentração...

– Como é que sabes?

– Ofereceu à mamã um anel muito bonito que ele próprio tinha feito com um osso de carneiro, ou de não sei quê. Todos os presos o fazem. O tio Ramiro, antes de se ir embora para França, também fazia anéis de osso com uma lima quando estava preso. Recordei-o à mamã, mas ela não me quis ouvir. A mim nunca me ouve. Mas alguém deveria convencê-la de que este homem é um presidiário...

– E porque é que esteve preso?

– Que diferença faz? Por roubo, ou vigarice, ou contrabando. Vá-se lá saber. Sobretudo por ser vermelho.

– Não é a mesma coisa.

– Bem, mais ou menos. – Violeta encolhe os ombros. – O caso é que é um aldrabão, um chupista e má pessoa. Olha que envolver-se com um homem assim! É tudo o que o papá odiava! Um dissipado, um malfeitor, um sacana dum vermelho...

– Mas não é má pessoa, Violeta. Não é.

– Sabes lá!

– Se disseses isso à tua mãe, causar-lhe-ás um grande desgosto.

– Bom, e depois? Que sofra um desengano. Porque, vamos lá a ver, donde é que apareceu esse indivíduo, porque é que se nos meteu em casa...? Com certeza é dum bairro de barracas. Iria jurar que mora numa barraca de Montjuich, por essas bandas ou lá para Can Tunis, ou pior ainda, no Campo de la Bota. Uma menina catequista de Las Ánimas que vai muito ao Somorrostro fazer obras de caridade viu-o um dia com uma seita de rapazes a jogar futebol na praia, para os lados das barracas de Pequín. Isso eu não disse à mamã, ela seria capaz de o ir procurar naquela lixeira... Tu já lá foste alguma vez? Só há ratos e merda! Mas claro, o farsante nunca o admitirá... Como é aquilo do mais depressa se apanha um mentiroso que um coxo? Pois olha, não é verdade.

– E que pensas fazer?

– Gostaria de a convencer de que esse homem nunca voltará, e tão-pouco lhe escreverá nem nada disso. Que foi trabalhar para o Brasil, por exemplo, para bem longe, e que não pensa voltar... Poderias dizer-lho tu. Dizer-lhe que o viste um dia despedir-se de todos no bar.

– Isso é mentira. Porque não lho dizes tu?

– Em mim não acreditaria. Desde o dia em que discutiram e ela o pôs na rua, a mamã não acredita em nada do que eu digo.

– E isso porquê?

Violeta cala-se e fica a olhar com olhos frios os pares que abarrotam a pista, as cabeças e girar tombadas e submissas ao ritmo lento de melodiosos boleros.

– Gggaaarrggg! – pigarreia, aborrecida. – Porque ela é assim.

Aqui, esperando sentada que a convidem para dançar, sob esta luz crua e embalada por esta música insinuante, o desajustamento entre as suas pernas bonitas e a cara feiota é mais chocante e desalentador. Mas quanto mais o desconcerto dá nas vistas, mais persistente a atração. Talvez por isso, decide experimentar a sua sorte outra vez:

– E então? Dançamos?

Violeta faz um vago gesto com a cabeça que tanto poderia querer dizer que sim como que não, e fica a pensar uns segundos antes de responder.

– Não.

Entretém-se de novo a manusear o porta-moedas e a corrigir as pregas da saia, movendo os dedos com rapidez e delicadeza. E de súbito levanta-se.

– Bom, sim – concede desdenhosa. – Porque vieste para isso, não foi?

Só de rodear a sua cintura, mal roçando com os dedos a suave depressão das costas sob a blusa, a mão adivinha o vigor das nádegas a porem-se em movimento. Até o dedo amputado deteta essa leve sacudidela que alegra o coração. Ela oferece a mão direita erguida, húmida e cálida, e, com os primeiros passos, ele aperta essa mão com a sua e retém-na no peito propiciando a fricção mais ou menos casual. A outra mão da rapariga descansa sobre o seu ombro, roçando a nuca, mas segurando o pequeno porta-moedas e as luvas e portanto sem possibilidade de resposta efusiva. Mesmo

assim, mesmo esticando ela o pescoço e afastando a cara, ele constata a docilidade do corpo deixando-se atrair imediatamente. Violeta entrega-lhe a coxa esquerda e move-a entre as dele, aprisionada como que sem querer e sempre um pouco retardada em relação às suas evoluções, e ele convoca a cálida onda do sangue nas virilhas: precisa de acreditar que está aqui por isso, por causa destes roços, que veio só para isso, quando não para quê, Quique, Roger, Rafa, rapazes, que outra coisa poderia trazê-lo aqui, que outro sentimento poderia levar-me a fazer a vontade a uma catatua que procura namorado para a filha? Para que poderia uma pessoa vir senão para esfregar o marsapo nestas coxas, mesmo que seja só para verificar que para Violeta vem a dar ao mesmo, que não responde a nenhum estímulo, que não parece dar pelo entesoamento da pessoa e que, com a maior indiferença, se põe a trautear a canção ao compasso da orquestra, alheia por completo ao sigiloso ritual de manobras no seu entrepernas e com a mesma frouxidão no corpo que no ano passado no baile da festa maior?

Ao fim de um bocado, ressentido perante a falta de resposta, aproxima a boca da orelha surda:

– Ouve, Violeta, explica-me uma coisa. Quando foi daquela cena da tua mãe no meio da rua, o verão passado, tu estavas em casa, não estavas? Ouvi a tua mãe dizê-lo à senhora Paqueta... Como é que não desceste para a ajudar?

– Porque é que perguntas? Importa-te muito?

– Não me importa a ponta dum corno. Mas vamos lá a ver, a tua mãe ali estendida, e tu nem sequer assomaste à varanda.

– Não dei por isso. Estava na cama com um galo na cabeça.

– Um galo?

– Tinha caído na casa de banho. Vá lá que tinha a toalha amarrada à cabeça, senão...

– Pois olha que alguém queria ir à tua procura e a tua mãe disse que não estavas em casa, que tinhas ido à praia com uma amiga. Porque é que mentiu?

– Não sei... Não quis que eu a visse naquele estado, imagino.

O vocalista romântico canta com os seus lábios de pez colados ao microfone e a sua voz nasal sai pelos altifalantes convertida em ferro-velho. *Cabaretera, mi dulce arrabalera*. De vez em quando, nos passos para a frente, no seu afã por encostar-se a ela, Ringo antecipa desajeitadamente a perna e não pode evitar a pisadela. Pensa um pouco nos meus pés, murmura ela zombeteiramente. Mas o maljeitoso não consegue pensar nos pés dela, porque está a vê-la na casa de banho com a toalha amarrada à cabeça à guisa de turbante e a ver-se nua ao espelho, antes de escorregar; porque está a vê-la no chão e está a considerar a turgência do entrepernas que agora pressiona suavemente contra a coxa sem conseguir nada, sem receber o menor sinal de complacência por parte dela. É como roçar-se carinhosamente contra um saco de batatas.

– Olha para a mosquinha morta – sussurra. – Com que então nesse dia, quando a tua mãe e o coxo tiveram a zanga, estavas lá... Que foi que

aconteceu? Porque é que discutiram?

Ela não responde e deixa tombar a testa sobre o seu ombro. Por uma patetice, diz ao fim de um bocado, tinha de acontecer, e eu fiquei satisfeita, e aperta-se contra ele rodeando-lhe o pescoço com o braço, espeta a boca na lapela do casaco e gagueja qualquer coisa que não se percebe, mas que soa como um palavrão, seguida de um balbuciante rosário de censuras: foi um mal-entendido, uma burrada da mamã, uma gafe de que ainda não se recompôs, mas que me deixa satisfeita. Conta-o num tom desabrido e monótono, como se estivesse a lê-lo na lapela com uma certa dificuldade, com muitas pausas e vacilações: se naquele domingo tivesse ido à praia com a minha amiga Merche, tal como tinha planeado, se a senhora Terol não tivesse celulite e a mamã não tivesse ido visitá-la, se aquele homem não tivesse ficado em casa à espera dela, se eu tivesse tomado banho meia hora depois... Uma breve relação de factos encadeados por uma fatalidade. Uma voz estranha sob um rumor de chuva. Ringo fecha os olhos para a ver melhor: por detrás das mortijas pálpebras há uma casa de banho garrida e ela está a ver-se nua ao espelho enquanto amarra a toalha à cabeça. Descalça, ainda molhada, baixa-se e depois ergue-se bruscamente com o turbante já posto. Confirmam-se os seios pequenos e as ancas avantajadas. Ao ir pegar no roupão escorrega e cai de costas, batendo com a nuca na borda da banheira. Podia ser pior, diz, o turbante amorteceu o choque, mas ainda assim turvou-se-me a vista e fiquei quase sem voz. Nesse momento aquele homem estava na sala de jantar a pôr a mesa, gostava de ajudar, fazia-o sempre que ficava para jantar à pala, e deve tê-la ouvido gritar. Acorreu e segurou-a nos braços, tapou-a com o roupão, levou-a para o quarto e deitou-a no divã, mas de tudo isso ela toma conhecimento um pouco depois.

– Não digo que me tocasse, hein? Mas quem sabe...

– Sim? Porque é que dizes isso?

– Quero dizer tocar-me daquela maneira, tu sabes como é. Se o fez, não percebi, não dei por isso.

– Ora! Uma rapariga dá sempre por isso.

Quanto tempo passou?, perguntaria a si mesma ao voltar a si. E não afirma que ele lhe tocasse, isso não, mas de repente vê-se deitada na cama, mal tapada e ainda meio atordoada, só com a toalha como turbante, e, claro está, indefesa. Quanto tempo esteve assim?, e ele a tentar reanimá-la com umas bofetadas e a chamá-la, Violeta, menina, e de qualquer maneira estes modos e estas mãos queimam, e que podia ela fazer se não era capaz de reagir, se não sabia o que estava a acontecer, se nenhum dos dois ouviu a porta de entrada nem os passos no corredor, a não ser quando a vimos parada no umbral do quarto com a bata branca e o seu *nécessaire* com os cremes e mistelas.

Gostaria de ver-lhe a cara enquanto a ouve, já que a voz, estranha e abafada ao manter a boca colada ao seu peito, não deixa entrever nenhum sentimento. Ato contínuo afrouxa o braço à volta do pescoço e levanta a cabeça. Foi como soltar uma confidência de maneira abrupta e rápida, e como

se tivesse precisado de refugiar-se nele para o fazer, escondendo a cara e tomando de empréstimo outra voz.

– Ele quis explicar-lho – acrescenta. – Embora não se tenha esforçado muito, para dizer a verdade. Mas a mamã não lhe deu ouvidos e disse-lhe coisas terríveis. Terríveis. Que se fosse embora de casa e nunca mais voltasse. Esbofeteou-o e atirou-lhe à cabeça tudo o que havia em cima da mesa, pratos e copos e uma garrafa, tudo o que ele tinha posto para comermos os três. Chorava sem parar e de repente saiu a toda a velocidade pelo corredor e enfiou pelas escadas abaixo... E ele arrumou as suas coisas e também se foi embora. Pensei que ia atrás dela para a fazer voltar e convencê-la, mas qual quê! Pôs-se a andar de todo e para sempre.

– E tu que fizeste?

– Nada. Fechei-me outra vez na casa de banho, e calei-me...

– Calaste-te? Porquê?

– Porque no fundo fiquei satisfeita por ele se ir embora. Porque de qualquer maneira tê-la-ia deixado. Por isso.

– Como sabes?

– Porque já não gostava dela. Ela não dava por isso, mas eu sim. Chegou a dizer-lhe: prometo perdoar-te, e escrever-te-ei, ou disse-lhe qualquer coisa assim, mas aproveitou a ocasião para a deixar pendurada. – Cala-se um bocado e depois acrescenta: – Conte-te tudo isto para veres que não te engano. Para a mamã aquilo foi terrível.

E não quer percebê-lo, aliás, acrescenta com desalento, a voz enredada numa rancorosa complacência, esta mulher não pode ou não quer percebê-lo, sempre foi assim, confia demasiado nos outros e enganam-na e nunca aprende, é lixadamente tonta e ingénua, há de andar sempre à procura de alguém que lhe dê mimo e a proteja, alguém que seja amável e atencioso com ela. Esteve sempre precisada disso, e foi precisamente por isso que acabou por perder a autoestima. Desde há tempos o papá era apenas uma recordação na sua memória, uma recordação não muito grata, de maneira que o seu único pensamento é para este homem. Nos primeiros dias, depois de este desavergonhado a deixar, dizia coisas impossíveis de suportar.

– Sabes o que disse um dia? Disse que o pior de tudo, o que mais a tinha magoado, não era que eu estivesse meio nua na cama e ele quase em cima, mas sim ver-me com a toalha dele na cabeça, porque era a toalha dele, a que ele usava! É para que vejas até que ponto acabou por perder a tineta! Porque a toalha era minha, sempre o foi.

Soa uma música lenta, mas ele não ouve nem segue nenhum ritmo, apenas gira lentissimamente, empurrando com a pélvis, excitando-se de quando em quando. Esta rapariga já o enfia, com certeza, dissera-lhe Roger um dia que viam Violeta a sair do bar com uma garrafa de vinho e uma água de sifão. Como é que se pode saber se uma rapariga já o fez?, tinha perguntado ele, e rapidamente o Quique respondera por Roger: É fácil, pá, nota-se pelas olheiras e pela maneira de andar, andam tesas, como se tivessem engolido um

pau de vassoura.

– Desajeitado – sussurra Violeta, sentindo a mão a resvalar pouco a pouco pelas suas costas, muito para baixo, os quatro dedos a tatear como quem não quer a coisa a elevação inicial da nádega. – E esta mão mais acima, se fazes favor. Não penses que me faz impressão por lhe faltar um dedo, não é por isso...

– Claro. Saímos para o terraço?

– Com o frio que está? Não, obrigada. Deixa-me ver. – Pega-lhe na mão e levanta-a até ao seu peito, e, sem parar de dançar, examina atentamente o coto. – Consegues abotoar a camisa com esta mão? Consegues segurar bem a colher, consegues pentear-te?

– Esta mão pode fazer tudo e mais alguma coisa. Até pode agarrar nisto, olha.

Os quatro dedos libertam-se da mão de Violeta e rastejam como uma tarântula pela abotoadura da blusa, deslocam-se para um lado e apressam o seio esquerdo com delicadeza. Sem pressionar, com a mão em concha. Ela dirige-lhe um olhar expectante, animada subitamente por uma luz aprazível, e afasta-se com suavidade, pega de novo na mão mutilada e puxa por ele dando meia volta e tentando abrir caminho por entre os pares que dançam embevecidos. Ringo deixa-se levar, mas a pista está a abarrotar e, perante as dificuldades, decide tomar a dianteira e a iniciativa. Avança aos empurrões e com dificuldade, e a seguir sente Violeta abraçada às suas costas, como um naufrago. Ainda não saíram do tumulto e já se vê com ela no terraço, apesar do frio, sozinhos e no canto mais escuro, a beijarem-se...

– Vamos um momento ver a mamã – diz Violeta quando conseguem sair da pista.

Já não está no bar. O encarregado, um homem de meia-idade, pachorrento e atencioso, diz que saiu há mais de meia hora, pouco depois de discutir ao balcão com um rapaz que calçava botas de futebolista em lugar de sapatos, o grande malcriado. Porque é que discutiram? Não sabe como começou, não estava ao corrente, parece que ela fez um comentário sobre as botas de que o rapaz não gostou. Ela certamente só queria ser amável, gracejar um pouco, bem sabemos como a Vicky é, mas este miúdo é um palerma, eu conheço-o, tem mau feitio. Disse que tinha ganho uma bola de futebol e umas botas numa tómbola paroquial e que fizera uma aposta com um amigo: vir dançar com as botas calçadas. Estava a gozar com ela, mas ela não dava por isso, só parecia interessada em saber em que paróquia tinha arranjado aquelas botas. Parecia obcecada. Insistiu tanto em sabê-lo e suplicou de tal maneira que finalmente o rapaz, para rematar a brincadeira, acabou por lhe dar umas indicações confusas, ali para a Barceloneta. Era de não acreditar nele, mas ela acreditou.

– E depois disso foi-se embora. Disse-me que logo se encontram em casa, e que ia sossegada porque te via bem acompanhada...

– Ficou a dever alguma coisa, senhor Pedro? – pergunta Violeta.

– Nada.

– Aborreceu-se, com certeza – comenta Ringo. – E foi-se embora por isso.
– Nunca o tinha feito. Vai-me ouvir.
– Bah. Há de estar em casa quando chegares, vais ver...
– Não pode entrar. Eu é que tenho a chave na carteira. – Tateia a mão dele com a sua, aperta-lha. – Vens comigo?

Passa pouco das sete quando saem, mas já é noite cerrada e começa a choviscar. Caminham ombro com ombro pelas ruas estreitas e mal iluminadas de Gracia. Ringo sugere que a mãe está decerto à espera dela na taberna, a conversar com a senhora Paquita; se calhar lembrou-se de visitar alguma das suas amigas ou clientes. Em qualquer caso não andará longe e voltará em breve a casa, onde há de ela ir senão para lá. Mas Violeta permanece um bocado calada. Depois fala como se pensasse em voz alta: Agora tem pouco trabalho, mas também não precisa de muito, estamos a receber uma boa pensão por causa do papá, e além disso eu vou começar já a trabalhar, no mês que vem. Contente, começa a ziguezaguear repentina e caprichosamente diante dele, quase dançando, procurando refúgio debaixo das varandas para evitar a chuva miúda, parando de vez em quando e consentindo um ou outro afago. Num portal escuro da Rua de la Perla deixa-se beijar sem opor resistência, como que adormecida. Cinco minutos depois, de costas contra o muro do colégio dos Salesianos, na Praça del Norte, debaixo da húmida ramagem de uma buganvília ensopada, deixa levantar a saia e ele desaperta a braguilha precipitada e temerariamente, mas em nenhum momento obtém daquela tosca e desesperada esfregadela alguma coisa mais que um consentimento passivo. As suas mãos porfiam durante um bocado com os seios, até que se sente outra vez como se estivesse empoleirado num saco de batatas e opta por deixá-lo quando já sente no ombro a pressão da mão enluvada e dissuasória. Nem sequer se lhe alterou a respiração. Nunca o tinha feito, ouve-a sussurrar, mas é possível que se refira novamente à mãe.

Ao aproximar-se do Rosales, Ringo adianta-se e entra no bar. Estão lá os habituais das tardes de domingo e o ambiente é cálido e acolhedor. A senhora Mir não voltou. Ao fundo, o taberneiro parece muito entretido a ajeitar um boneco numa das barras dos matraquilhos. Não, não viram Vicky desde que foi ao baile, diz a senhora Paquita. Passa-se alguma coisa? Nada, senhora Paquita. Ele recolhe o livro que deixou ao sair e agradece. Escapule-se na direção da porta e dali, virando-se, apresta-se a acrescentar qualquer coisa, quando se apercebe do olhar pícaro e eloquente da taberneira, que contém o riso:

– Ó puto, tem mais cuidado, senão ainda te foge o passarinho.

Oh, merda! Volta-se e abotoa-se apressadamente antes de sair para a rua. Teria jurado que o fez com a maior rapidez e discrição depois de Violeta, olhando-o nos olhos com repentina dureza, fechar as pernas e o rejeitar com mão suave mas decidida. Em vista do persistente infortúnio com a braguilha, está em crer que se trata de uma maldição cigana. Porque me hão de acontecer estas coisas?

– Não está – diz a Violeta, que o esperou no passeio. – E não a viram. Mas não te preocupes, não há de tardar a voltar, vais ver. Com certeza.

Tenta dar-lhe a mão, mas ela finge não dar por isso. Ocultando o gesto, enquanto a acompanha pela rua acima, percorre com o dedo fantasma todos e cada um dos botões da braguilha, porque de repente julga tê-la aberta outra vez, e até sente que lhe entra por ali o frio da noite. Agora a varanda da senhora Mir não deixa entrever nenhuma luz interior. Quando já estão quase a chegar ao portal, começa a chover com uma certa intensidade. Violeta adianta-se correndo, abre a porta da rua e escapule-se para o saguão, e ele, surpreendido, fica imóvel e calado no passeio, perscrutando as sombras ao fundo da escada. Enquanto rebusca no porta-moedas à procura da chave da porta de casa, antes de começar a subir a toda a pressa, ela volta-se e dirige-lhe um sorriso triste e fugaz.

Mas mesmo que o sorriso tivesse significado outra coisa, tão-pouco teria ido atrás dela. E agora sabe com certeza porque permanece aqui, no meio da calçada e sob a chuva, até ver acender-se a luz na varanda, para ato contínuo se abrigar no portal com as mãos nos bolsos, decidido a esperar. Deixou o portal aberto para a mãe, pensa, não foi para mim. A rua está deserta e os candeeiros são grumos de algodão amarelento e esborratado suspensos na escuridão. Ao longo de quase uma hora só chega a passar um táxi com um rumor de seda rasgada sobre a calçada e um único farol aceso que ilumina rabanadas de chuva e também, subitamente, um cotovelo da memória tão frio e tão pouco acolhedor como este portal. Frustrado e com os pés a chapinhar dentro dos sapatos, nesse momento sente-se muito pouco disposto a aceitar qualquer outro signo misterioso que pretenda orientar a sua vida, mas tão-somente uns minutos depois, quando decide transferir a vigilância para o Rosales e corre para lá com o cachecol sobre a cabeça, comprova a teimosa persistência dos signos, pois o aroma da chuva na cara enquanto corre parece empenhado em continuar a ser, como quando era criança, uma promessa de futuro.

Senta-se a uma mesa e esfrega com a mão o vidro embaciado da janela. Na mesa contígua o senhor Agustín está a comer uma tortilha de espargos-trigueiros e joga às damas com um freguês. Enquanto ele escorre a água do cachecol, a senhora Paquita sai da cozinha trazendo uma tigela de salada-russa e para ao seu lado com um sorriso trocista. Quem é esse Romeu aparvalhado que fica debaixo de chuva a olhar para uma rapariga embevecido? É este seu criado, senhora Paquita. Tens as orelhas molhadas e estás a cair de sono, devias ir para casa e mudar de roupa. Ouve-a meio adormecido. Eu estou bem, senhora Paquita. Vi-te armado em parvo ali fora. Esperavas que a Violeta viesse à varanda, ou querias apanhar uma pneumonia? Isso, queria apanhar uma pneumonia, senhora Paquita. A tua mãe há de estar à tua espera para jantar. A minha mãe tem turnos de noite até ao fim do mês, não está ninguém à minha espera em casa. A taberneira vira-lhe costas e afasta-se, deposita a salada na mesa do irmão e regressa com as mãos nas ancas, vais beber um

copo de leite quente. Não quero leite, obrigado. Então um batido de cacau. É melhor um conhaque duplo, senhora Paquita, assim emborracho-me mais depressa. Ouve lá, não te armes em engraçado comigo! Olha só para esta calamidade de miúdo, vê bem como te puseste, olha para este cachecol, olha para estes sapatos, e ele, com voz débil e desanimada, eu estou bem, senhora Paqui... A mulher já está atrás do balcão, onde abre uma garrafinha de batido de cacau e a verte num copo, aquece-o no jato da máquina de café, deita-lhe um pouco de conhaque de uma garrafa e volta.

– Alegrámo-lo um bocadinho. – Poisa o copo na mesa. – Bebe-lo e toca a andar para casa – ordena antes de voltar à cozinha.

Bebe sonolento e medita. Quem é o pateta que dança com um saco de batatas só porque a mãe dele lho pede por favor? Cá o meco, poça. De vez em quando esfrega o vidro embaciado com a mão, vigiando o portal da senhora Mir. Amainou e agora persiste uma chuva miudinha. Por fim, cerca das nove e meia, distingue-a a subir trabalhosamente pelo meio da rua, pisando com cautela tanto relâmpagos fugazes e afilados reflexos como vidros partidos no asfalto húmido. Avança encolhida e cambaleando sobre os saltos altos, com a saia molhada colada às robustas coxas e cobrindo a cabeça com o casacão de peles espalmadas pela chuva, perladas de luzinhas gotejantes ao passar por baixo do candeeiro, como se a pelagem acoitasse pirilampos. Ao chegar ao portal para e parece hesitar, olha para um lado e para outro e permanece um pedaço imóvel, com a cabeça baixa. Parece um grande passarão de papel esvaziado e a escorrer água. Com o queixo enterrado no peito, dá um passo em frente e dois atrás, sacode o casacão e fica parada outra vez. Quando finalmente se decide a entrar, Ringo fecha o livro, levanta-se da mesa e assoma à cozinha para anunciar com voz segura e forte:

– Vou-me embora, senhora Paqui. Obrigado e boa noite.

– Adeus, tolinho.

PALAVRAS RESGATADAS

Diz o senhor Carmona que a encontrou recostada na escada, no patamar do segundo andar, com a roupa molhada e a cabeça apoiada no degrau mais próximo da porta da sua própria casa. Estava a amanhecer e havia pouca luz, tropecei nela e por pouco não vim de roldão pelas escadas abaixo, explicou na taberna. Metia impressão vê-la ali estendida, até pensei que estava morta. Tinha descalçado os sapatos, trazia as meias rotas nos joelhos e mancharronas de pintura na cara, branca como um lençol. O senhor Carmona trabalha como estivador nos molhes e sai todos os dias muito cedo de casa. Diz que tocou à campainha até acordar Violeta, que abriu sobressaltada e toda abespinhada com a mãe, e entre os dois tentaram reanimá-la e meteram-na em casa.

Portanto, deduz Ringo, não bateu à porta e ficou ali deitada; devia estar bêbeda e não acertou com a campainha, ou sentia-se tão envergonhada que não quis que Violeta a visse assim; ou talvez tenha mesmo tocado, mas a filha já dormia e não conseguiu ouvi-la. Como não a esperou acordada, sabendo que ela não tinha chave de casa? Mas não deseja colocar mais perguntas a si próprio, prefere pensar noutra coisa ou dormir sobre as suas partituras e o seu livro. O trabalho noturno e clandestino no torrador trá-lo mergulhado numa espécie de semissono todas as manhãs, matando as horas na mesa do Rosales.

Quinze dias depois saberá que a incursão noturna da senhora Mir foi o início de um rosário de sobressaltos para Violeta, a primeira de uma série de escapadelas sem avisar e de caprichosas vagabundeações para além do bairro, ao mesmo tempo que o desleixo da sua pessoa e da casa, o culto da solidão e do desamparo e o paulatino abandono dos seus pacientes, iniciado umas semanas antes, tinha começado já a não ter volta atrás. Um domingo soalheiro de meados de fevereiro saiu de casa às primeiras horas e não apareceu para almoçar. De tarde, depois de procurá-la em algumas tabernas do bairro, incluindo o bar do Salón Cibeles e o de La Lealtad, Violeta soube pela cabeleireira Rufina que a tinham visto de manhãzinha a subir como uma sonâmbula a estrada do Carmelo. Anoitecia quando a filha a encontrou na vertente oriental da montanha Pelada, sentada nos três degraus da escadaria truncada lavrada na rocha. Agarrando com força a sua alcofa cheia de alfazema ressequida, olhava com muita atenção umas volutas de fumo negro que subiam em direção ao céu dos miseráveis telhados dos casebres do Carmelo, e não queria levantar-se. Mostrou-se lúcida e serena, disse que tinha subido para ir procurar flor de sabugueiro.

– Prometeu-me não voltar a fugir, senhora Paqui – diz Violeta enquanto bebe um café com leite ao balcão do Rosales. – Agora está na cama. A avó Aurora vem vê-la esta tarde ou amanhã... Não me parece que se mexa dali,

mas se a senhora ou o senhor Agustín a virem sair de casa, mandem-me avisar ao hospital, por favor – e olhando para Ringo parece incluí-lo no pedido.

Encontrar Violeta na taberna, e vê-la além disso a conversar amistosamente com a senhora Paquita, é uma grande novidade. Traz uma camisola branca de gola alta e um casaco que lhe fica curto, o cabelo apanhado num rolo, sapatos e meias brancas e uma bata nova de enfermeira dobrada no braço. A taberneira escuta-a com expressão penalizada, pois vê a chegada de calamidades sem fim para esta rapariga: não tem mais família a não ser o pai, a mãe e a avó paterna – que desde há anos não quer saber nada do seu filho Ramón –, e pode sentir-se muito só.

Ele, em contrapartida, não sabe o que pensar; mergulhado noutra das hipnoses que a rapariga lhe provoca, olha-a e torna a olhá-la e não há maneira de ver a mesma Violeta que há apenas quinze dias deixou levantar a saia e acariciar as nádegas debaixo de uma buganvília coberta de chuva. Acaçapado atrás do livro, entrincheirado uma vez mais perante uma realidade volúvel e inapreensível, julga perceber nela um perfil repentinamente adulto, como se o novo trabalho e as preocupações que vive nestes dias tivessem acelerado a sua passagem de rapariga a mulher. Com uma vaga sensação de perda, o olhar desce até às pernas envolvidas em meias brancas e considera a quietude formal das barrigas das pernas juntas, dóceis e maduras, e pergunta a si mesmo por que razão o aroma dos seus cabelos molhados persiste na lembrança com mais intensidade que os restantes, e por que razão esse aroma é mais pungente que o desejo, por que razão agora ao falar com a taberneira depressa e baixando a voz, reprimindo mal um sentimento de hostilidade mais aguçado que de costume, ou enquanto ouve algum conselho pondo a cabeça de lado e oferecendo o ouvido bom com ar displicente, por que razão de repente esta rapariga parece ter mais de dezoito anos. A ele mal lhe prestou atenção, colado como está ao rodapé tal como uma sombra, mais uma no meio daquela penumbra da taberna, tão quotidiana e familiar que é quase um estado de espírito.

– Tem um pouco de paciência, Violeta, e verás como tudo se compõe – diz a taberneira. – Tens-nos aqui para o que for preciso.

Em tom seco, como que querendo deixar assente que não está aqui por gosto, Violeta informa a senhora Paquita : desde há três dias está a trabalhar como enfermeira no Hospital del Mar graças à recomendação da madre Josefina, uma freira amiga da mãe, tem um contrato de trabalho renovável de seis em seis meses e está satisfeita porque, nos momentos que os trabalhos de assistência aos doentes a deixarem livre, poderá cuidar do pai, que continua internado no hospital. Além disso, apesar de todas as dificuldades, continua com os cursos de formação e aspira a trabalhar no bloco operatório como enfermeira instrumentista.

Consciente do que cai em cima da rapariga, a senhora Paquita reitera o seu apoio.

– Manter-nos-emos informados, vai descansada. Queres que te traga

alguma coisa da feira?

– Hoje não é preciso. Mas hoje à noite deixo-lhe as cadernetas de racionamento, e se a senhora me fizer o favor...

– Com certeza. Quanto menos a tua mãe sair à rua, melhor. Queres que logo vá vê-la, para o caso de ela precisar...?

– Agora não quer ver ninguém – atalha Violeta. Termina o seu café com leite e rebusca no porta-moedas. – Bem, tenho de ir andando.

– Pobre Vicky, é terrível o que se passa. Olha que eu bem lho andava a dizer. As vezes que discuti com ela por causa dessa coisa tão disparatada...

– Há de passar-lhe. – E de novo com ar de suficiência: – Mas se fugir outra vez, agora já sei onde ir buscá-la. Vou chegar tarde ao trabalho. Adeus.

Todas as manhãs, desde esse dia, ao sair de casa cedo para apanhar o elétrico 39 que a leva ao Hospital del Mar, Violeta para uns minutos na taberna para confiar à senhora Paquita as últimas novidades e alguma encomenda, e ele está sempre lá, invariavelmente sozinho e debruçado sobre um livro, com o seu aroma a café torrado, a sua incurável sonolência e o seu remorso, preparado não sabe ainda para quê. Alguns dias Violeta diz-lhe olá e pouco mais, e outros parece nem sequer o ver. Ela bebe o seu café com leite depressa, responde em voz baixa às perguntas da taberneira e sai. Se o senhor Agustín está, mostra-se discreta. A sua frieza e autoconfiança tornar-se-ão mais evidentes à medida que os dias passam e a mãe vai acelerando a sua pulsão autodestrutiva, resvalando cada vez mais para um desengano ainda não assumido nem consumado.

Desde a primeira escapadela, desde a noite em que a sanadora se deitou bêbada nas escadas, Violeta parece ter isto bem ciente: um sistema de referências transtornou a vida da mãe, apoderando-se da sua vontade, mas ela conhece as coordenadas dessa vontade, e por meio de uma secreta trama de associações adivinha as suas vagabundeadões nos cenários que foram prediletos, e é aí que é preciso ir procurá-la: a entrada lateral do Parque Güell e o descampado fronteiro, a vertente sul da montanha Pelada, as proximidades do Cottolengo e a sinuosa estrada do Carmelo, sobretudo no seu último e mais alto trecho, o que vai da Rua Pasteur à Gran Vista e inclui o predileto bar Delicias, onde poderia passar horas a gracejar com velhos andaluzes, emborcando conhaque de garrafa e esperando conhecer alguém que talvez soubesse de alguém que poderia conhecer... A paranoia e a fabulação levam-na às vezes a abordar desconhecidos e a empreender amáveis requisitórios em sociedades desportivas e centros paroquiais, esperando obter alguma referência sobre o paradeiro do ex-futebolista ou ex-funcionário dos elétricos Abel Alonso, generoso mentor e entusiasta treinador de agrupamentos juvenis marginais, ligeiramente coxo mas de boa presença, que segundo parece morou ou poderia morar ainda por aqui. A indumentária um tanto extravagante, a maquilhagem cada vez mais fantasiosa e uma cortesia risonha que costuma derivar numa algaraviada verbal e alcoólica fazem com que algumas pessoas se compadeçam ou façam troça dela, mas isso não parece importar-lhe muito.

Traz sempre consigo a alfofa com molhos de ervas. Se Violeta aparece, dá-lhe o braço e deixa-se levar a casa sem uma queixa.

Na manhã de sábado, 23 de fevereiro, quem esteve a tomar conta da senhora Mir foi a sogra, uma velhota pequena e mal-encarada que apareceu na taberna a comprar um quartilho de conhaque. Não quis dar nenhuma explicação à senhora Paquita sobre o estado da nora, nem para quem era o conhaque. Partiu antes do meio-dia, deixando recado no bar que ia para a sua casa de Badalona, e pouco depois a senhora Mir estava a podar pacientemente uns gerânios na varanda da sua casa, de roupão e chinelos, sem pintura e embuçada num grosso cachecol. Nesse mesmo dia, porém, às primeiras horas da tarde, novamente aperaltada e rubicunda, com os seus óculos escuros de armação branca, as suas sonoras pulseiras e a sua alfofa de ráfia para ervas, veem-na sair de casa e subir a rua trabalhosamente até se encontrar de frente com a senhora Grau, que depois explicaria que ao vê-la sentiu tanta pena e tanto desgosto que tentou convencê-la a voltar para casa, sem o conseguir. A senhora Mir nem sequer olhou para ela, seguindo o seu caminho rua acima até desaparecer na Travesera de Dalt.

Ao entardecer, Violeta passa pela taberna para perguntar se viram a mãe. Do umbral, mantendo a porta envidraçada aberta, o seu olhar indolente procura a senhora Paquita, que não está no estabelecimento. O senhor Agustín, agachado diante de um barril, enche garrafas de vinho com um funil, e na mesa do fundo quatro velhos muito tagarelas jogam ao *julepe*. Não, a mãe não apareceu por aqui em todo o dia, diz o taberneiro. Ato contínuo Ringo nota o olhar da rapariga interrogando-o também a ele, e faz um gesto negativo e tristonho com a cabeça. Está sentado à sua mesa com o casaco pelos ombros, a têmpora apoiada na parede e os olhos vencidos pelo sono; fecha-os, mas passado um bocado sabe que ela continua ainda ali, a segurar a porta e a olhar para ele. Até que lhe chega a sua voz ligeiramente afónica:

– Estás a dormir, miúdo?

– Eu? – Endireita o pescoço. – Qual quê. Estava a pensar em ti.

– Espera aí, que já acredito.

Não se decide a entrar, brinca movendo a porta.

– A minha mãe fugiu outra vez.

– Queres que te ajude a procurá-la?

Violeta morde o lábio e fica a pensar.

– Ainda não são seis horas, e já é de noite. Agora escurece depressa.

Ringo tarda um pouco a reagir.

– Pois é. E não tens medo de ir sozinha...? Onde é que tencionas ir, tu sozinha?

– Não sei, por aí.

– Bem, queres que vá contigo, sim ou não?

Agora os seus olhares esbarram um no outro.

– Não, obrigada.

– Pronto. Ainda bem. A minha mãe tem outra vez o turno da noite e

preciso de a acompanhar, e a seguir tenho de fazer vários recados... A verdade é que também não poderia. – Levanta-se depressa, com as melenas a tapar-lhe os olhos, e põe o casaco e o cachecol. – É capaz de ter ido ver a avó. Voltará, não te preocupes. Volta sempre.

Não acabou de o dizer quando ouve o barulho da porta a fechar-se. Um bater da porta à mentira. Mas decerto ele já tinha um plano que não incluía Violeta. Antes de sair para a rua deixa passar uns minutos para não se encontrar com ela e pouco depois entra na papelaria da Rua Providencia onde a rapariga tinha trabalhado. Quem o atende é a nova empregada, Merche, uma morena bochechuda e de óculos que vive na Rua de Sors e o ano passado era amiga inseparável de Violeta. Tornou-se muito estranha, diz, já não é minha amiga. Não, não tem envelopes cor-de-rosa. Não gosta dos cor de violeta, ou verde-pálido, ou azul-claro, forrados por dentro com papel de seda? Não, obrigado. Vai a outra papelaria, com idêntico resultado, e finalmente encontra o que procura no quiosque da Praça Rovira.

De noite, sozinho em casa e sentado à mesa da sala de jantar, no mesmo sítio e na mesma cadeira que o pai tinha ocupado da última vez que o viu, o papel oferece-se diante dos seus olhos com a sua nudez rosada e nada de quanto lhe ocorre parece convincente. Ao cabo de uma hora levanta-se, ata o cachecol ao pescoço e dirige-se ao torrador do senhor Huguet a correr sob uma noite estrelada e de lua cheia. Enquanto dá voltas à manivela, o turvo remoinho de água da chuva gira outra vez vertiginoso na boca da valeta, e ao introduzir a mão, tardiamente e sem convicção, chamusca os dedos. Alivia a mão na água de um balde e o senhor Huguet repreende-o: se quer afastar uma acha porque há lume de mais, deve usar as tenazes ou calçar as luvas.

De madrugada volta a casa, deposita o saquinho de café no aparador e, sem tirar o cachecol, senta-se de novo à mesa empunhando a pena com o remorso ainda nas pontas dos dedos. Tudo aquilo que esteve a pensar acorrido diante do fogo, enquanto com uma mão fazia girar o tambor cheio de café e açúcar e metia os dedos da outra na água fria, tem agora diante dos olhos. No envelope escreve o nome devagar, o V inicial com um caracol alegre à direita, tal como recordava ter visto fugazmente na fatídica noite de náuseas nas Ramblas.

Dorme três horas de bruços sobre a mesa. Às oito da manhã a mãe regressa do lar com metade de uma tarte de natas e folhado que as freiras da cozinha lhe tinham oferecido. Ele já fez café, aqueceu o leite e torrou o pão no fogareiro elétrico. Tomam o pequeno-almoço juntos e a mãe repreende-o mais uma vez por se levantar tão cedo.

– Devias estar a dormir. Agora trabalhas.

– Não tenho sono.

– Posso fazer eu o café. Além disso, já bebo bastante durante a noite.

– Mas o café que as freiras te dão não é tão bom como este, aposto. – Vê-a tão pensativa, a aquecer as mãos em torno da chávena, que fica a olhá-la em silêncio. No final, acrescenta: – Que vamos fazer, mãe?

– A que te referes? – Perscruta os olhos do rapaz e compreende. – Esperar. Outra coisa não podemos fazer.

Como todos os dias, vem cansada e com vontade de se enfiar na cama, mas faz o possível por alongar esta improvisada conversa matutina. É a hora do dia, tão propensa ao sono, em que sente o filho mais perto e mais longe. Mais cinco ou dez minutos para levantar-lhe o ânimo.

– Esta maré de azar não vai durar sempre – acrescenta. – Não tenhas medo, não vais passar a vida a torrar café...

– Não, eu não me importo.

– O senhor Huguet está à procura de qualquer coisa melhor para ti. Um cunhado dele tem uma mercearia na Rua Aragón, é um estabelecimento muito importante que faz entregas ao domicílio, e diz que daqui a pouco há de precisar doutro empregado, ou distribuidor... Sei que não é o melhor, filho, mas sempre será menos cansativo do que trabalhar de noite.

– Tanto me faz uma coisa como outra.

– Bom, vamos pensar nisso, não vamos? Conta-me coisas, anda. Que se diz por aí...? Sabes que no outro dia encontrei a Violeta na rua? Fica gira, com a farda e a touca, não achas?

E comenta que viu a rapariga muito entusiasmada com o seu trabalho, apesar dos desgostos que diz que lhe dá a mãe, que segundo parece anda num descontrolo tremendo com a bebida e cada dia está pior. Sente pena da sua amiga Victoria e o seu comportamento faz-lhe confusão. Custa-lhe acreditar que o simples desamor de um homem possa levar uma mulher a esta terrível situação de inconsciência e desamparo, sobretudo uma mulher que nunca mostrou sintomas de fraqueza perante a adversidade. Claro que há que ter em conta tudo o que teve de suportar ao parvalhão do marido desde há anos... Tenciona ir vê-la um dia destes, acrescenta, pondo-se de pé e levantando a mesa, levar-lhe-á roupa usada e um saquinho de café torrado como lembrança. E sugere irem juntos.

– Mas eu, para quê, mãe? – diz ele, inquieto. – Que ia eu dizer-lhe...? Deixa isso, hoje é a minha vez.

Leva as chávenas e o resto para a cozinha, e pouco depois, fixando distraidamente os olhos no ralo da banheira, enquanto toma banho, a água ensaboada que gira entre os seus pés afrouxa a sua voragem um instante, e nesta ocasião o envelope que dá voltas parece deixar-se apanhar antes de se submergir pela enésima vez no escuro sumidouro. Veste-se e recupera o aroma da noite na camisola e no cachecol. Antes de sair aproxima-se da porta do quarto da mãe, aguçando o ouvido. Dois espirros dizem-lhe que ainda não está a dormir. Está certamente a rezar ao Menino Jesus de Praga da mesa de cabeceira, pedindo-lhe proteção para o Mata-Ratos, onde quer que agora se encontre. O seu Menino tê-la-á escutado alguma vez?

– Vou-me embora, mãe. Precisas de alguma coisa?

– Não.

Guarda um breve silêncio antes da pergunta seguinte.

– Quando é que iremos para França, mãe?

– Como dizes?

– Quando é que iremos embora daqui...

Agora é ela que demora um pouco a responder.

– Iremos embora daqui? Porque é que havíamos de ir, filho? – E outro silêncio, desta vez mais longo. – Porque é que perguntas?

– Por nada. Bom descanso.

*

Esteve a pensar detidamente nisso e durante três dias não foi ao bar Rosales para não se encontrar com Violeta. E ao voltar à rotina tabernária fez uma coisa que nunca tinha feito antes, pediu um baralho de cartas ao senhor Agustín e começa a fazer uma paciência enquanto espera que a senhora Paqueta volte da feira da Rua de las Camelias e substitua o irmão ao balcão. Pensa que seria melhor fazer aquilo que tenciona ao princípio da tarde, quando a taberneira passa mais tempo na cozinha do que a atender, mas não quer esperar mais. O vizinho senhor Frías acaba de abrir a barbearia e entrou no bar para beber de pé o seu garoto matutino, e o senhor Agustín, folheando o jornal em cima do balcão, satisfaz de má vontade a curiosidade do cliente: Sim, senhor, a sanadora foi internada ontem ao fim da tarde no Hospital de San Pablo. Uns rapazes do Guinardó encontraram-na encolhida atrás de umas moitas, perto da estrada do Carmelo, e avisaram o pessoal do Cottolengo del Padre Alegre, ali próximo. Roubaram-lhe a carteira, os brincos, as pulseiras e uma alcofa com ervas. Ou perdeu-a, não se sabe. Ali deitada toda a noite, a cozer a bebedeira, até que esses rapazes a encontraram? O senhor Agustín não sabe grande coisa mais e não há maneira de acreditar no sucedido, não a vê a dormir toda a noite ao relento, com este frio... Ringo, esse, vê-a, não é difícil imaginá-la: recostada com um certo recato, de lado, aceitando o que vier, com os rosados joelhos unidos, as mãos sapudas debaixo da face, as pálpebras de longas e besuntadas pestanas a cobrir a sua quimera. Nas urgências de San Pablo, diz o senhor Agustín, uma freira que a conhece mandou avisar a filha, e também a sogra. Um ferimento na cabeça e nódoas negras nas pernas, felizmente nada de grave, parece que amanhã mesmo a trazem para casa, e a avó de Badalona já cá está para dar uma ajuda. Ao voltar a si mostrou-se toda lampeira, e que julgas tu que a sacana pediu, hein? Exato, um conhaquezinho! Não queria falar com ninguém. E quando explicou o sucedido, fê-lo de maneira atabalhoada e confusa, mas o que disse, segundo a própria filha, fazia sentido: nessa tarde foi visitar o marido ao manicómio, levou-lhe tabaco loiro e um pijama novo, limpou-lhe as unhas e depois foi a Badalona ver a sogra ao mercado, à banca de flores que ela tem lá, e finalmente foi até ao Cottolengo, onde tinha prometido levar roupa para crianças. E que ao sair era de noite e a partir daí não se lembra de mais nada. E sabes o que disse, para acabar a chorar?, conclui zombeteiro o senhor Agustín: que não lhe importava nada

que lhe tivessem roubado a carteira nem as pulseiras, que a única coisa que lamentava era ter perdido um anel de osso de frango, ou de porco, ou vá lá saber-se de quê.

– Ora vê lá tu – cabeceia meditabundo o barbeiro.

– Sim. Que raça de mulher, não é?

Ringo põe a mão no peito para ouvir o leve crepitar do papel debaixo da camisa e da camisola. O barbeiro despede-se e o senhor Agustín prossegue a leitura de *El Mundo Deportivo* com os cotovelos no balcão. Há um bocado arrotou sonoramente e desculpou-se dizendo que anda há uma semana com uma terrível dor de dentes. Gracejou com a sua pançorra feliz e serviu-se de um copinho de licor de menta, saboreando-o e sorrindo ao rapaz com os seus olhinhos de rato ocultos atrás das altas maçãs do rosto sanguíneas.

Quando vê a irmã entrar com as compras, deixa o jornal aberto em cima do balcão e carrega com a alfofa até à cozinha. Queixando-se dos pés, ela passa junto de Ringo sem olhar para ele e enquanto despe o casaco anuncia que vai subir ao quarto para mudar de sapatos.

– Mete o peixe no frigorífico e vai ao dentista, que eu trato do resto – acrescenta levantando a voz para que o irmão a oiça. – O bacalhau é para a Violeta e para a avó.

Enquanto ela está lá em cima aparece o senhor Agustín de gabardina e boina. Vou sair, Paquí!, grita da porta da rua, e faz a Ringo o sinal do costume: espreita se entra alguém. Uma vez sozinho, Ringo ergue-se do tamborete, levanta a borda da camisola e abre a camisa. Bastam-lhe três rápidas passadas largas para poisar o envelope em cima do jornal desdobrado. É a primeira coisa que a taberneira vê quando pouco depois se posiciona atrás do balcão pondo o avental. Pega nele e dá-lhe voltas, uma e outra vez, como se não houvesse maneira de reconhecê-lo. O envelope está fechado e tem a letra V na frente e nada no verso.

– Quem foi que o trouxe? – pergunta a Ringo. – Porque é que não me chamaste...? Será que o senhor Alonso esteve aqui agora?

– Veio um rapaz, senhora Paquí – apressa-se a dizer ele, sem levantar os olhos da paciência. – Acaba de sair. Não é do bairro, eu nunca o tinha visto por aqui... Perguntou pela senhora, e estava com muita pressa. Eu disse-lhe que a senhora já descia, mas ele não quis esperar. Disse-me que o recado era da parte do senhor Alonso, e que a senhora se encarregaria...

– Bolas. – Não sabe se há de ficar contente ou não. Mostra os dentes pequenos e escuros numa menção de sorriso, e há uma luz risonha nos seus olhos pretos. – Foi isso que ele te disse?

– Sim, senhora. Disse-me: trago uma carta para a dona do bar. E mostrou-me o envelope antes de o deixar aí em cima. Para a senhora Paquita da parte do senhor Alonso, ela já sabe, disse ele. E depois foi-se embora.

Segura no ar um valete de copas que não há onde meter.

– Então é preciso avisar a Violeta – diz para si mesma a taberneira, e fica a pensar, sem deixar de olhar para o envelope. – Se bem que não sei... Aquilo é

que é um descarado. Mas agora a rapariga tem de o saber. Sim, e ela que decida o que há que fazer.

– É alguma coisa importante, senhora Paquita? – Não obtém resposta. – Quer que vá avisar a Violeta?

– Não está em casa – diz ela, distraída. – Vem logo buscar as compras.

Virá pouco depois, muito cansada e com pressa. Passou a noite ao lado da mãe no hospital e a avó Aurora espera-a em casa. Traz um grande envelope com radiografias e resultados de análises. A mãe nunca mais se põe boa, tem a tensão muito alta e descobriram-lhe um princípio de diabetes. Recebe o bacalhau e diz que certamente não vai precisar de mais nada da feira porque a avó Aurora quer que vá viver com ela para Badalona, pelo menos até que a mãe saia do hospital.

– Acho que é o melhor – diz a senhora Paquita. Hesita um instante antes de acrescentar: – Queres pôr a tua mãe contente? Então dá-lhe isto. Ela não queria que a visses, mas... – Tira a carta de sob o avental. – Mas tens de lha dar. Levas com certeza uma alegria.

– Uma alegria? – Antes de pegar na carta, olha-a na mão da senhora Paquita com receio, pensativa. – Ah, isso. A boas horas. – E fixando o seu olhar depreciativo no V grande a tinta azul: – E nem sequer se atreve a escrever o nome dela.

Rasga o envelope e extrai duas folhas de papel cor-de-rosa, que desdobra com lentidão, como se tocasse uma matéria infetada.

– Talvez não devesse lê-la, menina... – insinua a taberneira.

Ela afastou-se um pouco e começa a ler. Com expressão carregada, com evidente desgosto. A sua pupila severa e incrédula percorre as linhas uma após outra, depressa, enquanto o impostor, quieto no seu refúgio predileto junto da janela e baralhando as cartas para uma nova paciência, a observa e com o pensamento a acompanha na leitura, a assiste palavra por palavra e sem se esquecer de nenhuma, todas as palavras tão escrupulosamente escolhidas e com tanta premência carregadas de sentido, e não obstante, agora, de repente, soando tão vácuas, desvalidas e vulneráveis na voz interior de Violeta:

Canfranc, 7 de dezembro de 1948

Querida Vicky:

Espero que ao receber esta carta estejas bem de saúde. Perdoa-me, porque devia ter-te escrito há muito tempo. Já te explicarei o motivo do atraso, mas antes tens de saber que não deixei de pensar em ti.

Escrevo-te de França, de um remoto lugar sem nome perdido na cordilheira dos Pirenéus e debaixo de uma noite estrelada, sentado no chão junto da minha mochila. Frio, gelo e silêncio. As colinas nevadas brilham ao luar. Neve batida pelo vento nos picos mais altos e pegadas na neve do caminho. Confio esta carta a mensageiros de confiança, uma cadeia de mãos amigas, mas não sei quando te chegará às mãos.

Dizem-me que me procuras, que te viram a vaguear pela montanha Pelada, pelas paragens mais solitárias do Parque Güell e pelo monte Carmelo; que perguntas por mim dia e noite, que te viram à minha espera onde costumávamos ver-nos, sentada durante

horas debaixo da tília florida nas ruínas de Can Xirot. Não debes fazê-lo, Vicky. Pelo amor que te tenho peço-te que não o faças. Porque eu já não ando por onde costumava andar, flor da minha vida, porque eu não sou como imaginas, porque já nada é exatamente o mesmo, cabecinha de abóbora; porque, embora o meu amor continue intacto, já não sou aquele que era nem estou onde estava. Faz de conta que sou um impostor, que todos vivemos numa miragem e ninguém sabe quando nos livraremos dela, mas o nosso amor é verdadeiro.

Uma inesperada partida do destino, que está contra mim em todos os meus projetos, obrigou-me a ausentar-me por algum tempo desta cidade que abomino, cheia de ratos e promessas azuis, mas conto com o teu perdão. Assuntos urgentes de extrema importância, que para tua segurança não devo explicar-te, porque aquilo que a pessoa não sabe não pode dizer, trouxeram-me a França fugindo à justiça e não sei quando poderei voltar. Mas tu foste e continuas a ser a minha boa estrela, e sei que não me perderei. Gostaria de viver nas palavras, porque nelas ser-te-ei fiel sempre, até para além da morte.

É possível que esta carta não seja a que tu esperavas, a do pronto e tão ansiado reencontro. Talvez devesse pedir-te que me esqueças, talvez o melhor fosse despedirmo-nos, não sei, nunca tinha vivido um amor tão grande como este e nunca me tinha sentido tão confuso... Que pensaria uma mulher tão generosa como tu se soubesse que o seu homem tão querido, que sempre alardeou ter ideais, hoje não é mais que um pantomineiro, um estavonado, sempre de rabo alçado, e um contrabandista de meia-tigela que um dia pode acabar na prisão? Não achas que o nosso caso não tem futuro em Barcelona? Só posso dizer-te isto: Não me esperes, deixa que eu te espere em todo o lado, em todas as coisas. Chamam ao país para onde vou agora Shangri-La e dizem que é um país de fantasia. Mas que importa se o sonhámos, que importa que seja mentira.

Escuta: Não saias sozinha de noite, não te aventures por bairros que não conheces. Não me encontrarás nas tabernas num dos centros desportivos, não me procures na asfíxiante cidade dos rapazes sem lar e sem pais, na maldita cidade dos ratos azuis.

Lamento ter de dizer-te tudo isto, mas é que fechar os olhos e encolher os ombros outra vez, como fiz até hoje, sinto que já não me serve. Já te fiz bastante mal com isso. Embarga-me um estranho sentimento de culpa pela dor que te causei involuntariamente... Não sei se saberei explicar-to algum dia. Não importa. Amanhã parto daqui para longínquas montanhas nevadas e vales de sombra e não sei, amor meu, quando poderei voltar, de modo que não posso nem devo pedir-te que me esperes. Quero que cuides de ti, que não bebas como fazes, que não arruines a tua vida, que não dês que falar no bairro para que não façam mais troça de ti. E que dês ouvidos à tua filha, e verás como tudo se compõe. Lá em cima, perto do cume da montanha Pelada, nas moitas de alfazema e tomilho onde assobia o vento, voltaremos um dia a ser felizes. Voltarei a colher ervas aromáticas para ti. Na primavera bailarão outra vez os papagaios de cores no céu azul, e tu e eu voltaremos a vê-lo, voltaremos a subir alegremente de mãos dadas pela falda da colina juncada de giestas.

Com este pensamento te deixo. Felicidades, Vicky querida. Mando-te um milhão de beijos e que os anjos velem os teus sonhos.

Ama-te e não te esquece o teu

ABEL ALONSO

desagrado, de surpresa ou de complacência, sem erguer os olhos do papel e sem deixar escapar um leve pestanejar em nenhum parágrafo, em nenhuma palavra. Duas folhas cobertas por uma caligrafia apressada, tosca e angulosa, violentamente inclinada para a direita como que por efeito de um vendaval ou como se quisesse fugir para lá das margens do papel, duas páginas de um cor-de-rosa pálido e imaculado que ele preservou do esquecimento e que Violeta agora termina de ler e dobra de novo e mete depressa no envelope. A Ringo, nem sequer um olhar, nem de soslaio. E ato contínuo, com meio sorriso aguçado, vingativo, agarra na carta com ambas as mãos, fecha os olhos, e, durante uns segundos intermináveis, parece decidida a rasgá-la em pedacinhos.

– A tua mãe não queria que a lesSES – diz a taberneira. – Mas claro, agora, depois do que aconteceu... – E sem poder reprimir uma certa curiosidade: – Não hão de ser más notícias, espero.

Violeta encolhe os ombros.

– Chegam tarde de mais, senhora Paqui. A mamã já não precisa de nada disso.

Porém as mãos permanecem quietas e afinal não rasga a carta. Com gestos bruscos desabotoa o casaco e guarda-a no amplo bolso da sua bata de enfermeira. Não sabe se deixará que a mãe a leia, logo se verá, diz aprestando-se a sair. Exprime a opinião de que agora aquilo de que a doente precisa é de esquecer, e além disso, acrescenta em tom desdenhoso, o que no fim de contas lhe oferece a malfadada carta não passa de um monte de mentiras, asquerosas recordações e falsas promessas, como não podia deixar de ser tratando-se do farsante que não tem onde cair morto que a tinha escrito.

– Adeus e obrigada, senhora Paqui. Dentro duns dias vamos viver com a avó. A mamã vai precisar de muitos cuidados a partir de agora, e eu sozinha não posso tratar dela. Vou ter muita pena quando tivermos de partir...

– Está bem, filha. Anima-te. Tudo se comporá.

É a própria taberneira que lhe abre a porta, e Violeta, cruzando o umbral, dirige a Ringo um olhar fugaz.

*

Três dias depois e desde as primeiras horas da manhã, diante do portal 117 da Torrente de las Flores, um balde e duas velhas caixas de madeira a abarrotar de molhos de ervas secas atadas com fitas, frascos com folhas e raízes e tarros contendo pomadas e óleos, esperam no passeio o carro do lixo. Mais tarde, enquanto dois homens carregavam numa camioneta alguns móveis e pertences e Violeta entrava no bar Rosales para se despedir da senhora Paquita e do seu irmão, Ringo já lá não estava para ver nem ouvir, mas soube que a rapariga ia na companhia de um jovem segurança do Hospital del Mar, que a ajudou na mudança e ao qual a taberneira ofereceu um vermute com azeitonas. Menos arisca e esquiva que outras vezes, Violeta contou que a mãe

tinha sido transferida diretamente do Hospital de San Pablo para casa da sogra em Badalona, que ali estava de cama e era bem tratada, embora continuasse muito doente, e que lhe pedira que dissesse à senhora Paqui que tinha muita pena de deixar o bairro, que sentiria saudades da taberna e dos bons momentos de conversa com ela, e que, enfim, que se há de fazer, ela tinha previsto que o fígado aguentaria, mas já vê, tão-pouco nisso teve sorte, a vida é assim.

Nesse mesmo dia, às oito da manhã, estreando um guarda-pó às riscas e luvas cinzentas de lã, Ringo começa a trabalhar na Mercearia J. Casadesus e Irmãos, uma loja centenária da esquina dos Carrers de Aragón e de Bruch, carregando ao ombro um grande cesto de comestíveis e bebidas para distribuir por uma seleta clientela do Ensanche generosa em gorjetas.

Será por pouco tempo, disse-lhe a mãe, não há mal que sempre dure. Por pouco tempo, quantas vezes ouviu estas bem-intencionadas palavras, em casa e na taberna e em tantos sítios, mas a verdade é que afinal tudo dura até deixar a pessoa de rastos: mais que nada, mais que a quotidiana carga de desejos e carências, mais até que o medo ou a incerteza do amanhã, é esta vaga aflição por não ter feito o devido, o mais conveniente e melhor, mesmo sabendo que o melhor e mais conveniente não teria servido provavelmente para a ponta de um corno.

Desde então o impostor evocou não poucas vezes aqueles olhos pintalgados a ler a tão esperada carta, imaginou o frenético pestanejar e a meiga disposição dos lábios franzidos e beijoqueiros ao deterem-se em alguma oração, ao suspenderem a respiração sobre alguma frase, sobre alguma palavra que porventura tenha conseguido oferecer-lhe algo daquilo que o seu coração apaixonado perseguira com tanto anseio, fosse ou não o melhor ou o mais conveniente para ela. Pensou uma vez ou outra que é talvez preferível não saber se a carta chegou finalmente às suas mãos, não saber se a satisfaz ou a decepcionou, se apaziguou o seu coração e o deixou indiferente, ou se propiciou no mínimo o consolo do esquecimento.

EPÍLOGO

Tudo o que crescia requeria muito tempo para crescer. E tudo o que desaparecia precisava de muito tempo para ser esquecido.

Joseph Roth

OS PASSOS ERRÁTICOS DO MENSAGEIRO

Na manhã de um domingo de agosto de 1958, o jovem a que alguns amigos ainda chamavam Ringo entrou no Club Natación Cataluña para se informar sobre as vantagens de se fazer sócio da instituição. O clube localizava-se no rés do chão de um edifício junto ao cinema Delicias, no 218 da Travesera de Gracia, e servia-se das instalações e da piscina da empresa Baños Populares de Barcelona. O jovem pensava ir nadar três ou quatro vezes por semana, a horas em que a piscina não estivesse muito concorrida. Fizera vinte e cinco anos e podia permitir-se esse pequeno dispêndio. Tinha emprego fixo numa livraria, recentemente haviam-lhe publicado dois contos numa revista literária e propunha-se escrever o seu primeiro romance. A mãe continuava a tratar de idosos no Lar da Rua Sors, agora em horários mais suportáveis, e o pai, depois de cumprir três anos na prisão Modelo e voltar para casa muito magro, com um enfisema pulmonar e as forças alquebradas – embora mostrando-se igualmente linguarudo e pantomineiro, consoante pôde constatar, aliviada, a sua Alberta flor da minha vida –, obtivera, graças a uma diligência da madre superiora do convento das Darderas, o lugar de guarda no pátio de um colégio dos Irmãos Maristas e tutelava os menores durante o recreio, controlando de caminho a entrada de estranhos.

A primeira coisa que Ringo fez foi dar uma vista de olhos à piscina da galeria superior, em cujos bancos de madeira berrava um grupo de rapazes do bairro. Tinha acabado uma partida de polo aquático entre equipas juvenis e alguns jogadores continuavam na água a lançar bolas diante de uma baliza. O alegre chapinhar e as exclamações eram constantes e ressoavam no ambiente fechado do local. À beira da piscina, prestes a atirarem-se de cabeça à água com as mãos juntas e os joelhos fletidos, um convulso grupo de meninas reclamava aos gritos a atenção de alguém. Três rapazes competiam

mergulhando para ir buscar qualquer coisa ao fundo, talvez uma moeda, e no lado oposto um homem de pele bronzeada e fato de banho simples instruía crianças pequenas em fila indiana, todas com braçadeiras. Da galeria, alguns casais endomingados admiravam as proezas natatórias dos filhos, consumindo refrescos e pacotes de batatas fritas. Atrás deles movia-se um velho de fato-macaco branco e boné de ciclista enfiando a vassoura por baixo dos bancos, varrendo o que tinham atirado para o chão.

Ringo sentou-se no banco, suspendeu os braços por cima da balaustrada e observou o fundo azulado e transparente da piscina, três ou quatro metros mais abaixo. A água limosa e com rãs saltitantes nos tanques de regadio que tinha balizado os seus verões no Panadés voltou à sua memória, e por um instante a recordação fê-lo sentir-se como que apanhado em falta, como se alguém lhe adivinhasse o pensamento e lhe recriminasse a sua secreta inclinação para as rãs e as águas turvas. Reparou então no velho: tinha parado de varrer e olhava para ele levantando a pala do boné com o dedo para melhor se fixar. Não o reconheceu enquanto não o viu dar o primeiro passo bruscamente, como se desatarraxasse o pé do chão, e aproximar-se dele sorrindo e de mão estendida.

– Ena, ena, olha quem por aqui apareceu.

Ringo levantou-se com uma sensação de mal-estar, fingindo não ver a mão.

– Viva, como está.

O cabelo amarelado e ainda abundante, que o boné mal conseguia reter, a barba rala e grisalha, a voz mais abafada pela asma e o perfil mais afilado, mas o mesmo cinzento fatigado nos olhos e a mesma formosa simetria das profundas rugas do rosto. Também conservava alguma coisa daquela tensão nos ombros altos e na nuca, um ar de disponibilidade prestável e amistosa.

– Vamos andando, rapaz. Andando, apenas. Senta-te, não faças cerimónia.

– Sentou-se ao seu lado devagar, apoiando-se na vassoura. Ao aprestar-se a dizer qualquer coisa tomava fôlego com uma certa ânsia e soltava um pigarrear nervoso. – Que grande surpresa ver-te por aqui, no Cata.

– Talvez me inscreva. Para nadar um bocado.

– Boa ideia. Interessa-te o polo aquático?

– Estava só a ver... Não sabia que o senhor trabalhava aqui.

– Está quase a fazer dois anos. – Ringo não sabia o que dizer, e o senhor Alonso acrescentou: – Queres beber alguma coisa? Uma cerveja? Eu trago-ta num ápice, lá em baixo há serviço de bar...

– Não quero nada, obrigado.

Fazia calor e tirou o casaco, deixando-o pendurado na balaustrada. Abel Alonso permanecia muito quieto e com a boca aberta, tomando fôlego uns segundos antes de começar a falar.

– Vieram tempos maus, sabes? O clube deitou-me a mão. Tarefas de manutenção, e assim. Olha, dá-se o caso de o meu melhor guarda-redes, há anos, um rapaz que vivia nas barracas de Can Tunis e andava sempre à

procura de sarilhos, hoje ser aqui o recordista dos cem metros mariposa. – Sorriu, prodigalizando lentas e senis inclinações afirmativas com a cabeça. – E é a ele que devo o emprego. Já vê, há sempre um ou outro rapaz agradecido.

Ringo sentia-se confuso. Olhou em redor.

– Muita gritaria, não?

– Aqui tudo faz ressonância.

– Parece que há bom ambiente.

– Ambiente familiar, sobretudo aos domingos. E gritam como demónios, sim. É um sintoma de boa saúde mental dos rapazes. Sempre achei isso. Queres um?

Tinha tirado um caramelo do bolso e começava a descolar o papel com parcimónia. Ringo disse que não. A seguir falou só para quebrar o silêncio, que o incomodava mais do que a conversa:

– De qualquer maneira, não passou assim tanto tempo.

– Dez anos. Demasiados para mim. – Dava voltas ao caramelo dentro da boca, ruidosamente e sem reboços, juntamente com a saliva e algumas palavras que lhe amargavam. Sim, agora já é um velho de verdade, por dentro e por fora, pensou Ringo. – Tu já deves ter feito a tropa.

– Sim.

– Isso é bom. Bem, e o que é que contas? Como vão as coisas por lá, o que é que as pessoas dizem? – Pigarreou e depois, com a voz mais escura: – O que é que sabes da Violeta, aquela rapariga de que não gostavas?

– Não voltei a vê-la desde que saiu do bairro com a mãe.

– Ah, finalmente foram-se embora? Enfermeira de bloco operatório, era isso que ela queria ser, não era? – Mais acenos de cabeça, lentos e reflexivos, como que a afirmar alguma coisa a si mesmo. – Sim, andava a estudar para isso. De maneira que não voltaste a vê-la. Bolas. E à mãe também não?

Ringo demorou uns segundos a resposta.

– A senhora Mir morreu há muito tempo.

– Sim? A Victoria morreu? Quando?

– Deve haver uns cinco anos. Ouvi-o dizer ao Agustín na taberna. Parece que estava muito doente.

– Ah. Lamento. A pobre Victoria era uma alcoólica...

– Não foi só a bebida – atalhou com uma assoprada impaciente. – Nunca se recompôs de uma noite em que saiu à sua procura e se perdeu. Apanhou uma pneumonia e esteve muito mal.

– Não sabia nada disso. Perdeu-se onde...?

– Que diferença faz. O senhor já se tinha desinteressado do assunto.

O tom de censura alertou o velho. Cabeceou pensativo, com expressão resignada, e sorriu um pouco.

– Se não me falha a memória, meu caro rapaz, da última vez que nos vimos estavas bastante mais alegre.

– Estava bêbedo. Naquela noite o senhor não devia ter confiado em mim

de maneira nenhuma.

O senhor Alonso tomou o seu tempo para responder.

– Ah, pois. Suponho que tens razão. Fui mau rapaz, sabes?, e na minha idade esse tipo de malícia não se perdoa... Além disso foi uma absoluta cobardia, devia ter resolvido aquilo eu mesmo... A propósito, depois não tive oportunidade de te agradecer. Sim, é verdade que fizemos uma frente comum naquele espinhoso as-sunto. – O coro escandaloso de guinchos infantis lá em baixo na piscina chamou-lhe a atenção. Uma fiada de boias flutuando na piscina delimitava a zona onde nadavam os mais pequenos, vigiados de perto pelo instrutor. Ringo também olhou. Rãzinhas a agitarem-se com braçadeiras. – De qualquer maneira, naquela noite não estavas bêbedo, não, senhor, mas andavas muito excitado a explorar o submundo, sentias-te um homem feito. Tão sério, tão apaixonado... – O rosto contraiu-se-lhe ao sorrir, congoçando-se com a recordação. – Lembras-te, na tabernazeca da Rua San Ramón...? Lembras-te ou não?

– Claro – admitiu de má vontade, prestando atenção preferente ao que acontecia na piscina, às brigas dos jogadores de polo e ao chapinhar das rãzinhas.

– Estavas um bocadinho alegrote, é verdade, mas sabendo o que fazias, de contrário não te teria confiado a incumbência. Eu sempre tive apreço por ti, sabes?, sempre confiei em ti, e não me perguntes porquê. Um rapaz tão observador, tão formal e responsável... Chegaste bem a casa, imagino, e no dia seguinte deves ter levado a carta ao bar Rosales. Imagino eu, porque a verdade é que nunca mais soube nada...

– Cheguei bem, sim.

– Ora então – cabeceou, satisfeito –, correu tudo de acordo com o previsto. E quando entregaste a carta à senhora Paquita, tu já sabias para quem era, claro. Porque reparaste no envelope...

– Não foi preciso, senhor Alonso.

– Não me digas que não te sentiste picado pela curiosidade... – Interrompeu-se ao ver-lhe um gesto contrariado. – Que foi? Houve algum problema?

– Nenhum problema. – Ringo soltou outro assopro de impaciência. Por que merda quer agora este homem voltar àquele deplorável assunto? – Olhe, não leve a mal, mas as suas conquistas não me diziam nada... Além disso, não era difícil adivinhar a mensagem, estava-se mesmo a ver.

– Ah sim? – O senhor Alonso fitou-o com olhos perscrutadores. – Queres dizer que tu já sabias de antemão para quem era a carta?

– Claro que sabia – disse Ringo ao mesmo tempo que recuperava o casaco e o vestia. – Tinha passado o tempo e o senhor não tencionava voltar a vê-la, de maneira que a mensagem era clara...

– Que fazes? Vais-te já embora?

– Faz-se tarde.

– Espera um momento, homem. Queria esclarecer-te uma coisa...

O senhor Alonso hesitou. Um repentino gesto contrito enterrou-lhe a cabeça nos ombros, e Ringo voltou a sentar-se para ouvir umas gaguejadas e confusas desculpas. O homem desatou a falar com tantos meandros, tosses e pigarreios que parecia o motor de um Biscuter¹⁰. Admitiu que fora efetivamente um erro, e além disso uma temeridade, eu devia estar doido, disse, imagina, uma súplica desesperada de alguém que não se atreve a dar a cara, um apelo por escrito que havia de passar primeiro pelas mãos de um rapaz de quinze anos e depois pelas de uma taberneira solteirona... A Paqui não devia saber onde ele morava, acrescentou, nem ela nem ninguém, de maneira que as indicações, a data e a hora do encontro iam dentro do envelope, juntamente com a demencial proposta. Fugirem juntos, nada menos! Que fora o maior e mais imperdoável erro da sua vida, e que não passaram nem dois dias sem que ainda por cima se arrependesse de ter-se servido de um rapaz tão ajuizado e cumpridor como ele, e que na altura se sentira muito mal, porque a louca paixão por aquela menina persistia; que tentara esquecê-la, e que se empenhara nisso durante muito tempo sem o conseguir, e que de qualquer maneira afinal tão-pouco recebera nenhuma resposta dela e nunca soubera mais nada, nunca soubera se ela não tinha querido responder ao seu apelo ou não pudera fazê-lo, e que de qualquer maneira fora o melhor... Felizmente, acrescentou, porque quando um homem comete a infâmia que ele cometera, não merece outra coisa senão o desprezo e o esquecimento. Evocou a generosa hospitalidade de Victoria e a fatalidade que isso propiciara, a fatalidade de entrar na intimidade daquela criança tão estranha, tão infeliz, reservada e arisca e ao mesmo tempo tão cheia de vida, com uma sensualidade furtiva tão intensa que podia tê-los levado ambos à perdição...

– Certamente riu-se de mim e rasgou a carta – concluiu com um assopro de alívio. – Tanto melhor. Era tremenda, na verdade. No último dia que a vi fingiu uma queda na casa de banho para me reter.

– Mas...

Tinha começado a prestar uma atenção distraída àquele penoso rosário de culpas, erros e mesquinhezes, até que captou um desfalecimento na voz escura do velho; nessa altura a incerteza já se tinha instalado no seu espírito, mas agora a evidência acabava de atingir-lhe o coração e o entendimento e ficou a olhar para ele como um alucinado que não consegue acreditar no que vê. Levantou-se devagar e sem saber porquê e com os olhos fixos no vazio, como querendo decifrar as imagens que de súbito lhe vinham em tropel à mente.

– Mas que diz – murmurou, sentando-se de novo.

– Quis evitá-lo, podes crer.

– Não pode ser. A senhora Paquita esperava uma carta para a senhora Mir. Disse desde o princípio que era para ela... A carta era para a senhora Mir!

– Eu nunca disse tal coisa. De modo nenhum. Bolas para a mexeriqueira da taberneira! Percebo que deve ter ficado muito surpreendida ao receber a carta, mas naturalmente... Estás a ouvir?

Mas naturalmente, explicou, ele não podia dizer à senhora Paqui quem ia

ser a destinatária, ela iria logo a correr contá-lo à mãe de Violeta e ter-se-ia armado um pé de vento; só podia pedir-lhe que esperasse e fosse discreta.

– Mas o senhor... – Embargavam-se as palavras a Ringo. – O senhor sabia como a senhora Mir e a senhora Paqueta eram amigas, sabia que gostavam de mexericar, de fantasiar...

– Sim, isso também é verdade – admitiu com uma entoação trocista na voz. – Estavam bem uma para a outra. Enfim, cometi tantos erros... Que queres tu, eu estava obnubilado, não me dava conta de nada, só pensava numa coisa... De qualquer maneira, não deverias dar ouvidos aos mexericos duma solteirona, não achas? Paleio, muito paleio, é o que essa mulher tinha. Mas bom, tudo isso que importa agora?

Ringo não se libertava do assombro. No meio de várias perguntas que lhe vinham em tropel à cabeça, cada qual mais deprimente, prevalecia a sensação de ter caído numa cilada. Finalmente o rato mordera o queijo.

– Bolas. O senhor foi bastante miserável, não acha? Era quase uma criança...

O senhor Alonso levantou o dedo indicador, negando com gesto admonitório e um vago sorriso:

– Não, a mãe é que era uma criança, Oh, sim, ela é que o era, posso jurá-lo! Decerto que sim – disse, fechando os olhos. Abriu-os instantaneamente ao pressentir a reação de Ringo. – Que fazes? Já te vais embora?

– Adeus, senhor Alonso.

Tinha-se levantado outra vez e agora parecia decidido a sair. O homem também se levantou.

– Enfim, espero voltar a ver-te... Seria bom que te inscrevesse no clube. A quota é de vinte e cinco pesetas por mês. Barato, hein? E podes convidar a tua namorada... – Finalmente optou por estender-lhe a mão com uma impercetível piscadela de cumplicidade dos olhos, uma tímida solicitação de compreensão e esquecimento.

Ringo aceitou a sua mão com gesto seco, fingindo um severo desafeto. Aquela disposição natural do adolescente para o fingimento e a impostura, aquilo que anos atrás era um gratificante ir e vir da verdade à mentira, e que agora começava a entrançar fabulação e memória nas suas tentativas com a escrita – mas ainda sem nenhum sentimento de culpa –, ditou-lhe quatro convencionais palavras de despedida e ato contínuo encaminhou-se para a escada que dava para o vestíbulo. Desceu os primeiros degraus sentindo na nuca o olhar afável e condescendente do velho fauno, e antes de alcançar a saída a balbúrdia de vozes e guinchos sobre a água foi-se apagando atrás de si, ao mesmo tempo que começava a refletir sobre os bons propósitos e a sua flagrante inanidade. Não tinha nada de que censurar-se, certamente, mas então porque persistia o remorso?

Uma vez fora, a violenta luz de agosto que incendiava as animadas ruas de Gracia cegou-o por um instante, quando o comentário de Abel Alonso ainda ressoava nos seus ouvidos, mas agora com o apropriado e merecido sarcasmo:

10 Espanholização do termo *bi-scooter*, um miniautomóvel fabricado em Espanha entre 1953 e 1960, assim chamado por recordar uma *scooter* com quatro rodas. (*N. do T.*)